

Os Tigres de Mompracem

NA NOITE DE 20 DE DEZEMBRO de 20 de dezembro de 1849, uma violentíssima tempestade desabava sobre Mompracem, ilha selvagem e sinistra, covil de piratas aterrorizantes, situada no mar da Malásia, a algumas centenas de milhas da costa ocidental de Bornéu.

No céu, graças à força de um vento poderoso, corriam como cavalos galopando a solta e misturando-se confusamente, negras massas de vapor que, de vez em quando, deixavam cair aguaceiros terríveis sobre as densas florestas da ilha; no mar, também agitado pelo vento, enormes ondas colidiam desordenadamente e irrompiam com fúria, misturando seu rugido com as crepitações, ora breves e secas, ora intermináveis, dos raios.

Nem nas cabanas alinhadas ao fundo da baía da ilha, nem nas fortalezas que as defendiam, nem nas numerosas embarcações ancoradas além dos recifes, nem nos bosques, nem na tumultuosa superfície do oceano era possível discernir alguma luz; quem, contudo, vindo do oriente, tivesse olhado para cima, teria visto, no alto de um penhasco altíssimo, recortado perpendicularmente ao mar, brilharem dois pontos luminosos, duas janelas vivamente iluminadas.

Quem permanecia de sentinela àquela hora e com tamanho temporal, na ilha dos piratas sanguinários?

Através de um labirinto de trincheiras rompidas, diques arruinados, cercas arrancadas, gabiões destruídos, perto dos quais se avistavam ainda armas despedaçadas e ossos humanos, uma vasta e sólida cabana se destacava, enfeitada no alto por uma grande bandeira vermelha, com a cabeça de um tigre no centro.

Um quarto daquela habitação está iluminado, as paredes, cobertas de pesados tecidos vermelhos, de veludos e brocados de grande valor, mas, aqui e ali, amassados, rasgados e manchados; o piso se esconde sob outra camada de tapetes persas, fulgurantes de ouro, mas também eles lacerados e sujos.

No meio do quarto há uma mesa de ébano marchetada com madrepérola e enfeitada com linhas de prata, coberta de garrafas e copos do cristal mais raro; nos cantos, erguem-se grandes prateleiras parcialmente arruinadas, abarrotadas de recipientes entulhados de braceletes de ouro, brincos, anéis, medalhões, preciosas peças sacras contorcidas ou amassadas, pérolas provenientes sem dúvida dos famosos pesqueiros do Ceilão, esmeraldas, rubis e diamantes que cintilam como estrelas sob o reflexo de uma lâmpada dourada suspensa no teto.

Em um dos cantos há um divã turco com franjas arrancadas em alguns lugares; em outro, uma harmônica de ébano com o teclado deformado e, ao redor, em uma confusão indescritível, estão espalhados tapetes enrolados, vestes esplêndidas, quadros provavelmente de pintores célebres, lâmpadas derramadas, garrafas em pé ou caídas, copos inteiros ou em cacos e, em seguida, carabinas indianas entalhadas, bacamartes da Espanha, sabres, cimitarras, machados, punhais e pistolas.

Naquele quarto tão extraordinariamente mobiliado, um homem está sentado em uma poltrona manca; tem estatura alta e longilínea, musculatura potente, e feições enérgicas, másculas, orgulhosas e de uma estranha beleza.

Longos cabelos caem sobre seus ombros e uma barba negríssima lhe emoldura o rosto ligeiramente bronzeado.

Sua frente é ampla, sombreada por duas sobranceiras estupendas, arqueadas em um ângulo insolente, a boca pequena mostra dentes pontudos como os de uma fera e cintilantes como pérolas; os dois olhos negros têm um brilho que fascina, incendeia e faz baixar o olhar de qualquer outra pessoa.

Estava sentado há alguns minutos, com o olhar fixo na lâmpada e as mãos fechadas nervosamente em torno da rica cimitarra que pendia de uma larga faixa de seda vermelha, apertada em volta de um jaquetão de veludo azul com frisos de ouro.

Um aguaceiro formidável que sacudiu a grande cabana até a base o arrancou bruscamente daquela imobilidade. Jogou para trás os cabelos longos e cacheados, prendeu na cabeça o turbante enfeitado com um diamante esplêndido, grande como uma noz, e se levantou de um salto, lançando em torno um olhar no qual se lia um não sei quê de sinistro e ameaçador.

— É meia-noite — murmurou. — Meia-noite e ele ainda não voltou!

Esvaziou lentamente o copo cheio de um líquido cor de âmbar, depois abriu a porta, avançou com passo firme pelas trincheiras que defendiam a cabana e se deteve na extremidade do grande penhasco, em cuja base o mar rugia furiosamente.

Ficou ali alguns minutos com os braços cruzados, firme como o rochedo que o sustentava, aspirando com volúpia as tremendas rajadas da tempestade e olhando para o mar agitado. Em seguida se retirou lentamente, entrou na cabana e parou diante da harmônica.

— Que contraste! — exclamou. — Lá fora, a tempestade e aqui dentro, eu! Qual de nós é o mais assustador?

Deslizou os dedos sobre o teclado, tirando acordes rápidos, com uma entonação estranha e selvagem, que depois ficaram mais lentos até se dispersarem em meio aos rugidos dos trovões e ao assobio dos ventos. De repente voltou vivamente a cabeça em direção à porta que ficara entreaberta. Permaneceu um momento à escuta, com o corpo inclinado, ouvidos tensos, e então saiu rapidamente, avançando para a extremidade do penhasco.

No rápido clarão de um raio, viu uma pequena embarcação, com as velas praticamente recolhidas, entrar na baía e se confundir no meio dos navios ancorados.

O nosso homem aproximou dos lábios um apito de ouro e emitiu três notas estridentes: um apito agudo respondeu um momento depois.

— É ele! — murmurou com viva emoção. — Já era tempo!

Após cinco minutos, um ser humano, envolto em um amplo casaco do qual escorria muita água, surgia diante da cabana.

— Yanez! — exclamou o homem de turbante, abraçando-o.

— Sandokan! — respondeu o recém-chegado, com um sotaque estrangeiro muito acentuado. — Brr! Que noite infernal, irmãozinho.

— Venha!

Atravessaram rapidamente as trincheiras e entraram no quarto iluminado, fechando bem a porta.

Sandokan encheu dois copos e, oferecendo um deles ao estrangeiro que retirara o casaco e se desembaraçara da carabina que levava a tiracolo, disse com uma entonação quase afetuosa:

— Beba, meu bom Yanez.

— À sua saúde, Sandokan.

— À sua.

Esvaziaram os copos e se sentaram à mesa.

O recém-chegado era um homem entre trinta e quarenta anos, ou seja, um pouco mais velho que o companheiro. Tinha estatura média e robusta, pele claríssima, feições harmoniosas, olhos cinzentos e astutos, lábios zombeteiros e finos, sinal de uma vontade de ferro. À primeira vista percebia-se não apenas que era um europeu, mas que devia pertencer a alguma raça meridional.

— E então, Yanez — perguntou Sandokan com alguma emoção —, viu a jovem de cabelos de ouro?

— Não, mas já sei o que queria saber.

— Você não foi a Labuan?

— Fui, mas você precisa entender que naquela costa, vigiada pelos cruzadores ingleses, é muito difícil o desembarque de gente da nossa espécie.

— Fale dessa jovem. Quem é ela?

— Posso dizer que é uma criatura maravilhosamente bela, tão bela que é capaz de enfeitiçar o mais assustador dos piratas.

— Ah! — exclamou Sandokan.

— Disseram que tem cabelos louros como o ouro, os olhos mais azuis do que o mar, a pele branca como o alabastro.

Soube que Alamba, um de nossos piratas mais violentos, uma noite a viu passeando no bosque da ilha e ficou tão impressionado por aquela beleza que deteve seu navio para contemplá-la melhor, arriscando-se a ser massacrado pelos cruzadores ingleses.

— Mas a quem pertence?

— Alguns dizem que é filha de um colono, outros, de um lorde, outros ainda, que é nada menos do que parente do governador de Labuan.

— Estranha criatura — murmurou Sandokan, comprimindo a cabeça com as mãos.

— E agora?... — perguntou Yanez.

O pirata não respondeu. Levantara-se bruscamente, dominado por uma viva emoção, e fora em direção à harmônica, deslizando os dedos pela cabeça.

Yanez se limitou a sorrir e, retirando um velho bandolim do prego em que estava pendurado, começou a dedilhar as cordas, dizendo:

— Está bem! Vamos fazer um pouco de música.

Mas apenas começara a tocar uma ária portuguesa quando viu Sandokan se aproximar bruscamente da mesa, apoiando as mãos com tanta violência que a inclinou.

Não era mais o mesmo homem: a expressão se franzira perigosamente, os olhos emitiam raios lúgubres, os lábios retraídos mostravam os dentes convulsivamente comprimidos, o corpo todo vibrava. Naquele momento era o temido líder dos ferozes piratas de Mompracem, o homem que há dez anos ensanguentava as costas da Malásia, o homem que, por onde andara, travara terríveis batalhas, o homem cuja audácia extraordinária e coragem indômita lhe valeram o apelido de Tigre da Malásia.

— Yanez! — exclamou ele com um tom de voz que não tinha mais nada de humano. — O que os ingleses estão fazendo em Labuan?

— Fortificando-se —, respondeu tranquilamente o europeu.

— Podem estar tramando alguma coisa contra mim?

— Acredito que sim.

— Ah! Você acredita que sim? Que se atrevam a levantar um dedo contra a minha Mompracem! Diga-lhes que se arrisquem a desafiar os piratas em seu próprio covil! O Tigre os destruirá até o último homem e beberá todo o sangue deles. Diga, o que falam de mim?

— Que é hora de acabar com um pirata tão ousado.

— E me odeiam muito?

— Tanto que até ficariam satisfeitos em perder todos os navios apenas para atacá-lo.

— Ah!

— Você duvida, talvez? Irmãozinho, há muitos anos que você faz uma pior do que a outra. Todas as costas mostram os rastros de suas incursões; todas as vilas e todas as cidades foram atacadas e saqueadas por você; todos os fortes holandeses, espanhóis e ingleses receberam suas balas, e o fundo do mar está repleto dos navios que pôs a pique.

— É verdade, mas de quem é a culpa? Quem sabe os homens da raça branca não foram implacáveis comigo? Quem sabe não me destronaram, achando que eu estava ficando forte demais? Quem sabe não assassinaram minha mãe, meus irmãos e irmãs menores, para destruir a minha descendência? Que mal eu havia feito a essas pessoas? A raça branca nunca teve do que se queixar de mim e, contudo, quis me derrotar. Agora eu os odeio, sejam espanhóis, holandeses, ingleses ou portugueses, compatriotas seus, execro todos eles e pretendo me vingar terrivelmente. Jurei isso sobre os cadáveres da minha família e mantenho o juramento!

Mas, se sou impiedoso com meus inimigos, espero que alguma voz se erga para dizer que, às vezes, fui generoso.

— Não uma, mas cem, mil vozes podem dizer no final que você foi muito generoso com os fracos — disse Yanez. — Podem também dizer todas aquelas damas que caíram em seu poder e que você levou aos portos dos homens brancos, se arriscando a ser posto a pique pelos cruzadores; podem dizer as frágeis tribos que você defendeu contra os ataques dos prepotentes, os pobres marinheiros privados de seus barcos pelas tempestades e que você salvou das ondas e cobriu de presentes; e cem, mil outras que recordarão sempre os seus favores, Sandokan. Mas agora me diga, irmãozinho, aonde você quer chegar?

O Tigre da Malásia não respondeu. Começara a andar pelo quarto com os braços cruzados e a cabeça inclinada sobre o peito. No que pensava aquele homem assombroso? O português Yanez, embora o conhecesse há muito tempo, não era capaz de adivinhar.

— Sandokan — disse após alguns minutos — no que está pensando?

O Tigre se deteve, olhando fixo para ele, mas ainda sem responder.

— Algum pensamento está atormentando você? — continuou Yanez. — Bah! Parece que ficou aflito porque os ingleses o odeiam.

Também dessa vez o pirata ficou quieto.

O português se levantou, acendeu um cigarro e se dirigiu para uma porta escondida pela tapeçaria, dizendo:

— Boa noite, irmãozinho.

Essas palavras sacudiram Sandokan que, detendo com um gesto o português, disse:

— Uma palavra, Yanez.

— Fale, então.

— Sabe que quero ir a Labuan?

— Você?... A Labuan?...

— Por que tanto espanto?

— Porque você é ousado demais e cometeria alguma loucura no covil dos seus inimigos mais obstinados.

Sandokan o fitou com olhos que soltavam labaredas e emitiu uma espécie de rugido surdo.

— Meu irmão — retomou o português — não tente demais o destino. Fique em guarda! A famosa Inglaterra pôs os olhos em nossa Mompracem e talvez só esteja esperando a sua morte para se jogar sobre os seus filhotes e destruí-los. Preste atenção, pois vi um cruzador equipado de canhões e abarrotado de armas rondando as nossas águas, é o próprio leão à espreita de uma presa.

— Mas vai encontrar o Tigre! — exclamou Sandokan, contraindo os punhos e vibrando da cabeça aos pés.

— Sim, vai encontrá-lo e talvez sucumba na batalha, mas seu grito de morte alcançará até mesmo a costa sul de Labuan e outros virão. Morrerão muitos leões, pois você é forte e terrível, mas um dia o Tigre também acabará morrendo!

— Eu!...

Sandokan deu um salto à frente, com os braços enrijecidos pelo furor, os olhos flamejantes, as mãos contraídas como se apertassem armas. Mas foi apenas algo passageiro: sentou-se diante da mesa, bebeu de um gole só a taça que ficara cheia e disse com uma voz perfeitamente calma:

— Tem razão, Yanez; apesar disso amanhã vou a Labuan. Uma força irresistível me impele para aquelas praias, e uma voz sussurra que tenho que ver a jovem de cabelos de ouro, que devo...

— Sandokan!...

— Silêncio, irmãozinho: vamos dormir.

NO DIA SEGUINTE, POUCO DEPOIS DE o sol nascer, Sandokan saía da cabana, pronto para realizar aquela ousada empreitada.

Estava trajado para a guerra: calçara longas botas de couro vermelho, sua cor favorita, vestira um esplêndido jaquetão de veludo também vermelho, enfeitado com bordados e franjas, e calças largas de seda azul. Levava a tiracolo uma rica carabina indiana decorada e de tiro longo: na cintura, uma cimitarra pesada com empunhadura de ouro maciço e, nas costas, um *kriss*, o punhal com lâmina serpenteante e envenenada, tão importante para a população da Malásia.

Parou um momento na extremidade do grande penhasco, perscrutando com seu olhar de águia a superfície do mar, que se tornara lisa e polida como um espelho, e se virou para o oriente.

— É lá — murmurou depois de alguns instantes de contemplação. — Estranho destino que me impele para lá, diga se me será fatal! Diga se aquela dama de olhos azuis e cabelos de ouro, que toda noite perturba o meu sono, será a minha perdição!...

Sacudiu a cabeça como se quisesse expulsar um pensamento ruim e depois, a passos lentos, desceu por uma trilha pequena e estreita aberta na rocha, que conduzia à praia.

Um homem o esperava embaixo: era Yanez.

— Está tudo pronto — disse este. — Mande preparar as duas melhores embarcações da nossa frota, reforçando-as com duas grandes balistas.

— E os homens?

— Todas as tropas estão enfileiradas na praia, com seus chefes. Você só precisa escolher as melhores.

— Obrigado, Yanez.

— Não me agradeça, Sandokan; talvez eu tenha preparado a sua ruína.

— Não tema, meu irmão; as balas têm medo de mim.

— Seja prudente, muito prudente.

— Serei e prometo que tão logo tenha visto aquela jovem, voltarei para cá.

— Mulher condenada! Eu seria capaz de estrangular aquele pirata que a viu primeiro e falou dela a você.

— Venha, Yanez.

Atravessaram uma esplanada, defendida por grandes bastiões e armada com pesadas peças de artilharia, aterros e fossas profundas e alcançaram as margens da baía em meio à qual flutuavam doze ou quinze veleiros chamados *prahos*.

Diante de uma longa fila de cabanas e de edificações sólidas parecidas com depósitos, trezentos homens estavam enfileirados em perfeita ordem, à espera de um comando qualquer para se lançar como uma legião de demônios aos navios e espalhar o terror por todos os mares da Malásia.

Que homens e que figuras!

Havia malásios, de estatura razoavelmente baixa, vigorosos e ágeis como macacos, com rostos quadrados e ossudos, de uma cor escura, homens famosos pela audácia e ferocidade; *battias*, com uma coloração ainda mais escura, conhecidos pela paixão por carne humana, embora dotados de uma civilidade relativamente bem avançada; *dayachi* da ilha vizinha de Bornéu, altos, com belas feições, célebres pelas carnificinas que lhe valeram o título de *cortadores de cabeças*; siameses de rosto romboidal e olhos de reflexos amarelados; cochinchinenses, de coloração amarela e a cabeça enfeitada com um rabo gigantesco e, ainda, indianos, *bughisi*, javaneses, *tagali* das Filipinas e, finalmente *negritos* com cabeças enormes e feições repugnantes.

Com o aparecimento do Tigre da Malásia, uma vibração percorreu as longas filas de piratas: todos os olhos pareceram incendiar-se e todas as mãos se apertaram em torno das armas.

Sandokan lançou um olhar de satisfação para seus filhotes de tigre, como gostava de chamá-los, e disse:

— Patan, à frente.

Um malásio de estatura mais alta, com membros poderosos, cor de azeitona e vestindo um saiote simples enfeitado com algumas plumas, avançou com o balanço peculiar dos homens do mar.

— Com quantos homens conta a sua tropa? — perguntou.

— Cinquenta, Tigre da Malásia.

— São todos bons?
— Todos sedentos de sangue.
— Embarque-os naqueles dois *prahos* e ceda a metade ao javanês Giro-Batol.
— Mas e se?...

Sandokan lançou um olhar que fez tremer o imprudente, embora ele fosse um daqueles homens que riam do perigo.

— Obedeça sem uma palavra, se quiser continuar vivo — disse Sandokan.

O malásio se distanciou rapidamente, levando atrás de si a tropa composta por homens de uma coragem que beirava a loucura e que, a um aceno de Sandokan, não hesitariam em saquear o sepulcro de Maomé, mesmo sendo todos muçulmanos.

— Venha, Yanez — disse Sandokan quando viu que haviam embarcado.

Estavam prestes a descer à praia quando foram alcançados por um negro feio, com cabeça enorme, mãos e pés desproporcionalmente grandes, um verdadeiro campeão daqueles horríveis *negritos* que podiam ser encontrados no interior de quase todas as ilhas da Malásia.

— O que você quer e de onde está vindo, Kili-Dalù? — perguntou Yanez.

— Venho da costa meridional — respondeu o *negrito*, respirando com dificuldade.

— E quais são as novidades?

— Uma boa nova, chefe branco; vi um grande junco bordejando em direção às ilhas de Romades.

— Estava carregado? — perguntou Sandokan.

— Estava, Tigre.

— Muito bem, dentro de três horas cairá em meu poder.

— E depois você vai a Labuan?

— Diretamente, Yanez.

Haviam parado em frente a uma rica baleeira onde se encontravam quatro malásios.

— Adeus, irmão — disse Sandokan, abraçando Yanez.

— Adeus, Sandokan. Trate de não cometer nenhuma loucura.

— Não tenha medo; vou tomar cuidado.

— Adeus, e que a sua boa estrela o proteja.

Sandokan saltou para a baleeira e, com algumas remadas, se reuniu aos *prahos*, que estavam desdobrando as imensas velas. Da praia subiu um grito estrondoso.

— Viva o Tigre da Malásia!

— Vamos partir — comandou o pirata, voltando-se para as duas tripulações.

As âncoras foram levantadas pelas duas esquadras de demônios verde-oliva ou amarelos, e as duas embarcações bordejaram duas vezes e se lançaram em mar aberto, caturrando nas ondas azuis do mar malásio.

— Rota? — perguntou Sabau a Sandokan, que havia assumido o comando do navio maior.

Depois, voltando-se para a tripulação, gritou:

— Filhotes de tigre, abram bem os olhos: vamos saquear um junco.

O vendo de sudoeste e o mar ligeiramente encrespado não opunham resistência ao curso das duas embarcações que, em breve, alcançaram um ritmo superior a doze nós, uma velocidade realmente incomum em barcos a vela, mas nada extraordinária para os navios malásios, que são levados por velas imensas e possuem cascos estreitíssimos e leves.

Os dois navios com os quais o Tigre contava para empreender a ousada expedição não eram *prahos* verdadeiros, normalmente pequenos e desprovidos de ponte.

Sandokan e Yanez, incomparáveis no que dizia respeito ao mar em toda a Malásia, haviam modificado todos os seus veleiros, para obter vantagem ao enfrentar os navios que perseguiam.

Haviam conservado as imensas velas, cujo comprimento atingia quarenta metros, os mastros grossos, porém dotados de certa elasticidade, e os massames de fibras de *gamuti* e de ratã, mais resistentes que os cabos e mais fáceis de serem encontrados; mas haviam dado aos cascos uma dimensão maior, à quilha, uma forma mais delgada e à proa, uma solidez a toda prova.

Além disso, haviam mandado construir uma ponte em todos os barcos e abrir furos nas laterais para os remos; haviam também eliminado um dos dois timões que os *prahos* continham e suprimido os balancins, equipamentos que podiam dificultar as abordagens.

Embora os dois *prahos* ainda se encontrassem a uma grande distância das Romades, para onde se supunha que o junco avistado por Kili-Dalù velejasse, assim que se espalhou a notícia da presença daquele barco, os piratas imediatamente puseram mãos à obra, aprontando-se para o combate.

Os dois canhões e as duas grandes balistas foram carregados com o maior cuidado, uma grande quantidade de balas e granadas de mão foram levadas para a ponte, depois fuzis, machados, sabres de abordagem e, nos costados, foram dispostos

arpéus de assalto para serem atirados no massame do navio inimigo.

Feito isso, aqueles demônios, em cujos olhos já se acendia uma cobiça ardente, puseram-se a observar, alguns das pavesadas, outros das enfrechaduras, e outros a cavalo nas vergas, todos ansiosos para descobrir o junco que prometia um farto saque, já que aqueles navios normalmente vinham dos portos da China.

Também Sandokan parecia participar da ansiedade e inquietação de seus homens. Caminhava da proa para a popa com passos nervosos, esquadrinhando a imensa extensão de água e apertando com uma espécie de raiva a empunhadura de sua esplêndida cimitarra.

Às 10 horas da manhã Mompracem desaparecia no horizonte, mas o mar ainda estava deserto.

Nenhum obstáculo à vista, nenhum vestígio de fumaça que indicasse a presença de um navio a vapor, nenhum ponto branco que assinalasse a proximidade de algum veleiro.

Uma viva impaciência começava a invadir a tripulação dos dois navios; os homens saíam e desciam dos equipamentos fazendo imprecações, atormentando as baterias de fuzis, mostrando os lampejos das lâminas reluzentes dos *kriss* envenenados e das cimitarras.

De repente, pouco depois de meio-dia, do alto do mastro principal ouviu-se um grito:

— Ei! Olhe para sotavento!

Sandokan interrompeu sua caminhada. Lançou um rápido olhar para a ponte do seu navio, outro para a daquele comandado por Giro-Batol, depois deu o comando:

— Filhotes! A seus postos de combate!

Antes que se pudesse pronunciar a palavra pirata, os homens que haviam escalado os mastros desceram para a coberta, ocupando os postos determinados.

— Aranha dos Mares —, disse Sandokan, voltando-se para o homem que ficara observando no mastro. — O que está vendo?

— Uma vela, Tigre.

— É um junco?

— É a vela de um junco, tenho certeza.

— Preferia que fosse um navio europeu — murmurou Sandokan, enrugando a testa. — Nenhum ódio me instiga contra os homens do Império Celestial. Mas quem sabe!... — Voltou a caminhar e não falou mais.

Cerca de meia hora se passou, durante a qual os dois *prahos* mantiveram uma velocidade de cinco nós, depois a voz da Aranha dos Mares se fez ouvir mais uma vez.

— Capitão, é um junco! — gritou. — Cuidado, fomos avistados e ele está virando de bordo.

— Ah! — exclamou Sandokan. — Ei! Giro-Batol, manobre de forma a impedir que ele fuja.

Um momento depois, os dois navios se separavam e, após descrever um amplo semicírculo, foram a todo pano de encontro ao navio mercante.

Era uma daquelas embarcações pesadas, chamadas juncos, de formas atarracadas e solidez duvidosa, usadas nos mares da China.

Assim que percebeu a presença daqueles dois navios suspeitos, contra os quais não podia usar velocidade na luta, deteve-se e hasteou um grande pano.

Ao ver aquele estandarte, Sandokan deu um salto à frente.

— A bandeira do rajá Brooke, o *exterminador de piratas*! — exclamou, com intraduzível tom de ódio. — Filhotes de Tigre! Abordar! Abordar!...

Um urro selvagem e feroz se levantou das duas tripulações que conheciam bem a fama do inglês James Brooke, que recebera o título de rajá de Sarawak, inimigo impiedoso dos piratas, muitos dos quais haviam caído sob seus golpes.

De um pulo, Patan alcançou o canhão de proa, enquanto os outros apontavam a balista e armavam as carabinas.

— Devo começar? — perguntou a Sandokan.

— Sim, mas que a sua bala não se perca.

— Está bem!

De repente, uma detonação soou a bordo do junco e uma bala de pequeno calibre atravessou as velas com um apito agudo.

Patan se inclinou sobre o seu canhão e abriu fogo. O efeito foi imediato: o mastro principal do junco, que se partira na base, oscilou vigorosamente para frente e para trás e caiu na coberta, levando as velas e todos os cordames.

A bordo do infeliz barco viam-se homens correndo para os costados e desaparecendo.

— Olhe, Patan! — gritou a Aranha dos Mares.

Um pequeno bote, carregando seis homens, se soltara do junco e fugia para as Romades.

— Ah! — exclamou Sandokan irado. — São homens que fogem em vez de lutar! Patan, atire naqueles seres desprezíveis!

O malásio lançou na altura da água uma chuva de metralha que afundou o bote, fulminando todos os que estavam a bordo.

— Bravo, Patan! — gritou Sandokan. — E agora, tose e deixe aquele barco como uma barça, ainda ficou uma tripulação numerosa lá. Depois mandaremos consertá-lo nos canteiros do rajá, se é que ele tem!

Os dois navios corsários retomaram a melodia infernal, arremessando balas, granadas e chuvas de metralha contra o pobre barco, rachando o mastro de traquete, rompendo os costados e as costelas, cortando o massame e matando os marinheiros que se defendiam desesperadamente a tiros de fuzis.

— Bravo! — exclamou Sandokan, que admirava a coragem daqueles homens que ficaram no junco.

— Vamos, atirem a âncora para nós! Vocês são dignos de combater o Tigre da Malásia!

Os dois navios corsários envolvidos por nuvens de fumaça, das quais saltavam raios, não paravam de avançar e, em poucos instantes, estavam ao lado do junco.

— Barra do leme a sotavento! — gritou então Sandokan, que empunhara a cimitarra.

Seu navio abordou o barco mercante a bombordo e continuou atracado a ele, após terem sido lançados os arpéus de abordagem.

— Filhotes, atacar! — trovejou o terrível pirata.

Encolheu-se sobre si mesmo, como um tigre prestes a se lançar sobre sua presa, e fez menção de saltar, quando uma mão robusta o deteve.

Voltou-se, soltando um urro de raiva, mas o homem que ousara detê-lo saltara à frente, cobrindo-o com o próprio corpo.

— Você, Aranha dos Mares! — gritou Sandokan, erguendo contra ele a cimitarra.

Exatamente naquele instante, um tiro de fuzil partia do junco e a pobre Aranha caía fulminado sobre a ponte.

— Ah! Obrigado, meu filhote —, disse Sandokan. — Queria me salvar!

Arremessou-se à frente como um touro ferido, aferrou-se à boca de um canhão, içou-se para a ponte do junco e precipitou-se entre os combatentes com aquela louca temeridade que todos admiravam.

A tripulação inteira do navio mercante se jogou para cima dele tentando impedir seu avanço.

— Venham a mim, filhotes! — gritou ele, abatendo dois homens com o reverso da cimitarra.

Dez ou doze piratas, subindo pelos equipamentos como macacos e saltando o costado, se lançaram na coberta, enquanto o outro *praho* jogava os arpéus de abordagem.

— Rendam-se! — gritou o Tigre aos marinheiros do junco.

Os sete ou oito homens que ainda sobreviviam, vendo outros piratas invadirem a coberta, jogaram as armas.

— Quem é o capitão? — perguntou Sandokan.

— Eu — respondeu um chinês, dando um passo à frente, trêmulo.

— Você é um bravo e seus homens são dignos de você — disse Sandokan. — Aonde iam?

— A Sarawak.

Uma ruga profunda se desenhou na ampla testa do pirata.

— Ah! — exclamou em voz surda. — Você vai a Sarawak. E o que anda fazendo o rajá Brooke, o *exterminador de piratas*?

— Não sei, estou longe de Sarawak há muitos meses.

— Não importa, mas quero que diga a ele que um dia lançarei âncora naquela baía para esperar os navios dele. Veremos, então, se o *exterminador de piratas* é capaz de vencer os meus homens.

Nesse momento, arrancou do pescoço uma fieira de diamantes no valor de trezentas ou quatrocentas mil libras e, estendendo-a ao capitão do junco, disse:

— Fique com ela, marinheiro valente. Não estou feliz por ter destruído o junco que você defendeu tão bem, mas, com esses diamantes, você pode comprar mais dez novos.

— Mas quem é o senhor? — perguntou o capitão, estupefato.

Sandokan se aproximou e, apoiando a mão no ombro dele, disse:

— Olhe bem para mim, sou o Tigre da Malásia.

Em seguida, antes que o capitão e seus marinheiros pudessem se recuperar do aturdimento e do terror em que se encontravam, Sandokan e os piratas já haviam retornado aos seus navios.

— Rota? — perguntou Patan.

O Tigre estendeu o braço para o leste e depois, numa voz metálica, na qual se percebia uma grande vibração, gritou:

— Filhotes de tigre, para Labuan! Para Labuan!

A BANDONANDO O JUNCO ARRUINADO e completamente desprovido de mastros que, no entanto, não corria o risco de afundar ao menos no momento, os dois navios corsários retomaram o curso para Labuan, a ilha habitada por aquela moça de cabelos de ouro que Sandokan queria ver a qualquer custo.

O vento noroeste e bastante fresco se mantinha,

e o mar ainda estava tranquilo, favorecendo o trajeto dos dois *prahos* que navegavam a dez ou onze nós por hora.

Depois de mandar reparar a ponte, reatar os massames cortados pelas balas inimigas, jogar ao mar o cadáver da Aranha e de outro pirata morto numa troca de tiros, e carregar os fuzis e as balistas, Sandokan acendeu um fantástico narguilé, proveniente, sem dúvida, de algum bazar indiano ou persa, e chamou Patan.

O malaio obedeceu prontamente.

— Diga, malaio — ordenou o Tigre, com uma expressão de dar medo — você sabe como a Aranha dos Mares morreu?

— Sei — respondeu Patan estremecendo ao ver a expressão de poucos amigos do pirata.

— Você sabe qual é o seu posto quando eu subo para a abordagem?

— Atrás do senhor.

— Você não estava aqui e a Aranha morreu no seu lugar.

— É verdade, capitão.

— Eu deveria mandar fuzilá-lo por causa disso, mas você é um bravo e não gosto de sacrificar inutilmente os corajosos.

Na primeira abordagem você vai ficar à frente dos meus homens para ser o primeiro a morrer.

— Obrigado, Tigre.

— Sabau — chamou Sandokan.

Outro malaio, com uma ferida profunda que ia de um lado ao outro do rosto, se apresentou.

— Você foi o primeiro a saltar para o juncos depois de mim? — perguntou Sandokan.

— Fui, Tigre.

— Está bem. Depois que Patan morrer, você o substitui no comando.

Dito isso, atravessou a ponte a passos lentos e desceu para a sua cabine situada na popa.

Durante o dia, os dois *prahos* continuaram a velejar naquele pedaço de mar entre Mompracem e as Romades a oeste, a costa de Bornéu a leste e nordeste, e Labuan e as Três Ilhas ao norte, sem encontrar nenhum navio mercante.

A fama sinistra de que gozava o Tigre se espalhara por aqueles mares e pouquíssimas embarcações ousavam se aventurar por tais lugares. A maioria fugia daquelas paragens, escoraçada continuamente pelos navios corsários, e se mantinha ao abrigo das costas, pronta a desembarcar em terra ao primeiro sinal de perigo para salvar ao menos a vida.

Assim que a noite caiu, os dois barcos reduziram as duas velas grandes para se prevenir dos golpes de vento inesperados, e se aproximaram para não correrem o risco de perder contato, e ficarem preparados para prestar socorro um ao outro.

Perto da meia-noite, no momento em que passavam diante das Três Ilhas, que são as sentinelas avançadas de Labuan, Sandokan subiu à ponte.

Continuava tomado por uma viva agitação. Começou a caminhar da proa à popa, com os braços cruzados, fechado em um silêncio feroz. Mas, de vez em quando, parava para observar a negra superfície do mar, subia no costado para abarcar um horizonte maior e a seguir se curvava e ficava à escuta. O que estava tentando ouvir? Talvez o protesto de alguma máquina que indicasse a presença de um cruzador, ou então o fragor das ondas rompendo na costa de Labuan?

Às três da madrugada, quando as estrelas começavam a empalidecer, Sandokan gritou:

— Labuan!

De fato, a leste, lá onde o mar se confundia com o horizonte, aparecia confusamente uma linha sutil e escura.

— Labuan — repetiu o pirata, respirando como se tivessem tirado um grande peso do coração.

— Vamos continuar navegando à frente? — perguntou Patan.

— Vamos — respondeu o Tigre. — Vamos entrar no pequeno rio que você já conhece.

O comando foi transmitido a Giro-Batol e os dois navios se dirigiram em silêncio para a ilha desejada.

Labuan, cuja superfície não ultrapassa 116 quilômetros quadrados, naquele tempo não era a importante estação naval que é

hoje.

Ocupada em 1847 por Sir Rodney Mandy, comandante do *Íris*, por ordem do governo inglês, que pretendia suprimir a pirataria, não contava na época com mais de mil habitantes, quase todos da raça malaia e, talvez, uns duzentos brancos.

Só então foi fundada uma cidadela à qual deram o nome de Vitória, munindo-a de alguns pequenos fortes para impedir a sua destruição pelos piratas de Mompracem que, muitas vezes, haviam devastado sua costa. O resto da ilha era recoberto por uma mata fechada, ainda povoada por tigres, e só raras feitorias haviam sido estabelecidas nas colinas ou nos prados.

Os dois *prahos*, depois de costear a ilha por algumas milhas, se embrenharam silenciosamente por um pequeno rio, cujas margens eram cobertas por uma vegetação riquíssima, e subiram seiscentos ou setecentos metros, ancorando à sombra escura das grandes árvores.

Um cruzador que houvesse batido a costa não teria conseguido descobri-los, nem poderia sequer suspeitar da presença daqueles filhotes de tigre das *Sunderbunds* indianas.

Ao meio-dia, após ter enviado dois homens à foz do rio e dois outros às florestas para não ter nenhuma surpresa, Sandokan desembarcou armado com sua carabina e acompanhado por Patan.

Percorrera cerca de um quilômetro mata adentro quando parou bruscamente ao pé de um colossal *durion*, cujas frutas deliciosas, ásperas por causa das pontas duríssimas, se agitavam sob as bicadas de um bando de tucanos.

— O senhor viu alguma coisa? — perguntou Patan.

— Não, escute — respondeu Sandokan.

O malaio esticou a orelha e ouviu um latido ao longe.

— Deve ser alguém caçando — disse, se reerguendo.

— Vamos ver.

Retomaram o caminho, se enfiando pelas pimenteiras, cujos ramos estavam carregados de cachos vermelhos, pelos *artocarpus*, ou árvores-do-pão, e pelas arecas, entre cujas folhas perambulavam batalhões de lagartos voadores.

Os latidos dos cães se aproximavam cada vez mais, e não demorou muito para que os dois piratas se encontrassem na presença de um negro enorme, vestido com calções vermelhos, e trazendo um mastim atrelado.

— Aonde está indo? — perguntou Sandokan, barrando-lhe a passagem.

— Estou procurando a pista de um tigre — respondeu o negro.

— E quem lhe deu permissão de caçar nos meus bosques?

— Estou a serviço de Lorde Guldek.

— Está bem! Diga, maldito escravo, já ouviu falar de uma moça que todos chamam de Pérola de Labuan?

— Quem nesta ilha não conhece aquela bela criatura? Ela é o gênio bom de Labuan que todos nós amamos e adoramos.

— É bonita? — perguntou Sandokan com viva emoção.

— Acho que nenhuma outra dama consegue chegar aos seus pés.

Um forte estremecimento agitou o Tigre da Malásia.

— Responda — recomeçou ele depois de um instante de silêncio — sabe onde ela mora?

— A dois quilômetros daqui, no meio de uma pradaria.

— Isso basta; vá embora e, se tem amor à vida, não vire para trás.

Deu-lhe um punhado de ouro e, quando o negro desapareceu, se jogou aos pés de um grande *artocarpus*, murmurando:

— Vamos esperar a noite para observar os arredores.

Patan o imitou e se deitou à sombra de uma areca, mas conservando a carabina à mão.

Deviam ser nove horas da noite quando um acontecimento imprevisto interrompeu as expectativas deles.

Um disparo de canhão ecoou na direção da costa, calando bruscamente todas as aves que habitavam os bosques.

De um pulo Sandokan ficou em pé, com a carabina entre as mãos, totalmente desfigurado.

— Um tiro de canhão! — exclamou. — Venha, Patan; estou vendo sangue!...

Disparou como um tigre pela floresta, seguido pelo malaio que, embora ágil como um cervo, tinha dificuldade em segui-lo.

EM MENOS DE DEZ MINUTOS os dois piratas alcançaram a margem do pequeno rio. Todos os homens tinham subido a bordo dos *prahos* e estavam abaixando as velas, já que não havia mais vento.

— O que aconteceu? — perguntou Sandokan, saltando para a ponte.

— Capitão, fomos atacados — disse Giro-Batol.—

Um cruzador estava barrando o caminho na foz do rio.

— Ah! — disse o Tigre. — Esses ingleses estão querendo me atacar até aqui? Muito bem, filhotes, peguem suas armas e vamos para o mar. Quero mostrar a esses homens como combatem os Tigres de Mompracem!

— Viva o Tigre! — berraram as duas tripulações, com um entusiasmo aterrorizante. — Abordar! Abordar!

No instante seguinte os dois navios desciam o pequeno rio e três minutos mais tarde saíam em mar aberto.

A seiscentos metros da costa, uma enorme embarcação, capaz de transportar mil e quinhentas toneladas e fortemente armada, navegava devagar, impedindo o caminho para oeste.

Sobre a ponte ouviam-se rufar os tambores que chamavam os homens aos postos de combate e os comandos dos oficiais.

Sandokan observou friamente aquele poderoso adversário e, em vez de se assustar com o tamanho, com os numerosos artilheiros e com a tripulação três, ou talvez quatro vezes maior, trovejou:

— Filhotes, aos remos!

Os piratas se precipitaram para baixo da ponte e agarraram os remos, enquanto os artilheiros assentavam os canhões e as balistas.

— Agora é entre nós dois, barco maldito — disse Sandokan, quando viu os *prahos* deslizando como flechas sob o impulso dos remos.

De repente, um jato de fogo lampejou na ponte do cruzador e uma bala de grande calibre passou assobiando entre os mastros do *praho*.

— Patan! — gritou Sandokan. — Para o canhão.

O malaio, que era um dos melhores atiradores de toda a pirataria, pôs fogo na sua arma. O projétil se distanciou com um assobio e foi destroçar o mastro da bandeira do cruzador.

O navio de guerra, em vez de responder, virou de bordo, exibindo as portinholas de bombordo, das quais saíam as extremidades de uma meia dúzia de canhões.

— Patan, não perca nenhum disparo — disse Sandokan, enquanto uma descarga de canhões ribombava sobre o *praho* de Giro-Batol. — Acabe com os mastros daquele maldito, estoure as rodas de proa, destrua os panos e, quando ele não tiver mais controle, acabe com ele.

Naquele instante, o cruzador pareceu se incendiar. Um furacão de ferro atravessou o ar e atingiu em cheio os dois *prahos* e os deixou como duas barcas.

Uivos tremendos de raiva e dor se ergueram entre os piratas, sufocados por uma segunda canhonada que mandou de pernas para o ar remadores, artilharia e artilheiros.

Isso feito, o navio de guerra, envolto em um turbilhão de fumaça negra e branca, virou de bordo a menos de quatrocentos passos dos *prahos* e se distanciou um quilômetro, pronto para recomeçar a atirar.

Sandokan, que ficara ileso, embora imobilizado por uma verga, imediatamente se pôs de pé.

— Miserável! — trovejou ele, mostrando os punhos ao inimigo. — Covarde, você está fugindo, mas nós vamos pegá-lo!

Com um apito, chamou seus homens à cobertura.

— Rápido, façam uma barricada na frente dos canhões e vamos avançar!

Num instante, na proa dos dois navios foram acumulados mastros sobressalentes, tonéis cheios de balas, canhões velhos desmontados e destroços de todo tipo que formaram uma sólida barricada.

Vinte homens, os mais robustos, desceram novamente para manobrar os remos, enquanto os outros se aglomeraram atrás das barricadas, com as mãos crispadas em torno das carabinas e os dentes apertados nos punhais que cintilavam entre os lábios vibrantes.

— À frente! — comandou o Tigre.

O cruzador interrompera sua marcha de retirada e se movia lentamente, vomitando torrentes de fumaça negra.

— Fogo à vontade! — gritou o Tigre.

Ambas as partes recomeçaram a música infernal, respondendo golpe com golpe, bala com bala, metralha com metralha.

Os três navios, decididos a sucumbir, mas não a desistir, quase não podiam mais ser vistos, envoltos como estavam em imensas nuvens de fumaça que uma calmaria obstinada mantinha sobre as pontes, mas rugiam com igual furor, e raios sucediam a raios e detonações, a detonações.

O vaso de guerra contava com a vantagem do seu volume e da sua artilharia, mas os dois *prahos*, que o corajoso Tigre conduzia à abordagem, não cediam. Podados como uma barça, furados em cem lugares, dilacerados, irreconhecíveis, já com água nos porões e muitos mortos e feridos nas cobertas, continuavam avançando, apesar da contínua tempestade de balas.

O delírio se apossara daqueles homens e eles não queriam outra coisa senão subir à ponte daquela nau assustadora e, se não pudessem vencer, pelo menos morreriam no campo inimigo.

Patan, fiel à palavra dada, foi morto atrás de seu canhão, mas outro hábil artilheiro ocupara seu posto; homens haviam caído e outros ainda, terrivelmente feridos, com braços ou pernas decepados, se debatiam desesperados entre jorros de sangue.

Um canhão fora desmantelado no *praho* de Giro-Batol e uma balista quase não atirava mais, mas o que importava?

Na ponte dos dois barcos havia outros tigres com sede de sangue que cumpriam corajosamente seu dever.

Estilhaços assobiavam sobre aqueles homens valentes, arrancavam braços e rompiam peitos, rasgavam as pontes, destroçavam os costados, despedaçavam tudo o que encontrasse pelo caminho, mas ninguém falava em retirada; muito pelo contrário, insultavam o inimigo e o desafiavam. E quando um golpe de vento desimpedia aqueles pobres navios das nuvens que os encobriam, podiam ser vistas, atrás das barricadas semidestruídas, irreconhecíveis e crispados pelo furor, olhos injetados de sangue que soltavam fogo a cada lampejar da artilharia, dentes que rangiam sobre as lâminas dos punhais e, no meio daquela horda de verdadeiros tigres, seu líder, o invencível Sandokan, com a cimitarra em punho, o olhar ardente e os longos cabelos soltos sobre os ombros, encorajando os combatentes com uma voz que ressoava como um trompete entre o ribombar dos canhões.

A terrível batalha durou vinte minutos, e depois o cruzador se afastou mais seiscentos metros para trás, para evitar a abordagem.

Um urro de fúria explodiu a bordo dos dois *prahos* com aquela nova retirada. Agora já não era mais possível lutar com aquele inimigo que se aproveitava de seu equipamento e evitava a abordagem.

Sandokan, contudo, ainda não queria ceder.

Derrubando com empurrões insustentáveis os homens que o rodeavam, se inclinou sobre o canhão que estava carregado, corrigiu a mira e abriu fogo.

Poucos segundos depois, o mastro principal do cruzador, atingido na base, se precipitava ao mar junto com todos os marinheiros que se encontravam nas plataformas do mastro, nos cestos de gávea e nas vergas.

Enquanto a nau de guerra parava para salvar os homens que estavam quase se afogando e suspendia o fogo, Sandokan aproveitava para embarcar no próprio barco a tripulação de Giro-Batol.

— Agora para a costa, e depressa! — trovejou.

O *praho* de Giro-Batol, que se mantinha à tona por um verdadeiro prodígio, foi rapidamente liberado e abandonado às ondas com sua carga de cadáveres e as peças de artilharia agora imprestáveis.

Imediatamente os piratas pegaram os remos e, aproveitando o momento de inação do cruzador, se distanciaram depressa e se refugiaram no pequeno rio.

Foi a tempo! O pobre navio, que fazia água por toda parte, apesar dos remendos enfiados apressadamente nos buracos abertos pelas balas do vaso de guerra, afundava lentamente, gemendo como um moribundo sob o peso do líquido invasor e inclinando para bombordo.

Sandokan, que se postara na barra do timão, levou o barco para a margem próxima e o encalhou num banco de areia.

Assim que os piratas se deram conta de que não corriam mais nenhum perigo de afundar, irromperam de sob a coberta como um bando de tigres esfaimados, com as armas em punho, as feições contraídas pela fúria, prontos para recomeçar a luta com a mesma ferocidade e decisão.

Sandokan os deteve com um gesto e disse, olhando o relógio que levava na cintura:

— São seis horas; mais duas e o sol terá desaparecido. A noite terá caído no mar. Que cada um de vocês comece a trabalhar sem descanso para que o *praho* esteja pronto para voltar ao mar lá pela meia-noite.

— Vamos atacar o cruzador? — perguntaram os piratas, agitando freneticamente as armas.

— Não prometo, mas juro que não está longe o dia em que nos vingaremos dessa derrota. Com o relampejar dos canhões, mostraremos a nossa bandeira hasteada nos bastiões de Vitória.

— Viva o Tigre! — berraram os piratas.

— Silêncio — trovejou Sandokan. — Vamos enviar dois homens à foz do rio para observar o cruzador e outros dois para os bosques, para evitar qualquer tipo de surpresa. Vamos cuidar dos feridos e, depois, todos ao trabalho.

Enquanto os piratas se apressavam a fazer com que os feridos fossem reunidos num só ponto, Sandokan se dirigiu à popa e ficou alguns minutos observando a baía, cujo espelho de água podia ser avistado de um trecho da floresta.

Tentava, sem dúvida, descobrir onde estava o cruzador, mas parecia que ele não ousara se aventurar muito perto da costa, talvez por medo de encalhar nos diversos bancos de areia que se estendiam por lá.

— Ele sabe se conter — murmurou o terrível pirata. — Está esperando sairmos de novo em mar aberto para nos exterminar, mas se pensa que vou lançar meus homens à abordagem, está enganado. O Tigre também sabe ser prudente.

Sentou-se no canhão e chamou Sabau.

O pirata, um dos mais valentes, que já tinha obtido o posto de subchefe depois de ter arriscado vinte vezes a própria pele, logo acorreu.

— Patan e Giro-Batol foram mortos — disse Sandokan com um suspiro. Foram abatidos no outro *praho*, à frente de homens corajosos que tentavam atrair para nós a maldita nau. O comando agora cabe a você e está sendo conferido por mim.

— Obrigado, Tigre da Malásia.

— Você será tão valente quanto eles.

— Quando o meu chefe me mandar para a morte, estarei pronto a obedecer.

— Por enquanto, me ajude.

Unindo forças, empurraram o canhão e as balistas até a popa e os apontaram para a pequena baía. Assim poderiam varrê-la com chuvas de metralha caso as chalupas do cruzador tentassem chegar à força à foz do rio.

— Agora estamos seguros —, disse Sandokan. — Você mandou dois homens para a foz do rio?

— Mandeï, Tigre da Malásia. Devem estar preparando uma emboscada no meio do canavial.

— Ótimo.

— Vamos esperar a noite cair antes de sair para o mar?

— Vamos, Sabau.

— Acha que vamos conseguir enganar o cruzador?

— A lua vai nascer bem tarde e talvez nem sequer apareça. E estou vendo algumas nuvens chegando do sul.

— Nossa rota será Mompracem, chefe?

— Direto para lá.

— E a vingança?

— Somos muito poucos, Sabau, para enfrentar a tripulação do cruzador; e depois, como responder àquela artilharia? O nosso navio não está em condições de sustentar um novo combate.

— É verdade, chefe.

— Paciência agora; o dia da vingança vai chegar logo.

Enquanto os dois chefes conversavam, os homens trabalhavam com uma obstinação febril. Eram todos marinheiros valentes e, entre eles, não faltavam nem carpinteiros nem marceneiros.

Em cerca de apenas quatro horas ergueram dois novos mastros pequenos, repararam o costado, tamparam todos os furos e consertaram os massames, contando com uma abundância de cabos, fibras, correntes e cordas a bordo.

Às dez horas, o navio podia não só voltar ao mar, mas até mesmo enfrentar um novo combate, graças às novas barricadas levantadas com troncos de árvores para proteger o canhão e as balistas.

Durante aquelas quatro horas, nenhuma chalupa do cruzador ousara aparecer nas águas da baía.

O comandante inglês, sabendo com que tipo de indivíduos teria que lidar, não achara oportuno pôr em risco a vida de seus homens em uma luta fora da água.

Por outro lado, devia estar se sentindo completamente seguro de poder obrigar os piratas a se renderem ou a lançá-los à costa, se tentassem atacar ou voltar ao mar.

Por volta das onze, Sandokan, que estava resolvido a tentar se fazer ao mar, mandou chamar os homens que estavam de tocaia na foz do rio.

— A baía está livre? — perguntou.

— Está — respondeu um dos dois.

— E o cruzador?

— Está à frente da baía.

— Muito longe?

— Meia milha, mais ou menos.

— Temos espaço suficiente para passar — murmurou Sandokan. — As trevas vão proteger a nossa retirada.

Em seguida, se voltou para Sabau e disse:

— Vamos embora.

Imediatamente quinze homens desceram para o banco de areia e empurraram o *praho* para o rio com um solavanco poderoso.

— Ninguém pode soltar um pio, qualquer que seja o motivo — disse Sandokan com voz imperiosa. — Em vez disso, mantenham os olhos bem abertos e as armas prontas. Estamos prestes a jogar uma partida arriscadíssima.

Sentou-se perto da barra do timão com Sabau a seu lado e dirigiu resolutamente o barco para a foz do rio.

A escuridão favorecia a fuga. Não havia lua no céu, nem sequer uma estrela ou aquele leve clarão projetado pelas nuvens quando o astro noturno o iluminava de cima.

Grossas nuvens haviam invadido o arco celeste, interceptando completamente qualquer claridade. A sombra projetada pelos gigantescos *durion*, pelas palmeiras e pela imensa confusão de bananeiras era tal, que Sandokan tinha dificuldade em distinguir as duas margens do rio.

Um silêncio profundo reinava naquele pequeno rio e era quebrado apenas pelo fraco borbulhar das águas. Não se ouvia nenhum sussurro das folhas, não havia nem um hálito de vento por baixo dos arcos escuros daqueles enormes vegetais, nem na ponte do navio se ouvia um único murmúrio.

Parecia que todos aqueles homens postados entre a proa e a popa não respiravam mais, com medo de perturbar aquela calma.

O *praho* já estava próximo da foz do rio quando, depois de um leve atrito, parou.

— Encalhou? — perguntou Sandokan rapidamente.

Sabau se curvou sobre o costado e examinou atentamente as águas.

— Encalhou — respondeu. — Tem um banco embaixo de nós.

— Vamos passar?

— A maré está subindo depressa e acho que em poucos minutos poderemos continuar a descer o rio.

— Temos que esperar, então.

A tripulação, embora ignorasse por que o *praho* interrompera o curso, não se movera. Mas Sandokan ouvira o rangido bem nítido das carabinas sendo armadas e avistara os artilheiros se curvando silenciosamente sobre o canhão e as duas balistas.

Passaram-se alguns minutos de expectativa angustiada para todos e então se ouviram ruídos de atrito vindo da proa e sob a quilha. O *praho*, liberado pela maré que subia rapidamente, deslizava sobre o banco de areia.

De repente, ficou livre daquele fundo resistente, ondulando levemente.

— Desdobre uma vela — comandou brevemente Sandokan aos homens dos massames.

— Vai ser suficiente, chefe? — perguntou Sabau.

— Por ora, vai.

Logo depois uma vela latina foi desdobrada no traquete. Fora tingida de preto, de maneira que devia se confundir completamente com as sombras da noite.

O *praho* acelerou a descida, acompanhando o serpentear do rio. Felizmente superou todas as barreiras, passando entre os bancos de areia e os obstáculos, atravessou a pequena baía e se fez ao mar em silêncio total.

— A nave de guerra? — indagou Sandokan, ficando em pé de um salto.

— Lá está ela, a meia milha de nós — respondeu Sabau.

Na direção indicada era possível avistar confusamente uma massa escura, sobre a qual pequenos pontos de luminosidade de vez em quando davam piruetas, com certeza escórias que escapavam da chaminé.

Prestando-se bastante atenção, lamentos surdos das caldeiras também podiam ser ouvidos.

— Tem fogo aceso até agora — murmurou Sandokan. — Ele ainda está nos esperando.

— Vamos passar despercebidos, chefe? — perguntou Sabau.

— Espero que sim. Você está vendo alguma chalupa?

— Nenhuma, chefe.

— Primeiro vamos acompanhando a praia, para nos confundirmos melhor com as plantas, depois nos faremos ao largo.

O vento estava razoavelmente fraco, e o mar estava calmo como se fosse uma mancha de óleo.

Sandokan ordenou que fosse desdobrada também uma vela no mastro principal e então avançou com o navio na direção sul, acompanhando a sinuosidade da costa.

Como as praias eram cobertas por grandes árvores que projetavam uma sombra fechada sobre as águas, havia pouca probabilidade de que o pequeno navio corsário viesse a ser descoberto.

Sandokan, sempre na barra, não perdia de vista o temível adversário que, de um instante para o outro, poderia despertar e cobrir o mar e a costa com chuvas de ferro e de chumbo.

Estava se esforçando para enganá-lo, mas, no fundo da alma, aquele homem orgulhoso se doía por ter que deixar aquelas paragens sem a revanche. Desejava já se encontrar em Mompracem, mas também desejava outra daquelas tremendas batalhas.

Ele, o terrível Tigre da Malásia, o invencível chefe dos piratas de Mompracem, estava quase envergonhado por ter que navegar assim, sorrateiramente, como um ladrão noturno.

Só de pensar nisso, seu sangue fervia e o olhar ardia com uma cólera assustadora. Ah! Como teria aclamado um tiro de canhão, mesmo que fosse o sinal de uma nova e desastrosa derrota!

O *praho* já se afastara cerca de quinhentos ou seiscentos passos da baía e se preparava para se fazer ao largo quando à popa, na esteira, apareceu um estranho tipo de fagulhas. Parecia que uma miríade de pequeninas chamas surgia das profundezas tenebrosas do mar.

— Alguma coisa nos traiu — disse Sabau.

— Tanto melhor — respondeu Sandokan com um sorriso feroz. — Não, esta retirada não era digna de nós.

— É verdade, capitão — replicou o malaio. — Melhor morrer com as armas em punho do que fugir como chacaís.

O mar ficava cada vez mais fosforescente. À frente da proa e atrás da popa do navio, os pontos luminosos se multiplicavam e a esteira se iluminava mais ainda. Parecia que o *praho* estava deixando atrás de si um rastro de betume ardente ou de enxofre líquido.

Aquela faixa que cintilava vivamente na escuridão circundante não passaria despercebida pelas sentinelas do cruzador. A qualquer momento os canhões poderiam começar a trovejar inesperadamente.

Também os piratas a postos na coberta observavam aquela fosforescência, mas nenhum deles fizera um gesto sequer ou pronunciara uma única palavra que pudesse trair alguma apreensão. Nem eles conseguiam se conformar em ir embora sem disparar um tiro de fuzil.

Uma chuva de metralha teria sido saudada com urros de alegria.

Haviam transcorrido apenas dois ou três minutos quando Sandokan, que mantinha o olhar fixo no cruzador, viu que se acendiam as luzes de navegação.

— Talvez tenham percebido agora? — se perguntou.

— Acho que sim, chefe — respondeu Sabau.

— Olhe!

— É, estou vendo que as escórias estão saindo da chaminé em mais quantidade. Estão alimentando as caldeiras.

De um salto, Sandokan ficou em pé, com a cimitarra em punho.

— Às armas! — haviam gritado a bordo do vaso de guerra.

Os piratas prontamente se puseram de pé, enquanto os artilheiros se precipitaram para o canhão e as duas balistas.

Todos estavam prontos para travar a luta suprema.

Depois daquele primeiro grito, um breve silêncio foi mantido a bordo do cruzador, mas, em seguida, a mesma voz, que o vento levava nitidamente até o *praho*, repetiu:

— Às armas! Às armas! Os piratas estão fugindo!

Logo se ouviu o rufar de um tambor na ponte do cruzador, chamando os homens a seus postos de combate.

Os piratas, amontoados nos costados ou apinhados atrás das barricadas formadas com troncos de árvores, nem sequer respiravam, mas aquelas feições ferozes traduziam seu estado de ânimo. Os dedos se contraíam em volta das armas, impacientes para puxar os gatilhos das terríveis carabinas.

O tambor continuava a rufar na ponte do navio inimigo. Ouviam-se as correntes das âncoras rangendo ao passar pelos escovéns e os golpes secos do cabrestante.

O barco se preparava para deixar o ancoradouro e atacar a pequena embarcação corsária.

— A seu posto, Sabau! — comandou o Tigre da Malásia. — Oito homens nas balistas!

Tinha acabado de dar aquele comando quando uma chama brilhou na proa do cruzador, sobre o tombadilho, iluminando bruscamente o traquete e o gurupés. Uma detonação aguda ressoou, seguida imediatamente do ronco metálico dos projéteis sibilando pelos ares.

Um daqueles projéteis aparou a extremidade da verga mestra e se perdeu no mar, erguendo um grande lampejo espumante.

Um grito de fúria ecoou no navio corsário. Agora era preciso aceitar a batalha, e era exatamente isso o que desejava aquela ousada ralé do mar da Malásia.

Uma fumaça avermelhada escapava da chaminé do vaso de guerra. Ouviam-se as rodas de proa mordendo precipitadamente as águas, os lamentos roucos das caldeiras, os comandos dos oficiais, os passos precipitados dos homens.

Todos se apressavam a correr para seus postos de combate.

Viram-se os dois faróis mudando de posição. A embarcação corria para cima do pequeno barco corsário para impedir sua retirada.

— Preparemo-nos para morrer bravamente! — gritou Sandokan, que não se iludia mais sobre o êxito daquela tremenda peleja.

Um só grito respondeu:

— Viva o Tigre da Malásia!

Sandokan, com um vigoroso golpe na barra, virou de bordo e, enquanto seus homens orientavam rapidamente as velas, impeliu o barco de encontro ao navio de guerra para tentar abordá-lo e lançar seus homens na ponte do inimigo.

A canhonada começou imediatamente de ambas as partes. Disparavam balas e metralhas.

— Vamos lá, filhotes, atacar! — trovejou Sandokan. — A partida está desequilibrada, mas nós somos os tigres de Mompracem!

O cruzador avançava rapidamente, mostrando o esporão pontudo e rompendo as trevas e o silêncio com uma furiosa canhonada.

O *praho*, um verdadeiro brinquedo diante daquele gigante, a quem bastaria uma simples colisão para pô-lo a pique partido em dois, também atacava, com uma coragem inacreditável, dando tiros de canhão da melhor forma que podia.

A partida, contudo, como dissera Sandokan, não era equilibrada, mas sim bastante desigual. Aquela pequena embarcação não podia tentar nada contra a poderosa nau construída em ferro e fortemente armada.

O resultado final, apesar da coragem desesperada dos tigres de Mompracem, não era difícil de adivinhar.

No entanto, os piratas não perdiam o ânimo e queimavam sua munição com uma velocidade extraordinária, tentando exterminar os artilheiros que estavam na cobertura e abater os marinheiros dos massames, disparando furiosamente contra o tombadilho, o castelo de proa e os cestos de gávea.

Dois minutos mais tarde, contudo, o *praho*, sufocado pelos tiros dos artilheiros inimigos, não passava de destroços.

Os mastros haviam caído, os costados estavam arrombados e até mesmo as barricadas de troncos de árvore não ofereciam mais abrigo para aquela tempestade de projéteis.

A água já entrava pelos diversos rasgos, inundando a estiva.

Ninguém falava ainda em se render. Queriam todos morrer, mas lá em cima, na ponte do inimigo.

As descargas, contudo, ficavam cada vez mais violentas. A peça de artilharia de Sabau agora já estava desmantelada e metade da tripulação jazia sobre a ponte, massacrada pela metralha.

Sandokan percebeu que estava chegando a última hora para os tigres de Mompracem.

A derrota seria completa. Não era mais possível enfrentar aquele gigante que vomitava, a todo instante, nuvens de projéteis. Só restava tentar a abordagem, uma loucura, pois nem mesmo na ponte do cruzador a vitória poderia sorrir àqueles valentes.

Não restavam em pé mais do que doze homens, mas eram doze tigres dirigidos por um chefe cuja coragem era inacreditável.

— Venham a mim, meus bravos! — gritou ele.

Os doze piratas, com os olhos perturbados, espumando de raiva, com os punhos fechados como tenazes em torno das armas, usando os corpos dos companheiros como escudos, se apertaram em torno dele.

O navio agora corria a todo vapor em direção ao *praho* para afundá-lo com o esporão, mas Sandokan, assim que o viu a poucos passos, com um golpe da barra evitou a colisão e lançou seu barco contra a roda de bombordo do inimigo.

Houve um choque violentíssimo. O navio corsário dobrou a boreste, fazendo água e derrubando mortos e feridos no mar.

— Lancem os arpésus! — trovejou Sandokan.

Dois arpésus de abordagem se cravaram nas enflechaduras do cruzador.

Os treze homens, então, loucos de fúria e com sede de vingança, se lançaram como um único homem à abordagem.

Ajudando-se com os pés e com as mãos, agarrando as portinholas da bateria e os cabos, escalararam as gaiútas, alcançaram os massames e se precipitaram na ponte do cruzador antes que os ingleses, espantados com tamanha audácia, pudessem pensar em jogá-los de volta para o mar.

Com o Tigre da Malásia à frente se arremessaram contra os artilheiros, massacrando suas peças, desbarataram os fuzileiros que haviam acorrido para barrar a passagem e, em seguida, distribuindo golpes de cimitarra à esquerda e à direita, se dirigiram para a popa.

Ali, aos gritos dos oficiais, haviam-se juntado os homens da bateria. Eram sessenta ou setenta, mas os piratas não pararam para contá-los e se atiraram furiosamente sobre as pontas das baionetas, empenhando-se numa luta titânica.

Atacando com golpes desesperados, mutilando braços e rachando cabeças, berrando para espalhar mais terror, caindo e se reerguendo, ora recuando, ora avançando, por alguns minutos conseguiram segurar todos aqueles inimigos, mas atingidos pelos mosquetes dos homens que estavam nos cestos de gávea, golpeados nas costas por sabres, perseguidos pelas baionetas à frente, aqueles bravos homens finalmente caíram.

Sandokan e mais quatro, cobertos de feridas, com as armas ensanguentadas até a empunhadura, com um enorme esforço abriram caminho e tentaram ganhar a proa para deter aquela avalanche de homens a tiros de canhão.

Na metade da ponte, Sandokan caiu, atingido no meio do peito por uma bala de carabina, mas imediatamente se reergueu, trovejando: — Matar! Matar!...

Os ingleses avançavam em marcha de ataque, com as baionetas caladas. O choque foi mortal.

Os quatro piratas que tinham se jogado à frente de seu capitão para protegê-lo, ainda dispararam em meio a uma descarga de fuzil, e foram mortos; mas o mesmo não aconteceu com o Tigre da Malásia.

Aquele homem aterrorizante, apesar da ferida por onde jorrava muito sangue, com um salto imenso alcançou o costado de bombordo, abateu com o toco da cimitarra um marinheiro que tentava detê-lo e se jogou de cabeça no mar, desaparecendo nos vagalhões escuros.

UM HOMEM DAQUELES, DOTADO de uma força tão prodigiosa, de uma energia tão extraordinária e de uma coragem tão grande, não devia morrer.

De fato, enquanto o navio a vapor prosseguia em seu curso, transportado pelas últimas batidas das rodas do leme, o pirata, com um vigoroso golpe dos calcanhares, voltava à tona e nadava para o largo para não ser cortado pelo esporão do inimigo ou apanhado por tiros de fuzil.

Reprimindo os gemidos que a ferida provocava e controlando a raiva que o devorava, se encolheu sobre si mesmo e ficou quase completamente submerso, à espera do momento oportuno para ganhar a costa da ilha.

O navio de guerra estava virando de bordo, a menos de trezentos metros. Avançou para o local onde o pirata havia mergulhado, com a esperança de despedaçá-lo com as rodas, e depois tornou a virar.

Deteve-se por um momento, como se estivesse querendo observar aquele trecho de mar agitado por ele e, a seguir, retomou a marcha, cortando em todas as direções aquele pedaço de água, enquanto os marinheiros que desceram para a rede do gupés e para as banquetas projetavam por toda parte a luz de alguns faróis.

Convencido da inutilidade da procura, finalmente se afastou em direção a Labuan.

O Tigre soltou, então, um grito de fúria.

— Vá embora, navio maldito! — exclamou. Vá embora, mas o dia virá em que eu mostrarei como a minha vingança é terrível!

Amarrou uma faixa sobre a ferida sangrenta para estancar a hemorragia que poderia matá-lo e depois, reunindo todas as forças, começou a nadar, buscando as praias da ilha.

Vinte vezes, no entanto, aquele homem aterrorizante se voltou para olhar o navio de guerra, que agora mal podia ser avistado, e para ameaçar terrivelmente o navio. Houve alguns momentos em que o pirata, talvez ferido mortalmente, ainda longe demais da costa da ilha, se punha a perseguir o navio que o havia feito engolir pólvora e o desafiava com gritos que não tinham mais nada de humano.

Finalmente a razão venceu e Sandokan retomou o cansativo exercício, observando as sombras que escondiam as costas de Labuan.

Nadou assim por muito tempo, parando algumas vezes para recuperar o fôlego e se desembaraçar das roupas que estavam atrapalhando. Sentia que suas forças chegavam ao fim.

Os membros estavam ficando enrijecidos, a respiração, cada vez mais difícil e, para o cúmulo da desgraça, o sangue continuava a fluir da ferida, causando uma dor aguda em contato com a água salgada.

Girou sobre si mesmo e se deixou transportar pela correnteza, agitando os braços debilmente. Procurava descansar ao máximo para recuperar o fôlego.

De repente, sentiu um choque. Alguma coisa havia encostado nele. Talvez fosse um peixe-cão. A esse pensamento, apesar da sua coragem de leão, sentiu um arrepio percorrer a pele.

Instintivamente esticou a mão e agarrou um objeto áspero, que parecia estar flutuando na água.

Puxou-o e viu que se tratava de um destroço. Era um pedaço da coberta do *praho* ao qual ainda estavam presas amarras e uma cruzeta.

— Finalmente — murmurou Sandokan. — As minhas forças estavam acabando.

Exaurido, conseguiu se içar para cima do destroço, descobrindo a ferida de cujas bordas, inchadas e vermelhas por causa da água do mar, ainda corria um filete de sangue.

Durante mais uma hora, aquele homem que se recusava a morrer e não queria se dar por vencido lutou contra as ondas que teimavam em submergir o destroço, mas depois sentiu que as forças o abandonavam e ficou completamente prostrado, com as mãos ainda fechadas em torno da cruzeta.

Começava a amanhecer quando um golpe violentíssimo o arrancou daquele desânimo que podia ser considerado quase um desmaio.

Ergueu-se com muito esforço sobre os braços e olhou em frente. As ondas se quebravam em torno do destroço, fazendo curvas e espumando. Parecia que estavam rolando no raso.

Como que através de uma névoa sangrenta, o ferido avistou a costa a uma pequena distância.

— Labuan — murmurou. — Vim parar justo aqui, na terra dos meus inimigos?

Teve um breve momento de hesitação, mas juntou suas forças, abandonou aquelas tábuas que o haviam salvado de uma morte quase certa e avançou em direção à costa, sentindo sob os pés um banco de areia.

As ondas vinham de todos os lados e o atingiam como cães furiosos tentando abatê-lo, ora empurrando-o, ora puxando-o. Parecia que tentavam impedi-lo de chegar àquela terra maldita.

Avançou vacilante pelos bancos de areia e, depois de ter lutado contra as últimas ondas da ressaca, alcançou a orla coroada de grandes árvores e se deixou cair pesadamente no solo.

Embora se sentisse enfraquecido pela longa luta e pela grande perda de sangue, descobriu a ferida e examinou-a longamente.

Levara um tiro, talvez de pistola, embaixo da quinta costela do lado direito, e aquela peça de chumbo, depois de deslizar entre os ossos, se perdera no interior do seu peito, mas sem atingir nenhum órgão vital, pelo que parecia.

Talvez a ferida não fosse grave, mas poderia ficar se não fosse tratada imediatamente, e Sandokan, que conhecia um pouco do assunto, sabia bem disso.

Ouvindo o murmúrio de um córrego nas proximidades, se arrastou até lá, abriu os lábios da ferida que estava inchada após o contato prolongado com a água do mar e lavou-a cuidadosamente, comprimindo-a depois, até que saíssem algumas gotas de sangue.

Juntou bem as bordas, enfaixou a ferida com um retalho da sua camisa, única peça de roupa que ainda tinha no dorso, além da faixa que segurava o *kriss*.

— Vou melhorar — murmurou ele quando acabou, e pronunciou aquelas palavras com tanta energia que fazia com que se acreditasse ser ele o árbitro absoluto da própria existência.

Aquele homem de ferro, embora sozinho naquela ilha, onde só poderia encontrar inimigos, sem um refúgio, sem recursos, ferido, sem uma mão amiga que o socorresse, tinha certeza de que sairia vitorioso daquela situação medonha.

Bebeu alguns goles de água para acalmar a febre que começava a tomar conta dele e se arrastou para baixo de uma areca, cujas folhas gigantescas, com mais de quatro metros de comprimento e quase dois de largura, projetavam uma sombra fresca ao seu redor.

Acabara de chegar ali quando sentiu novamente que suas forças estavam acabando.

Fechou os olhos que giravam formando um círculo sangrento e, após ter tentado em vão se manter de pé, caiu entre as ervas e ficou imóvel.

Só voltou a si muitas horas depois, quando o sol já descia em direção ao ocidente, tendo já atingido um tom púrpura.

Uma sede enlouquecedora o atormentava, e a ferida, não mais refrescada, produzia dores agudas, insuportáveis.

Tentou levantar para se arrastar até o riacho, mas, de repente, caiu de novo. Então, aquele homem que desejava ser forte como a fera que lhe emprestava o nome, com um tremendo esforço, se ergueu sobre os joelhos, gritando quase em tom de desafio:

— Eu sou o Tigre!... Forças, voltem para mim!...

Ficou em pé, se agarrando ao tronco da areca e se manteve assim por um prodígio de equilíbrio e de energia; depois caminhou até o pequeno curso de água e caiu na margem.

Após matar a sede, banhou novamente a ferida, colocou a cabeça entre as mãos e fixou o olhar no mar que rompia a poucos passos dali com ruídos surdos.

— Ah! — exclamou ele, arreganhando os dentes. — Quem poderia dizer que um dia os leopardos de Labuan venceriam os tigres de Mompracem? Quem poderia dizer que eu, o invencível Tigre da Malásia, estaria confinado aqui, derrotado e ferido? E quando poderei ter a minha vingança? A vingança!... Todos os meus *prahos*, as minhas ilhas, os meus homens, os meus tesouros pela destruição desses odiados homens brancos que se batem comigo por esse mar afora!

Que importa se hoje me fizeram engolir pólvora, se em um mês ou dois voltarei aqui com meus navios para lançar nessas praias o meu terrível bando com sede de sangue?

Que importa se hoje o leopardo inglês está orgulhoso de sua vitória? Será ele que em breve vai cair moribundo a meus pés!

Todos os ingleses de Labuan vão tremer, então, quando eu mostrar a minha bandeira sangrenta à luz dos incêndios!

O pirata, falando assim, se erguera novamente com os olhos flamejantes, agitando ameaçadoramente a mão direita, como se ainda apertasse a terrível cimitarra, vibrando, tremendo.

Embora ferido, continuava sendo o indomável Tigre da Malásia.

— Paciência por ora, Sandokan — recomeçou ele, caindo novamente entre a vegetação e os ramos secos. — Vou me curar, mesmo que precise viver um mês, dois, três, nesta floresta, comendo moluscos e frutas; mas quando tiver recuperado as forças, voltarei a Mompracem, nem que eu tenha que fazer uma jangada ou roubar uma canoa a golpes de *kriss*.

Ficou várias horas deitado embaixo das largas folhas das arecas, olhando sinistramente as ondas que vinham morrer quase aos seus pés, com milhares de murmúrios. Parecia estar procurando naquela água os cascos de seus navios afundados naquelas paragens ou os cadáveres de seus infelizes companheiros.

Nesse meio tempo, uma febre cada vez mais forte tomava conta dele, enquanto sentia ondas de sangue subindo para o cérebro. A ferida provocava espasmos ininterruptos, mas nenhum lamento saía dos lábios daquele homem extraordinário.

Às oito horas, o sol se precipitou no horizonte e, após um crepúsculo rápido, as trevas caíram sobre o mar e invadiram a floresta.

Aquela escuridão produziu uma inexplicável sensação no ânimo de Sandokan. Teve medo da noite, ele, o pirata orgulhoso que nunca temera a morte e que enfrentara com uma coragem desesperada os perigos da guerra e os fúrores das ondas.

— As sombras! — exclamou ele, cavando a terra com as unhas. — Não quero que a noite chegue!... Não quero morrer!...

Comprimiu a ferida com as duas mãos e se levantou de um pulo. Olhou para o mar, agora enegrecido como se fosse de nanquim; olhou embaixo das árvores, perscrutando a sombra profunda; a seguir, tomado talvez por uma inesperada crise de delírio, se pôs a correr como um louco, se embrenhando na selva.

Aonde ia? Por que fugia? Com certeza um medo estranho o invadira. Em seu delírio, parecia ouvir latidos de cães, gritos de homens e rugidos de feras a distância. Acreditava que talvez já tivesse sido descoberto e perseguido.

Em pouco tempo aquela corrida se tornou vertiginosa. Completamente fora de si, se precipitava enlouquecido à frente, se arremessando no meio das moitas, saltando os troncos caídos, atravessando torrentes e charcos, gritando, praguejando e agitando o *kriss* como um possesso.

Continuou assim por dez ou quinze minutos, se embrenhando cada vez mais entre as árvores, despertando com seus gritos os ecos da floresta tenebrosa e, finalmente, se deteve ofegante e exausto.

Seus lábios estavam cobertos por uma espuma sangrenta e os olhos, esbugalhados.

Agitou irracionalmente os braços e desabou no chão como uma árvore atingida por um raio.

Delirava; parecia que a cabeça ia se partir ao meio e que dez martelos batiam em suas têmporas. O coração saltava no peito como se quisesse fugir dali e ele tinha a impressão que saíam jatos de fogo da ferida.

Pensava estar vendo inimigos por toda parte. Seus olhos avistavam homens escondidos embaixo das árvores, das moitas, no meio dos montes de terra e das raízes que serpenteavam no solo, enquanto pensava ver legiões de fantasmas fazendo piruetas no ar e esqueletos dançando em tono das grandes folhas das árvores.

Seres humanos surgiam do solo, gemendo e berrando, alguns com a testa sangrando, outros com os membros mutilados e os quadris dilacerados. Todos eles riam e gargalhavam como se zombassem da impotência do terrível Tigre da Malásia.

Sandokan, tomado por um espantoso acesso de delírio, rolava pelo chão, levantava, caía, estendia o punho e ameaçava a tudo e a todos.

— Vão embora daqui, seus cães! — berrava. — O que querem de mim?... Eu sou o Tigre da Malásia e não tenho medo de vocês!... Venham me atacar, se tiverem coragem!... Ah! Estão rindo?... Aham que estou impotente porque os leopardos feriram e venceram o Tigre?... Não, não tenho medo!...

Por que me olham com esses olhos de fogo?... Por que vieram dançar em volta de mim? Até você, Patan, veio zombar de mim?... Até você, Aranha do Mar?... E você, Kimberlain, o que está querendo?... Não foi o bastante ter sido abatido pela minha cimitarra?... Vão todos embora, voltem para o fundo do mar... para o reino das trevas... para os abismos da terra, ou vou matar todos vocês!

E você, Giro-Batol, o que quer? A vingança? Espere um pouco, você terá a sua vingança, porque o Tigre vai se curar... vai voltar a Mompracem... armar os *prahos*... e virá aqui para exterminar todos os leopardos ingleses... todos, até o último deles!...

O pirata se interrompeu, com as mãos nos cabelos, os olhos girando nas órbitas, as feições assustadoramente alteradas, em seguida se levantou de um pulo, e começou a correr de novo como um louco, gritando:

— Sangue!... Quero sangue para saciar a minha sede!... Eu sou o Tigre da Malásia...

Correu por muito tempo, sempre gritando e ameaçando. Saiu da floresta e se precipitou por uma pradaria, em cuja extremidade pensou ter visto confusamente uma paliçada. Deteve-se mais uma vez, caindo sobre os joelhos. Estava exausto, ofegante.

Permaneceu assim alguns instantes, encolhido sobre si mesmo, depois ainda tentou se levantar, mas as forças escaparam de uma vez, uma névoa de sangue cobriu seus olhos e tombou por terra, emitindo um último grito que se perdeu nas trevas.

QUANDO VOLTOU A SI, PARA SUA grande surpresa não se encontrava mais na pequena pradaria que atravessara durante a noite, e, sim, em um quarto espaçoso, coberto de papel florido de Tungue, estendido sobre uma cama confortável e macia.

A primeira impressão foi a de estar sonhando. Ele esfregou várias vezes os olhos como se estivesse querendo acordar, mas logo se convenceu de que tudo era verdade.

Sentou-se na cama, perguntando sem parar:

— Mas onde estou? Ainda estou vivo ou já morri? — Olhou em torno, mas não viu ninguém a quem pudesse se dirigir.

Começou, então, a observar atentamente o quarto; era amplo, elegante, iluminado por duas grandes janelas, por onde se podiam ver árvores altíssimas.

Em um dos cantos viu um piano, sobre o qual estavam espalhadas partituras; em outro, um cavalete com um quadro representando uma marinha; no centro, uma mesa de mogno com um trabalho decorativo em cima, sem dúvida feito pelas mãos de uma mulher e, próximo à cama, um banquinho com entalhes de ébano e de marfim, sobre o qual Sandokan viu algo que lhe produziu um enorme bem-estar, seu *kriss* e, próximo a ele, um livro semi-aberto, com uma flor aparecendo entre as páginas.

Prestou atenção, mas não ouviu nenhuma voz; no entanto, ouviam-se sons delicados a distância, que pareciam ser os acordes de uma mandola ou de uma viola.

— Mas onde estou? — se perguntou mais uma vez. — Na casa de um amigo ou de um inimigo?

Imediatamente seus olhos caíram de novo sobre o livro que estava em cima do banquinho e, impelido por uma curiosidade irresistível, estendeu a mão e o pegou. Na capa havia um nome impresso em letras de ouro.

— Marianna! — leu ele. — O que quer dizer isso? É um nome ou uma palavra que eu não entendo?

Leu de novo e, coisa estranha, foi agitado por uma sensação desconhecida. Um sentimento doce atingiu o coração daquele homem, aquele coração duro como aço e que permanecia fechado para as maiores emoções.

Abriu o livro: estava coberto por uma escrita leve, elegante e nítida, mas ele não conseguiu compreender aquelas palavras, embora algumas lembrassem expressões da língua do português Yanez. Sabendo que não devia, mas impelido por uma força misteriosa, pegou delicadamente aquela flor que vira há pouco e a observou por longo tempo. Cheirou-a várias vezes, procurando não estragá-la com aqueles dedos acostumados a segurar a empunhadura da cimitarra, experimentando pela segunda vez uma sensação estranha no coração, uma vibração misteriosa, uma coisa desconhecida; a seguir, aquele homem sanguinário, aquele homem da guerra, se viu tomado por um vivo desejo de levá-la aos lábios!...

Recolocou-a quase que com desagrado entre as páginas, fechou o livro e o pôs de novo em cima do banquinho. Foi a tempo: a maçaneta da porta girou e um homem entrou no quarto, caminhando lentamente e com aquela rigidez característica dos homens da raça anglo-saxã.

Tratava-se de um europeu, a julgar pela cor da pele, de estatura razoavelmente alta e bem constituída. Aparentava ter cerca de cinquenta anos, o rosto era emoldurado por uma barba ruiva que começava a ficar grisalha, os olhos azuis, profundos, e o conjunto indicava ser um homem acostumado a comandar.

— Estou satisfeito em vê-lo tranquilo; há três dias que o delírio não lhe dava um minuto de descanso.

— Três dias! — exclamou Sandokan pasmo. — Três dias que estou aqui?... Mas então não estou sonhando?

— Não, não está sonhando. Você se encontra entre pessoas boas que cuidaram de você com afeto e que farão o possível para curá-lo.

— Mas quem é o senhor?

— Lorde James Guillonk, capitão de navio de Sua Majestade, a Rainha Vitória.

Sandokan teve um sobressalto e sua expressão se fechou, mas se acalmou imediatamente e, fazendo um esforço supremo para não trair o ódio que trazia por tudo o que era inglês, disse:

— Muito obrigado, milorde, por tudo o que fez por mim, por um desconhecido que poderia ser seu inimigo mortal.

— Era meu dever acolher em minha casa um pobre homem ferido, talvez mortalmente — respondeu o Lorde. — Como se sente agora?

— Estou bem mais forte e não sinto dor.

— Fico feliz com isso, mas diga, se não for muito desagradável, quem o deixou nessas condições? Além da bala que extraíram do peito, seu corpo todo estava coberto de feridas produzidas por armas brancas.

Sandokan, embora esperasse essa pergunta, não pôde evitar um forte estremecimento. No entanto, não se traiu, nem perdeu o ânimo.

— Não sei se deveria realmente contar — respondeu. — Vi homens despencando à noite em meus navios, nos abordando e massacrando os meus marinheiros. Quem eram? Não sei, pois depois da primeira colisão, fui jogado ao mar coberto de feridas.

— Sem dúvida você foi atacado pelos filhotes do Tigre da Malásia — disse Lorde James.

— Por piratas?... — exclamou Sandokan.

— Acho que sim, por aqueles de Mompracem que há três dias vagavam pelos arredores da ilha, mas que foram destruídos por um de nossos cruzadores. Diga, onde foi o ataque?

— Perto das ilhas Romades.

— E chegou às nossas costas a nado?

— Cheguei, agarrado a um destroço. Mas onde me encontraram?

— Deitado entre as árvores, tomado por um delírio tremendo. Mas para onde estava indo quando foi atacado?

— Estava levando alguns presentes ao sultão de Varauni, por parte do meu irmão.

— E quem é o seu irmão?

— O sultão de Shaja.

— Então você é um príncipe malásio! — exclamou o Lorde, estendendo a mão que Sandokan, após uma pequena hesitação, apertou quase que com náuseas.

— Sou, milorde.

— Estou muito contente em hospedá-lo e vou fazer o possível para que não se aborreça quando estiver curado. Em vez disso, se você concordar, vamos procurar juntos o sultão de Varauni.

— Claro e...

Ele se interrompeu, esticando a cabeça, como se tentasse ouvir alguns rumores distantes.

De fora vinham os acordes de uma mandola, talvez os mesmos sons que ouvira um pouco antes.

— Milorde! — exclamou, tomado por uma viva excitação da qual tentava, em vão, descobrir a causa. — Quem está tocando?

— Por que, meu caro príncipe? — perguntou o inglês, sorrindo.

— Não sei... mas desejaria muito conhecer a pessoa que toca assim... Poderia dizer que essa música toca o meu coração... e que me faz experimentar uma sensação nova e inexplicável.

— Espere um instante. — Fez um sinal para que ele se deitasse de novo e saiu.

Sandokan caiu sobre o travesseiro, mas quase imediatamente se reergueu, como que impelido por uma mola.

A inexplicável comoção que o acometera um pouco antes voltava a tomar conta dele com violência ainda maior. O coração batia de tal maneira que parecia querer saltar do peito; o sangue corria furiosamente pelas veias, e os braços e pernas eram tomados por estranhas vibrações.

— Mas o que é isso? — se perguntou. — Talvez seja o delírio que ainda toma conta de mim?

Assim que acabou de pronunciar essas palavras, o Lorde entrou no quarto e, desta vez, estava acompanhado.

Atrás dele vinha uma criatura fantástica, que parecia mal tocar o tapete ao andar. Quando a viu, Sandokan foi incapaz de conter uma exclamação de surpresa e de admiração.

Era uma jovem de dezesseis ou dezessete anos, estatura pequena, mas esbelta e elegante, com formas esplendidamente modeladas, a cintura muito estreita, a pele rosada e fresca como uma flor que tivesse acabado de ser colhida.

Seu rosto era admirável, com olhos azuis como a água do mar, uma fronte de incomparável precisão, sob a qual se destacavam sobrancelhas ligeiramente arqueadas e que quase se tocavam. Uma cabeleira loira descia como uma chuva de ouro numa desordem fascinante pelo corpete que lhe cobria os seios.

O pirata, ao ver essa dama que parecia ser apenas uma menina, ficou emocionado até o fundo de sua alma. Aquele homem orgulhoso, sanguinário, que trazia o nome terrível de Tigre da Malásia, pela primeira vez na vida se sentia fascinado diante de uma criatura tão graciosa, diante daquela flor delicada nascida nos bosques de Labuan.

Seu coração, que pouco antes batia precipitadamente, agora ardia e parecia que nas veias corriam línguas de fogo.

— Muito bem, meu caro príncipe, o que acha desta jovem encantadora? — perguntou o Lorde.

Sandokan não respondeu; imóvel como uma estátua de bronze, fixava a mocinha com olhos que lançavam chamas de desejo ardente, e parecia que não era mais capaz de respirar.

— Está se sentindo mal? — perguntou o Lorde, que o observava.

— Não, não — exclamou vivamente o pirata, sacudindo a cabeça.

— Então me permita apresentar a minha sobrinha, Lady Marianna Guillonk.

— Marianna Guillonk!... Marianna Guillonk!... — repetiu Sandokan, com uma entonação surda.

— O que você acha de diferente no meu nome? — perguntou a juvenzinha, sorrindo. — Parece que ele provocou uma surpresa enorme.

Ao ouvir aquela voz, Sandokan teve um forte sobressalto. Nunca ouvira uma voz tão doce acariciar seus ouvidos, habituado que estava à música infernal dos canhões e aos gritos de morte dos combatentes.

— Não vejo nada de estranho — disse com voz alterada. — Mas me parece que eu já o conhecia.

— Oh! — exclamou o Lorde. — E quem falou dele para você?

— Já o tinha lido antes, no livro que está aí, e fiquei pensando que a dona dele devia ser uma criatura maravilhosa.

— Está brincando — disse a Lady, enrubescendo. Depois, mudando de tom, perguntou: — É verdade que você foi gravemente ferido pelos piratas?

— É verdade — respondeu Sandokan com voz surda. — Eles me venceram e me feriram, mas, um dia, estarei curado, e então pobre daqueles que me fizeram engolir pólvora.

— Você está sofrendo muito?

— Não, milady, e agora, menos ainda.

— Espero que sare logo.

— O nosso príncipe é um homem vigoroso — disse o Lorde — e não ficarei espantado se o vir de pé em dez dias.

— Espero que sim — respondeu Sandokan.

De repente, ele, que não afastava os olhos do rosto da jovem, sobre o qual deslizava de vez em quando uma névoa rosada, se endireitou impetuosamente, exclamando:

— Milady!...

— Meu Deus, o que você tem? — perguntou a Lady, se aproximando.

— Diga uma coisa, você tem um nome infinitamente mais belo que o de Marianna Guillonk, não é verdade?

— Que nome? — perguntaram ao mesmo tempo o Lorde e a jovem condessa.

— Tem, sim! — exclamou Sandokan com mais força. — Só pode ser você a criatura a que todos os nativos chamam de a Pérola de Labuan!...

O Lorde fez um gesto de surpresa e uma ruga profunda sulcou sua testa.

— Meu amigo — disse com voz grave. — Como é que você sabe disso, se me disse que vinha de uma distante ilha malaia?

— Não é possível que esse apelido tenha chegado até o seu país — acrescentou Lady Marianna.

— Não o escutei em Shaja — respondeu Sandokan, que por pouco não se traíra — mas, sim, nas Romades, em cujas praias desembarquei há alguns dias. Lá me falaram de uma jovem de beleza incomparável, olhos azuis, cabelos perfumados como os jasmims de Bornéu; de uma criatura que cavalgava como uma amazona e que caçava feras com muita ousadia; de uma mocinha etérea que, em certas tardes, durante o pôr-do-sol, podia ser vista nas praias de Labuan, fascinando os pescadores das costas com um canto mais doce que o murmúrio dos riachos. Ah! milady, eu também quero um dia ouvir essa voz.

— Quantas graças me atribuem! — respondeu a Lady, rindo.

— É verdade, e vejo que aqueles homens que me falaram de você foram honestos! — exclamou o pirata com um ardor apaixonado.

— Você está me adulando — disse ela.

— Cara sobrinha — disse o Lorde — você vai enfeitiçar o nosso príncipe também.

— Tenho certeza disso! — exclamou Sandokan. — E quando eu for embora desta casa para voltar ao meu país distante, vou dizer a meus compatriotas que uma jovem dama de rosto alvo venceu o coração de um homem que acreditava ser invulnerável.

A conversa continuou por mais algum tempo, girando ora sobre a pátria de Sandokan, ora sobre os piratas de Mompracem, ora sobre Labuan e depois, tendo caído a noite, o Lorde e a juvenzinha se retiraram.

Quando o pirata se viu sozinho, ficou imóvel por um longo tempo, com os olhos fixos na porta pela qual saíra aquela mocinha diáfana. Parecia estar tomado por profundos pensamentos e por uma viva emoção.

Talvez, naquele coração que até então nunca batera por uma mulher, caísse uma terrível tempestade no momento.

Subitamente, Sandokan ficou muito perturbado e alguma coisa, como que um som rouco, rumorejou no fundo da garganta, pronto a irromper, mas os lábios continuaram fechados e os dentes se contraíram com mais força em um longo rangido.

Ficou alguns momentos ali, imóvel, com olhos flamejantes, o rosto alterado, a testa perolada de gotas de suor, as mãos enfiadas nos cabelos crespos e longos, e então os lábios que não queriam mais se abrir deixaram passar um nome em êxtase:

— Marianna!

E depois o pirata não se conteve mais.

— Ah! — exclamou ele, quase com raiva, torcendo as mãos. — Acho que estou ficando louco... que eu... a amo!...

LADY MARIANNA GUILLONK NASCERA sob o belo céu da Itália, às margens do fantástico golfo de Nápoles, de mãe italiana e pai inglês.

Tendo ficado órfã aos onze anos, e sendo herdeira de uma bela fortuna, fora acolhida por seu tio James, o único parente que se encontrava na Europa na época.

Naqueles tempos, James Guillonk era um dos mais

intrépidos lobos dos mares dos dois mundos, proprietário de uma nau armada e aparelhada para a guerra, a fim de cooperar com James Brooke que, mais tarde, se tornou rajá de Sarawak após o extermínio dos piratas malaaios, os terríveis inimigos do comércio inglês naqueles mares longínquos.

Embora Lorde James, rude como todo marinheiro e incapaz de nutrir qualquer afeição, não tivesse uma ternura excessiva pela jovem sobrinha, em vez de confiá-la a mãos estranhas, embarcou-a em seu próprio navio e levou-a para Bornéu, expondo-a aos graves perigos daquele difícil cruzeiro.

Durante três anos, a menina testemunhou batalhas sangrentas em que morriam milhares de piratas que, no final, proporcionaram ao futuro rajá Brooke aquela triste celebridade que perturbou e indignou profundamente seus compatriotas.

Um dia, contudo, Lorde James, cansado da carnificina e dos perigos, talvez se lembrando de que tinha uma sobrinha, abandonara o mar e se estabelecera em Labuan, se enclausurando nos grandes bosques da região central da ilha.

Lady Marianna, então com quase catorze anos, depois de ter levado aquela vida perigosa, conquistara uma altivez e uma energia únicas e, embora parecesse ser uma menina frágil, tentara se rebelar contra as vontades do tio, achando que jamais se acostumaría àquele isolamento e àquela vida quase selvagem, mas o lobo dos mares, que parecia não ligar muito para a opinião dela, ficou inflexível.

Obrigada a suportar aquela estranha prisão, a juvenzinha se dedicou inteiramente a completar a própria educação, de que até então não tivera tempo de cuidar.

Dotada de uma vontade tenaz, aos poucos modificara o ímpeto feroz, adquirido naquelas batalhas cruéis e sanguinárias, e aquela rudeza obtida graças ao contato contínuo com a gente do mar. Tornara-se assim uma apaixonada admiradora da música, das flores e das belas artes, graças às instruções de uma antiga confidente de sua mãe, que morreu pouco tempo depois de chegar à ilha por causa do ardente clima tropical. Com o progresso da educação, e ainda conservando no fundo da alma um pouco daquela antiga altivez, tornara-se boa, generosa e caridosa.

Não abandonara a paixão pelas armas e os exercícios violentos e, sendo uma amazona impetuosa, frequentemente percorria os grandes bosques, perseguindo até mesmo tigres ou, como uma náiade, mergulhava intrepidamente nas ondas azuis do mar malaio; mas, com maior frequência ainda podia ser vista lá, onde a miséria ou a tristeza se encontravam, prestando socorro a todos os indígenas da região, àquela gente que Lorde James odiava até a morte, por serem os descendentes dos antigos piratas.

E assim aquela menina, com sua intrepidez e bondade, e por sua beleza, merecera o apelido de Pérola de Labuan, apelido esse que voara para tão longe e fizera bater o coração do aterrorizante Tigre da Malásia. Mas naqueles bosques, longe de praticamente todas as criaturas civilizadas, a menina se tornara uma moça sem nunca se ter dado conta disso; mas quando vira o pirata orgulhoso, sem saber o porquê, experimentara uma estranha perturbação.

O que seria? Ela ignorava, mas via sempre diante de si aqueles olhos e, à noite, esse homem de aspecto tão altivo, que tinha a nobreza de um sultão e a gentileza de um cavaleiro europeu, aparecia em seus sonhos, esse homem de olhos brilhantes, longos cabelos negros e com um rosto no qual se lia nitidamente uma coragem mais que indômita e uma energia mais exclusiva do que rara.

Depois de tê-lo fascinado com seus olhos, sua voz, sua beleza, ela estava também, por sua vez, fascinada e subjugada.

No início tentara reagir contra aquelas batidas do coração que, para ela, eram novas, tão novas quanto eram para Sandokan, mas foi em vão. Sentia sempre que uma força instintiva a impelia a rever esse homem e que não conseguia mais encontrar a calma de antes, a não ser quando se encontrava perto dele; só se sentia feliz quando estava ao pé de sua cama e quando aliviava as dores agudas da ferida com sua tagarelice, seus sorrisos, sua voz inigualável e com sua mandola.

E valia a pena ver Sandokan naqueles momentos, quando ela cantava as doces canções do distante país natal, acompanhadas pelos sons delicados do instrumento melodioso.

Ele não era mais o Tigre da Malásia, não era mais o pirata sanguinário. Mudo, ofegante, úmido de suor, retendo a respiração para não perturbar com seu hálito aquela voz cristalina e melodiosa, escutava como um homem que está sonhando, como se quisesse imprimir na mente aquela língua desconhecida que o inebriava e sufocava a tortura da ferida. E quando, depois de ter vibrado uma última vez, a voz morria com a última nota da mandola, ele permanecia por muito tempo na mesma posição, com os braços apertados, como se quisesse puxar para si a jovem, com o olhar flamejante fixo no olhar úmido dela, com o coração suspenso e todo ouvidos, como se ainda estivesse saindo algum som do instrumento.

Naqueles momentos, não se lembrava mais de que era o Tigre, esquecia sua Mompracem, seus *prahos*, seus filhotes e o português que, naquela altura, acreditando que ele tivesse morrido, provavelmente se encontrasse a caminho da ilha para vingar a sua morte com represálias sanguinárias.

Assim os dias voavam ligeiros e a cura, poderosamente ajudada pela paixão que devorava o seu sangue, se acelerava cada vez mais.

Na tarde do décimo-quinto dia, o Lorde entrou inesperadamente e encontrou o pirata de pé, pronto para sair.

— Oh! Meu digno amigo! — exclamou alegre. — Estou muito contente em vê-lo de pé.

— Eu não conseguia mais ficar na cama, milorde — respondeu Sandokan. — Aliás, me sinto capaz de lutar contra um tigre.

— Ótimo, então vou pô-lo à prova!

— De que jeito?

— Convidando alguns bons amigos para caçar um tigre que vem com frequência rondar perto dos muros do meu parque. Já que está curado, esta noite virei avisar se amanhã de manhã sairemos para caçar a fera.

— Já vou estar preparado, milorde.

— Acredito, mas agora me diga uma coisa, estou contando com a sua presença como meu hóspede por mais algum tempo.

— Milorde, negócios importantes me chamam em outros lugares e é preciso que eu vá embora logo.

— Ir embora! Nem pense em uma coisa dessas, os negócios sempre podem esperar e já estou avisando que não vou deixá-lo partir antes de alguns meses; vamos lá, você prometeu ficar.

Sandokan o encarou com olhos que soltavam farpas. Para ele, ficar naquela casa, perto da juvenzinha que o fascinara, era a própria vida, era tudo. Não pedia mais do que isso naquele momento.

Que importava se os piratas de Mompracem estivessem chorando a sua morte, quando poderia ver, por muitos dias mais, aquela divina menina? Que importava se o fiel Yanez talvez o estivesse procurando ansiosamente pelas praias da ilha, arriscando a própria existência, quando Marianna começava a amá-lo? E que importava se nunca mais escutasse o troar das artilharias esfumaçadas, quando ainda podia ouvir a voz deliciosa da mulher amada, ou sentir aquelas terríveis emoções de uma batalha, quando ela o levava a experimentar emoções muito mais sublimes? E que importava, enfim, se estava correndo perigo de ser descoberto, talvez preso, talvez morto, quando podia ainda respirar o mesmo ar que alimentava a sua Marianna, vivendo no meio dos grandes bosques em que ela vivia?

Esqueceria tudo para continuar assim por cem anos, a sua Mompracem, seus filhotes, seus navios e até mesmo sua vingança sanguinária.

— Está bem, milorde, vou ficar até quando o senhor quiser — disse ele impetuosamente. — Aceito a hospitalidade que o senhor me oferece com tanta cordialidade e se, por acaso, um dia, não formos mais amigos, mas sim inimigos ferrenhos com armas em punho, saberei então me lembrar do reconhecimento que devo ao senhor. Não esqueça estas palavras, milorde.

O inglês olhou para ele estupefato.

— Mas por que está falando assim? — perguntou.

— Talvez um dia o senhor fique sabendo — respondeu Sandokan, com voz grave.

— Por enquanto não vou perguntar quais são os seus segredos — disse o Lorde, sorrindo. — Vou esperar esse dia.

Puxou o relógio e conferiu a hora.

— Preciso ir depressa, se quiser avisar a tempo os meus amigos sobre a caça de amanhã. Adeus, meu caro príncipe — disse.

Estava prestes a sair, mas parou e disse:

— Se quiser descer para o parque, com certeza vai encontrar a minha sobrinha, que poderá fazer companhia a você.

— Obrigado, milorde.

Era exatamente isso que Sandokan desejava, poder ficar, mesmo que por poucos instantes, a sós com a jovem, talvez para declarar a gigantesca paixão que devorava seu coração.

Assim que o Lorde saiu, ele se aproximou rapidamente da janela que dava para o parque imenso.

Lá, à sombra de uma magnólia da China coberta de flores muito perfumadas, sentada no tronco caído de uma areca, encontrava-se a jovem Lady. Estava sozinha e parecia pensativa, com a mandola sobre os joelhos.

Para Sandokan a cena merecia ser comparada a uma visão celestial. Todo o sangue afluiu para o seu rosto e o coração

começou a bater com uma força indescritível.

Ficou ali, com os olhos ardentes fixos na mocinha, retendo até mesmo a respiração, como se tivesse medo de perturbá-la.

Mas voltou para trás de um salto, lançando um grito sufocado que parecia um rugido distante. O rosto se alterou espantosamente e assumiu uma expressão feroz.

O Tigre da Malásia, até então fascinado e enfeitiçado, inesperadamente voltava a se manifestar agora que estava curado. Reaparecia o homem feroz, impiedoso, sanguinário, dono de um coração inacessível a todas as paixões.

— O que é que estou fazendo? — exclamou, com voz rouca, passando a mão na testa ardente. — Mas e se for mesmo verdade que amo aquela jovem? Foi um sonho ou uma loucura inexplicável? Que eu não seja mais o pirata de Mompracem se me sentir atraído irresistivelmente por aquela moça, filha de uma raça que jurei odiar sempre!

Eu, amar!... Eu que nunca senti outra coisa que não ímpetos de ódio e que trago o nome de uma fera sanguinária!... Será que eu poderia esquecer a minha selvagem Mompracem, os meus filhotes fiéis, o meu Yanez, que estão me esperando sabe-se lá com que ansiedade? Será que eu poderia esquecer que os compatriotas daquela juvenzinha mal podem esperar pelo momento mais favorável para acabar comigo?

Chega desta visão que me perseguiu durante tantas noites, basta desses tremores indignos do Tigre da Malásia! Vamos apagar este vulcão que arde em meu coração e que surja, em vez disso, mil abismos entre mim e aquela sereia encantadora!...

Vamos Tigre, solte o seu rugido. Esqueça o reconhecimento que você deve a essas pessoas que o curaram, vá embora, fuja para longe deste lugar e volte para aquele mar que, sem querer, atirou você nestas praias, volte a ser o temido pirata da assustadora Mompracem!

Falando assim Sandokan se erguera em frente à janela, com os punhos fechados e os dentes cerrados, tremendo inteiro de cólera.

Parecia que se tornara um gigante e que estava ouvindo a distância os urros dos seus filhotes e o ribombar da artilharia que o chamava para o combate.

No entanto, continuou ali, como se estivesse pregado em frente à janela, seguro por uma força superior à sua fúria, com os olhos ardentes de novo fixos na jovem Lady.

— Marianna! — exclamou subitamente. — Marianna!

Ao pronunciar aquele nome adorado, o extravasamento de ira e de ódio se desvaneceu como a neve caindo no chão. O Tigre voltava a ser homem e, além de tudo, apaixonado!...

As suas mãos correram involuntariamente para o gancho e abriram a janela com um gesto rápido.

Um bafo de ar quente, carregado com o perfume de mil flores, entrou no quarto.

Ao respirar aquele bálsamo perfumado o pirata se sentiu inebriado e percebeu que a mesma paixão que há pouco tempo tentara sufocar reacendia em seu coração mais forte do que nunca.

Debruçou no peitoril e admirou em silêncio, trêmulo, delirante, a bela Lady. Uma febre intensa o devorava, o fogo deslizava em suas veias, se derramando no coração, nuvens vermelhas corriam diante dos olhos, mas, mesmo entre elas, via sempre aquela que o enfeitiçara.

Quanto tempo ficou ali? Muito, sem dúvida, pois ao se levantar, a jovem Lady não se encontrava mais no parque, o sol tinha se posto, as trevas haviam descido e milhares de estrelas cintilavam no céu.

Começou a passear pelo quarto, com as mãos cruzadas no peito e a cabeça inclinada, absorto em pensamentos sinistros.

— Veja! — exclamou, retornando à janela e expondo a fronte ardente ao ar fresco da noite. — Aqui está a felicidade, uma vida diferente, uma loucura nova, doce, tranqüila; e lá, Mompracem, com uma vida tempestuosa, furacões de metais, o trovejar das artilharias, a carnificina sanguinária, os meus rápidos *prahos*, os meus filhotes, o meu bom Yanez!... Qual dessas duas vidas devo escolher?

E também, todo o meu sangue arde quando penso nessa jovem que fez o meu coração bater antes mesmo que eu a visse, e sinto cobre derretido correndo nas veias nesses momentos! Parece que ela tem preferência até sobre os meus filhotes e a minha vingança! E sinto vergonha de mim quando lembro que ela é filha daquela raça que odeio com tanta força! Será que conseguiria esquecê-la?

Ah! Você está sangrando, meu pobre coração, você não quer que isso aconteça?

Até agora eu era o terror destes mares, sem nunca ter conhecido o afeto, antes eu só tinha experimentado a embriaguez das batalhas e do sangue... mas sinto que daqui para frente não vou conseguir gostar de nada se estiver longe dela!...

Calou-se e começou a escutar o sussurro das folhas e a prestar atenção ao sibilo do seu sangue.

— E se entre mim e aquela mulher divina se interpusessem a floresta, depois o mar, depois o ódio?... — recomeçou ele. — Ódio! E será que eu consigo odiar essa moça? Preciso fugir, voltar à minha Mompracem, para junto dos meus filhotes!... Se ficar aqui, a febre vai acabar devorando toda a minha energia, sei que a minha força vai acabar para sempre, que não serei mais o Tigre da Malásia... Vamos lá, é hora de ir embora!

Olhou para baixo: apenas três metros o separavam do solo. Prestou atenção, mas não ouviu ruído nenhum.

Pulou por cima do peitoril, caiu com agilidade entre os canteiros e se dirigiu para a árvore sob a qual Marianna estava sentada pouco tempo atrás.

— Era aqui que ela estava descansando — murmurou ele com voz triste. — Mas como você é linda, Marianna!... E nós nunca mais vamos nos rever!... E não vou mais ouvir a sua voz, não... não!...

Curvou-se sob a árvore e pegou uma flor, uma rosa silvestre que a jovem Lady deixara cair. Admirou-a por muito tempo, cheirou-a diversas vezes e apaixonadamente escondeu-a no peito. Depois disso se dirigiu rapidamente para a muralha do parque, murmurando:

— Vamos, Sandokan; acabou!...

Estava perto da paliçada e prestes a saltá-la quando se virou depressa, com as mãos nos cabelos, o olhar turvo, e emitiu uma espécie de soluço.

— Não!... Não!... — exclamou ele desesperado. — Não posso, não posso!... Mompracem que se afunde, meus filhotes que se matem, a minha força que se vá, eu fico!...

Começou a correr pelo parque, como se tivesse medo de se encontrar de novo sob a paliçada da muralha, e só parou quando chegou embaixo da janela do seu quarto.

Hesitou mais uma vez e, com um salto, se agarrou ao ramo de uma árvore e alcançou o peitoril.

Quando se viu novamente naquela casa que deixara com a firme decisão de nunca mais voltar, um segundo soluço subiu do fundo da garganta.

— É isto... — exclamou ele. — O Tigre da Malásia está acabado!...

QUANDO, ÀS PRIMEIRAS HORAS DO DIA, o Lorde veio bater na porta, Sandokan ainda não pregara os olhos. Lembrando-se do programa da caça, num instante saiu da cama, colocou o fiel *kriss* entre as pregas da faixa e abriu a porta, dizendo:

— Cá estou, milorde.

— Ótimo — disse o inglês. — Não achei que fosse encontrar você pronto, caro príncipe. Como está passando?

— Estou tão forte que poderia derrubar uma árvore.

— Então vamos depressa. Seis bravos cavaleiros estão nos esperando no parque, impacientes para encontrar o tigre que os meus batedores encurralaram num bosque.

— Estou pronto para acompanhá-lo; Lady Marianna vem conosco?

— Com certeza, acho que já está nos esperando.

Sandokan sufocou a muito custo um grito de alegria.

— Vamos, milorde — disse — mal posso esperar para encontrar o tigre.

Saíram e entraram em um pequeno salão, cujas paredes estavam cobertas de toda espécie de armas. Foi lá que Sandokan encontrou a jovem Lady, mais bonita do que nunca, fresca como uma rosa, fantástica em sua roupa azul que realçava vivamente os cabelos louros.

Ao vê-la, Sandokan se deteve fascinado, foi depressa ao seu encontro, pegou sua mão e disse:

— Você também vai caçar?

— Vou, príncipe; disseram-me que os seus compatriotas são muitíssimo valentes nesse tipo de caça e quero assistir.

— Vou matar o tigre com o meu *kriss* e dar a pele de presente para você.

— Não!... Não!... — exclamou ela assustada. — Poderia acontecer uma nova desgraça com você.

— Por você, milady, eu poderia ser feito em pedaços, mas não tenha medo, o tigre de Labuan não me assusta.

Enquanto isso, o Lorde se aproximou e estendeu uma bela carabina a Sandokan.

— Tome, príncipe — disse. — Uma bala às vezes vale mais do que o *kriss* mais afiado. Agora vamos que meus amigos estão esperando.

Desceram para o parque, onde estavam cinco caçadores; quatro eram colonos da região, o quinto, por sua vez, era um elegante oficial da marinha.

Assim que o viu, Sandokan, sem saber direito por que, sentiu imediatamente uma violenta antipatia pelo rapaz, mas reprimiu o sentimento e estendeu a mão a todos.

Nesse momento, o oficial olhou fixamente para ele durante muito tempo, de uma maneira estranha, e depois, se aproveitando de um momento em que ninguém prestava atenção, chegou mais perto do Lorde, que estava examinando o arreio de um cavalo, e disse à queima-roupa:

— Capitão, acho que já vi aquele príncipe malásio antes.

— Onde? — perguntou o Lorde.

— Não me lembro bem, mas tenho certeza.

— Bah! Você está imaginando coisas, meu amigo.

— Vamos ver, milorde.

— Que seja. Montem, amigos, que está tudo pronto!... Tomem cuidado porque o tigre é enorme e tem garras poderosas.

— Vou matá-lo com uma única bala para oferecer a pele à Lady Marianna —, disse o oficial.

— Espero matá-lo primeiro, senhor — disse Sandokan.

— Isso veremos, amigos — disse o Lorde. — Vamos lá, montem!

Os caçadores montaram os cavalos que haviam sido conduzidos até ali por algum serviçal, enquanto Lady Marianna saltava para um belíssimo pônei com pêlos brancos como a neve.

A um sinal do Lorde, todos saíram do parque, precedidos por diversos batedores e por duas dúzias de cães enormes.

Assim que saiu, o grupo de dividiu para explorar um grande bosque que se prolongava até o mar.

Sandokan, que montava um animal fogoso, se embrenhou por um caminho estreito, tomando a dianteira com audácia para ser o primeiro a descobrir a fera; os outros foram em direções diferentes e por outros caminhos.

— Voe, voe! — exclamou o pirata, incitando furiosamente o nobre animal que seguia o latido de alguns cachorros. — Preciso mostrar àquele oficial irritante do que sou capaz. Não, não vai ser ele que dará a pele de tigre à Lady, nem que eu perca o braço ou acabe despedaçado.

Naquele instante, um toque de trombeta ressoou no meio do bosque.

— Encontraram o tigre — murmurou Sandokan. — Voe, cavalo, voe!...

Atravessou como um raio uma extremidade de floresta coberta de *durion*, de palmeiras, arecas e árvores de cânfora colossais, até alcançar seis ou sete batedores que fugiam.

— Do que estão correndo? — perguntou.

— Do tigre! — exclamaram os fugitivos.

— Onde ele está?

— Perto do pântano.

O pirata desceu da sela, amarrou o cavalo ao tronco de uma árvore, pôs o *kriss* entre os dentes e, agarrando a carabina, correu para o pântano indicado.

Sentia-se no ar um forte cheiro selvagem, um cheiro particular dos felinos, que permanece por algum tempo depois que eles passam.

Olhou para os ramos das árvores, aos quais o tigre poderia ter subido, e seguiu com precaução a margem do pântano, cuja superfície estava se movimentando.

— A fera passou por aqui — disse. — O espertalhão passou pelo pântano para despistar os cães, mas Sandokan é um tigre mais esperto.

Voltou para onde estava o cavalo e pulou para a sela. Estava prestes a partir quando ouviu a uma pequena distância um disparo seguido de uma exclamação, cuja entonação lhe causou um sobressalto.

Dirigiu-se rapidamente para o local onde fora disparada a bala e, no meio de uma pequena clareira, avistou a jovem Lady em seu pônei branco, com a carabina ainda fumegante nas mãos.

Num piscar de olhos estava ao lado dela, com um grito de alegria.

— Você... aqui... sozinha!... — exclamou.

— E você, príncipe, como veio parar aqui? — perguntou ela, enrubescendo.

— Estava seguindo a pista do tigre.

— Eu também.

— Mas você atirou no quê?

— Na fera, mas ela fugiu sem um arranhão.

— Bom Deus!... Por que arriscou a sua vida contra um animal desses?

— Para evitar que você cometesse a imprudência de apunhalá-lo com o seu *kriss*.

— Fez muito mal, milady. Mas a fera ainda está viva e o meu *kriss* está pronto para arrancar o coração dela.

— Não faça isso! Você é corajoso, eu sei, posso ler nos seus olhos, você é forte e ágil como um tigre, mas uma luta corpo a corpo com esse animal poderia ser fatal para você.

— Não importa! Eu até gostaria que ele me ferisse profundamente se, com isso, eu pudesse vê-la por um ano inteiro.

— E por que isso? — perguntou a jovem, surpresa.

— Milady — disse o pirata, se aproximando cada vez mais. — Mas você ainda não percebeu que o meu coração dispara quando penso que virá o dia no qual terei que deixá-la para sempre, sem a esperança de um dia a rever? Se o tigre me fizer em pedaços, pelo menos ficaria em sua casa, provaria mais uma vez aquelas doces emoções que senti quando, vencido e ferido, jazia num leito de dor. Ficaria feliz, muito feliz, se outras feridas cruéis me obrigassem a permanecer perto de você, a respirar o mesmo ar que você, a ouvir a sua voz deliciosa, a me inebriar, ainda, com o seu olhar, com os seus sorrisos.

Milady, fui enfeitiçado, sinto que longe de você não saberei viver, não terei paz, serei um infeliz. Mas o que foi que fez comigo? O que fez com o meu coração, que antigamente era inacessível a todas as paixões? Veja, só em ver você tremo todo e sinto o sangue queimando nas veias.

Marianna, diante daquela confissão apaixonada e inesperada, ficou muda, de espanto, mas não retirou a mão que o pirata pegara entre as suas e apertava com frenesi.

— Não fique brava, milady — recomeçou o Tigre com uma voz que soava como uma música deliciosa no coração da órfã. — Não fique brava por eu confessar o meu amor, por dizer que eu, mesmo sendo filho de uma raça de cor, adoro-a como a uma deusa e que, um dia, você também vai me amar. Queria que soubesse que, desde o primeiro instante em que a vi, nunca mais voltei a ser o mesmo de antes, a minha cabeça está confusa e você está sempre aqui, fixa no meu pensamento, dia e noite.

Escute, milady, é tão forte o amor que me arde no peito que lutaria por você contra todos os homens, contra o destino,

contra Deus! Quer ser minha? Vou fazer de você uma rainha desses mares, a rainha da Malásia! A uma palavra sua, trezentos homens mais ferozes que um tigre, que não têm medo do chumbo e nem do aço, surgirão e invadirão os estados de Bornéu para lhe dar um trono. Diga tudo o que sua ambição pode querer e terá. Tenho ouro suficiente para comprar dez cidades, tenho navios, soldados, canhões e sou poderoso, mais poderoso do que você pode imaginar.

— Meu Deus, mas quem é você? — perguntou a juvenzinha, aturdida por aquele turbilhão de promessas e fascinada com aqueles olhos que pareciam soltar chamas.

— Quem sou eu! — exclamou o pirata, enquanto sua fronte se obscurecia. — Quem sou eu!...

Ele se aproximou ainda mais da jovem Lady e, olhando fixamente para ela, disse com voz surda:

— Existem trevas ao meu redor que é melhor não tirar ainda. Quero que saiba que dentro dessas trevas existem coisas terríveis e assustadoras, e também que o meu nome aterroriza toda a população não só destes mares, mas que faz o sultão de Bornéu tremer, como também os ingleses desta ilha.

— E você diz que me ama, você, tão poderoso — murmurou a juvenzinha com voz sufocada.

— Tanto que por você eu faria qualquer coisa; eu a amo com aquele amor que nos leva a cometer milagres e delitos ao mesmo tempo.

Ponha-me à prova: fale e eu a obedecerei como um escravo, sem um lamento, sem um suspiro.

Quer que eu me torne um rei para lhe dar um trono? Eu me torno. Quer que eu, que a amo com loucura, volte para aquela terra da qual parti, eu volto, embora isso fosse martirizar meu coração para sempre; quer que eu morra diante de você, eu morro.

Fale, eu estou enlouquecendo, o meu sangue me queima, fale, milady, fale!...

— E então... me ama — murmurou ela, que se sentia subjugada por tanto amor.

O pirata deu um grito, mas era um grito daqueles que raramente saem de uma garganta humana. Quase ao mesmo tempo ecoaram dois ou três tiros de fuzis.

— O tigre — exclamou Marianna.

— Ele é meu! — gritou Sandokan.

Esporeou o ventre do cavalo e partiu como um raio, com os olhos faiscantes de audácia e o *kriss* em punho, seguido pela juvenzinha que se sentia atraída para aquele homem, capaz de arriscar a própria existência com tamanha audácia só para cumprir uma promessa.

Trezentos passos adiante estavam os caçadores. Diante deles, a pé, avançava o oficial da marinha, com o fuzil apontado para um grupo de árvores.

Sandokan se jogou da sela, gritando:

— O tigre é meu!

Parecia ser outro tigre; dava saltos enormes e rugia como uma fera.

— Príncipe! — gritou Marianna, que também descera do cavalo.

Sandokan não ouvia ninguém naquele momento e continuava a avançar correndo.

O oficial da marinha, que estava dez passos à sua frente, ao ver que ele estava chegando, apontou decididamente o fuzil e atirou no tigre, que se encontrava ao pé de uma grande árvore, com as pupilas contraídas, as poderosas garras à mostra, pronto para saltar.

A fumaça nem bem tinha se dissipado quando o tigre foi visto, atravessando o espaço e derrubando o imprudente e desastrado oficial com um ímpeto irreprimível.

Estava prestes a retomar o salto, agora para cima dos caçadores, mas Sandokan estava ali. Empunhando firmemente o *kriss*, ele se precipitou contra o animal e, antes que este, surpreendido por tamanha ousadia, pudesse reagir, derrubou-o no chão, apertando-lhe o pescoço com tanta força, que chegava a sufocar os rugidos.

— Olhe para mim! — disse. — Eu também sou um tigre.

A seguir, rápido como o pensamento, enfiou a lâmina serpenteante do *kriss* no coração da fera, que caiu como que fulminada.

Urras estrondosos acolheram aquela proeza. O pirata saiu ileso da luta, lançou um olhar de desprezo para o oficial que estava se levantando e depois se virou para a jovem Lady, que emudecera por causa do terror e da angústia, e disse, com um gesto majestoso:

— Milady, a pele do tigre é sua.

A REFEIÇÃO QUE LORDE JAMES OFERECEU aos convidados foi uma das mais fantásticas e alegres de todas que já haviam sido dadas na vila até então.

A cozinha inglesa, representada por enormes *breakfasts* e por colossais *puddings*, e a cozinha malaia, por espetinhos de tucano, ostras gigantescas vindas de Cingapura, broto de bambu, cujo sabor lembrava o dos aspargos europeus, e uma montanha de frutas exóticas, foram provadas e elogiadas por todos.

Nem é preciso dizer que tudo isso foi regado por inúmeras garrafas de vinho, gim e uísque, as quais serviram também para que se fizessem repetidos brindes em honra a Sandokan e à gentil e intrépida Pérola de Labuan.

Na hora do chá, a conversa ficou animadíssima, todos discorrendo sobre tigres, caçadas, piratas, navios ingleses e malaaios. A única pessoa que se mantinha silenciosa era o oficial da marinha, que parecia ocupado unicamente em estudar Sandokan, pois, de fato, não o perdia de vista um só instante e nem deixava escapar uma única palavra ou um só de seus gestos.

Em determinado momento, contudo, interrompeu Sandokan, que estava falando sobre pirataria, e perguntou bruscamente:

— Desculpe, príncipe, faz muito tempo que chegou a Labuan?

— Estou aqui há vinte dias, senhor — respondeu o Tigre.

— Mas por que motivo o seu navio não foi visto aqui em Vitória?

— Porque os piratas tomaram os dois *prahos* em que nos encontrávamos.

— Os piratas! O senhor foi atacado por piratas? Mas onde?

— Perto das Romades.

— Quando?

— Poucas horas antes da minha chegada a estas costas.

— Com certeza o senhor está enganado, príncipe, já que exatamente naquele momento o nosso cruzador estava navegando naquela região e nenhum barulho de tiros de canhão chegou até nós.

— Talvez o vento estivesse vindo do leste — respondeu Sandokan, que começava a ficar em guarda, sem saber aonde queria chegar o oficial.

— Mas como chegou até aqui?

— A nado.

— E não viu um combate entre dois navios piratas que, pelo que dizem, eram chefiados pelo Tigre da Malásia, e um cruzador?

— Não!

— Estranho.

— Senhor, está duvidando da minha palavra? — perguntou Sandokan, ficando em pé de um salto.

— Deus me livre, príncipe — respondeu o oficial, com alguma ironia.

— Oh! oh! — exclamou o Lorde, intervindo. — Baronete William, por favor, não comece uma briga em minha casa.

— Minhas desculpas, milorde, não tive a intenção — respondeu o oficial.

— Então não se fala mais no assunto e, em vez disso, vamos tomar mais uma dose desse delicioso uísque, que deverá ser a última, pois a noite está quieta e as florestas desta ilha não são nada seguras depois que escurece.

Os convidados beberam mais uma vez das garrafas do generoso Lorde e, em seguida, se levantaram e desceram para o parque, acompanhados de Sandokan e da jovem Lady.

— Senhores — disse Lorde James. — Espero poder convidá-los de novo em breve.

— Fique certo de que não vamos faltar — disseram em coro os caçadores.

— E esperamos que não falte a oportunidade para você testar a sua boa sorte, Baronete William — disse, olhando para o oficial.

— Vou atirar melhor da próxima vez — respondeu ele, lançando um olhar irado para Sandokan. — Permite que lhe diga uma coisa, milorde?

— Até duas, meu caro.

O oficial murmurou algumas palavras ao ouvido do Lorde que ninguém conseguiu escutar.

— Está bem — respondeu este. — E agora, boa noite amigos, e que Deus os guarde de encontros desagradáveis.

Os caçadores montaram os animais e saíram do parque a galope.

Sandokan, depois de se despedir do Lorde, que, de repente, parecia prestes a ficar num tremendo mau humor, e de apertar apaixonadamente a mão de Marianna, se retirou para o seu quarto.

Em vez de se deitar, começou a caminhar, bastante agitado. Seu rosto refletia uma vaga inquietação e suas mãos atormentavam a empunhadura do *kriss*.

Pensava, sem dúvida, naquela espécie de interrogatório que o oficial de marinha fizera e que poderia esconder uma cilada habilmente disfarçada. Quem era aquele oficial? Que motivos o levaram a interrogá-lo daquele jeito? Será que haviam se encontrado na ponte do vapor naquela noite sangrenta? Fora reconhecido ou o oficial tinha uma mera suspeita?

Seria possível que, naquele exato momento, estivesse tramando alguma coisa contra o pirata?

— Bah! — disse finalmente Sandokan, erguendo os ombros. — Se estiver preparando alguma traição, vou saber como impedir, já que, pelo visto, ainda sou o único homem que jamais teve medo destes ingleses. Vamos lá, agora um bom descanso e amanhã veremos o que deve ser feito.

Jogou-se na cama sem tirar a roupa, pôs ao seu lado o *kriss* e adormeceu tranquilamente com o doce nome de Marianna nos lábios.

Acordou perto do meio-dia, quando o sol já entrava pela janela que ficara aberta.

Chamou um empregado e perguntou onde estava o Lorde. Foi informado que ele saíra a cavalo antes do nascer do sol e se dirigira para Vitória.

Aquela novidade, certamente inesperada, o deixou pasmo.

— Saiu! — murmurou. — Saiu sem ter dito nada ontem à noite. Qual o motivo? Será que está tramando alguma coisa contra mim? Será que esta noite vai deixar de ser meu amigo para se tornar um inimigo feroz? O que vou fazer com esse homem que cuidou de mim como um pai, que é tio da mulher que amo? Preciso ver Marianna e saber o que está acontecendo.

Desceu para o parque com a esperança de encontrá-la, mas não viu ninguém. Sem pensar, se dirigiu para a árvore caída, na qual ela estivera sentada sozinha e se deteve ali, dando um suspiro profundo.

— Ah! Como você estava linda, Marianna, naquela noite que eu pensei em fugir — murmurou, passando a mão na fronte ardente. — Que bobo, eu estava pensando em me afastar para sempre de você, criatura adorável, enquanto você também me amava!

Que destino estranho! Quem diria que um dia eu iria amar uma mulher! E como eu a amo agora! Sinto fogo nas veias, fogo no meu coração, fogo no meu cérebro e fogo nos ossos, que só fazem aumentar à medida que essa paixão se agiganta. Sinto que, por aquela mulher, eu me tornaria um inglês, que, por ela, me venderia como escravo, abandonaria para sempre a vida tempestuosa de aventureiro, amaldiçoaria os meus filhotes e os mares que domino e considero como sangue correndo nas minhas veias. — Inclinou a cabeça sobre o peito e mergulhou em pensamentos profundos, mas, de repente, levantou-a, com os dentes cerrados e os olhos flamejantes.

— E se ela recusasse o pirata! — exclamou com voz sibilante. — Oh, não é possível, não é possível! Nem que eu tenha que derrotar o sultanato de Bornéu para lhe dar um trono, ou tenha que pôr fogo em toda Labuan, ela vai ser minha, minha!...

O pirata começou a caminhar no parque, com o rosto crispado, tomado por uma agitação violentíssima que o fazia tremer dos pés à cabeça. Uma voz bem conhecida, que sabia como encontrar o caminho para o seu coração mesmo através das tempestades, o chamou a si.

Lady Marianna aparecera em uma curva do caminho, acompanhada de dois indígenas armados até os dentes, e o chamara.

— Milady! — exclamou Sandokan, correndo ao encontro dela.

— Meu pobre amigo, estava procurando você — disse ela, enrubescendo. A seguir, pôs um dedo nos lábios, como que para pedir silêncio e, pegando-o pela mão, conduziu-o a um pequeno quiosque chinês, quase completamente escondido em um bosque de arecas.

Os dois indígenas se detiveram a uma breve distância, com as carabinas armadas.

— Escute — disse a jovem, que parecia aterrorizada. — Ontem à noite, ouvi você... deixando escapar de seus lábios algumas palavras que alarmaram meu tio... Meu amigo, me veio uma suspeita que você precisa arrancar do meu coração. Diga, meu pobre amigo, se a mulher à qual você jurou amor pedisse uma confissão, você faria?

O pirata que, enquanto Marianna falava, se aproximara, quando ouviu aquela palavra se retraiu bruscamente. Suas feições se alteraram e parecia estar cambaleando como se tivesse levado um golpe.

— Milady — disse após alguns instantes de silêncio, pegando as mãos da jovem. — Milady, por você tudo seria possível, eu faria qualquer coisa: fale! Se eu tiver que fazer uma revelação, por mais dolorosa que seja para nós dois, juro que farei.

Marianna levantou os olhos para ele. Seus olhares, o dela, suplicante e banhado em lágrimas, e o dele, fulgurante, se encontraram e se fixaram por muito tempo.

Aquelas duas criaturas estavam tomadas de uma ansiedade que chegava a machucar.

— Não me engane, príncipe — disse Marianna, com voz sufocada. — Quem quer que você seja, o amor que despertou em meu coração nunca vai se apagar. Rei ou bandido, eu o amarei da mesma forma.

Um profundo suspiro saiu dos lábios do pirata.

— É o meu nome, então, o meu nome verdadeiro que você quer saber, criatura sublime? — exclamou.

— É isso mesmo, o seu nome, o seu nome!

Sandokan passou várias vezes a mão na testa banhada de suor, enquanto as veias do pescoço inchavam incrivelmente, como se estivesse fazendo um esforço sobre-humano.

— Você vai me odiar, Marianna — disse ele, com uma entonação selvagem. — Existe um homem que impera nestes mares que banham as costas destas ilhas malaias, um homem que é o flagelo dos navegantes, que faz tremer as populações e cujo nome soa como um repicar fúnebre de sinos. Já ouviu falar de Sandokan, apelidado de o Tigre da Malásia? Olhe para mim. Eu sou o Tigre!...

Involuntariamente, a jovem deixou escapar um grito de horror e cobriu o rosto com as mãos.

— Marianna! — exclamou o pirata, caindo aos seus pés, com os braços esticados para ela. — Não me rejeite assim, não se assuste tanto! Foi a fatalidade que fez com que eu me tornasse um pirata, como foi a fatalidade que me impôs esse apelido sangrento. Os homens da sua raça foram implacáveis comigo, que nunca lhes tinha feito nenhum mal; foram eles que, dos degraus de um trono, me jogaram na lama, me roubaram o reino, assassinaram minha mãe, irmãos e irmãs menores e me empurraram para os mares. Não sou pirata por ambição, sou um justiceiro, um vingador da minha família e do meu povo, nada mais. Agora, se acredita em mim e quiser me repelir, faça-o e eu vou embora para sempre deste lugar, para não amedrontá-la mais.

— Não, Sandokan, eu não o rejeito porque o amo demais, porque você é valente, poderoso, terrível como os furacões que agitam os oceanos.

— Ah! então você ainda me ama? Diga com os seus lábios, diga mais uma vez.

— Eu o amo, Sandokan, e hoje ainda mais que ontem.

O pirata puxou-a para si e apertou-a junto ao peito. Uma alegria infinita iluminava seu rosto viril e um sorriso de enorme felicidade pairava nos seus lábios.

— Minha! Você é minha! — exclamou ele, delirante, fora de si. — Agora fale, minha adorada, diga o que posso fazer por você, pois para mim tudo é possível.

Se quiser, vou derrubar um sultão para lhe dar um reino, se quiser ser imensamente rica, vou saquear os templos da Índia e da Birmânia para cobri-la de diamantes e de ouro; se quiser, me torno inglês; se quiser que eu renuncie para sempre à minha vingança e que o pirata desapareça, vou dispersar os meus filhotes, imobilizar os meus canhões onde eles não possam mais rugir e destruir o meu covil.

Fale, diga o que quer; peça o impossível e eu faço. Por você me sinto capaz de erguer o mundo e jogá-lo através do espaço.

A juvenzinha se inclinou para ele sorrindo, enlaçando com as mãozinhas delicadas o pescoço robusto:

— Não, meu bravo homem — disse —, só o que peço é a felicidade de estar ao seu lado. Leve-me para longe, para uma ilha qualquer, onde possamos nos casar sem perigos, sem apreensões.

— Claro que sim; se quiser, eu a levo para uma ilha distante, coberta de flores e de bosques, onde você nunca mais vai ouvir falar da sua Labuan, nem eu, da minha Mompracem, uma ilha encantada do grande Oceano, onde poderemos viver felizes como dois pombinhos apaixonados; o terrível pirata que deixou atrás de si um rastro de sangue e a gentil Pérola de Labuan. Você vem comigo, Marianna?

— Vou, Sandokan, vou sim. Agora me escute, há um perigo nos ameaçando, talvez esteja sendo preparada uma traição contra você neste momento.

— Sei disso! — exclamou Sandokan. — Percebo essa traição, mas não a temo.

— Você precisa me obedecer, Sandokan.

— O que devo fazer?

— Deve ir embora agora mesmo.

— Ir embora!... Ir embora!... Mas não estou com medo!

— Sandokan, fuja enquanto há tempo. Estou com um pressentimento horrível. Tenho medo de que aconteça uma calamidade. Meu tio não viajou a lazer; deve ter sido chamado pelo Baronete William Rosenthal, que talvez o tenha reconhecido. Ah!, Sandokan. Vá embora, volte agora à sua ilha e fique a salvo antes que a tempestade caia sobre a sua cabeça.

Em vez de obedecer, Sandokan agarrou a juvenzinha e a ergueu nos braços. Seu rosto, há pouco tão comovido, tinha outra expressão agora: seus olhos brilhavam, as têmporas batiam furiosamente e seus lábios estavam entreabertos, mostrando os dentes.

Um instante depois, a deixou e correu como uma fera pelo parque, atravessando riachos, fossas e a muralha, como se estivesse com medo ou quisesse fugir de alguma coisa.

Só parou quando chegou à praia, onde perambulou por muito tempo sem saber aonde ir, nem o que fazer. Quando decidiu voltar, a noite já tinha caído e a lua estava brilhando.

Assim que entrou na vila, perguntou se o Lorde chegara, mas foi informado de que ainda não.

Encaminhou-se para a sala de visitas e encontrou Lady Marianna ajoelhada diante de uma imagem e com o rosto inundado de lágrimas.

— Minha adorada Marianna! — exclamou ele, erguendo-a. — Você chora por minha causa? É por eu ser o Tigre da Malásia, o homem execrado por seus compatriotas?

— Não, Sandokan. Mas estou com medo, uma desgraça está prestes a acontecer, fuja, fuja daqui.

— Não tenho medo nenhum, o Tigre da Malásia nunca tremeu diante...

Parou de repente, estremecendo apesar de tudo. Um cavalo acabara de entrar no parque, parando diante do palacete.

— É o meu tio!...Fuja Sandokan! — exclamou a juvenzinha.

— Eu!... Eu!...

Naquele exato momento Lorde James entrava na sala. Não era mais o mesmo homem da véspera: tinha uma expressão grave, carrancuda, feroz, e usava a divisa de capitão da marinha.

Com um gesto desdenhoso repeliu a mão que o pirata lhe estendia com ousadia e disse friamente:

— Se eu fosse um homem da sua espécie, em vez de pedir hospitalidade a um inimigo acirrado, teria preferido ser morto pelos tigres da floresta. Afaste de mim essa mão que pertence a um pirata, a um assassino!

— Senhor! — exclamou Sandokan, que já compreendera ter sido descoberto e se preparava para vender caro a própria vida. — Não sou um pirata, sou um justiceiro!

— Nem mais uma palavra em minha casa, saia!

— Está bem — respondeu Sandokan e lançou um demorado olhar para a mulher amada, que caíra sobre o tapete quase sem sentidos. Fez menção de correr, mas afinal se deteve e, a passos lentos, com a mão direita na empunhadura do *kriss*, a cabeça erguida, o olhar indomável, saiu da sala e desceu os degraus, sufocando com um esforço prodigioso as batidas furiosas do coração e a profunda emoção que o invadia.

Mas quando chegou ao parque, se deteve e puxou o *kriss*, cuja lâmina cintilou sob os raios da lua.

A trezentos passos se estendia uma linha de soldados, com as carabinas apontadas, prontos para atirar contra ele.

EM OUTROS TEMPOS, Sandokan, mesmo desarmado e diante de um inimigo cinquenta vezes mais numeroso, não teria hesitado um só instante em se jogar nas pontas das baionetas para tentar abrir passagem a qualquer custo; mas agora que estava amando, agora que sabia que também era amado, agora que aquela divina criatura talvez estivesse acompanhando-o com o olhar, não queria cometer semelhante

loucura, capaz de lhe custar a vida e quem sabe quantas lágrimas a ela.

Mesmo assim, precisava abrir caminho para chegar à floresta e, de lá, ao mar, sua única salvação.

— Agora tenho que voltar — disse. — Depois, veremos.

Subiu novamente a escada, sem ser seguido pelos soldados, e entrou na sala, com o *kriss* em punho.

O Lorde ainda estava lá, carrancudo, com os braços cruzados: a jovem Lady, por sua vez, desaparecera.

— Senhor — disse Sandokan, se aproximando. — Se eu o tivesse hospedado em minha casa, se o tivesse chamado de amigo e depois descobrisse que era um inimigo mortal, teria lhe indicado a porta, mas não teria cometido uma traição tão vil. Logo ali, na mesmíssima estrada que preciso percorrer, estão cinquenta, talvez cem homens, prontos para me fuzilar. Peça que se retirem e deixem livre a passagem.

— Então este Tigre invencível está com medo? — perguntou o Lorde, com fria ironia.

— Medo, eu? Na realidade, não, milorde, mas neste caso não se trata de combater e, sim, de assassinar um homem desarmado.

— Isso não me diz respeito. Saia, não desonre mais a minha casa ou, por Deus,...

— Não faça ameaças, milorde, uma vez que o Tigre seria capaz de morder a mão que o curou.

— Saia, estou dizendo.

— Primeiro mande aqueles homens se retirarem.

— Então que seja entre nós, Tigre da Malásia — berrou o Lorde, desembainhando o sabre e fechando a porta.

— Ah! Eu sabia que o senhor ia tentar me assassinar à traição — disse Sandokan. — Vamos lá, milorde, abra o caminho ou vamos ter que lutar.

O Lorde, em vez de obedecer, pegou o chifre que estava pendurado em um prego e soprou uma nota aguda.

— Ah! Traidor — gritou Sandokan, sentindo o sangue ferver nas veias.

— Já estava na hora de cair em nossas mãos, seu miserável — disse o Lorde. — Em poucos minutos os soldados estarão aqui e em vinte e quatro horas você será enforcado.

Sandokan soltou um rugido surdo. Com um salto felino se apossou de uma cadeira pesada e a lançou sobre a mesa que estava no centro da sala.

Era de dar medo; suas feições estavam contraídas ferozmente pelo ódio, seus olhos pareciam emitir chamas e um sorriso selvagem pairava nos lábios.

Naquele instante, se ouviu lá fora um toque de trombeta e, no corredor, uma voz, a de Marianna, gritando desesperadamente:

— Fuja, Sandokan!...

— Sangue!.. Estou vendo sangue! — berrou o pirata.

Ergueu a cadeira e jogou-a com força contra o Lorde que, atingido em pleno peito, tombou pesadamente no chão.

Rápido como um raio, Sandokan foi para cima dele, com o *kriss* erguido.

— Mate-me, seu assassino — falou o Lorde, quase estrangulado.

— Não se esqueça do que eu disse há alguns dias — falou o pirata. — Vou poupar sua vida, mas preciso deixá-lo sem ação.

Dizendo isso, com uma habilidade extraordinária, girou-o e amarrou solidamente os braços e as pernas do Lorde com a própria faixa.

Em seguida, pegou o sabre e saiu para o corredor, gritando:

— Marianna, estou aqui!...

A jovem Lady se precipitou para os braços dele, levou-o para o seu quarto e disse chorando:

— Sandokan, eu vi os soldados. Ah! Meu Deus, você está perdido.

— Ainda não — respondeu o pirata. — Vou conseguir passar por eles, você vai ver.

Pegou-a por um braço e a levou até a janela, onde a contemplou por alguns instantes sob os raios da lua, fora de si.

— Marianna — disse, — jura que será minha esposa.

— Juro pela memória de minha mãe — respondeu a jovem.

— E vai me esperar?

— Vou, prometo.

— Está bem, vou fugir, mas dentro de uma semana ou duas no máximo, volto para buscá-la à frente dos meus valentes filhotes.

— Agora chegou a vez de vocês, malditos cães ingleses! — exclamou, erguendo a alta estatura com audácia. — Eu luto pela Pérola de Labuan.

Com agilidade pulou por cima do parapeito e saltou no meio de um canteiro fechado que o escondia completamente.

Os soldados, que eram em número de sessenta ou setenta, haviam cercado todo o parque e avançavam lentamente para o palacete com os fuzis à mão, prontos para atirar.

Sandokan, que se mantinha como um tigre emboscado, com o sabre na mão direita e o *kriss* na esquerda, mal respirava e não se movia. Estava acororado, pronto para se atirar contra o cerco e para rompê-lo com um ímpeto irreprimível.

O único movimento que fazia era o de erguer a cabeça para a janela, onde sabia que se encontrava sua querida Marianna, sem dúvida esperando, sabe-se lá com que angústia, que ele fosse bem-sucedido na luta final.

Rapidamente os soldados chegaram a poucos passos do canteiro onde ele continuava escondido. Perto dali, se detiveram como se indecisos sobre o que fazer e preocupados com o que poderia acontecer.

— Devagar, rapazes — disse um caporal. — Vamos esperar o sinal antes de seguir adiante.

— Está com medo de que o pirata esteja de emboscada? — perguntou um soldado.

— Não, estou com medo de que tenha massacrado todos os habitantes da casa, pois não se ouve um ruído.

— Será que seria capaz de tanto?

— É um bandido capaz de tudo — respondeu o caporal. — Ah! Como eu ficaria feliz em vê-lo dançar na ponta de uma verga, com um metro de corda no pescoço.

Sandokan, que não perdia uma só palavra, deu um resmungo surdo e fixou o caporal com olhos injetados de sangue.

— Espere mais um pouco — murmurou, arreganhando os dentes. — Você vai ser o primeiro a cair.

Naquele instante, ouviram o Lorde soprando o chifre dentro do palacete.

— Mais um sinal? — murmurou Sandokan.

— À frente! — comandou o caporal. — O pirata está em volta da casa.

Os soldados se aproximaram lentamente, olhando inquietos para todos os lados. Sandokan mediu com os olhos a distância, se ergueu nos joelhos e, com um salto, se arremessou sobre o inimigo.

Rachar a cabeça do caporal e desaparecer no meio dos arbustos vizinhos foi coisa de um momento.

Os soldados, surpresos com tamanha audácia e aterrorizados com a morte do caporal, nem pensaram em atirar imediatamente. Aquela rápida hesitação bastou para que Sandokan chegasse à muralha e desaparecesse do outro lado com um único salto.

Explodiram gritos de fúria imediatamente, acompanhados de muitas descargas de fuzil. Todos eles, oficiais e soldados, correram como um único homem para fora do parque, com a esperança de agarrar o fugitivo, mas já era tarde demais. Sandokan fugira como por milagre daquele cerco bem armado e galopava como um cavalo, se embrenhando nas florestas que circundavam a propriedade de Lorde James.

Livre naquela mata fechada, onde havia lugar de sobra para utilizar a esperteza, se esconder em qualquer canto e opor alguma resistência, não estava mais com medo dos ingleses. Que importava se fosse seguido e procurado por toda parte, se já tinha espaço diante de si e uma voz sussurrava sem parar em seus ouvidos “fuja porque eu o amo”?

— Eles que venham me procurar aqui, no meio da natureza selvagem — dizia ele, sempre correndo. — Vão encontrar o Tigre livre, pronto para tudo, decidido a fazer o que for preciso.

Mesmo que aqueles cruzadores fazedores de fumaça inundem as águas desta ilha; mesmo que mandem todos os soldados procurarem nos bosques; mesmo que peçam ajuda a todos os habitantes de Vitória, vou conseguir passar entre as baionetas e os canhões. Mas volto logo, minha jovem sublime, juro que volto aqui, à frente de meus valentes piratas, não como vencido, mas como vencedor, e vou levar você para longe deste lugar execrado para sempre!

A cada passo que dava, os gritos dos seguidores e os tiros de fuzil ficavam mais fracos, até que, por fim, sumiram completamente.

Parou por um momento perto de uma árvore gigantesca para recuperar o fôlego e escolher o caminho a tomar através daquela profusão de plantas, cada uma maior e mais emaranhada que a outra.

A noite estava clara, graças à lua que brilhava em um céu sem nuvens, espalhando raios azulados, de uma doçura infinita e de uma transparência vaporosa por baixo dos ramos da floresta.

— Vamos ver — disse o pirata, se orientando pelas estrelas. — Atrás de mim estão os ingleses; à frente, indo em direção ao oeste, está o mar. Se eu pegar esta direção, posso cruzar com grupos armados, pois eles vão supor que eu tentaria chegar à costa pelo caminho mais curto. É melhor eu me afastar dessa linha reta, virar em direção ao sul e chegar ao mar a uma distância considerável daqui. Vamos lá, a caminho, com olhos e orelhas atentos.

Reuniu toda a energia e as forças que sobravam, virou de costas para o litoral, que não devia estar muito longe, e se embrenhou de novo na floresta, abrindo caminho entre os arbustos com o maior cuidado, escalando troncos de árvores caídas por causa da idade ou derrubadas por relâmpagos, e trepando pelas plantas, que formavam uma barreira verde tão fechada que chegavam a impedir a passagem até mesmo de um macaco.

Continuou caminhando assim por três horas, parando quando um pássaro assustado com a sua presença voava, soltando um pio estridente, ou quando um animal selvagem fugia berrando, até que se deteve perto de uma torrente de água escura.

Entrou ali, percorreu cerca de cinquenta metros esmagando milhares de vermes aquáticos e, ao chegar perto de um galho forte, o agarrou e se içou para cima de uma árvore frondosa.

— Isso vai bastar para que até os cães perciam a minha pista — disse. — Agora posso descansar, sem medo de ser descoberto.

Estava ali há meia hora quando ouviu por perto um leve ruído, que passaria despercebido a ouvidos menos treinados.

Afastou lentamente as plantas, retendo a respiração, e observou atentamente a sombra fechada do bosque.

Dois homens, curvados quase até o chão, estavam avançando, olhando sempre para os dois lados e para frente. Sandokan reconheceu dois soldados.

— Inimigos! — murmurou. — Estão perdidos ou conseguiram me seguir até aqui?

Os dois soldados, que pareciam estar seguindo as pegadas do pirata, depois de percorrer alguns metros, pararam quase embaixo da árvore que servia de esconderijo para Sandokan.

— Sabe, John — disse um deles, com voz trêmula — eu estou com medo de ficar em uma floresta tão escura assim.

— Eu também, James — respondeu o outro. — O homem que estamos procurando é pior do que um tigre. É bem capaz de cair de surpresa em cima de nós e acabar conosco. Viu como ele matou o nosso companheiro no parque?

— Nunca mais vou esquecer, John. Não parecia um homem e, sim, um gigante, pronto para fazer todos nós em pedacinhos. Você acha que vamos conseguir agarrá-lo?

— Tenho as minhas dúvidas, apesar de o baronete William Rosenthal ter prometido cinquenta libras novinhas pela cabeça dele. Enquanto todos nós o seguíamos em direção ao oeste, para impedir que embarcasse em algum *praho*, talvez ele tenha ido para o norte ou para o sul.

— Mas amanhã ou depois, no mais tardar, um cruzador deve sair para impedir que ele fuja.

— Tem razão, amigo. Mas o que vamos fazer agora?

— Primeiro temos que chegar à costa e, depois, veremos.

— Não vamos esperar o sargento Willis, que está vindo atrás de nós?

— Melhor esperar na costa.

— Tomara que a gente escape do pirata. Vamos lá, agora em marcha de novo.

Os dois soldados deram uma última olhada em redor e voltaram a se arrastar em direção ao oeste, desaparecendo nas sombras da noite.

Sandokan, que não perdera uma única sílaba daquela conversa, esperou cerca de meia hora e então deslizou lentamente para o chão.

— Está bem — disse ele. — Que todos me sigam para o ocidente; eu vou desviar sempre para o sul, onde já sei que não vou encontrar nenhum inimigo. Mas tenho que ficar atento. O sargento Willis está nos meus calcanhares.

Recomeçou sua marcha silenciosa, se dirigindo para o sul, atravessou de novo o riacho e abriu passagem através de uma sólida cortina de plantas.

Estava prestes a contornar uma enorme árvore de cânfora, que impedia a passagem, quando uma voz ameaçadora e imperiosa gritou:

— Se der mais um passo, se fizer um gesto, mato você como se fosse um cão!

O PIRATA, SEM SE ESPANTAR com aquela intimação brusca que poderia lhe custar a vida, se virou lentamente, apertando o sabre e se preparando para usá-lo.

A seis passos dele, um homem, um soldado, sem dúvida o sargento Willis mencionado há pouco pelos dois caçadores de pistas, se levantou de trás de um arbusto e mantinha com frieza o pirata na mira, resolvido a seguir ao pé da letra a ameaça, pelo que parecia.

Sandokan olhou tranquilamente, mas com olhos que soltavam faíscas no meio daquela escuridão profunda, e caiu na risada.

— Por que você está rindo? — perguntou o sargento, des-concertado e espantado. — Parece que este não é o melhor momento para isso.

— Estou rindo porque acho estranho que você ouse me ameaçar de morte — respondeu Sandokan. — Você sabe quem sou eu?

— O chefe dos piratas de Mompracem.

— Mas não tem muita certeza? — perguntou o pirata, cuja voz sibilava de um jeito estranho.

— Oh! Posso apostar uma semana de soldo contra um centavo que não estou enganado.

— É verdade, sou o Tigre da Malásia!

— Ah!...

Os dois homens, Sandokan sarcástico, ameaçador, seguro de si, e o outro, assustado por se encontrar sozinho diante daquele homem, cuja valentia era legendária, mas resolvido a não desistir da captura, se olharam em silêncio por alguns minutos.

— Vamos lá! Venha me prender, Willis — disse Sandokan.

— Willis! — exclamou o soldado, tomado por um terror supersticioso. — Como você sabe o meu nome?

— Um homem que fugiu do inferno sabe de tudo — disse o Tigre, com um gesto de desprezo.

— Você me assusta.

— Assusto! — exclamou Sandokan. — Willis, então acho que você deveria saber que estou vendo sangue!...

O soldado, que abaixara o fuzil surpreso e amedrontado, não sabendo mais se o que tinha diante de si era um homem ou um demônio, deu uns passos para trás, sempre tomando o cuidado de manter o pirata na mira, mas Sandokan, que também não o perdia de vista, com um salto estava em cima dele e o derrubou no chão.

— Piedade! Piedade! — balbuciava o pobre sargento, vendo à sua frente a ponta do sabre.

— Vou poupar a sua vida — disse Sandokan.

— Posso acreditar nisso?

— O Tigre da Malásia não faz promessas falsas. Levante e me escute.

O sargento se ergueu, tremendo e fixando em Sandokan dois olhos assustados.

— Fale — disse.

— Eu disse que ia poupar a sua vida, mas você tem que responder a todas as perguntas que eu fizer.

— Vou tentar.

— Para onde acham que eu fugi?

— Para a costa ocidental.

— Quantos homens estão atrás de mim?

— Não posso dizer, seria uma traição.

— Tem razão; não o censuro, pelo contrário, eu o respeito por isso.

O sargento olhou atônito para ele.

— Que espécie de homem é você? — perguntou. — Eu pensei que devia ser um assassino miserável, mas estou vendo que estávamos todos errados.

— Tanto faz. Tire as suas divisas.

— O que vai fazer com elas?

— Vão me ser úteis para fugir, só isso. Há soldados indianos entre os que estão me seguindo?

— Há, sim, alguns sipais.

— Está bem: tire o uniforme e não resista se quiser que a gente se separe como bons amigos.

O soldado obedeceu. Sandokan, bem ou mal, vestiu o uniforme, amarrou a adaga e a cartucheira, pôs o chapéu na cabeça e jogou a carabina na tiracolo.

— Vou amarrar você agora — disse então ao soldado.

— Você quer que eu seja devorado pelos tigres?

— Bah! Os tigres não são tantos assim como você pensa. E eu preciso tomar as minhas providências para não ser traído.

Agarrou com força o soldado, que nem sonhava em resistir, e o amarrou a uma árvore com uma corda sólida; finalmente se afastou a passos rápidos, sem olhar para trás.

— Tenho que me apressar — disse. — Preciso chegar à costa e embarcar esta noite, amanhã pode ser muito tarde. Talvez com este uniforme seja mais fácil fugir dos meus perseguidores e embarcar em algum barco que vá direto às Romades. De lá, posso chegar a Mompracem e, então... Ah! Marianna, você vai me rever logo, mas como o único vencedor!...

Ao pensar quase involuntariamente naquele nome, as feições do pirata se endureceram e se contraíram dolorosamente. Levou a mão ao coração e suspirou.

— Silêncio, silêncio — murmurou ele com voz cavernosa. — Pobre Marianna, quem sabe que emoções estão agitando o seu coração neste momento. Talvez ache que estou vencido, ferido ou acorrentado como um animal feroz, talvez até morto.

Daria o meu sangue, gota a gota, para poder estar com ela por um único instante, só para que ela visse que o Tigre ainda está vivo e vai voltar!

Vamos lá, muita coragem, porque eu vou precisar. Esta noite vou abandonar essas praias nada acolhedoras, levando comigo o juramento que ela me fez, e volto para a minha ilha selvagem.

E o que vou fazer depois? Dou adeus à minha vida de aventureiro, à minha ilha, aos meus piratas, ao meu mar? Jurei isso a ela e por aquela criatura sublime, que foi capaz de acorrentar o coração inacessível do Tigre da Malásia, eu faria qualquer coisa.

Quieto, não posso mais falar nela, se não, enlouqueço. Coragem, vamos continuar.

Recomeçou a caminhar em um ritmo mais acelerado, comprimindo o peito com força, como se quisesse sufocar as batidas aceleradas do coração.

Andou durante a noite toda, ora atravessando grupos de árvores gigantescas, ora pequenas florestas ou pradarias cheias de riachos e de pântanos, tentando se orientar pelas estrelas.

Ao nascer do sol parou perto de uma mata de *durions* colossais, para descansar um pouco e se certificar de que o caminho continuava livre.

Estava prestes a se ocultar no meio de um canteiro de trepadeiras, quando ouviu uma voz gritar:

— Ei, camarada! O que está procurando lá dentro? Cuidado, porque pode ter algum pirata bem pior do que os tigres da sua terra.

Sem se mostrar surpreso, certo de que nada tinha a temer enquanto estivesse com aquelas roupas, Sandokan se voltou tranquilamente e viu dois soldados ali perto, deitados embaixo da sombra fresca de uma areca. Olhando atentamente, achou que eram os dois que haviam chegado até ele antes do Sargento Willis.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou Sandokan, com uma voz gutural e estropiando o inglês.

— Descansando um pouco — respondeu um dos dois. — Procuramos a noite inteira e não aguentamos mais.

— Vocês também estão procurando o pirata?...

— Estamos, e posso dizer com certeza, sargento, que descobrimos a pista dele.

— Ora essa! — fez Sandokan, fingindo espanto. — E onde acharam?

— No bosque que acabamos de atravessar.

— E depois perderam a pista?

— Perdemos, e não conseguimos mais encontrar — disse o soldado com raiva.

— Para onde estava indo?

— Para o mar.

— Então estamos completamente de acordo.

— O que quer dizer com isso, sargento? — perguntaram os dois soldados, ficando em pé.

— Que eu e o Willis...

— Willis!... Você encontrou com ele?

— Encontrei, há umas duas horas.

— Continue, sargento.

— Estou querendo contar a vocês que eu e o Willis tínhamos descoberto algumas pistas perto da colina vermelha. O pirata está tentando chegar à costa setentrional da ilha, não há mais como se enganar.

— Então nós seguimos uma pista falsa!...

— Não, amigos — disse Sandokan, — acontece que o pirata enganou vocês com a maior habilidade.

— De que jeito? — perguntou o mais velho dos dois.

— Primeiro subiu de novo para o norte e seguiu o leito de um rio, depois o espertalhão deixou as armas nos bosques, fingindo que estava indo para leste e em seguida, fez o contrário, voltou para trás.

— E o que devemos fazer agora?

— Onde estão os seus companheiros?

— Dando uma batida na floresta a duas milhas daqui, indo em direção ao leste.

— Voltem imediatamente e deem a ordem para que se dirijam, sem perda de tempo, às praias setentrionais da ilha. E corram; o Lorde prometeu cem libras esterlinas e um posto superior a quem descobrir o pirata.

Não era preciso mais nada para convencer os dois soldados. Rapidamente cataram os fuzis do chão, guardaram no bolso os cachimbos que estavam fumando e, despedindo-se de Sandokan, se distanciaram depressa, desaparecendo por baixo das árvores.

O Tigre da Malásia os acompanhou com os olhos enquanto foi possível; depois voltou a se embrenhar no mato, murmurando:

— Já que estou com o caminho livre, posso dormir algumas horas. Mais tarde eu vejo o que devo fazer.

Bebeu uns goles do uísque que estava no cantil do sargento, comeu algumas bananas que recolhera na floresta, apoiou a cabeça em um maço de ervas e adormeceu profundamente, sem se preocupar mais com os inimigos.

Quanto tempo dormiu? Com certeza três ou quatro horas no máximo, pois, no instante em que abriu os olhos, o sol ainda estava alto. Quando ia se levantar para recomeçar a marcha, ouviu um tiro de fuzil ser disparado a pouca distância de onde estava, seguido do galope acelerado de um cavalo.

— Será que me descobriram? — murmurou Sandokan, se escondendo de novo entre os arbustos.

Armou rapidamente a carabina, abriu com cuidado as folhas e olhou.

No começo não viu nada, mas continuava ouvindo o galope que se aproximava rapidamente.

Pensou que se tratasse de algum caçador seguindo as pegadas de uma babirussa, mas logo percebeu que estava enganado. A caça era um homem.

De fato, pouco tempo depois, um indígena ou um malaio, a julgar pelo tom negro-avermelhado da pele, atravessava correndo a pradaria, tentando chegar a um grupo compacto de bananeiras.

Era um homem baixo, forte, quase nu, usando apenas um saiote esfarrapado e um chapéu feito de fibras de ratã, empunhando na mão direita um bastão nodoso e, na esquerda, um *kriss* com a lâmina serpenteante.

A corrida dele foi tão rápida que Sandokan não teve tempo de ver melhor.

Mas notou que ele se embrenhou, com um último salto, no meio das bananeiras e desapareceu embaixo das folhas gigantescoas.

— Quem será? — perguntou Sandokan a si mesmo, espantado. — Com certeza um malaio.

De repente uma suspeita atravessou o seu cérebro.

— E se for um dos meus homens? — perguntou. — Será que Yanez desembarcou alguém para me procurar? Ele sabia que eu estava vindo para Labuan.

Estava prestes a sair da mata para procurar o fugitivo quando um cavaleiro apareceu na margem do bosque.

Era um soldado de cavalaria do regimento de Bengala.

Parecia furibundo, pois amaldiçoava e maltratava o cavalo, esporeando e atormentando o animal com violência.

A cerca de cinquenta passos da mata de bananeiras, saltou agilmente para o chão, amarrou o cavalo na raiz de uma planta, armou o mosquete e ficou escutando e observando atentamente as árvores vizinhas.

— Com todos os raios do universo! — exclamou. — Por acaso ele desapareceu da face da terra?... Deve estar escondido em algum lugar e, por Deus, não vai escapar pela segunda vez do meu mosquete. Sei muito bem que encontrei o Tigre da Malásia, mas John Gibbis nada teme. Se este cavalo danado não tivesse empinado, a esta hora aquele pirata não estaria mais vivo.

Com esse monólogo, o cavaleiro desembainhou o sabre e se embrenhou em uma mata de arecas e de arbustos, abrindo os ramos com cuidado.

Aquelas árvores faziam fronteira com a mata de bananeiras, mas era de se duvidar que ele conseguisse desentocar o fugitivo, já a uma distância bem maior. Depois de atravessar rastejando as lianas e as raízes, o indígena encontrara um esconderijo perfeito que o deixava a salvo de qualquer busca.

Sandokan, que não abandonara os arbustos, tentava em vão descobrir onde aquele malaio estava escondido. Por mais que se esticasse e olhasse embaixo e em cima das folhas enormes, não conseguia encontrá-lo em lugar nenhum.

Mas tomava cuidado para evitar que o cavaleiro encontrasse o caminho certo, com medo de trair aquele pobre indígena

que estava sendo perseguido por sua culpa.

— Vamos lá, tenho que tentar salvá-lo — murmurou. — Pode ser um dos meus homens ou algum explorador enviado até aqui por Yanez.

Preciso fazer aquele cavaleiro ir procurar em outro lugar ou vai acabar por descobri-lo.

Estava prestes a se mover quando viu um festão de lianas se agitar a poucos passos.

Virou depressa a cabeça para aquela parte e viu aparecer o malaio. O pobre homem, apavorado, com medo de ser encontrado, estava trepando naqueles cipós para chegar ao alto de uma mangueira, em cuja folhagem compacta poderia encontrar um ótimo esconderijo.

— Muito esperto! — murmurou.

Esperou até que chegasse aos ramos e se virasse. Assim que viu aquele rosto, mal conseguiu segurar um grito de alegria e de espanto.

— Giro-Batol! — exclamou. — Ah! o meu valente malaio!... Como é que ainda está vivo?... Contudo, lembro bem de tê-lo visto no navio que estava afundando, morto ou moribundo.

Mas que sorte!... Esse aí deve ter uma alma bem pregada no corpo. Mas vamos lá, está na hora de salvá-lo!...

Armou a carabina, circundou a mata e apareceu bruscamente na margem do bosque, gritando:

— Ei, amigo!... O que é que você está procurando com tanto esforço? Conseguiu ferir alguma babirrusa?...

Ao ouvir aquela voz, o cavaleiro saltou com agilidade para fora dos arbustos, com o mosquete apontado para frente e soltou um grito de susto:

— Caramba! Um sargento! — exclamou.

— Está surpreso, amigo?

— De onde é que você saiu?

— Da floresta. Ouvi um tiro de fuzil e corri para chegar até aqui e ver o que estava acontecendo. Você atirou em alguma babirrusa?

— É, sim. Uma babirrusa mais perigosa que um tigre — disse o cavaleiro, com uma cólera malcontida.

— Mas então que tipo de animal era?

— Você também não estava procurando uma pessoa? — perguntou o soldado.

— Estava.

— O Tigre da Malásia, não é verdade, sargento?

— Exatamente.

— Chegou a ver aquele pirata terrível?

— Não, mas descobri a sua pista.

— Pois eu, sargento, encontrei o pirata em pessoa.

— Impossível!...

— Cheguei a atirar nele.

— E... errou?

— Como um caçadorzinho novato.

— Onde ele se escondeu?

— Acredito que agora já esteja longe. Vi quando ele atravessou a pradaria e se escondeu naquela mata.

— Agora não vai mais encontrá-lo.

— Também acho. O homem é mais ágil que um macaco e mais forte que um tigre.

— E capaz de mandar nós dois para o outro mundo.

— Sei disso, sargento. Se não fossem as cem libras esterlinas prometidas pelo Lorde Guillonk, com as quais estou contando para começar uma feitoria assim que aposentar o sabre, nem teria me arriscado a ir atrás dele.

— E agora, está pensando em fazer o quê?

— Não sei. Acho que vou perder o meu tempo se ficar vasculhando inutilmente nesta mata.

— Quer um conselho?

— Pode falar, sargento.

— Monte de novo e contorne o bosque.

— Quer vir comigo? Se formos dois, com certeza teremos mais coragem.

— Não, camarada.

— Por que, sargento?

— Está pretendendo afugentar o pirata?

— Como assim?

— Se formos os dois por um lado, o Tigre vai fugir pelo outro. Você contorna o bosque e deixa para mim a tarefa de

vasculhar a mata.

— Aceito, mas com uma condição.

— Qual?

— Que o prêmio seja dividido entre nós dois se você tiver a sorte de matar o Tigre. Não quero perder as cem libras.

— Concorde — respondeu Sandokan sorrindo.

O cavaleiro embainhou de novo o sabre, montou o cavalo e colocou o mosquete armado na frente. Despediu-se então do sargento, dizendo:

— A gente se encontra no outro lado da floresta.

— Vai esperar muito — murmurou Sandokan.

Aguardou até que o cavaleiro tivesse desaparecido no meio da mata, se aproximou da árvore em que se escondera seu malaio e disse:

— Pode descer, Giro-Batol.

Nem bem terminara a frase e o malaio já caía a seus pés, gritando com voz entrecortada:

— Ah!... Meu capitão!...

— Está surpreso por me encontrar vivo, meu valente pirata?

— Pode acreditar, Tigre da Malásia — disse o pirata com lágrimas nos olhos. — Achei que nunca mais ia ver o senhor, tinha certeza de que os ingleses o tinham matado.

— Matado! Os ingleses não têm armas suficientes para atingir o coração do Tigre da Malásia — respondeu Sandokan. — Fui ferido gravemente, é verdade, mas, como está vendo, estou curado e pronto para recomeçar a luta.

— E os outros todos?

— Estão dormindo nos abismos do mar — respondeu Sandokan, com um suspiro. — Todos os bravos que eu arrastei para a abordagem daquele navio maldito caíram sob os golpes do leopardo.

— Mas nós vamos vingá-los, não é verdade, capitão?...

— É, e vai ser rápido. Mas me conte, quais as circunstâncias abençoadas que o mantiveram vivo? Pelo que me lembro, vi você cair praticamente morto a bordo do seu *praho* durante a primeira luta.

— É verdade, capitão. Alguns estilhaços de metralha atingiram a minha cabeça, mas não me mataram. Quando voltei a mim, o pobre *praho*, que fora abandonado nas ondas, crivado pelas balas do cruzador, estava quase afundando. Agarrei um destroço e avancei em direção à costa. Fiquei muitas horas no mar e depois desmaiei. Acordei na cabana de um indígena. Aquele bravo homem me recolheu a quinze milhas da praia, me embarcou na sua canoa e me transportou para terra. Tomou conta de mim com um cuidado inacreditável, até eu ficar completamente bom.

— E para onde você estava fugindo agora?

— Estava indo para a costa. Ia pôr na água uma canoa escavada por mim, quando me vi sendo atacado por aquele soldado.

— Ora essa, você tem uma canoa?

— Tenho, meu capitão.

— Estava querendo voltar a Mompracem?

— Esta noite mesmo.

— Então vamos juntos, Giro-Batol.

— Quando?

— Embarcamos esta noite.

— Quer vir à minha cabana para descansar um pouco?

— Ah!... Você tem uma cabana também?...

— Um casebre que os indígenas me deram.

— Vamos logo. Se ficarmos aqui você corre o risco de ser encontrado por aquele cavaleiro.

— Ele vai voltar? — perguntou Giro-Batol apreensivo.

— Com certeza.

— Vamos embora, capitão.

— Não precisa ter muita pressa. Como você pode ver, me tornei um sargento do regimento de infantaria de Bengala, por isso, posso protegê-lo.

— O senhor espoliou algum soldado?

— Espoliei, Giro-Batol.

— Que golpe de mestre!

— Agora, silêncio. Em marcha, ou daqui a pouco o cavaleiro vai se jogar em cima de nós. A sua cabana fica longe?

— Chegamos lá em um quarto de hora.

— Então vamos descansar um pouco e mais tarde pensamos em nos fazer ao largo.

Os dois piratas saíram da mata e, depois de terem se certificado de que não havia ninguém por ali, atravessaram correndo a pradaria, chegando à orla da segunda floresta.

Estavam prestes a se embrenhar entre as enormes árvores, quando Sandokan ouviu um galope furioso.

— Aquele chato de novo! — exclamou. — Depressa, Giro-Batol, vá se esconder no meio daqueles arbustos!...

— Ooa!... Sargento!... — berrou o cavaleiro, que parecia furibundo. — É assim que você vai me ajudar a prender aquele pirata sem-vergonha?... Enquanto eu quase arrebetava o meu cavalo, você nem saiu do lugar.

Dizendo isso, o soldado esporeava a montaria, levando-a a empinar e relinchar de dor.

Já atravessara a pradaria e se deteve perto de um grupo de árvores meio isolado.

Sandokan se voltou para ele e respondeu com calma:

— Depois de ter encontrado a pista do pirata, achei que era inútil tentar segui-lo pelo meio da floresta. Aliás, estava esperando você voltar.

— Descobriu a pista?... Com mil demônios!... Mas quantas pegadas aquele malandro deixou por aí?... Acho que ele está se divertindo em nos enganar.

— Também acho.

— Quem as mostrou para você?

— Achei sozinho.

— Vá lá, sargento!... — exclamou o sargento com ironia.

— O que está querendo dizer?... — perguntou Sandokan, enrugando a testa.

— Que alguém mostrou onde estavam.

— É? Quem?...

— Vi um negro perto de você.

— Encontrei-o por acaso e estava me fazendo companhia.

— Você tem certeza absoluta de que era um ilhéu?

— Não sou cego.

— E para onde foi aquele negro?

— Embrenhou-se no bosque. Estava seguindo a pista de uma babirussa.

— Você fez mal em deixá-lo ir embora. Poderia nos dar informações preciosas e nos ajudar a ganhar as cem libras esterlinas.

— Humm!... Começo a desconfiar que elas viraram fumaça, camarada. Por mim, já desisti delas e vou voltar à vila do Lorde Guillonk.

— Eu não tenho medo, sargento.

— Ôpa!... Camarada!...

— Vou continuar a seguir o pirata.

— Faça como quiser.

— Bom retorno — gritou o cavaleiro com ironia.

— E que o diabo o leve — respondeu Sandokan.

O cavaleiro já se distanciara e esporeava furiosamente o cavalo, voltando na direção do bosque que acabara de atravessar um pouco antes.

— Vamos — disse Sandokan, quando não o viu mais. — Se voltar, vou recebê-lo com um bom tiro de carabina.

Aproximou-se do esconderijo de Giro-Batol e ambos se puseram em marcha, entrando na floresta.

Depois de atravessar outra clareira, se esconderam no meio da folhagem abundante, abrindo passagem arduamente em um caos de cálamos e ratãs entrelaçados de mil maneiras diferentes e em uma verdadeira rede de raízes, que serpenteava pelo solo, indo em várias direções.

Caminharam por um bom quarto de hora, atravessando numerosas torrentes, em cujas bordas se viam vestígios recentes da passagem de homens, e chegaram ao meio de uma mata muito densa e tão fechada que a luz quase não penetrava.

Giro-Batol parou um instante e escutou. Em seguida, se virou para Sandokan e disse:

— A minha cabana fica lá no meio daquelas plantas.

— Um lugar seguro — respondeu o Tigre da Malásia, com um leve sorriso. — Admiro a sua prudência.

— Venha, meu capitão. Ninguém vai perturbá-lo aqui.

A CABANA DE GIRO-BATOL SURTIU BEM no meio daquela mata compacta, entre duas toranjeiras colossais que, com a enorme quantidade de ramos, a protegiam completamente dos raios do sol.

Era mais um casebre do que uma habitação, capaz apenas de abrigar alguns selvagens: baixa, estreita, com telhado de folhas de bananeira sobrepostas em camadas e paredes de ramos entrelaçados grosseiramente.

A única abertura era a porta. De janelas, nem sombra.

O interior não era muito melhor! Só havia uma cama de folhas, duas caçarolas rústicas de argila mal queimada e duas pedras que deviam servir de fogão.

Mas, em compensação, havia uma enorme abundância de víveres: frutas de toda espécie e até a metade de uma babirruca de poucos meses, suspensa no teto pelas patas traseiras.

— A minha cabana não vale grande coisa, capitão — disse Giro-Batol. — Mas pode descansar aqui à vontade, sem medo de ser perturbado por alguém.

Até mesmo os indígenas da região ignoram que existe um refúgio aqui. Se quiser dormir, posso oferecer esta cama de folhas frescas, cortadas hoje de manhã; se tiver sede, tem uma caçarola cheia de água fresca e, se estiver com fome, frutas e costeletas deliciosas.

— Não preciso de mais nada, meu bravo Giro-Batol — respondeu Sandokan. — Nunca imaginei que fosse encontrar tanta coisa.

— Espere meia hora até eu assar um pedaço de babirruca. Enquanto isso, fique à vontade para saquear a minha despensa.

Aqui tem ananases excelentes, bananas perfumadas, toranjas suculentas como o senhor nunca experimentou em Mompracem, fruta-pão de um tamanho inacreditável e *durions* que são melhores que o creme. Tudo isso está à sua disposição.

— Obrigado, Giro-Batol. Vou mesmo aproveitar porque estou faminto como um tigre em jejum há uma semana.

— Enquanto isso vou acender o fogo.

— Não vão ver a fumaça?

— Não!... Não tenha medo, meu capitão. As árvores são tão altas e tão densas que não deixam a fumaça passar.

Sandokan, que estava realmente com fome por causa da longa caminhada pela floresta, atacou um pedaço de palmito que não pesava menos de dez quilos e começou a esmigalhar aquela substância branca e doce que lembrava o gosto das amêndoas.

Enquanto isso, o malaio acumulava alguns ramos secos no fogão e acendia o fogo com dois pedaços de bambu partido ao meio.

É muito curioso o sistema utilizado pelos malaio para conseguir acender o fogo sem a necessidade de fósforos.

Eles pegam os dois pedaços de um bambu partido ao meio e fazem uma incisão na superfície convexa de um deles.

Com a outra, começam a esfregar aquele corte, usando a lombada, lentamente no início e aumentando cada vez mais a velocidade. O pozinho produzido por aquela esfregadura aos poucos se incendeia e cai sobre um pouco de iscas de fibra de *gomut*.

A operação é muito fácil, rápida, e não requer nenhuma habilidade especial.

Giro-Batol começou a assar um belo pedaço de babirruca enfiado em uma vareta verde, sustentada por forquilha enfiadas na terra, e depois foi vasculhar embaixo de uma pilha de folhas verdes, trazendo um vasilhame que exalava um perfume pouco promissor, mas que fazia dilatar as narinas daquele filho selvagem da floresta malaia.

— O que vai me oferecer, Giro-Batol? — perguntou Sandokan.

— Um prato delicioso, meu capitão.

Sandokan olhou para dentro do vasilhame e fez uma careta.

— Prefiro as costeletas de babirruca, meu amigo. O *blaciang* não foi feito para mim. Mesmo assim obrigado pela intenção.

— Ele estava reservado para uma ocasião extraordinária, meu capitão — disse o malaio mortificado.

— Você sabe muito bem que não sou malaio. Enquanto eu acabo de saquear as suas frutas, pode devorar o seu famoso prato. Se não vai estragar no mar.

O malaio não esperou uma segunda ordem e engoliu vorazmente o que estava dentro da caçarola, com um prazer enorme.

O *blaciang* é um prato avidamente procurado pelos malaioes que, em matéria de alimentos, ganham de dez pontos dos chineses, os menos enjoados de todos os povos. Não desdenham as serpentes, os animais em putrefação, os insetos ao molho, nem mesmo as larvas dos cupins, pelas quais cometem verdadeiras loucuras.

Mas o *blaciang* supera toda imaginação. É uma mistura de camarões e peixes pequenos, triturados juntos, deixados para mofar ao sol e depois salgados. O odor exalado por aquela pasta é tamanho que é impossível conter o mal-estar.

No entanto, malaioes e javaneses são ávidos por aquele prato imundo e o preferem ao frango e às costeletas suculentas da babirrusa.

Enquanto esperavam que assassem as costeletas, retomaram a conversa.

— Vamos partir esta noite, não é verdade, capitão? — perguntou Giro-Batol.

— Vamos, assim que a lua se puser — respondeu Sandokan.

— Será que o caminho vai estar livre?

— Espero que sim.

— Tenho medo de outro encontro ruim, meu capitão.

— Não se preocupe, Giro-Batol. Ninguém vai suspeitar de um sargento.

— E se alguém o reconhecer, mesmo com essas roupas?

— Pouquíssimas pessoas me conhecem e estas, com certeza, não estão atrás de mim.

— Então o senhor conheceu algumas pessoas aqui?

— Conheci, e pessoas importantes, barões e condes — disse Sandokan.

— O senhor? O Tigre da Malásia? — exclamou Giro-Batol espantado.

Depois, olhando para Sandokan meio embaraçado, perguntou hesitante:

— E a mocinha branca?

O Tigre da Malásia levantou bruscamente a cabeça, fixou no malaio um olhar que soltava lampejos ameaçadores e, em seguida, com um suspiro profundo, disse:

— Quietos, Giro-Batol. Quietos! Não desperte em mim recordações tão terríveis!...

Ficou em silêncio por alguns instantes, mantendo a cabeça apertada entre as mãos, os olhos fixos no vazio e, como se estivesse falando consigo mesmo, começou:

— Voltaremos logo para cá, para esta ilha. Será que o destino vai ser mais forte do que a minha vontade e depois... também a Mompracem, entre os meus valentes companheiros, como posso esquecê-la? Não teria bastado a derrota, então? Eu tenho que deixar o coração também nesta ilha maldita!...

— Do que está falando, meu capitão? — perguntou Giro-Batol, muito assustado.

Sandokan esfregou os olhos com a mão, como se quisesse eliminar uma visão, sacudiu o corpo e disse:

— Não me pergunte nada, Giro-Batol.

— Mas nós vamos voltar aqui, não é verdade?

— Vamos.

— Para vingar os nossos companheiros que morreram em combate nas praias dessa terra execrada.

— É, mas talvez o melhor para mim fosse não rever nunca mais esta ilha.

— O que disse, capitão?

— Disse que esta ilha pode dar o golpe mortal no poder de Mompracem e, talvez, acorrentar para sempre o Tigre da Malásia.

— O senhor, tão forte e tão poderoso? Ah! o senhor não pode estar com medo dos leopardos da Inglaterra.

— Não, deles não, mas... quem pode ler o destino? Meus braços ainda são fortes, mas e o coração? Também é?

— O coração? Não estou entendendo o senhor, meu capitão.

— Melhor assim. Vamos comer, Giro-Batol. Sem pensar no passado.

— O senhor está me assustando, capitão.

— Fique quieto, Giro-Batol — disse Sandokan num tom imperioso.

O malaio não ousou continuar a conversa. Ergueu o assado que exalava um cheiro apetitoso, colocou-o em uma folha larga de bananeira e ofereceu a Sandokan. A seguir, foi vasculhar um canto do casebre e tirou de um buraco uma garrafa meio quebrada, mas cuidadosamente envolta em um cartucho feito com fibras de ratã entrelaçadas com habilidade.

— Gim, meu capitão — disse, lançando à garrafa um olhar ardente. — Tive que trabalhar muito para arrancá-la dos indígenas, e estava reservando para quando precisasse me revigorar no mar. Pode beber até a última gota.

— Obrigado, Giro-Batol — respondeu Sandokan, com um sorriso triste. — Vamos dividir irmãmente.

Sandokan comeu em silêncio, dando menos consideração à refeição do que esperara o valente malaio, bebeu alguns goles de gim e se estendeu nas folhas frescas, dizendo:

— Vamos descansar algumas horas. Enquanto isso, a noite vai cair e a lua vai se pôr.

O malaio fechou a cabana com todo cuidado, apagou o fogo, guardou a garrafa e se agachou em um canto, sonhando que já estava em Mompracem.

Sandokan, contudo, embora estivesse exausto, depois de caminhar durante toda a noite anterior, não foi capaz de fechar os olhos.

Não era mais pelo receio de ser surpreendido pelo inimigo de um momento para o outro, já que não seria possível que descobrissem aquela cabana tão bem escondida dos olhares. Era o pensamento na jovem inglesa que o mantinha acordado.

O que teria acontecido com Marianna depois de todos aqueles eventos? O que se passara entre ela e o Lorde James?... E quais foram os acordos selados entre o velho lobo do mar e o baronete William Rosenthal? Será que ainda a encontraria em Labuan, que ainda estaria livre quando ele voltasse? Um ciúme medonho corroía o coração do terrível pirata! E não poder fazer nada pela mulher amada! Nada, a não ser fugir para não cair sob os golpes do adversário odiado!

— Ah! — exclamava Sandokan, mexendo o corpo na cama de folhas — daria metade do meu sangue para ainda estar perto daquela jovem, que conseguiu fazer palpar o coração do Tigre da Malásia!...

Pobre Marianna! Quem seria capaz de imaginar as angústias que a atormentam? Talvez pense que fui vencido, ferido, quem sabe até morto!...

Daria os meus tesouros, meus barcos, a minha ilha só para que ela soubesse que o Tigre da Malásia ainda está vivo e que se lembrará dela para sempre...!

Vamos, coragem!... Esta noite vou embora desta ilha maldita levando comigo a sua promessa, mas eu volto, nem que tenha que arrastar comigo até o último dos meus homens; nem que precise entrar em uma luta desesperada contra todas as forças de Labuan; nem que tenha que sofrer outra derrota e ser ferido de novo.

Pensando assim, Sandokan esperou que o sol se pusesse e, quando as trevas haviam invadido a cabana e a mata, acordou Giro-Batol, que roncava como uma anta.

— Vamos, malaio — disse. — O céu está coberto de nuvens, por isso nem precisamos esperar que a lua se ponha. Venha depressa, pois sinto que se ficar mais algumas horas por aqui desisto de ir embora com você.

— E o senhor trocaria Mompracem por esta ilha maldita?

— Fique quieto, Giro-Batol — disse Sandokan quase com raiva. — Onde está a sua canoa?...

— A dez minutos da estrada.

— O mar está tão perto assim?

— Está, Tigre da Malásia.

— Ela já foi abastecida com víveres?

— Pensei em tudo, capitão. Não faltam frutas, nem água, nem remos, nem sequer uma vela.

— Então vamos, Giro-Batol.

O malaio pegou um pedaço do assado que tinha posto de lado, se armou com o bastão nodoso e seguiu Sandokan.

— A noite não poderia ser mais propícia — disse, olhando o céu encoberto de nuvens. — Vamos sair ao largo sem que nos descubram.

Depois de atravessarem a mata, Giro-Batol parou um momento para escutar e, tranqüilizado pelo silêncio profundo que reinava na floresta, retomou a marcha, dobrando para oeste.

A escuridão não poderia ser mais densa embaixo daquelas árvores enormes, mas à noite o malaio enxergava talvez até melhor que os gatos e, também, tinha prática naquele lugar.

Ora se arrastando entre os milhares de raízes que encobriam o solo, ora se içando entre as redes compactas e entrelaçadas dos longos cálamos e das nepentes, e ora superando os troncos colossais caídos, talvez por velhice, Giro-Batol avançava cada vez rápido pela floresta, sem se desviar nunca. Sandokan, calado e taciturno, o seguia de perto, imitando todas aquelas manobras.

Se um raio de lua tivesse iluminado o vulto do orgulhoso pirata, teria mostrado um rosto alterado por uma dor intensa.

Esse homem, que vinte dias antes teria dado a metade do seu sangue para estar em Mompracem, agora achava tremendamente difícil abandonar esta ilha, na qual deixava, sozinha e indefesa, a mulher que amava com loucura.

Cada passo que o levava para mais perto do mar repercutia no peito como uma punhalada e parecia que a distância que o separava da Pérola de Labuan crescia enormemente de minuto em minuto.

De vez em quando ele parava, indeciso, sem saber se devia voltar ou ir em frente, mas o malaio, que parecia sentir que o chão queimava sob os pés e que sonhava com o momento de embarcar, o estimulava a continuar, mostrando como era perigoso o menor atraso.

Estavam caminhando há cerca de meia hora quando Giro-Batol se deteve de repente, esticando as orelhas.

— Ouviu esse barulho? — perguntou.

— Estou ouvindo: é o mar — respondeu Sandokan. — Onde está a canoa?

— Aqui perto.

O malaio dirigiu Sandokan por uma cortina densa de folhas e, assim que a ultrapassaram, mostrou o mar que resmungava e arrebatava nos bancos de areia da ilha.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou.

— Nada — respondeu Sandokan, cujos olhos percorreram rapidamente o horizonte.

— A sorte está do nosso lado: os cruzadores ainda estão dormindo.

Desceu para a margem, remexeu os ramos de uma árvore e mostrou uma embarcação que balançava no fundo de uma pequena enseada.

Era uma canoa cavada a fogo e machadadas no tronco de uma árvore enorme, parecida com as que utilizam os índios do rio Amazonas e os polinésios do Pacífico.

Desafiar o mar em uma embarcação dessas, de formas tão rústicas, era uma temeridade sem igual, pois bastariam umas poucas ondas para virá-la, mas os dois piratas não eram pessoas que se assustassem com facilidade.

Giro-Batol foi o primeiro a pular para dentro e levantou um pequeno mastro, ao qual adaptara uma vela de fibras vegetais cuidadosamente entrelaçadas.

— Venha, capitão — disse ele, se preparando para pegar os remos. — Em poucos minutos o caminho pode ficar impedido.

Sandokan, soturno, com a cabeça inclinada e os braços cruzados sobre o peito, ainda estava em terra, olhando para o leste, como se tentasse distinguir na escuridão profunda e entre as grandes árvores a casa da Pérola de Labuan. Parecia ignorar que o momento da fuga chegara e que um pequeno atraso poderia ser fatal.

— Capitão — repetiu o malaio. — Quer ser capturado pelos cruzadores? Venha, venha ou será tarde demais.

— Estou indo — respondeu Sandokan, com voz triste. Saltou para a canoa, fechou os olhos e soltou um suspiro profundo.

O VENTO SOPRAVA DO LESTE, O QUE significa que não poderia ser mais favorável.

A canoa, com a vela enfunada, navegava com muita rapidez, inclinada para boreste, interpondo o vasto mar da Malásia entre o pirata, que estava extremamente comovido, e a pobre Marianna.

Sandokan, sentado na popa, com a cabeça apoiada

nas mãos, nem sequer falava; mantinha o olhar fixo em Labuan que ia desaparecendo aos poucos entre as sombras; Giro-Batol, por sua vez, sentado na proa, feliz e sorridente, tagarelava por dez, olhando para o oeste, onde devia aparecer a extraordinária ilha de Mompracem.

— Vamos lá, capitão — disse ele, que não podia ficar quieto nem por um único instante. — Por que o senhor está mudo, logo agora que estamos prestes a ver a nossa ilha? Até parece que o senhor está triste por ir embora de Labuan.

— E estou mesmo, Giro-Batol — respondeu Sandokan, com voz surda.

— Essa não! Será que aqueles cães ingleses enfeitiçaram o senhor? Além disso, capitão, eles o estavam perseguindo nos bosques e nas planícies, loucos pelo seu sangue. Ah! Bem que eu gostaria de ver o momento em que eles souberem com certeza que o senhor fugiu, roendo as unhas de raiva, e de ouvir as maldições das mulheres.

— Das mulheres! — exclamou Sandokan, sacudindo o corpo.

— Claro, pois as odiamos também, talvez até mais que aos homens.

— Ah! mas nem todas, Giro-Batol!

— São piores que víboras, capitão, acredite em mim.

— Fique quieto, Giro-Batol, quieto! Se repetir o que acabou de dizer, eu o jogo ao mar!...

Sandokan disse isso com uma voz tão ameaçadora que o malaio se calou imediatamente e ficou contemplando por muito tempo aquele homem terrível, que não parava de olhar para Labuan, comprimindo o peito com as duas mãos, como se quisesse sufocar uma dor imensa, depois se encolheu lentamente na proa, murmurando:

— Ele foi enfeitiçado.

— Durante a noite toda, impelida pelo vento, a canoa navegou sem encontrar nenhum cruzador e se comportou muito bem, apesar das ondas que investiam de vez em quando e faziam com que ela caturrasse perigosamente.

O malaio, com medo que Sandokan cumprisse a ameaça, não falava mais; sentado na proa, observava a linha fosca do horizonte com toda a atenção para ver se aparecia algum navio.

O seu companheiro, em compensação, estendido na popa, não parava de olhar para o local onde deveria estar a ilha de Labuan, agora inteiramente desaparecida nas sombras da noite.

Navegaram durante um par de horas quando os olhos perspicazes do malaio descobriram um ponto luminoso brilhando na linha do horizonte.

— Um veleiro ou um navio de guerra? — perguntou com ansiedade.

Sandokan, ainda mergulhado em seus pensamentos doloridos, não percebera nada.

O ponto luminoso aumentava assustadoramente e parecia estar se erguendo cada vez mais na linha do horizonte. Aquela luz branca devia pertencer, sem dúvida, a um navio a vapor. Com toda a probabilidade era um farol aceso no alto do traquete.

Giro-Batol começava a ficar agitado, e a sua inquietação aumentava mais a cada momento, principalmente porque parecia que aquele ponto luminoso estava se dirigindo diretamente para a canoa.

Em poucos momentos, acima do farol branco surgiram mais dois, um vermelho e um verde.

— Um navio a vapor — disse.

Sandokan não respondeu. Talvez não tivesse ouvido.

— Meu capitão — repetiu. — Um navio a vapor!...

Desta vez, o chefe dos piratas de Mompracem se agitou, enquanto uma luz assustadora relampejava em seus olhos ameaçadores.

— Ah!... — disse.

Voltou-se com ímpeto e olhou para a imensidão do mar.

— Outro inimigo? — murmurou, enquanto a mão direita deslizava instintivamente para o *kriss*.

— Acho que sim, meu capitão — disse o malaio.

Sandokan fixou por alguns instantes aqueles três pontos luminosos que se aproximavam depressa e disse:

— Parece que vem direto para nós.

— Parece que sim, meu capitão — respondeu o malaio.

— Será que o capitão viu a nossa canoa?

— É provável. O que vamos fazer, meu capitão?

— Vamos deixar que encoste.

— E se nos capturarem?

— Eu não sou mais o Tigre da Malásia e, sim, um sargento dos sipais.

— E se alguém reconhecer o senhor?

— Muito pouca gente viu o Tigre da Malásia. Se aquele navio viesse de Labuan, teríamos algo a temer; como ele vem de alto-mar, podemos enganar o comandante.

Ficou quieto por alguns instantes, fixando atentamente o inimigo, e disse:

— Trata-se de uma canhoneira.

— Está vindo de Sarawak?

— Com toda certeza, Giro-Batol. Já que vem em nossa direção, vamos esperar.

De fato, a canhoneira apontara a proa em direção à canoa e acelerava o curso para alcançá-la. Vendo-a tão distante das costas de Labuan, talvez acreditasse que aqueles homens tivessem sido impelidos para o mar alto por algum golpe de vento e viesse para socorrê-los; mas também podia ser que o comandante quisesse verificar se eram piratas ou náufragos.

Sandokan dera a ordem a Giro-Batol de retomar os remos e pôr a proa na direção das Romades, o grupo de ilhazinhas situadas mais ao sul. Também já elaborara um plano para enganar o comandante.

Meia hora depois, a canhoneira se encontrava a pouca distância da canoa. Era um navio pequeno, de popa baixa, armado com um único canhão situado na plataforma posterior e aparelhado com apenas um mastro.

A tripulação não devia ter mais de trinta ou quarenta homens. O comandante, ou o oficial de plantão que fosse, manobrou de forma a passar a poucos metros da canoa, deu o comando de parar a máquina e se curvou gritando:

— Alto, ou eu mando vocês a pique!...

Sandokan, que se erguera rapidamente, disse em bom inglês:

— Com quem pensa que está falando?...

— Essa não!... — exclamou o oficial espantado. — Um sargento dos sipais!... O que está fazendo aqui, ao largo de Labuan?

— Estou indo para as Romades, senhor — respondeu Sandokan.

— Fazer o quê?

— Estou levando ordens para o iate do Lorde James Guillonk.

— E aquele barco está por lá?

— Está, comandante.

— E o senhor vai numa canoa?

— Não encontrei nada melhor.

— Tome cuidado porque há alguns *prahos* malaios rondando ao largo.

— Ah!... — fez Sandokan, contendo a alegria a muito custo.

— Ontem de manhã eu vi dois, e aposto que vinham de Mompracem. Se eu tivesse mais alguns canhões, não sei se a esta hora ainda estariam à tona.

— Vou evitar esses navios, comandante.

— Não precisa de nada, sargento?

— Não, senhor.

— Boa viagem.

A canhoneira retomou o curso, dirigindo-se para Labuan, enquanto Giro-Batol orientava a vela para navegar em direção a Mompracem.

— Você ouviu? — perguntou Sandokan.

— Ouvi, meu capitão.

— Os nossos navios estão explorando os mares.

— Ainda estão nos procurando, meu capitão.

— Não acreditaram na minha morte.

— Não, com certeza.

— Que surpresa para o bom Yanez quando me vir. Meu bravo e fiel companheiro!

Voltou a se sentar na popa, com os olhos sempre fixos na direção de Labuan e não falou mais. O malaio, contudo, o ouviu suspirando várias vezes.

Com a aurora, apenas cento e cinquenta milhas separavam os fugitivos de Mompracem, distância que eles podiam superar em menos de vinte e quatro a trinta horas se o vento não diminuísse.

O malaio tirou algumas provisões de um velho vaso de argila, preso a um dos costados da canoa, e ofereceu a Sandokan, mas este, sempre absorto em sua contemplação e em sua angústia, não respondeu, nem sequer abandonou a posição em que se encontrava.

— Foi enfeitiçado — repetiu o malaio, sacudindo a cabeça. — E se isso for verdade, ai dos ingleses!...

Durante o dia, o vento diminuiu por diversas vezes e a canoa, que afundava pesadamente no meio das ondas, muitas vezes se encheu de água. À tarde, no entanto, um vento fresco de sudeste começou a soprar, impelindo-a depressa para o oeste, e se manteve assim no dia seguinte.

Ao cair da tarde, o malaio, que se mantinha de pé na proa, avistou finalmente uma massa escura que se elevava do mar.

— Mompracem!... — exclamou.

Com aquele grito, pela primeira vez desde que pusera os pés na canoa, Sandokan se moveu, erguendo-se de um salto.

Agora não era mais o mesmo homem de antes: a expressão melancólica do rosto desaparecera completamente. Seus olhos lançavam raios e suas feições não estavam mais alteradas por aquela dor aguda.

— Mompracem! — exclamou ele, endireitando sua alta estatura.

E continuou ali, contemplando a sua ilha selvagem, o baluarte da sua força, da sua grandeza naquele mar que, não sem razão, chamava de seu.

Sentia que retornava naquele momento o terrível Tigre da Malásia, de feitos legendários.

Seus olhos, que desafiavam as melhores lunetas, percorreram as costas da ilha, detendo-se no alto penhasco onde ainda tremulava a bandeira da pirataria, nas fortificações que defendiam o vilarejo e nos numerosos *prahos* que balançavam na baía.

— Finalmente eu a vejo de novo — exclamou.

— Estamos salvos, Tigre — disse o malaio, que parecia enlouquecido de alegria.

Sandokan olhou para ele meio atordoado.

— Então eu ainda mereço esse nome, Giro-Batol? — perguntou ele.

— Merece, capitão.

— No entanto, eu acreditava que não mereceria mais — murmurou Sandokan, suspirando.

Agarrou a pangaia que servia de timão e dirigiu a canoa para a ilha que mergulhava lentamente nas trevas. Perto das dez horas, os dois piratas se aproximaram do grande penhasco, sem que tivessem sido avistados por ninguém.

Ao pôr os pés em sua ilha outra vez, Sandokan inspirou longamente e, talvez naquele breve momento, não lamentasse mais Labuan, quem sabe até tivesse esquecido Marianna por um instante.

Contornou rapidamente o penhasco e se aproximou dos primeiros degraus da escada tortuosa que levava à grande cabana.

— Giro-Batol — disse, voltando-se para o malaio que se detivera. — Volte à sua cabana, avise os meus piratas da minha chegada, mas diga que me deixem tranquilos por enquanto, pois devo conversar algumas coisas lá em cima que ainda precisam ficar em segredo para vocês.

— Capitão, ninguém vai perturbar o senhor, já que é esse o seu desejo. E agora, gostaria de agradecer por ter me trazido de volta para cá e de dizer que, se um dia precisar enviar um homem para o sacrifício, até mesmo para salvar um inglês ou uma mulher daquela raça, estarei sempre pronto.

— Obrigado, Giro-Batol, obrigado... e agora, pode ir! — disse o pirata, rechaçando para o fundo do coração a lembrança de Marianna que o malaio invocara sem querer. Subiu em seguida os degraus e desapareceu nas sombras.

A O CHEGAR AO ALTO DO GRANDE penhasco, Sandokan se deteve na borda e lançou o olhar para longe, para o oeste, na direção de Labuan.

— Bom Deus! — murmurou ele. — Que distância me separa daquela criatura divina! O que ela estará fazendo a uma hora destas? Será que está chorando a minha morte, ou a minha prisão?

Um gemido surdo saiu dos lábios e ele inclinou a cabeça sobre o peito.

— Que fatalidade! — murmurou.

Aspirou o vento da noite como se aspirasse o perfume longínquo da sua amada, em seguida se aproximou a passos lentos da grande cabana, onde ainda havia um quarto iluminado.

Olhou através dos vidros da janela e viu um homem sentado à mesa, com a cabeça entre as mãos.

— Yanez — disse, sorrindo tristemente. — O que vai dizer quando souber que o Tigre voltou vencido e enfeitiçado?

Sufocou um suspiro e abriu bem devagar a porta, sem que Yanez ouvisse.

— Muito bem, irmão — disse após alguns instantes. — Já se esqueceu do Tigre da Malásia?

Nem tinha acabado de pronunciar todas as palavras e Yanez já se jogava entre os seus braços, exclamando:

— Você! É você!... Sandokan!... Ah! Achei que tínhamos perdido você para sempre!

— Não, nós voltamos, como pode ver.

— Mas, meu infeliz amigo, por onde andou todos esses dias? Estou esperando por você há quatro semanas, cheio de angústia. O que estava fazendo? Por acaso estava saqueando o sultão de Varauni ou a Pérola de Labuan o enfeitiçou? Responda, meu irmão, pois a impaciência não pára de me atormentar.

Em lugar de responder a todas aquelas perguntas, Sandokan começou a olhar em silêncio, com os braços cruzados no peito, com os olhos turvos e o semblante entristecido.

— Vamos lá — disse Yanez, surpreso com aquele silêncio. — Fale: o que significa esta roupa que você está usando, e por que me olha desse jeito? Aconteceu alguma desgraça?

— Desgraça! — exclamou Sandokan com voz rouca. — Mas você ainda não soube que, dos cinquenta filhotes que levei a Labuan, o único sobrevivente é Giro-Batol? Ainda não sabe que todos morreram na costa da ilha maldita, estripados pelas armas inglesas, que eu fui gravemente ferido na ponte de um cruzador e que os meus navios estão no fundo do mar da Malásia?

— Derrotado, você?... Não é possível! Não é possível!...

— É, sim, Yanez, fui vencido e ferido, os meus homens foram aniquilados e estou voltando mortalmente doente!...

Com um gesto nervoso o pirata empurrou uma cadeira até a mesa, esvaziou três copos de uísque, um atrás do outro, e depois, com voz entrecortada ou animada, rouca ou estridente, alternando gestos violentos e imprecações, narrou tintim por tintim tudo o que acontecera, a chegada a Labuan, o encontro com o cruzador, a tremenda batalha que travaram, a abordagem, a ferida que recebeu, o sofrimento e a cura.

No entanto, quando começou a falar da Pérola de Labuan, toda a sua ira se desvaneceu. A voz, pouco antes rouca, estrangulada pela fúria, adquiriu uma nova entonação e se tornou mais doce, carinhosa, apaixonada.

Descreveu com arroubos poéticos as belezas da jovem Lady, daqueles olhos grandes, doces, melancólicos, azuis como a água do mar, que o comoveram profundamente; falou daqueles cabelos longos, mais louros que o ouro, mais finos que a seda, mais perfumados que a rosa silvestre; daquela voz incomparável, angelical, que fez vibrar estranhamente as cordas de seu coração até então inacessível, e daquelas mãos que sabiam tirar da mandola sons tão suaves e doces que o fascinaram e o encantaram completamente.

Reproduziu com viva paixão os caros momentos passados ao lado da mulher amada, momentos sublimes, durante os quais chegava a esquecer Mompracem, seus filhotes, chegava a esquecer até que era o Tigre da Malásia. Aos poucos, foi contando todas as aventuras que aconteceram depois, ou seja, da caça ao tigre até a confissão de seu amor, a traição do Lorde, a fuga, o encontro com Giro-Batol e a viagem para Mompracem.

— Você pode me odiar, Yanez — continuou ele com uma entonação ainda mais comovida. — Mas no momento em que eu pus os pés na canoa para abandonar aquela criatura indefesa, senti o meu coração se dilacerar. Teria sido preferível destruir a canoa e Giro-Batol do que ir embora de lá; se eu pudesse, teria feito o mar entrar na terra e surgir, em seu lugar, um mar de

fogo, que não pudesse mais ser transposto. Naquele momento, eu teria destruído sem pesar a minha fantástica Mompracem, teria afundado os meus *prahos*, dispersado os meus homens e deixaria de ser... o Tigre da Malásia!...

— Ah! Sandokan! — exclamou Yanez com um tom de repreensão.

— Não me censure, Yanez! Se você soubesse pelo que estou passando aqui, neste coração que eu achava ser de ferro, inacessível a qualquer paixão! Pode me odiar: eu amo aquela mulher a tal ponto que se ela aparecesse na minha frente e me dissesse para renegar a minha nacionalidade e me tornar inglês... eu, o Tigre da Malásia, que jurei ódio eterno àquela raça... faria isso sem a menor hesitação!... Sinto um fogo indomável correndo sem parar nas veias, me consumindo a carne; parece que estou sempre delirando e que tenho um vulcão no meio do coração; acho que estou ficando louco, louco!... Desde o primeiro dia em que vi aquela criatura fiquei neste estado, Yanez. E não consigo esquecer essa visão celestial; para onde quer que eu olhe, eu a vejo sempre, sempre aquele ser cintilante de beleza que me queima, que me consome!...

O pirata se levantou com um gesto brusco, a expressão alterada e os dentes cerrados convulsivamente. Deu algumas voltas em torno do quarto, como se tentasse se distanciar daquela visão que o perseguia e acalmar a ansiedade que o torturava; em seguida, se deteve diante do português e o interrogou com o olhar, mas este continuou mudo.

— Você não iria acreditar — retomou Sandokan — mas eu lutei muito antes de deixar que a paixão me vencesse. Mas nem a vontade de ferro do Tigre da Malásia, nem o meu ódio por tudo o que é inglês conseguiram frear os ímpetos do coração.

Quantas vezes tentei quebrar esse elo! Com frequência, quando era assaltado pelo pensamento de que, para poder um dia me casar com aquela mulher, teria que abandonar o meu mar, pôr fim à minha vingança, deixar a minha ilha, abrir mão do nome do qual sempre tive o maior orgulho, perder os meus filhotes, tentava fugir e colocar entre mim e aqueles olhos fascinantes uma barreira intransponível! Mas no fim tive que ceder, Yanez. Eu me vi entre dois abismos: aqui, Mompracem, com seus piratas, entre o lampejar dos seus cem canhões e seus vitoriosos *prahos*; lá, aquela criatura adorável de cabelos louros e olhos azuis. Hesitei durante muito tempo e acabei sendo atraído para aquela juvenzinha, da qual sinto que nenhuma força humana será capaz de me arrancar. Na realidade, sinto que o Tigre vai deixar de existir!...

— Então trate de esquecê-la! — disse Yanez agitado.

— Esquecer!... Isso não é possível, Yanez, não é possível!... Sinto que não sou mais capaz de quebrar a corrente dourada que ela jogou em torno do meu coração. Nem as batalhas, nem as grandes emoções da vida de pirata, nem o amor dos meus homens, nem os mais terríveis massacres, nem as mais assustadoras vinganças seriam capazes de me fazer esquecer aquela jovem. A imagem dela interviria sempre entre mim e essas emoções e extinguiria a antiga energia e a coragem do Tigre. Não, não, nunca vou esquecê-la. Ela vai ser a minha mulher, nem que isso custe o meu nome, a minha ilha, o meu poder, tudo, tudo!...

Parou pela segunda vez e olhou para Yanez que voltara ao mutismo anterior.

— E então, irmão? — perguntou.

— Fale.

— Você me entendeu?

— Entendi.

— E o que me aconselha? O que vai responder agora que eu revelei tudo o que aconteceu?

— Esqueça essa mulher, já disse.

— Eu!...

— Você já pensou nas consequências que podem resultar desse amor insensato? O que os seus homens vão dizer quando souberem que o Tigre está apaixonado? E também, o que você vai fazer com essa juvenzinha? Acha mesmo que ela vai ser sua mulher? Esqueça, Sandokan, abandone essa ideia para sempre e deixe que o Tigre da Malásia e seu coração de ferro voltem.

Sandokan se levantou de um salto, foi até a porta e a abriu com violência.

— Aonde vai? — perguntou Yanez, ficando em pé.

— Vou voltar para Labuan — respondeu Sandokan. — Amanhã vou dizer aos meus homens que abandonei para sempre a minha ilha e que você é o novo chefe. Eles não vão mais ouvir falar de mim, pois nunca mais voltarei a estes mares.

— Sandokan! — exclamou Yanez, segurando-o fortemente pelos braços. — Você deve estar louco para pensar em voltar sozinho a Labuan, quando existem navios, canhões e homens devotados, prontos a se deixar matar por você ou pela mulher do seu coração. Eu estava querendo testá-lo, queria ver se era possível tirar do seu coração a paixão que sente por essa mulher, de uma raça que você deveria odiar para sempre...

— Não, Yanez! Não, aquela mulher não é inglesa, pois me falou de um mar mais azul e mais bonito que o nosso, que banha a sua pátria distante, de uma terra coberta de flores, dominada por um vulcão fumegante, de um paraíso terrestre onde se fala uma língua harmoniosa que nada tem em comum com a inglesa.

— Não importa: inglesa ou não, já que você a ama com tanta intensidade, todos nós vamos ajudá-lo a se casar com ela para que volte para cá feliz. Você pode e deve continuar sendo o Tigre da Malásia, mesmo casado com a jovem de cabelos de ouro.

Sandokan se precipitou entre os braços de Yanez e os dois ficaram abraçados por muito tempo.

— Agora diga — perguntou o português — o que pretende fazer?

— Partir o mais rápido possível para Labuan e raptar Marianna.

— Tem razão. Se o Lorde souber que você conseguiu sair da ilha e voltou a Mompracem, pode se pôr ao largo com medo da sua volta. É preciso agir com rapidez ou vamos perder o jogo. Agora vá dormir que está precisando de um pouco de calma e deixe que eu tomo conta de tudo. Amanhã a expedição estará pronta para levantar âncora.

— Até amanhã, Yanez.

— Até amanhã, irmão — respondeu o português, e saiu descendo lentamente a escada.

Assim que se viu sozinho, Sandokan voltou a sentar diante da mesa, mais taciturno e mais agitado que nunca, fazendo saltar as tampas de diversas garrafas de uísque.

Sentia necessidade de se aturdir para esquecer por algumas horas aquela juvenzinha que o enfeitiçara e para acalmar a impaciência que o remoía. Começou a beber com uma espécie de raiva, esvaziando vários copos, um após o outro.

— Ah! — exclamou ele. — Quem me dera poder dormir e acordar em Labuan. Sinto que esta impaciência, que este amor, que este ciúme estão me matando. Sozinha!... Sozinha em Labuan!... E é bem capaz que o baronete comece a lhe fazer a corte enquanto eu estou por aqui.

Levantou-se tomado de um violento ímpeto de fúria e começou a caminhar como um louco, derrubando cadeiras, despedaçando as garrafas amontoadas nos cantos, quebrando os vidros das grandes prateleiras repletas de ouro e de joias e se deteve diante da harmônica.

— Eu daria metade do meu sangue para poder imitar um daquelas romanças que ela cantava para mim enquanto eu definhava vencido e ferido na vila do Lorde. E não é possível, não me lembro de mais nada! Era uma língua estrangeira que ela falava, mas uma língua celestial que só Marianna podia conhecer. Mas como ficava linda, então, a Pérola de Labuan! Que embriaguez, que felicidade você derramava no meu coração naqueles momentos sublimes, minha querida.

Deixou que os dedos deslizassem no teclado, tocando uma melodia selvagem, vertiginosa, de um efeito estranho, na qual parecia se ouvir, às vezes, o fragor de uma tempestade ou o lamento de pessoas ao morrer.

Parou como se atingido por um novo pensamento e voltou à mesa, tomando uma taça cheia.

— Ah! Estou vendo os olhos dela no fundo — disse ele. — Sempre os seus olhos, sempre o seu rosto, sempre a Pérola de Labuan!

Esvaziou a taça, voltou a enchê-la e a esvaziá-la.

— Manchas de sangue! — exclamou. — Quem derramou sangue na minha taça? Sangue ou licor, não importa. Beba, Tigre da Malásia, porque na embriaguez você vai encontrar a felicidade.

O pirata, já embriagado, voltou a beber com novo ímpeto, engolindo o líquido ardente como se fosse água, alternando imprecações e gargalhadas.

Tentou se levantar, mas caiu de novo na cadeira, lançando ao redor um olhar sinistro. Parecia estar vendo sombras correndo pelo quarto, fantasmas rindo malignamente e mostrando machados, *kriss* e cimitarras ensanguentados. Em uma daquelas sombras pensou reconhecer o seu rival, o baronete William.

Sentiu-se tomado pela fúria e arreganhou os dentes com ferocidade.

— Estou vendo você, maldito inglês — berrou. — Mas pobre de você quando eu o pegar!

Você quer me roubar a Pérola, leio isso nos seus olhos, mas vou impedi-lo, vou destruir a sua casa, a do Lorde, vou acabar com Labuan, o sangue vai escorrer por todos os lugares e toda a população será exterminada... toda!... Ah! você está rindo!... espere um pouco, espere só até eu chegar!...

Ele já estava no auge da embriaguez. Sentiu-se tomado por uma vontade feroz de destruir tudo, de derrubar tudo.

Depois de tentar diversas vezes, conseguiu se levantar, agarrou uma cimitarra e, cambaleando, mal se mantendo em pé, se apoiou nas paredes e começou a dar golpes desesperados, onde quer que fosse, correndo para a sombra do baronete que parecia conseguir fugir todas as vezes, rasgando a tapeçaria, estilhaçando as garrafas, arremessando golpes terríveis nas prateleiras, na mesa, na harmônica, fazendo chover dos recipientes despedaçados torrentes de ouro, de pérolas e de diamantes, até que, esgotado, vencido pela embriaguez, caiu entre todos aqueles destroços e adormeceu profundamente.

AO DESPERTAR, PERCEBEU QUE ESTAVA em cima da otomana; provavelmente fora levado para lá pelos malaios incumbidos de servi-lo.

Os vidros despedaçados haviam sido retirados do chão, o ouro e as pérolas, recolocados nas prateleiras, os móveis, endireitados e acomodados da melhor forma. Só se viam os vestígios deixados pela cimitarra do pirata na tapeçaria que pendia, ainda lacerada, das paredes.

Sandokan massageou os olhos várias vezes e passou a mão na testa ardente mais vezes ainda, como se tentasse se lembrar do que fizera.

— Não posso ter sonhado — murmurou. — É isso mesmo, eu estava bêbado e feliz, mas agora o fogo volta a incendiar o meu coração; será que nunca mais vou conseguir apagá-lo? Mas que paixão é essa que invadiu o coração do Tigre?...

Tirou as roupas do sargento Willis, vestiu roupas novas que cintilavam de ouro e pérolas, pôs na cabeça um rico turbante com uma safira do tamanho de uma noz, colocou entre as pregas da faixa um novo *kriss* e uma nova cimitarra e saiu.

Aspirou um bocado do ar marinho, que dissipou completamente os últimos vapores da bebedeira, contemplou o sol já bastante alto, depois se virou para o oriente e suspirou, olhando na direção da distante Labuan.

— Pobre Marianna!... — murmurou, comprimindo o peito.

Percorreu o mar com aqueles olhos de águia e olhou para baixo do penhasco. Três *prahos*, com as velas grandes içadas, se encontravam diante do vilarejo, prontos para se pôr ao largo.

Na praia, os piratas iam e vinham, ocupados em embarcar armas, munição para o corpo e para a guerra e canhões. Sandokan avistou Yanez no meio deles.

— Bom amigo — murmurou. — Enquanto eu estava dormindo, ele organizou a expedição.

Desceu os degraus e se dirigiu para o vilarejo. Assim que os piratas o viram, um enorme brado ecoou:

— Viva o Tigre! Viva o nosso capitão!

Em seguida, todos aqueles homens, que pareciam ter sido tomados por uma loucura súbita, se precipitaram confusamente em torno do pirata, ensurdecendo-o com gritos de alegria, beijando as mãos dele, tocando a roupa, os pés, ameaçando sufocá-lo. Os chefes mais velhos da pirataria choravam de alegria ao vê-lo com vida, pois acreditavam que tinha sido morto nas costas da ilha maldita.

Nenhum lamento saía daquelas bocas, nenhum pesar pelos companheiros, pelos irmãos, pelos filhos, pelos parentes abatidos sob as armas dos ingleses na desastrosa expedição, mas, de vez em quando, irrompiam daqueles peitos gritos trêmulos de:

— Estamos com sede de sangue, Tigre da Malásia! Vingança para nossos companheiros!... Vamos para Labuan exterminar os inimigos de Mompracem.

— Amigos — disse Sandokan com aquela entonação metálica e estranha que fascinava a todos. — A vingança que reclamam não tarda. Os tigres que eu levava para Labuan caíram sob os golpes dos leopardos de pele branca, cem vezes mais numerosos e cem vezes mais armados que os nossos, mas o jogo ainda não acabou.

Não, filhotes, os heróis que caíram lutando nas praias daquela ilha maldita não ficarão sem a sua vingança. Estamos prestes a partir para aquela terra dos leopardos e, chegando lá, vamos devolver rugido com rugido, sangue com sangue! No dia do combate, os tigres de Mompracem vão devorar os leopardos de Labuan!

— Vamos, vamos! Para Labuan! Para Labuan! — gritaram os piratas agitando as armas freneticamente.

— Yanez, está tudo pronto? — perguntou Sandokan.

Yanez parecia não ter ouvido. Subira em uma velha carreta de canhão e olhava com atenção na direção de um promontório que se prolongava bastante pelo mar.

— O que está procurando, irmão? — perguntou Sandokan.

— Estou vendo a extremidade de um mastro despontando por trás daqueles recifes — respondeu o português.

— É um dos nossos *prahos*?

— Que outro navio ousaria se aproximar das nossas costas?

— Os nossos veleiros não voltaram todos?

— Todos menos um, o de Pisangu, um dos maiores e mais bem armados.

— Aonde você mandou que ele fosse?

— Na direção de Labuan, para procurar você.

— É, é o *praho* do Pisangu — confirmou um chefe de tropa. — Mas só estou vendo um mastro, senhor Yanez.

— Será que teve que lutar e perdeu o traquete? — Sandokan perguntou a si mesmo. — Vamos esperar. Quem sabe!... Pode estar trazendo notícias de Labuan.

Todos os piratas haviam subido nos bastiões para observar melhor aquele veleiro que avançava lentamente, acompanhando o promontório.

Depois de ter contornado a ponta extrema, um único grito escapou de todos os peitos:

— O *praho* de Pisangu!

Era mesmo o veleiro que Yanez mandara a Labuan três dias antes, para procurar notícias do Tigre da Malásia e de seus bravos homens, mas em que estado lastimável estava voltando! Do mastro de traquete só sobrava um toco; o mastro principal mal conseguia se manter em pé, sustentado por uma fina rede de enxárcia e pelos patarrás. Os costados quase não existiam mais e até os flancos estavam gravemente danificados e cheios de pedaços de lenha para fechar os furos abertos pelas balas.

— Esse barco deve ter entrado num belo combate — disse Sandokan.

— Pisangu é valente e não tem medo de atacar nem mesmo os navios grandes — respondeu Yanez.

— Veja!... Parece que está trazendo prisioneiros. Não está vendo um casaco vermelho entre os nossos valentes filhotes?

— Estou, parece que estou vendo um soldado inglês amarrado ao mastro principal — disse Yanez.

— Será que o prenderam em Labuan?

— Com certeza não o pescaram no mar.

— Ah!... Se ele pudesse me dar notícia de...

— Marianna, não é verdade, irmão?

— É — respondeu Sandokan com voz surda.

— Vamos interrogá-lo.

O *praho* avançava rapidamente ajudado pelos remos, pois o vento estava fraco. O capitão, um borneano de alta estatura, com um físico fantástico, parecido com o de uma antiga estátua de bronze, também por causa da cor olivácea, ao avistar Yanez e Sandokan deu um grito de alegria. Em seguida, levantando a mão, gritou:

— Um bom prisioneiro!

Cinco minutos depois o veleiro entrava na pequena baía e jogava a âncora a vinte passos da beira do mar. Uma chalupa foi rapidamente colocada no mar e Pisangu tomou seu lugar ali, junto com o soldado e quatro remadores.

— De onde está vindo? — perguntou Sandokan assim que desembarcaram.

— Das costas orientais de Labuan, meu capitão — disse o borneano. — Fui até lá impelido pela esperança de ter notícias suas e agora estou muito feliz por encontrar o senhor aqui e com saúde.

— Quem é aquele inglês?

— Um caporal, capitão.

— Onde o fez prisioneiro?

— Perto de Labuan.

— Conte todos os detalhes de como aconteceu.

— Eu estava inspecionando as praias, quando vi uma canoa desembocar da foz de um pequeno rio com aquele homem dentro. O patife devia ter companheiros nas margens, pois ouvi que várias vezes ele soltava uns assobios muito agudos.

Mandei descer ao mar uma chalupa, bem rápido, e comecei a persegui-lo com mais dez homens, esperando que ele pudesse me dar notícias do senhor.

A captura não foi difícil, mas quando quis sair da foz do pequeno rio me dei conta de que o caminho estava fechado por uma canhoneira. Entrei resolutamente em combate, trocando balas e metralha em abundância. Foi uma verdadeira tempestade, meu capitão, que acabou aniquilando metade da minha tripulação e arruinou o meu navio, mas que também reduziu a canhoneira e um estado lamentável.

Quando vi que o inimigo se retirava, com dois bordejos cheguei ao largo e voltei para cá na maior pressa.

— Então aquele soldado vem mesmo de Labuan?

— Vem, meu capitão.

— Obrigado, Pisangu. Leve o soldado.

Aquele infeliz já fora levado para a praia e estava rodeado pelos piratas, que haviam começado a maltratá-lo e a retirar das roupas os galões de caporal.

Era um jovem de seus vinte e cinco ou vinte e oito anos, gordo, de estatura baixa, louro, rosado e roliço.

Parecia muito assustado por se encontrar no meio daquele bando de piratas, mas nenhuma palavra saía de seus lábios.

Ao ver Sandokan, se esforçou para esboçar um sorriso e disse com certo tremor na voz:

— O Tigre da Malásia.

— Você me conhece? — perguntou Sandokan.

— Conheço.

— Onde me viu?

— Na vila do Lorde Guillonk.

— Deve estar espantado por me encontrar aqui.

— É verdade. Achava que o senhor ainda estava em Labuan e já nas mãos dos meus camaradas.

— Então você estava entre aqueles que me perseguiam?

O soldado não respondeu; depois, entregando os pontos, disse:

— A vida acabou para mim, não é verdade, senhor pirata?

— A sua vida depende das suas respostas — respondeu Sandokan.

— Quem iria confiar na palavra de um homem que assassina homens como se estivesse bebendo um cálice de gim ou de conhaque?

Um lampejo de cólera brilhou nos olhos do Tigre da Malásia.

— Você está falando bobagens, seu idiota!...

— Pense o que quiser — respondeu o caporal.

— Você vai falar.

— Humm!...

— Cuidado!... Tenho um *kriss* que pode cortar um corpo em mil pedaços; tenho tenazes em brasa prontas para arrancar a carne do corpo, pedaço por pedaço; tenho chumbo derretido para derramar nas feridas ou para fazer com que os indecisos engulam. Ou você fala ou vai sofrer tanto que vai implorar pela morte como uma salvação.

O inglês empalideceu, mas, em vez de abrir os lábios, apertou-os entre os dentes, como se tivesse medo de que alguma palavra escapasse.

— Vamos lá, onde você estava quando saí da vila do Lorde?...

— Nos bosques — respondeu o soldado.

— Fazendo o quê?

— Nada.

— Não queira me enganar. Labuan não tem tantos soldados assim para mandar algum deles passearem nos bosques sem nenhum motivo — disse Sandokan.

— Mas...

— Fale, quero saber de tudo.

— Não sei de nada.

— Ah, não? Vamos ver.

Sandokan retirara o *kriss* da faixa e, com um gesto rápido, cutucou a garganta do soldado, fazendo sair uma gota de sangue.

O prisioneiro não conseguiu conter um grito de dor.

— Fale ou eu mato você — disse Sandokan, sem retirar o punhal, cuja ponta já começava a ficar avermelhada.

O caporal ainda teve uma breve hesitação, mas, ao ver uma luz assustadora nos olhos do Tigre da Malásia, acabou cedendo.

— Chega! — disse, se esquivando da ponta do *kriss*. — Vou falar.

Sandokan fez sinal a seus homens para que se afastassem e se sentou junto com Yanez em uma carreta de canhão, dizendo ao soldado:

— Estou ouvindo. O que estava fazendo nos bosques?...

— Seguindo o baronete Rosenthal.

— Ah! — exclamou Sandokan, enquanto um lampejo agudo brilhava em seu olhar. — Ele!...

— Lorde Guillonk ficou sabendo que o homem que recolhera moribundo e de quem cuidara em sua própria casa não era um príncipe malaio, mas, sim, o terrível Tigre da Malásia; assim, planejou uma emboscada com a concordância do baronete e do governador.

— E como ele soube disso?

— Isso eu não sei.

— Continue.

— Foram reunidos cem homens e nos mandaram cercar a vila para impedir que o senhor fugisse.

— Isso eu sei. Diga o que aconteceu depois, quando eu consegui forçar as linhas e me refugiei nos bosques.

— Quando o baronete entrou na vila, encontrou Lorde Guillonk tremendamente agitado. Tinha uma ferida na perna feita

pelo senhor.

— Por mim!... — exclamou Sandokan.

— Talvez involuntariamente.

— Acredito que sim, pois se eu quisesse matá-lo ninguém conseguiria me impedir. E a jovem Lady?

— Estava chorando. Parece que havia se passado uma cena violentíssima entre a bela jovem e seu tio. O Lorde a acusava de ter ajudado a sua fuga... e ela implorava piedade para o senhor.

— Pobre criança! — exclamou Sandokan, enquanto uma rápida comoção alterava suas feições. — Ainda a odeia, Yanez?

— Continue — disse o português ao soldado. — Mas tome cuidado para dizer a verdade, pois vai ficar aqui até a nossa volta de Labuan. Se tiver mentido, não vai escapar da morte.

— É inútil tentar mentir — respondeu o caporal. — Como a perseguição acabou se mostrando infrutífera, ficamos acampados perto da vila como proteção para um possível ataque dos piratas de Mompracem.

Corriam boatos pouco tranquilizantes. Diziam que muitos filhotes haviam desembarcado e que o Tigre da Malásia estava escondido nos bosques, pronto para se precipitar na vila e raptar a mocinha.

Não sei mais o que aconteceu depois. Mas devo dizer ainda que Lorde Guillonk tomou as providências necessárias para ir embora para Vitória, com a proteção dos cruzadores e dos fortes.

— E o baronete Rosenthal?

— Vai se casar em breve com Lady Marianna.

— O que foi que disse?... — gritou Sandokan, ficando em pé de um salto.

— Que ele vai tomar a jovem do senhor.

— Está querendo me enganar?

— Com que objetivo? E o casamento deve acontecer, no máximo, em um mês.

— Mas Lady Marianna detesta aquele homem.

— Lorde Guillonk não está dando importância para isso.

Sandokan soltou o grito de uma fera ferida e cambaleou, fechando os olhos. Um espasmo violento descompusera seu semblante.

Ele se aproximou do soldado, sacudiu o homem furiosamente e disse com voz sibilante:

— Você não está querendo me enganar, não é?

— Juro que eu disse a verdade...

— Você vai ficar aqui enquanto vamos a Labuan. Se realmente não tiver mentido, vou lhe dar o seu peso em ouro.

Depois, se virando para Yanez, disse com voz decidida:

— Vamos partir.

— Estamos prontos para seguir você — respondeu o português com simplicidade.

— Está tudo pronto?

— Só falta escolher os homens que vão conosco.

— Vamos levar os mais corajosos, pois se trata de jogar a partida final.

— Mas deixe aqui forças suficientes para defender o nosso refúgio.

— Do que está com medo, Yanez?

— Os ingleses poderiam se aproveitar dessa ausência para atacar a nossa ilha.

— Eles não teriam a ousadia de chegar a tanto, Yanez.

— Acredito no contrário. Agora estão bastante fortes em Labuan para tentar uma luta como esta, Sandokan.

Um dia ou outro, o combate decisivo deve acontecer.

— Pois eles vão nos encontrar prontos e então vamos ver quem são os mais decididos e os mais valentes: os tigres de Mompracem ou os leopardos de Labuan.

Sandokan mandou que o seu bando, que contava com mais de duzentos e cinquenta homens recrutados entre as tribos mais guerreiras de Bornéu e das ilhas do mar malaio, entrasse em formação e escolheu noventa filhotes, os mais corajosos e os mais robustos, verdadeiras almas danadas que, a um sinal seu, não hesitariam em se lançar até mesmo contra os fortes de Vitória, a cidadela de Labuan.

Depois chamou Giro-Batol, mostrando-o àqueles que iriam ficar para defender a ilha, e disse:

— Eis um homem cujo destino é o de ser um dos mais valentes da pirataria, o único das minhas tripulações que sobreviveu naquela expedição desgraçada a Labuan. Durante a minha ausência, obedeçam a ele como se estivessem obedecendo a mim mesmo. E agora, vamos embarcar, Yanez.

OS NOVENTA HOMENS EMBARCARAM nos *prahos*. Yanez e Sandokan assumiram seus postos no maior e mais sólido deles, que levava canhões duplos e cerca de meia dúzia de balistas e, além de tudo, era protegido por uma lâmina de ferro espessa.

As âncoras foram içadas, as velas, orientadas e a expedição saiu da baía entre aclamações dos bandos que se apinhavam à beira-mar e nos bastiões.

O céu estava sereno e o mar, liso como uma mancha de óleo, mas ao sul apareciam algumas nuvens pequenas, com uma cor peculiar e uma forma estranha que não pressagiavam nada de bom.

Sandokan, que além de ser excelente na luneta, também era bom com o barômetro, farejou uma perturbação atmosférica próxima, contudo, não ficou preocupado.

— Se os homens não são capazes de me segurar, muito menos ainda uma tempestade conseguiria. Estou me sentindo forte a ponto de desafiar a fúria da natureza — disse.

— Você acha que vem vindo uma tempestade violenta? — perguntou Yanez.

— Acho, mas isso não vai me fazer voltar. Principalmente porque vai ser uma coisa muito boa, irmão, pois poderemos desembarcar sem sermos incomodados pelos cruzadores.

— E quando estiver em terra, o que vai fazer?

— Ainda não sei, mas me sinto capaz de qualquer coisa, de enfrentar a esquadra inglesa inteira se quiserem impedir a minha passagem, como também de lançar os meus homens para tomar de assalto a vila.

— Se você denunciar o nosso desembarque com alguma batalha, o Lorde não vai ficar no meio dos bosques, com certeza fugirá para Vitória e se colocará sob a proteção do forte e dos navios.

— É verdade, Yanez — respondeu Sandokan, suspirando. — E, no entanto, é preciso que Marianna se case comigo, pois sinto que, sem ela, o fogo que devora o meu coração nunca mais vai se apagar.

— Mais uma razão para agir com a máxima prudência: temos que tentar surpreender o Lorde.

— Surpreendê-lo! E você acha que ele não está em guarda? Ele sabe que eu sou capaz de tudo e deve ter reunido soldados e marinheiros no parque da casa.

— Pode ser, mas temos que recorrer a alguma astúcia. Talvez eu já esteja caraminhando alguma coisa na minha cabeça, mas ainda posso mudar. Mas me diga uma coisa, amigo, Marianna vai nos deixar raptá-la?

— Vai, sim, ela me jurou.

— E você vai levá-la para Mompracem?

— Vou.

— E depois de se casar com ela, ficará lá para sempre?

— Não sei, Yanez — disse Sandokan, soltando um profundo suspiro. — Você quer que eu a confine na minha ilha selvagem para sempre? Quer que ela viva para sempre entre os meus filhotes, que só sabem atirar com os mosquetes, ou agitar o *kriss* e o machado? Você quer que eu mostre espetáculos horrendos, sangue e carnificina por toda parte a seus doces olhos, que a ensurdeça com os urros dos combatentes e com o rugido dos canhões e que a exponha a um perigo constante?... Diga, Yanez, você faria isso se estivesse no meu lugar?

— Mas, Sandokan, pense no que acontecerá a Mompracem sem o seu Tigre da Malásia. Com você, vamos brilhar outra vez, a ponto de ofuscar Labuan e todas as outras ilhas, e ainda vamos fazer os filhos daqueles homens que destruíram a sua família e o seu povo tremerem. Há milhares de *dayachi* e de malaaios que só esperam um apelo para vir engrossar o bando dos tigres de Mompracem.

— Já pensei em tudo isso, Yanez.

— E o que o seu coração está dizendo?

— Está sangrando.

— E apesar de tudo vai deixar que a potência que você construiu morra por causa daquela dama?

— Eu a amo, Yanez. Ah! Preferia não ser mais o Tigre da Malásia!...

O pirata que, fato insólito, estava extremamente comovido, se sentou na carreta de um canhão, apoiando a cabeça entre as

mãos, como se quisesse sufocar os pensamentos que estavam tumultuando o seu cérebro.

Yanez olhou para ele em silêncio por muito tempo e depois começou a caminhar pela ponte, meneando a cabeça diversas vezes.

Enquanto isso, os três navios continuavam velejando para o oriente, embora impelidos por um vento leve e que, além de tudo, soprava com irregularidade, fazendo com que a viagem se atrasasse bastante.

A tripulação, tomada por uma enorme impaciência, calculava metro a metro o caminho percorrido, içava novas velas, como as velas balões, as pequenas velas de carangueja e as varredeiras, para capturar mais vento, tudo em vão. A navegação ficava cada vez mais lenta enquanto gradativamente as nuvens surgiam no horizonte.

Mas isso não deveria durar muito tempo. De fato, perto das nove da noite, o vento começou a soprar com alguma violência, vindo da direção em que apareciam as nuvens, sinal evidente de que uma tempestade perturbava o oceano meridional.

As tripulações saudaram com gritos alegres o sopro vigoroso, nem um pouco assustadas com a tempestade que estava ameaçando chegar e que poderia acabar se revelando funesta para os navios. Apenas o português começou a ficar inquieto e queria ao menos diminuir a superfície das velas, mas Sandokan não permitiu, ansioso como estava por chegar depressa às margens de Labuan que, para ele, desta vez parecia estar infinitamente distante.

No dia seguinte, o mar estava terrível. Ondas enormes, que subiam do sul, percorriam aquele vasto espaço e faziam os três navios caturrarem e arfarem. Mais tarde, no céu, corriam desenfreadamente nuvens imensas, negras como o breu e com as bordas tingidas de um vermelho fogo.

À noite, o vento redobrou de violência, ameaçando despedaçar os mastros caso não se diminuísse a superfície das velas.

Qualquer outro navegante, vendo aquele mar e aquele céu teria corrido para aportar na terra mais próxima, mas Sandokan, que agora sabia que se encontrava a setenta ou oitenta milhas de Labuan e que, em lugar de perder uma única hora, preferiria perder um de seus navios, nem sequer pensou nisso.

— Sandokan — disse Yanez, que ficava cada vez mais inquieto. — Cuidado, estamos correndo um grave perigo.

— Diga do que tem medo, meu irmão? — perguntou o Tigre.

— Estou com medo de que a tempestade mande todos nós beber na grande taça.

— Os nossos navios são sólidos.

— Mas me parece que a tempestade está ameaçando ficar medonha.

— Isso não me assusta, Yanez. Vamos em frente, pois Labuan não está longe. Você está vendo os outros barcos?

— Parece que tem um ao sul. A escuridão está tão profunda que não se vê nada além dos cem metros.

— Se os perdermos, eles vão saber encontrar o caminho.

— Mas também podem se perder para sempre, Sandokan.

— Não vou voltar atrás, Yanez.

— Fique atento, irmão.

Naquele instante, um relâmpago ofuscante rasgou as trevas, iluminando o mar até os limites extremos do horizonte, seguido de perto por um trovão assustador.

Sandokan, que estava sentado, se levantou de um salto, olhando desafiadoramente para as nuvens e disse, estendendo a mão para o sul:

— Venha lutar comigo, tempestade: eu a desafio!...

Atravessou a ponte e se colocou na barra do timão, enquanto seus marinheiros garantiam a segurança dos canhões e das balistas, armas que não queriam perder de forma alguma, evitavam que a embarcação fosse à deriva e reforçavam os massames fixos, triplicando as amarras.

As primeiras rajadas já sopravam do sul, com aquela rapidez que os ventos só conseguem atingir durante um furacão, lançando à frente deles as primeiras montanhas de água.

O *praho*, com as velas reduzidas, começou a correr com a velocidade de uma flecha em direção ao oriente, enfrentando corajosamente os elementos desenfreados e sem desviar sequer um milímetro da sua rota, sob a mão de ferro de Sandokan.

Ainda houve um pouco de calma durante cerca de meia hora, rompida apenas pelos rugidos do mar e pelos ruídos das descargas elétricas que aumentavam de intensidade a todo instante, mas, por volta das onze, a tempestade desencadeou quase de uma vez só em toda a sua terrível majestade; virando de cabeça para baixo o céu e o mar.

As nuvens, acumuladas desde o dia anterior, corriam agora furiosamente pelo espaço, ora suspensas e ora empurradas quase a ponto de tocar as ondas com suas bordas negras, enquanto o mar se precipitava com um ímpeto estranho na direção norte, parecendo uma imensa torrente.

O *praho*, uma verdadeira casca de noz desafiando a natureza irritada, sufocado pelos vagalhões que o assaltavam por todos os lados, oscilava desordenadamente sobre a crista espumante das ondas e no fundo dos abismos movediços, derrubando os homens, fazendo os mastros estalarem, os moitões baterem e as velas crepitarem com tanta força que pareciam

estar sempre a ponto de arrebentar.

Mas Sandokan, apesar daquela furiosa perturbação de água, não cedia e guiava o navio para Labuan, desafiando a tempestade.

Era bonito ver aquele homem, imóvel junto à barra do leme, com os olhos em chamas e os longos cabelos soltos ao vento, irremovível entre os elementos desenfreados que rugiam ao seu redor; ainda era o Tigre da Malásia que, não contente em desafiar os homens, agora desafiava a cólera da natureza.

Seus homens não ficavam atrás. Agarrados aos massames, miravam impassíveis aqueles ataques do mar, prontos a executar as manobras mais perigosas, mesmo que isso custasse a vida de todos.

Enquanto isso, a tempestade crescia cada vez mais de intensidade, quase como se quisesse arremessar toda a sua força para enfrentar aquele homem que a desafiava. O mar se erguia em montanhas de água que corriam para o ataque em meio a mil gritos, mil rugidos tremendos, abaixando-se em alguns locais, escavando abismos profundos que pareciam chegar até a areia do fundo do oceano; o vento soprava em todos os tons, lançando adiante verdadeiras colunas de água e revirando horivelmente as nuvens, entre as quais estrondeavam os trovões sem parar um instante.

O *praho* lutava de forma desesperada, opondo seus flancos robustos às ondas do norte que queriam arrastá-lo à força. Adernava cada vez mais assustadoramente, depois se endireitava, como um cavalo fogoso, mergulhava açoitando a água com a proa, gemia como se estivesse prestes a romper em dois e, em alguns momentos, caturrava tanto que parecia que não conseguiria mais se equilibrar.

Continuar lutando contra aquele mar cada vez mais impetuoso era uma loucura. Era preciso se deixar levar para o norte, como talvez já tivessem feito os dois outros *prahos*, desaparecidos há muitas horas.

Yanez, que compreendia como era imprudente continuar naquela rota, estava indo para a popa, a fim de pedir que Sandokan mudasse a rota, quando uma detonação que não podia ser confundida com o estrépito de um relâmpago, ecoou a distância.

Depois de um instante, uma bala passou sibilando sobre a coberta, quebrando as pontas das vergas do traquete.

Um urro de raiva explodiu a bordo do *praho* em vista daquela agressão inesperada que, com certeza, ninguém podia esperar com um temporal daqueles e em um momento tão crítico.

Sandokan, tendo passado o timão a um marinheiro, correu para a proa tentando descobrir o ousado que o assaltava durante a tempestade.

— Ah! — exclamou ele. — São cruzadores de vigília ainda?

De fato, o agressor que lançara tão bem a bala em meio àquela terrível agitação do mar era um grande navio a vapor, com uma bandeira inglesa se agitando no alto do penol e a grande faixa dos navios de guerra em cima do mastaréu do mastro principal. O que ele estaria fazendo no mar com um tempo daqueles? Estava cruzando diante das costas de Labuan ou vinha de alguma ilha vizinha.

— Vamos mudar o curso, Sandokan — disse Yanez, que se aproximara dele.

— Mudar o curso?

— Isso mesmo, meu irmão. Aquele navio suspeita que somos piratas indo direto a Labuan.

Um segundo golpe de canhão ecoou na ponte do barco e outra bala passou assobiando pelo aparelhamento do *praho*.

Apesar das violentas oscilações, os piratas correram para se posicionar nos canhões e nas balistas para responder ao ataque, mas Sandokan os deteve com um gesto.

De fato, não seria preciso. A embarcação, que se esforçava para enfrentar as ondas que assaltavam a sua proa, submergindo quase inteiramente sob o peso da sua construção em ferro, era arrastada contra a vontade para o norte. Em poucos instantes, estava tão distante que sua artilharia não era mais motivo de preocupação.

— Pena que tenha me encontrado em meio a esta tempestade — disse Sandokan com uma entonação tenebrosa. — Eu o teria atacado e subjugado, apesar do tamanho e da tripulação dele.

— Melhor assim, Sandokan — disse Yanez. — Que o diabo o carregue e o mande para o fundo do mar.

— Mas o que aquele navio estava fazendo em pleno mar, enquanto todos estão procurando refúgio? Será que é por estarmos perto de Labuan?

— Acho que sim.

— Você está vendo alguma coisa à nossa frente?

— Nada, a não ser montanhas de água.

— Apesar disso, sinto que o meu coração está batendo mais forte, Yanez.

— Muitas vezes o coração se engana.

— Não o meu. Ah!...

— O que você está vendo?

— Um ponto escuro a leste. Pude vê-lo durante o clarão de um relâmpago.

— Mas mesmo que estivéssemos perto de Labuan, como você iria querer atracar com um tempo destes?

— Vamos atracar, Yanez, mesmo que eu tenha que fazer o meu navio em pedaços.

Naquele momento se ouviu um malaio gritar do alto da verga do traquete:

— Terra bem à frente da haste de proa!...

Sandokan soltou um grito de alegria:

— Labuan!... Labuan!... — exclamou. — Quero a barra do leme.

Atravessou novamente a ponte, apesar das ondas que a varriam a todo instante, e assumiu o timão, lançando o *praho* em direção ao leste.

Mas enquanto se aproximava da costa, parecia que o mar redobrava a fúria, como se quisesse impedir a qualquer custo que eles atracassem. Ondas monstruosas, resultado das chamadas vagas do fundo, se precipitavam de todas as direções, ao passo que o vento rodopiava com violência, vindo das alturas da ilha.

Mas Sandokan não cedia e, com os olhos fixos no leste continuava impávido no caminho, se valendo da luminosidade dos relâmpagos para se orientar.

Bem depressa se viu a pouca distância da costa.

— Cuidado, Sandokan — disse Yanez, que tinha se colocado ao seu lado.

— Não tenha medo, irmão.

— Preste atenção aos recifes.

— Vou evitá-los.

— Mas onde você vai encontrar abrigo?

— Vou pensar.

A poucos passos se desenhava confusamente a costa contra a qual o mar se rompia com uma fúria indizível. Sandokan a examinou por alguns segundos e depois, com um vigoroso golpe da barra, virou para bombordo.

— Atenção! — gritou para os piratas que estavam ocupados com o massame.

Arremessou o *praho* adiante, com uma temeridade que faria arrepiar os cabelos dos mais intrépidos lobos do mar, atravessou um desfiladeiro estreito, aberto entre dois grandes penhascos, e entrou em uma baía pequena, mas profunda, que parecia acabar em um rio.

Entretanto, a ressaca estava tão violenta naquele refúgio que punha em grave perigo o *praho*. Era melhor desafiar a ira do mar aberto do que ficar atracado naquelas margens varridas por ondas enormes que rodopiavam e se cruzavam sem parar.

— Agora não dá para tentar nada, Sandokan — disse Yanez. — Se quisermos atracar, faremos nosso navio em pedaços.

— Você é um nadador muito bom, não é verdade? — perguntou Sandokan.

— Tão bom quanto os nossos malaiois.

— E não tem medo das ondas.

— Não, não tenho.

— Então vamos atracar assim mesmo.

— O que está pensando em fazer?

Em vez de responder, Sandokan gritou:

— Paranoa!... Na barra!...

O *dayaco* avançou para a popa e agarrou a barra que Sandokan lhe passava.

— O que devo fazer? — perguntou.

— Por ora mantenha o *praho* transversal ao vento — respondeu Sandokan. — Atenção para não atirá-lo contra os bancos.

— Não se preocupe, Tigre da Malásia.

Voltou-se para os marinheiros e disse:

— Preparem a chalupa e icem-na sobre o costado. Quando a onda varrer a borda, deixem-na ir.

Quais seriam as intenções do Tigre da Malásia? Será que iria tentar desembarcar naquela chalupa, um mísero brinquedo no meio daqueles vagalhões assustadores? Os homens, ouvindo o comando, olharam uns para os outros com grande ansiedade e depois se apressaram a obedecer, sem pedir mais explicações.

Ergueram a chalupa com a força dos braços e a içaram sobre o costado de boreste, após terem colocado dentro dela, por ordem de Sandokan, duas carabinas, munição e víveres.

O Tigre da Malásia se aproximou de Yanez e disse:

— Embarque nesta chalupa, meu irmão.

— O que você está querendo fazer, Sandokan?

— Eu quero atracar.

— Vamos ser despedaçados contra a praia.

— Bah!... Suba, Yanez.

— Você está louco.

Em vez de responder, Sandokan o agarrou e o empurrou para dentro da chalupa e, em seguida, também embarcou. Uma onda monstruosa estava entrando então na baía, bramindo tremendamente.

— Paranoa! — gritou Sandokan. — Fique preparado para virar de bordo.

— Devo sair de novo para o mar? — perguntou o *dayaco*.

— Saia novamente para o norte e navegue à capa. Quando o mar tiver se acalmado, volte para cá.

— Está certo, capitão. Mas e vocês?...

— Vamos atracar.

— Vão perder a vida.

— Cale-se!... Fique atento para soltar a chalupa! Aí vem a onda!

O vagalhão se aproximava com a crista coberta por uma espuma alva. Dividiu-se ao meio diante dos dois penhascos, depois entrou na baía e se precipitou para junto do *praho*.

Em um piscar de olhos chegou junto dele, envolvendo-o em uma nuvem de espuma e arremeteu contra os costados.

— Deixe que ela vá — urrou Sandokan.

A chalupa, abandonada à própria sorte, foi levada, carregando os dois bravos homens que estavam a bordo. Quase no mesmíssimo instante, o *praho* virava de bordo e, aproveitando uma onda contrária, saiu ao largo, desaparecendo atrás dos recifes.

— Arrancar, Yanez — disse Sandokan, agarrando um remo. — Vamos desembarcar em Labuan, apesar da tempestade.

— Raios! — exclamou o português. — Isso é uma loucura!

— Arranque!...

— E a colisão?

— Quietos! Preste atenção às ondas!

A embarcação balançava assustadoramente na espuma da ressaca, ora descendo e ora planando pela crista. As ondas, contudo, continuavam arremessando-a para a praia que, por sorte, descia suavemente e não tinha recifes.

Carregada por outro vagalhão, percorreu cem metros. Subiu uma crista, depois se precipitou e, em seguida, aconteceu um choque violentíssimo.

Os dois homens valentes sentiram faltar o fundo sob os pés. A quilha se estilhaçara de um único golpe.

— Sandokan! — gritou Yanez, que queria entrar na água através de uma fenda.

— Não saia...

A voz foi sufocada por um tremendo golpe do mar que sucedeu ao primeiro. A chalupa foi erguida de novo. Balançou um instante na crista do vagalhão e se lançou à frente, descendo novamente, mas as ondas rodopiantes a empurraram ainda mais à frente e a atiraram contra o tronco de uma árvore com tal violência que os dois piratas foram arremessados para fora. Sandokan, que caíra no meio de um amontoado de folhas e ramos, rapidamente se levantou e recolheu as duas carabinas e a munição.

Um novo vagalhão subia de novo pela margem. Ele encontrou a chalupa e a arrastou por algum tempo mar adentro, depois se livrou dela, que acabou submergindo.

— Para o inferno todos os apaixonados! — gritou Yanez, que se levantara inteiro machucado. — São todos completamente loucos.

— Mas você ainda está vivo? — disse Sandokan rindo.

— Você queria que eu tivesse me matado?

— Eu nunca iria me conformar, Yanez! Ei! Olhe o *praho*!

— Como? Ele não se lançou ao largo?

O veleiro passava de novo diante da embocadura da baía, navegando com a velocidade de uma flecha.

— Que companheiros fiéis — disse Sandokan. — Antes de se distanciar quiseram ter certeza de que tínhamos conseguido atracar.

Tirou das costas uma larga faixa de seda vermelha e a soltou ao vento. Um instante depois, um disparo ecoou na ponte do veleiro.

— Eles nos viram — disse Yanez. — Vamos torcer para que se salvem.

O *praho* virara de bordo e retomara seu curso para o norte.

Yanez e Sandokan ficaram na praia durante todo o tempo em que conseguiram avistá-lo e em seguida se embrenharam por baixo das grandes plantas para se colocarem ao abrigo da chuva que caía a cântaros.

— Aonde vamos, Sandokan? — perguntou Yanez.

— Ainda não sei.

— Não sabe onde estamos?

— Por enquanto não dá para saber. Mas acho que não estamos longe do pequeno rio.

— De que rio você está falando?

— Daquele que serviu de refúgio para o meu *praho* depois da batalha contra o cruzador.

— E a vila do Lorde James fica perto desse lugar?

— A alguns quilômetros.

— Então primeiro temos que encontrar esse curso de água.

— Com certeza, Yanez.

— Amanhã vamos inspecionar a costa.

— Amanhã? — exclamou Sandokan. — E você acha que eu vou conseguir esperar tantas horas e ficar aqui sem fazer nada?

Mas você não sabe que tem fogo correndo em minhas veias? Não percebeu que estamos em Labuan, na terra em que brilha a minha estrela?

— E você acha que eu vou esquecer que estamos na ilha dos casacos vermelhos

— Então você deve entender a minha impaciência.

— Absolutamente não, Sandokan — respondeu o português com calma. — Por Júpiter! Ainda estamos completamente perturbados e você pretende que a gente se ponha a caminho nesta noite infernal? Você está louco, meu irmão.

— O meu tempo está se esgotando, Yanez. Você não se lembra do que o sargento disse?...

— Lembro perfeitamente, Sandokan.

— De um momento para outro Lorde James pode se refugiar em Vitória.

— Com certeza ele não vai fazer isso com esse tempo do cão.

— Não brinque, Yanez.

— Não estou com a menor vontade de brincar, Sandokan. Vamos lá, temos que conversar com calma, meu irmão. Você quer ir para a vila?... Fazer o que lá?...

— Pelo menos vê-la por um momento — disse Sandokan com um suspiro.

— E cometer alguma imprudência depois, não é verdade?...

— Não.

— Hum!... Eu sei bem do que você é capaz. Calma, irmãozinho. Lembre-se de que somos apenas dois e de que a vila está cheia de soldados. Vamos esperar os *prahos* voltarem e depois nós agimos.

— Mas se você soubesse como estou me sentindo por estar nesta terra! — exclamou Sandokan com voz rouca.

— Posso imaginar, mas não vou deixar você fazer loucuras que podem acabar sendo fatais. Quer ir à vila para se certificar de que Marianna ainda se encontra por lá? Podemos ir, mas depois que a tempestade tiver passado. Com esta escuridão e esta chuva não vamos conseguir nos orientar, nem achar o rio.

Amanhã, quando o sol tiver despontado, a gente se põe a caminho. Por ora, vamos procurar um abrigo.

— E eu vou ter que esperar até amanhã?

— Não faltam nem três horas para amanhecer.

— Uma eternidade!...

— Uma miséria, Sandokan. E depois, nesse intervalo, o mar pode se acalmar, o vento, diminuir de violência, e os *prahos* podem voltar.

Agora venha, vamos nos jogar embaixo de alguma areca com folhas bem grandes, que vai nos proteger melhor que uma tenda, e esperar pela aurora.

Sandokan estava indeciso quanto a seguir esse conselho. Olhou para o amigo fiel, ainda com a esperança de convencê-lo a partir, depois acabou cedendo e se deixou cair perto do tronco da árvore, dando um longo suspiro.

A chuva continuava caindo com extrema violência e a tempestade se enfurecia cada vez mais no mar. Os dois piratas observavam pelo meio das árvores as ondas se sobrepondo com raiva e se arremessando contra a praia com um ímpeto irreprimível, arrebatando uma atrás da outra.

Observando aqueles vagalhões que, em vez de diminuir, se agigantavam cada vez mais, Yanez não pôde deixar de se perguntar:

— O que vai acontecer com os nossos *prahos* numa tempestade destas?... Você acha, Sandokan, que eles vão se salvar?... Se naufragarem, o que vai acontecer conosco?...

— Os nossos homens são marinheiros de primeira — respondeu Sandokan. — Eles vão saber como sair dessa enrascada.

— E se naufragarem?... O que você vai fazer sem a ajuda deles?

— O que vou fazer?... Vou raptar aquela jovem do mesmo jeito.

— Você está indo depressa demais, Sandokan. Dois homens sozinhos, mesmo que sejam dois tigres da Mompracem selvagem, não podem enfrentar vinte, trinta, talvez cinquenta mosquetes.

— Vamos ter que recorrer à astúcia.

— Hum!...

— Você acredita que eu seria capaz de renunciar ao meu projeto?... Não, Yanez!... Não volto a Mompracem sem Marianna.

Yanez não respondeu. Acendeu um cigarro, se esticou no meio da folhagem que estava quase seca, protegida pelas folhas largas da árvore, e fechou os olhos.

Sandokan, por sua vez, se ergueu e saiu em direção à praia. O português, que não estava dormindo, viu que ele contornava a orla da floresta, ora subindo para o norte e ora voltando para o sul.

Certamente tentava se orientar e reconhecer aquela costa que talvez já tivesse percorrido durante a sua estada na ilha.

Quando voltou, estava começando a clarear. A chuva havia parado há algumas horas e mesmo o vento não rugia mais com tanta força através dos milhares de árvores da floresta.

— Já sei onde estamos — disse a Yanez.

— Ah!... — fez este, começando a se levantar.

— O rio deve ficar ao sul e talvez não esteja muito distante.

— Quer começar a procurar?...

— Quero, Yanez.

— Espero que você não se atreva a chegar muito perto da vila de dia.

— Mas esta noite ninguém vai me deter.

E acrescentou com a entonação de uma pessoa que deseja exprimir a eternidade:

— Doze horas ainda!... Que tortura!...

— O tempo passa depressa na floresta, Sandokan — respondeu Yanez sorrindo.

— Vamos.

— Estou pronto para acompanhá-lo.

Jogaram as carabinas nos ombros, guardaram a munição nas bolsas e se embrenharam na grande floresta, tentando, contudo, não se distanciar demais da praia.

— Vamos evitar a enseada profunda formada pela costa — disse Sandokan. — O caminho é mais difícil, porém mais rápido.

— Cuidado para não se perder.

— Não se preocupe, Yanez!

A floresta só apresentava umas poucas trilhas, mas Sandokan era um verdadeiro homem dos bosques, capaz de rastejar como uma serpente e de se orientar mesmo sem as estrelas e sem o sol. Dirigiu-se para o sul, se mantendo a pouca distância da costa para encontrar, em primeiro lugar, o rio no qual se abrigara durante a expedição anterior. Chegando ali, não seria difícil alcançar a vila; o pirata sabia que ela ficava a cerca de dois quilômetros. O caminho, contudo, quanto mais se aproximava do sul, ficava cada vez pior por causa dos estragos causados pela tempestade. Diversas árvores, derrubadas pelo vento, impediam a passagem, obrigando os dois piratas a fazer escaladas temerárias e a dar longas voltas. Além disso, havia amontoados imensos de ramos que atrapalhavam o caminho e enormes quantidades de lianas que se entrelaçavam nas pernas, atrasando a caminhada.

No entanto, trabalhando com o *kriss*, subindo e descendo, saltando e escalando árvores e troncos caídos, continuavam em frente, tentando sempre não se distanciar demais da costa.

Perto do meio-dia, Sandokan se deteve e disse ao português:

— Estamos perto.

— Do rio ou da vila?...

— Do curso de água — respondeu Sandokan. — Não está ouvindo esse gorgolejo que repercute nesse amontoado de vegetação?...

— Estou — disse Yanez, depois de ficar ouvindo por alguns instantes. — Tomara que seja mesmo o rio que estamos procurando.

— Não posso estar errado. Lembro de ter passado por esses lugares.

— Vamos continuar.

Atravessaram rapidamente a último trecho da grande floresta e, dez minutos mais tarde, se encontravam diante de um pequeno curso de água que desembocava em uma baía graciosa, cercada de árvores imensas.

O acaso os levara ao mesmíssimo lugar em que haviam atracado os *prahos* na primeira expedição. Ainda se viam as traves deixadas pelo segundo barco quando, rechaçado pelos tremendos disparos de canhão do cruzador, se refugiara ali para reparar as graves avarias.

Na margem havia pedaços de vergas, fragmentos de costados, faixas de pano, cordames, balas de canhão, cimitarras e machados quebrados, bem como refugos de aparelhagens.

Sandokan lançou um olhar ameaçador para aqueles escombros que o fizeram se lembrar da primeira derrota e suspirou, pensando nos homens valentes que haviam sido exterminados pelo fogo implacável do cruzador.

— Repousam ali, fora da baía, no fundo do mar — disse a Yanez com voz triste. — Pobres mortos ainda não vingados!...

— Foi aqui que você atracou?...

— Foi sim, Yanez. Eu era então o invencível Tigre da Malásia, não tinha ainda correntes em torno do coração nem visões diante dos olhos.

Lutei como um desesperado, arrastando os meus homens para a abordagem com um furor selvagem, mas fui esmagado.

O maldito que nos cobria de ferro e de chumbo estava lá!... Parece que ainda o estou vendo exatamente como durante aquela noite terrível em que o ataquei à frente de poucos bravos. Que momentos terríveis, Yanez, quanta destruição!... Todos caíram, todos, menos um: eu!...

— Você lamenta aquela derrota, Sandokan?

— Não sei. Sem aquela bala que me atingiu, talvez eu não tivesse conhecido a jovem de cabelos de ouro.

Calou-se e desceu para a praia, lançando um olhar para a água azul da baía, e depois se deteve com os braços esticados, indicando a Yanez o local onde acontecera a terrível abordagem.

— Os *prahos* descansam ali — disse — e quem sabe quantos mortos se encontram ainda nos seus cascos.

Sentou-se no tronco de uma árvore caída, talvez pela idade, apoiou a cabeça nas mãos e mergulhou em profundos pensamentos.

Yanez o deixou absorto em suas meditações e se aventurou entre os recifes, escarafunchando com um bastão aguçado nas fendas para ver se conseguia descobrir algumas ostras gigantes.

Depois de ter perambulado por um quarto de hora, voltou à praia carregando uma tão grande que tinha dificuldade em erguê-la.

Acender um belo fogo e abri-la foi para ele uma tarefa de alguns minutos.

— Vamos, irmãozinho, deixe os *prahos* embaixo da água e os mortos na boca dos peixes e venha dar uma dentada nesta polpa deliciosa, já que, pensando e repensando, você não vai trazer de volta nem uns nem outros.

— É verdade, Yanez — respondeu Sandokan suspirando. — Aqueles bravos não voltarão mais à vida.

A refeição foi fantástica. Aquela ostra gigantesca tinha uma polpa tão delicada que deixou embasbacado aquele ótimo português, a quem o ar marítimo, unido aos perfumes da floresta, havia aguçado extraordinariamente o apetite.

Terminada a farta refeição, Yanez começou a se preparar para deitar embaixo de um soberbo durião que se elevava sobre a margem do rio, com a intenção de fumar alegremente alguns cigarros, mas Sandokan indicou a floresta com um gesto.

— Talvez a vila esteja longe — disse.

— Você não tem certeza de onde ela fica?

— Uma vaga certeza. Percorri todos esses locais tomado pelo delírio.

— Que diabo!

— Oh! Mas não tenha medo, Yanez. Vou conseguir encontrar o atalho que chega ao parque.

— Então vamos, já que você quer; mas não cometa nenhuma imprudência.

— Vou ficar tranquilo, Yanez.

— Só mais uma coisa, irmãozinho.

— O que você quer?

— Acredito que você vai esperar a noite chegar para entrar no parque.

— Vou, Yanez.

— Prometa.

— Dou a minha palavra.

— Então, em marcha.

Seguiram a margem direita do rio por algum tempo e depois entraram decididamente na grande floresta.

Parecia que a tempestade havia desabado com mais fúria ainda naquela parte da ilha. Diversas árvores, derrubadas ou pelo vento ou pelos raios, jaziam no solo; algumas se encontravam ainda meio suspensas, mantidas assim pelas lianas e outras completamente caídas. Por toda parte, arbustos lacerados e contorcidos, folhas e frutas amontoadas e ramos despedaçados, no meio dos quais gritavam muitos macacos feridos. Apesar de todos aqueles obstáculos, Sandokan não se detinha.

Continuou caminhando até o pôr-do-sol, sem hesitar nem uma vez sobre o caminho a percorrer.

A noite caía e Sandokan já começava a se desesperar por não encontrar o rio quando, de repente se viu diante de um atalho largo.

— O que está vendo? — perguntou o português, ao notar que ele parara.

— Estamos perto da vila — respondeu Sandokan com voz sufocada. — Este atalho leva ao parque.

— Por Baco! Mas que sorte, irmãozinho! Vá em frente, mas cuidado para não fazer nenhuma loucura.

Sandokan nem esperou que ele acabasse de falar. Armou a carabina para não ser surpreendido desarmado e se arremessou pelo atalho com tanta rapidez que o português tinha dificuldade em ficar próximo.

— Marianna! Menina divina!... Meu amor!... — exclamava, avançando pelo caminho a uma velocidade cada vez maior. — Não tenha mais medo, pois agora estou por perto!...

Naquele momento, o terrível pirata teria derrubado um regimento inteiro só para chegar até a vila. Não tinha mais medo de nada nem de ninguém; nem a própria morte o faria voltar atrás.

Ofegava e se sentia invadido por um fogo intenso que ardia no coração e no cérebro, agitado ainda por mil temores. Temia chegar tarde demais, não encontrar mais a dama tão intensamente amada e corria cada vez mais, esquecendo toda a prudência, quebrando e espatifando os ramos dos arbustos, partindo impetuosamente as lianas, saltando com o impulso de um leão os milhares de obstáculos que atrapalhavam a passagem.

— Ei, Sandokan, seu louco endemoniado — dizia Yanez, que trotava como um cavalo. — Espere um pouco para que eu o alcance! Pare, por mil espingardas, ou eu vou explodir.

— Para a vila!... para a vila!... — repetia invariavelmente o pirata.

Só parou diante da paliçada do parque, mais para esperar o português do que por prudência ou cansaço.

— Ufa! — exclamou o português se juntando a ele. — Você acha que eu sou um cavalo para me fazer correr desse jeito? A vila não vai fugir, eu garanto, e além disso você não sabe quem pode estar escondido atrás daquela cerca.

— Não tenho medo dos ingleses — respondeu o Tigre, tomado por uma viva exaltação.

— Sei disso, mas se você for morto nunca mais vai ver a sua Marianna.

— Mas também não posso ficar aqui, preciso ver a minha jovem lady.

— Calma, irmãozinho. Obedeça-me e vai ver uma coisa já, já.

Fez um sinal para que ele ficasse quieto e escalou a cerca com a agilidade de um gato, olhando atentamente para o parque.

— Parece que não tem nenhuma sentinela — disse. — Vamos entrar, então.

Escorregou para o outro lado enquanto Sandokan fazia o mesmo e os dois avançaram silenciosamente pelo parque, se escondendo atrás dos arbustos e canteiros e mantendo os olhos fixos no palacete que aparecia confusamente entre as trevas.

Estavam à distância de um tiro de arcabuz quando Sandokan se deteve de chofre, apontando a carabina à sua frente.

— Pare, Yanez — murmurou.

— O que está vendo?

— Homens parados diante do palacete.

— E se for o Lorde com Marianna?

Sandokan, com o coração batendo furiosamente, se ergueu lentamente e aguçou o olhar, fixando aquelas figuras humanas com profunda atenção.

— Maldição! — murmurou rangendo os dentes. — Soldados!...

— Oh! Oh! A confusão está aumentando — resmungou o português. — O que vamos fazer?

— Se há soldados é sinal de que Marianna ainda se encontra na vila.

— Também acho.

— Então vamos atacá-los.

— Você está louco!... Quer morrer? Somos dois e eles devem ser uns dez, quinze, talvez até trinta.

— Mas eu tenho que vê-la! — exclamou Sandokan, encarando o português com olhos que pareciam os de um demente.

— Acalme-se, irmãozinho meu — disse Yanez, agarrando-o fortemente por um braço, a fim de impedir que ele cometesse alguma loucura. — Fique calmo e talvez consiga vê-la.

— De que jeito?

— Vamos esperar até ficar bem tarde.

— E depois?

— Tenho um plano. Estique-se aqui perto, freie os ímpetos do seu coração e não vai se arrepender.

— Mas e os soldados?

— Por Júpiter! Espero que durmam em algum momento.

— Tem razão, Yanez: vamos esperar!

Deitaram-se atrás de um arbusto espesso, mas de maneira a não perder de vista os soldados, e aguardaram o momento oportuno para agir.

Passaram-se duas, três, quatro horas, que para Sandokan pareceram quatro séculos, e finalmente os soldados entraram na vila, fechando ruidosamente a porta.

O Tigre fez menção de se arremessar à frente, mas o português o segurou rapidamente e depois, se arrastando embaixo da sombra densa de um enorme *prombo*, disse, cruzando os braços e olhando fixo:

— Diga uma coisa, Sandokan: o que você pretende fazer esta noite?

— Quero vê-la.
— E acha que é fácil?... Descobriu uma maneira de poder vê-la apesar de tudo?
— Não, mas...
— A sua juvenzinha sabe que você está aqui?...
— Não há a menor possibilidade.
— Então teríamos que chamá-la.
— Teríamos.
— E os soldados sairiam, pois não se pode admitir que sejam surdos, e iriam nos receber com tiros de carabina.

Sandokan não respondeu.

— Veja bem, meu pobre amigo, esta noite você não pode fazer nada.
— Posso escalar até a sua janela — disse Sandokan.
— E não está vendo aquele soldado de emboscada perto do canto do pavilhão?
— Um soldado?...
— É, Sandokan. Olhe: dá para ver o brilho do cano do fuzil.
— O que você acha que eu devo fazer, então?... Fale!... A febre está me devorando!...
— Você sabe que parte do parque a sua jovem costuma frequentar?
— Todos os dias ela ia bordar no quiosque chinês.
— Ótimo. Onde ele fica?

— Aqui perto.
— Leve-me até lá.
— O que vai fazer, Yanez?
— Temos que avisá-la de que estamos aqui.

O Tigre da Malásia, embora estivesse passando por todo o sofrimento do inferno ao se distanciar daquele local, se enfiou por uma viela lateral e levou Yanez até o quiosque.

Tratava-se de um gracioso pavilhão com paredes vazadas, pintado com cores vivas e coberto por uma espécie de cúpula de metal dourado, cheia de pontas e de dragões raivosos.

Ao redor se estendia um pequeno bosque de lilases e de grandes pés de rosas da China, que exalavam perfumes penetrantes.

Depois de armar as carabinas, sem saber se estaria deserto ou não, Yanez e Sandokan entraram. Não havia ninguém.

Yanez acendeu um fósforo e viu sobre uma mesa delicadamente trabalhada uma cestinha contendo rendas e linha e, ao lado dela, uma mandola marchetada de madrepérola.

— Essas coisas são dela? — perguntou a Sandokan.
— São — respondeu este com uma entonação de infinita ternura.
— Tem certeza de que ela vai voltar aqui?

— É o seu lugar preferido. É aqui que aquela jovem divina vem respirar o ar embalsamado dos lilases em flor, que vem cantar suas doces canções da terra natal, e foi aqui que ela me jurou afeição eterna.

Yanez destacou uma folhinha de papel de um livreto, vasculhou em uma bolsa, encontrou um pedaço de lápis e, enquanto Sandokan acendia outro fósforo, escreveu o seguinte bilhete:

Desembarcamos ontem durante a tempestade. Amanhã à noite, à meia-noite, estaremos embaixo da sua janela. Consiga uma corda para ajudar Sandokan na escalada.

Yanez de Gomera

— Espero que ela conheça o meu nome — disse.
— Claro que conhece — respondeu Sandokan. — Ela sabe que você é o meu melhor amigo.

O português pegou a carta e a colocou na cesta de trabalho, de maneira que pudesse ser vista rapidamente, enquanto Sandokan colhia algumas rosas da China e colocava por cima.

Os dois piratas olharam um para o outro à luz pálida de um relâmpago; um deles estava calmo, o outro, tomado por uma grande emoção.

— Vamos, Sandokan — disse Yanez.
— Estou logo atrás de você — respondeu o Tigre da Malásia, com um suspiro sufocado.
Cinco minutos depois, transpunham a paliçada do parque e se embrenhavam de novo na floresta escura.

A NOITE ESTAVA TEMPESTUOSA, ainda não completamente acalmada após o furacão. O vento rugia e ululava em milhares de sons diferentes no pequeno bosque, torcendo os ramos das plantas e fazendo rodopiar para o alto montes de folhas, vergando ou desenraizando as árvores mais jovens e sacudindo fortemente as mais velhas. De vez em quando,

relâmpagos ofuscantes rompiam as densas trevas e raios caíam, derrubando e incendiando as árvores mais altas da floresta.

Era uma verdadeira noite dos infernos, uma noite propícia para se tentar um golpe ousado na vila. Desgraçadamente os homens dos *prahos* não estavam lá para ajudar Sandokan em sua tarefa arriscada.

Embora o furacão voltasse a se desencadear, nada detinha os dois piratas. Guiados pela luz dos relâmpagos, tentavam chegar ao rio para ver se algum *praho* conseguira se refugiar na pequena baía.

Sem prestar atenção à chuva torrencial que caía, mas tomando cuidado para não serem atingidos pelos grandes galhos que o vento balançava, depois de duas horas chegaram inesperadamente à foz do rio, enquanto, para ir à vila, haviam precisado do dobro do tempo.

— No meio da escuridão conseguimos nos orientar melhor do que em pleno dia — disse Yanez. — Uma verdadeira sorte, ainda mais numa noite como esta.

Sandokan desceu a margem e, no momento em que um relâmpago brilhou, lançou um rápido olhar para as águas da baía.

— Nada — disse com voz surda. — Será que aconteceu alguma desgraça aos meus navios?

— Acho que ainda não abandonaram o refúgio — respondeu Yanez. — Devem ter percebido que outro furacão estava ameaçando desabar e, como se trata de gente prudente, provavelmente não se mexeram. Você sabe que não é fácil atracar aqui com ondas e ventos furiosos.

— Estou um pouco preocupado Yanez.

— Por quê?

— Estou com medo que tenham naufragado.

— Bah! Os nossos navios são sólidos. Em alguns dias nós vamos vê-los chegando. Você marcou o encontro nesta pequena baía, não foi?

— Foi, Yanez.

— Então vamos ver isso depois. Temos que encontrar um abrigo, Sandokan. Chove a cântaros e este temporal não vai se acalmar tão cedo.

— Aonde vamos? Poderíamos ir à cabana construída por Giro-Batol durante a sua estada nesta ilha, mas duvido que eu consiga encontrá-la.

— Vamos para o meio daquele grupo de bananeiras. As folhas gigantes das aquelas plantas vão nos abrigar bem.

— Seria melhor construir um *attap*, Yanez.

— Não tinha pensado nisso. Vai ficar pronto em pouco tempo.

Usando o *kriss*, cortaram alguns bambus que cresciam nas margens do rio e o enterraram embaixo de um fantástico *pombo*, cuja sombra muito densa era quase suficiente para abrigá-los da chuva. Cruzaram os bambus para formar o esqueleto de uma tenda com dois telhados pendentes, e cobriram-nos com as folhas gigantes das bananeiras, sobrepondo-as para formar os dois telhados caídos.

Como dissera Yanez, poucos minutos foram suficientes para construir aquele abrigo.

Os dois piratas se abrigaram ali embaixo, levando com eles um cacho de banana e, depois de uma pobre ceia composta exclusivamente daquelas frutas, tentaram adormecer enquanto o temporal desabava com uma violência ainda maior, acompanhado de relâmpagos e trovões ensurdecedores.

A noite foi péssima. Várias vezes Yanez e Sandokan foram obrigados a reforçar o abrigo, e a cobri-lo de novo com ramos e folhas de bananeira para se proteger da chuva torrencial e incessante.

Perto do amanhecer, contudo, o tempo se acalmou um pouco e permitiu que os dois piratas dormissem tranquilamente até as dez horas da manhã.

— Vamos procurar alguma coisa para comer — disse Yanez quando acordou. — Espero encontrar outra daquelas ostras gigantes.

Dirigiram-se para a baía, acompanhando a margem meridional e, esquadrinhando os numerosos recifes, conseguiram encontrar diversas ostras de um tamanho inacreditável e também alguns crustáceos. Yanez juntou ainda bananas e alguns *pombos*, laranjas enormes e muito suculentas.

Terminada a refeição, subiram a costa para o norte, com a esperança de descobrir um dos seus *prahos*, mas não viram ninguém velejando no mar.

— A borrasca não deixou que voltassem para o sul — disse Yanez a Sandokan. — O vento não parou de soprar desde o meio-dia.

— Mesmo assim, estou muito preocupado com a sorte deles, amigo — respondeu o Tigre da Malásia. — Esse atraso está me provocando muitos temores.

— Bah!... Os nossos homens são marinheiros muito habilidosos.

Durante grande parte do dia, vagaram por algumas praias. Quando o entardecer se aproximava, voltaram para os bosques para chegar mais perto da vila do Lorde James Guillonk.

— Você acha que Marianna encontrou o nosso bilhete? — perguntou Yanez a Sandokan.

— Não se pode ter certeza — respondeu o Tigre.

— Então só vai saber na hora do encontro.

— Desde que ela esteja livre.

— O que está querendo dizer, Sandokan?

— Tenho medo de que Lorde James a esteja vigiando de perto.

— Diabos!...

— Mesmo assim, nós vamos ao encontro, Yanez. Meu coração está dizendo que vou conseguir vê-la.

— Mas muito cuidado para não cometer nenhuma imprudência. Com certeza há soldados no parque e na vila.

— Disso eu não tenho dúvida.

— Não podemos ser pegos de surpresa.

— Vou agir com calma.

— Promete?...

— Prometo.

— Então vamos.

Andando devagar, com os olhos atentos, as orelhas esticadas, espiando prudentemente os arbustos e os canteiros densos, a fim de não cair em alguma emboscada, por volta das sete da noite chegavam aos arredores do parque. Faltavam ainda alguns minutos para o crepúsculo e isso poderia ser suficiente para que examinassem a vila.

Depois de terem se assegurado de que nenhuma sentinela se encontrava escondida naqueles arbustos, se aproximaram da paliçada e a escalaram, um ajudando o outro. Deixaram-se cair do outro lado, se embrenharam no meio das plantas, na maior parte devastadas pelo furacão, e se esconderam entre um grupo de peônias da China.

Daquele lugar podiam observar comodamente o que estava acontecendo no parque e até no pavilhão, pois só havia umas poucas árvores na frente.

— Estou vendo um oficial na janela do quiosque — disse Sandokan.

— E eu, uma sentinela vigiando perto do canto do pavilhão — disse Yanez. — Se aquele homem ficar ali até depois que a escuridão chegar, vai nos dar um pouco de trabalho.

— Vamos despachá-lo — respondeu Sandokan decididamente.

— Seria melhor pegá-lo de surpresa e amordaçá-lo. Você tem alguma corda aí?

— Tenho a faixa.

— Ótimo e... lá!... Ah! Que patife!

— O que é que você tem, Yanez?

— Você não viu que puseram grades em todas as janelas?...

— Maldição de Alá!... — exclamou Sandokan com os dentes cerrados.

— Irmãozinho, Lorde James deve conhecer muito bem a audácia do Tigre da Malásia. Por Baco!... Quantas precauções!...

— Então Marianna está mesmo sendo vigiada.

— Com toda certeza, Sandokan.

— E não poderá ir se encontrar comigo.

— É bem provável que não, Sandokan.

— Mesmo assim vou vê-la.

— De que jeito?...

— Escalando a janela. Você já tinha previsto isso e escreveu para que ela conseguisse uma corda.

— E se os soldados nos surpreenderem?...

— Então vamos lutar. Você sabe que eles têm medo de nós.

— Não estou dizendo o contrário.

— E que nós lutamos como dez homens.

— É, isso quando as balas não chovem aos montes. Ei!... Olhe, Sandokan.

— O que está vendo agora?...

— Uma tropa de soldados saindo da vila — respondeu o português, que se içara para cima da grande raiz de um *pombo* próximo, a fim de poder observar melhor.

— Para onde vão?

— Estão saindo do parque.

— Será que estão indo vigiar os arredores?...

— Acredito que sim.

— Melhor para nós.

— É, talvez. Agora vamos esperar a meia-noite.

Acendeu com cuidado um cigarro e se estendeu ao lado de Sandokan, fumando tranquilamente, como se estivesse na ponte de um de seus *prahos*.

Sandokan, ao contrário, corroído pela impaciência, não conseguia ficar parado nem por um instante. De vez em quando se levantava para observar melhor, tentando descobrir o que estava acontecendo no palacete do Lorde ou ver a juvenzinha.

Uma vaga preocupação de que tivessem preparado uma emboscada em torno da casa o deixavam ainda mais agitado.

Talvez o bilhete tivesse sido encontrado por qualquer outra pessoa e entregue a Lorde James, em vez de a Marianna.

Sem conseguir se conter, não parava de interrogar Yanez, mas este continuava fumando placidamente e não respondia.

Finalmente chegou a meia-noite.

Sandokan se levantara de um salto, pronto a se arremessar para o palacete, mesmo com o risco de se encontrar inesperadamente diante dos soldados de Lorde James.

Mas Yanez, que também se pusera em pé, o agarrou pelo braço.

— Devagar, meu irmão — disse. — Você prometeu que ia tomar cuidado.

— Não tenho mais medo de ninguém — disse Sandokan. — Estou decidido a tudo.

— Não queira me pressionar, amigo. Esqueceu de que tem uma sentinela perto do pavilhão?

— Então vamos acabar com ela.

— Basta que não dê o alarme.

— Vamos estrangulá-lo.

Saíram do canteiro de peônias e se puseram a rastejar entre os arbustos, se escondendo atrás das moitas e das roseiras da China que cresciam ali aos montes.

Estavam a cerca de cem passos do palacete, quando Yanez deteve Sandokan de repente.

— Está vendo aquele soldado? — perguntou.

— Estou.

— Acho que deve ter adormecido apoiado no fuzil.

— Tanto melhor, Yanez. Venha e esteja preparado para tudo.

— Eu já estava com o meu lenço preparado para amordaçá-lo.

— E eu estou com o *kriss* na mão. Se der um grito, morre.

Os dois homens entraram no meio de um arbusto compacto que se prolongava na direção do pavilhão e, rastejando como duas serpentes, chegaram a poucos passos do soldado.

Aquele pobre rapaz, certo de que não seria perturbado, se apoiara na parede do pavilhão e estava cochilando com o fuzil entre as mãos.

— Você está pronto, Yanez? — perguntou Sandokan num fio de voz.

— Atacar.

Sandokan, saltando como um tigre, se atirou sobre o jovem soldado e o agarrou fortemente pelo pescoço. Depois, com um empurrão irresistível, o derrubou.

Yanez também tinha se arremessado. Com mãos ágeis, rapidamente amordaçou o prisioneiro e em seguida amarrou as mãos e as pernas, dizendo com uma voz ameaçadora:

— Cuidado!... Se fizer um único gesto, planto este *kriss* no seu coração.

Depois, se virando para Sandokan:

— À sua jovem agora. Sabe quais são as janelas do quarto dela?

— Claro que sim! — exclamou o pirata que já as observava fixamente. — São aquelas lá, em cima do caramanchão. Ah! Marianna, se você soubesse que eu estou aqui!...

— Tenha paciência, irmãozinho, e se o diabo não fizer tudo ir por água abaixo, você vai vê-la.

De repente, Sandokan recuou soltando um verdadeiro rugido.

— O que houve? — perguntou Yanez, empalidecendo.

— Fecharam as janelas com uma grade.!

— Que diabos!... Bah! Não importa.

Pegou um punhado de pedregulhos e arremessou nos vidros, produzindo um leve ruído. Os dois piratas aguardaram, retendo a respiração, vivamente emocionados.

Não houve resposta. Yanez jogou um segundo punhado, depois um terceiro e ainda um quarto.

De repente, os vidros se abriram e Sandokan, sob a luz azulada do astro noturno, avistou uma forma clara que reconheceu de imediato.

— Marianna! — sibilou, levantando os braços para a jovem que se curvara sobre a grade.

Aquele homem, sempre tão enérgico e tão forte, vacilou como se tivesse levado uma bala no meio do peito e permaneceu ali, como que sonhando com os olhos arregalados, pálido e trêmulo.

Um leve grito irrompeu do peito da jovem Lady, que subitamente reconhecera o pirata.

— Vamos, Sandokan — disse Yanez, se curvando galantemente para cumprimentar a mocinha. — Vá até a janela, mas seja rápido, porque o vento que está soprando não é favorável para nós.

Sandokan se atirou para o palacete, escalou o caramanchão e agarrou a grade da janela.

— Você! Você!... — exclamou a jovem, louca de alegria. — Bom Deus!

— Marianna! Oh, minha menina adorada! — murmurou ele com voz sufocada cobrindo as mãos dela de beijos. — Finalmente a revejo. Você é minha, é verdade, ainda é minha!

— Sou, Sandokan, na vida e na morte — respondeu a graciosa Lady. — Ver você de novo, depois de ter chorado a sua morte! É muita felicidade, meu amor!

— Achou que eu estava morto, então?

— Achei, e sofri muito, terrivelmente, acreditando que o tinha perdido para sempre.

— Não, minha cara Marianna, o Tigre da Malásia não morre assim tão fácil. Passei pelos tiros dos seus compatriotas sem ser ferido, atravessei o mar, apelei aos meus homens e voltei para cá, à frente de cem tigres preparados para tudo para salvá-la.

— Sandokan! Sandokan!

— Agora escute, Pérola de Labuan — respondeu o pirata. — O Lorde está aqui?

— Está, e me mantém prisioneira com medo que você apareça.

— Vi soldados por aí.

— São muitos e ficam vigiando dia e noite nos aposentos de baixo. Estou cercada por todos os lados, trancada entre as baionetas e as grades, absolutamente impossibilitada de dar um passo ao ar livre. Meu pobre amigo, tenho medo de não poder mais ser sua mulher, de não poder mais ser feliz, porque meu tio, que agora me odeia, nunca vai concordar em se tornar parente do Tigre da Malásia, e fará qualquer coisa para nos separar, para colocar entre você e eu a imensidão do oceano e a enormidade dos continentes.

Duas lágrimas, duas pérolas, escorreram de seus olhos.

— Você está chorando! — exclamou ele com espanto. — Meu amor, não chore ou vou ficar louco e acabo fazendo uma bobagem. Ouça, Marianna! Os meus homens não estão muito longe, hoje são poucos, mas amanhã ou depois de amanhã seremos muitos, e você sabe como eles são. Por mais que o Lorde faça barricadas em torno da vila, vamos entrar, mesmo que seja preciso incendiar ou derrubar as muralhas. Eu sou o Tigre da Malásia e, por você, me sinto capaz de derrotar não só a vila do seu tio, mas toda Labuan. Quer ser raptada esta noite mesmo? Somos apenas dois, mas, se você quiser, arrebrandaremos os ferros que a mantêm prisioneira, mesmo que tenhamos que pagar com a vida pela sua liberdade. Fale, fale, Marianna, pois o meu afeto por você me deixa louco e me infunde tanta força, que me sinto capaz de derrotar sozinho esta vila!...

— Não!... Não!... — exclamou ela. — Não, meu bravo homem! Se você morrer, o que será de mim? Acha que vou sobreviver à sua morte? Acredito em você, sei que vai me salvar, mas quando os seus homens se juntarem a você, quando estiver forte e poderoso a ponto de derrotar os homens que me mantêm prisioneira ou de romper as trancas que me encerram.

Naquele instante se ouviu um leve assobio vindo de baixo do caramanchão. Marianna teve um sobressalto.

— Você ouviu? — perguntou.

— Ouvi — respondeu Sandokan. — É o Yanez. Está ficando impaciente.

— Talvez tenha percebido algum perigo, Sandokan. Pode ser que haja alguma coisa grave espreitando nas sombras da noite, meu pobre amigo. Bom Deus! Chegou o momento de nos separarmos.

— Marianna!

— E se nunca mais nos virmos!...

— Não diga isso, meu amor, pois não importa aonde a levem, sempre vou encontrá-la.

— Mas enquanto isso...

— Serão apenas poucas horas, minha querida. Talvez amanhã meus homens cheguem e então vamos destruir essas muralhas.

Ouviu-se outra vez o assobio do português.

— Vá embora, meu nobre amigo — disse Marianna. — É possível que você esteja correndo um grande perigo.

— Oh! Não tenho medo de nada.

— Vá embora, Sandokan, estou pedindo, vá embora antes que nos surpreendam.

— Deixá-la!... Não consigo me decidir a abandoná-la. Por que não trouxe os meus homens até aqui? Poderia ter atacado esta casa de surpresa e raptado você.

— Mas agora fuja, Sandokan. Estou ouvindo passos no corredor.

— Marianna!...

Naquele momento ecoou um grito feroz no quarto.

— Miserável!... — trovejou uma voz.

O Lorde, pois se tratava do próprio, agarrou Marianna pelos ombros, tentando afastá-la da grade, enquanto se ouviam levantar os ferrolhos da porta do andar de baixo.

— Fuja! — gritou Yanez.

— Fuja, Sandokan! — repetiu Marianna.

Não havia um minuto a perder. Sandokan, percebendo que estaria perdido se não fugisse, com um salto imenso atravessou o caramanchão e se precipitou no jardim.

OUTRO HOMEM, QUE NÃO FOSSE um malaio, sem dúvida teria quebrado as pernas naquele salto, mas isso não aconteceu com Sandokan que, além de ser sólido como o aço, tinha uma agilidade sobre-humana.

Assim que tocou o solo, afundando no meio de um arbusto, já se pôs de pé com o *kriss* em punho, pronto para se defender.

Felizmente o português estava ali. Saltou para perto dele, o agarrou pelos ombros e o empurrou bruscamente para um grupo de árvores, dizendo:

— Mas fuja, desgraçado! Quer ser fuzilado?

— Solte-me Yanez — disse o pirata, bastante exaltado. — Vamos atacar a vila!

Três ou quatro soldados apareceram em uma janela e fizeram mira com os fuzis.

— Salve-se, Sandokan! — ouviu-se Marianna gritar.

O pirata deu um salto de dez passos, saudado por uma descarga dos fuzis e uma bala gigantesca atravessou seu turbante. Voltou sobre si mesmo, rugindo como uma fera e descarregou a carabina em uma janela, estilhaçando os vidros e atingindo um soldado na testa.

— Venha! — gritou Yanez, arrastando-o para a paliçada. — Venha, seu cabeça-dura imprudente.

A porta da paliçada estava aberta e dez soldados, acompanhados praticamente pelo mesmo número de indígenas armados de archotes, se lançaram pelo descampado.

O português abriu fogo através da folhagem e o sargento que comandava a pequena tropa caiu.

— Pernas para que te quero, irmãozinho — disse Yanez, enquanto os soldados paravam em torno do seu chefe.

— Não consigo me decidir a deixá-la sozinha — disse Sandokan, cuja paixão tumultuava o cérebro.

— Ela falou para você fugir. Ou você vem ou vou ter que levar você carregado.

Dois soldados surgiram a apenas trinta passos e, atrás deles, um batalhão numeroso.

Os dois piratas não hesitaram mais. Embrenharam-se no meio dos arbustos e dos canteiros e começaram a correr para a cerca, acompanhados de alguns tiros de fuzil disparados ao acaso.

— Não pare de correr, irmãozinho — disse o português, recarregando a carabina sem ao menos diminuir o ritmo. — Amanhã vamos devolver a esses miseráveis as rajadas que estão disparando contra nós.

— Acho que estraguei tudo, Yanez — disse o pirata com voz triste.

— Por que, meu amigo?

— Agora que sabem que estou aqui não podem mais ser surpreendidos.

— Não digo que não, mas se os *prahos* chegarem, teremos cem tigres para lançar ao ataque. Quem resistiria a uma carga dessas?

— Estou preocupado com o Lorde.

— Está com medo que ele faça algo?

— O homem é capaz de matar a sobrinha para não deixar que ela caia nas minhas mãos.

— Que diabos! — exclamou Yanez, batendo furiosamente na testa. — Não tinha pensado nisso.

Estava prestes a se deter para recuperar o fôlego e encontrar uma solução para aquele problema quando, em meio àquela profunda escuridão, viu reflexos vermelhos correndo.

— Os ingleses! — exclamou. — Encontraram a nossa pista e estão nos seguindo pelo parque. Depressa, corra, Sandokan!

Os dois recomeçaram a correr, se embrenhando cada vez mais no parque para chegar à cerca.

Mas quanto mais se distanciavam, mais difícil ficava o caminho. Árvores enormes se erguiam por todos os lados, algumas lisas e retas, outras nodosas e retorcidas, sem deixar quase passagem.

No entanto, como se tratava de homens capazes de se orientar também por instinto, sabiam que logo chegariam à cerca.

De fato, assim que atravessaram a parte arborizada do parque, se viram nos terrenos cultivados.

Passaram sem parar pelo quiosque chinês; recuando um pouco para não se perder entre aquelas plantas gigantescas, se embrenharam novamente no meio dos arbustos e, correndo pelo meio das plantas, finalmente chegaram perto da cerca, sem que fossem descobertos pelos soldados que já esquadrihavam todo o parque.

— Cuidado, Sandokan — disse Yanez, segurando o companheiro que já estava prestes a saltar a paliçada. — Os disparos podem ter chamado a atenção dos soldados que vimos indo embora depois do pôr-do-sol.

— Será que eles já entraram no parque?

— Ei!... Fique quieto!... Agache-se aqui perto e escute.

Sandokan esticou as orelhas, mas só ouviu o sussurrar das folhas.

— Está vendo alguém? — perguntou.

— Ouvi um galho se quebrando atrás da paliçada.

— Pode ter sido um animal qualquer.

— E podem ter sido os soldados. Quer que eu diga mais uma coisa? Acho que ouvi pessoas cochichando. Posso apostar o diamante do meu *kriss* como os casacos vermelhos estão de tocaia atrás desta paliçada. Você não se lembra do grupo que saiu do parque?

— Lembro, Yanez. Mas não vão conseguir nos deter neste parque.

— E o que você vai fazer?

— Vou ver se o caminho está livre.

Sandokan, que ficara bem mais cuidadoso, se ergueu sem fazer ruídos e, depois de ter lançado um olhar rápido por baixo das árvores do parque, escalou a paliçada com a leveza de um gato.

Assim que chegou ao alto, ouviu vozes baixas falando do outro lado.

— Yanez não se enganou — murmurou.

Curvou-se para frente e olhou para baixo das árvores que cresciam do outro lado da cerca. Embora a escuridão fosse profunda, avistou vagamente algumas sombras humanas agrupadas junto ao tronco de uma casuarina colossal.

Apressou-se a descer dali e se aproximou de Yanez, que não se movera.

— Você tinha razão — disse. — Do outro lado da cerca há homens de emboscada.

— São muitos?

— Acredito que cerca de meia dúzia.

— Por Júpiter!...

— O que vamos fazer, Yanez?

— Sair daqui rápido e procurar por aí uma maneira de fugir.

— Creio que é um pouco tarde. Pobre Marianna!... Talvez já esteja se sentindo perdida, ou mesmo morta.

— Não vamos pensar na mocinha agora. Nós é que estamos correndo um grave perigo.

— Vamos embora.

— Cale-se, Sandokan. Estou ouvindo alguém falar do outro lado da cerca.

De fato, podiam ouvir duas vozes, uma rouca e a outra imperiosa, falando perto da paliçada. O vento que soprava da floresta carregava os sons distintamente até o ouvido dos dois piratas.

— Estou dizendo — dizia a voz imperiosa — que os piratas entraram no parque para tentar desfechar um golpe na vila.

— Não acredito nisso, sargento Bell — respondeu a outra.

— Você acha, seu estúpido, que os nossos companheiros dispararam alguns cartuchos para se divertir? Você é um cabeça oca, Will.

— Então não vão conseguir se safar.

— Espero que não. Somos trinta e seis. Podemos vigiar a cerca toda e nos reunir ao primeiro sinal.

Ande, depressa, relaxe a abra bem os olhos. Talvez a gente tenha que enfrentar o Tigre da Malásia.

Depois dessas palavras, ouviram alguns ramos sendo despedaçados e folhas pisoteadas. Em seguida, mais nada.

— Aumentou bem o número desses patifes — murmurou Yanez, se curvando para Sandokan. — Estamos prestes a ficar completamente cercados, irmãozinho, e se não agirmos com a máxima prudência cairemos na rede que estenderam para nós.

— Quietos!... — disse o Tigre da Malásia. — Tem alguém falando.

A voz imperiosa recomeçara: — Você, Bob, vai ficar aqui enquanto eu vou preparar uma emboscada atrás daquela árvore de cânfora. Mantenha o fuzil apontado e os olhos fixos na cerca.

— Não se preocupe, sargento — respondeu o homem chamado Bob. — O senhor acha que vamos mesmo enfrentar o Tigre da Malásia?

— Aquele pirata atrevido se apaixonou loucamente pela sobrinha do Lorde Guillonk, um petisco destinado ao baronete Rosenthal. Você acredita que aquele homem vai ficar tranquilo? Tenho certeza absoluta de que tentou raptá-la esta noite, apesar da vigilância dos nossos soldados.

— E como ele fez para desembarcar sem ser visto pelos nossos cruzadores?

— Provavelmente aproveitou o furacão. Estão dizendo que alguns *prahos* foram avistados velejando ao largo da nossa ilha.

— Mas que audácia!...

— Oh!... Vamos ver bem mais do que isso! O Tigre da Malásia nos dará muito trabalho, ouça o que eu digo, Bob. É o homem mais ousado que já conheci.

— Mas desta vez não vai conseguir fugir. Se estiver neste parque, não vai sair com tanta facilidade.

— Chega: volte ao seu posto, Bob. Três carabinas a cada cem metros devem ser suficientes para segurar o Tigre da Malásia e seus companheiros. Não se esqueça de que há mil libras esterlinas de recompensa se conseguirmos matar o pirata.

— Uma bela cifra, em minha opinião — disse Yanez, sorrindo. — Lorde James o valoriza muito, meu irmão.

— Espero que fique com elas — respondeu Sandokan.

Ergueu-se e olhou para o parque.

Viu a distância alguns pontos luminosos aparecendo e desaparecendo entre os arbustos. Os soldados da vila haviam perdido a pista dos fugitivos e procuravam a esmo, provavelmente esperando o amanhecer para dar uma verdadeira batida.

— Por ora não temos nada a temer daqueles homens — disse.

— Quer tentar escapar por algum outro lugar? — disse Yanez. — O parque é grande, talvez nem toda a cerca esteja sendo vigiada.

— Não, amigo. Se formos avistados, seremos seguidos por cerca de quarenta soldados e não vamos conseguir fugir com muita facilidade dos seus tiros. No momento, convém continuarmos escondidos no parque.

— Onde?

— Venha comigo, Yanez, e vai ver uma coisa. Você me disse para não fazer nenhuma loucura e eu vou mostrar que sei ser cuidadoso.

Se me matarem, a minha amada não vai sobreviver à minha morte, portanto, não vamos tomar nenhuma atitude desesperada.

— E os soldados não vão nos descobrir?

— Acredito que não. Por outro lado, não ficaremos aqui por muito tempo. Amanhã à noite, aconteça o que acontecer, vamos levantar voo. Venha, Yanez. Vou levar você a um lugar seguro.

Os dois piratas se ergueram, puseram as carabinas embaixo do braço e se distanciaram da cerca, continuando ocultos no meio dos arbustos.

Sandokan fez o companheiro atravessar um pedaço do parque e o levou a uma pequena construção de um andar que servia de estufa para as flores e que ficava a cerca de cinquenta passos do palacete do Lorde Guillonk.

Abriu a porta sem fazer barulho e avançou às apalpadelas.

— Aonde vamos? — perguntou Yanez.

— Acenda um pedaço de pavio — respondeu Sandokan.

— Não vão ver a luz de fora?

— Não tem perigo. Esta construção é rodeada por uma vegetação muito abundante.

Yanez obedeceu.

Aquele aposento estava cheio de vasos grandes com plantas, quase todas com flores que exalavam um perfume penetrante, e abarrotado de cadeiras e mesinhas de bambu extremamente leves.

Na extremidade oposta, o português viu um forno de dimensões gigantescas, capaz de abrigar uma meia dúzia de pessoas.

— É aqui que vamos nos esconder? — perguntou a Sandokan. — Hum! O lugar não me parece assim tão seguro. Os soldados não vão deixar de vir explorar por aqui, principalmente com aquelas mil libras esterlinas que Lorde James prometeu pela sua captura.

— Não estou dizendo que não virão.

— Mas então vamos ser presos.

— Calma, amigo. Calma, Yanez.

— O que está querendo dizer?

— Que eles não vão ter a ideia de ir procurar dentro de um forno.

Yanez não conseguiu segurar o riso.

— Naquele forno!... — exclamou.

— Isso. Vamos nos esconder lá dentro.

— Vamos ficar mais negros que os africanos, irmãozinho. A fuligem não deve diminuir nunca com aquele calor monumental.

— Nós nos lavamos mais tarde, Yanez.

— Mas... Sandokan!...

— Se não quiser vir, acabe sozinho com os ingleses. Não temos escolha, Yanez, ou o forno ou ser preso.

— Nesse caso, não é muito difícil tomar uma decisão — respondeu Yanez rindo. — Então vamos visitar o nosso novo domicílio para ver se ao menos é cômodo.

Abriu a portinhola de ferro, acendeu outro pedaço de pavio e entrou resolutamente no imenso forno, espirrando sonoramente. Sandokan o seguiu sem hesitar.

Tinha lugar de sobra lá dentro, mas tinha também uma enorme quantidade de cinzas e fuligem. O forno era tão alto que os dois piratas podiam ficar de pé com comodidade.

O português, a quem o humor alegre não abandonava, caiu numa gargalhada estrondosa, apesar da situação perigosa.

— Quem poderia um dia imaginar que o terrível Tigre da Malásia viria se refugiar aqui? — disse. — Por Júpiter! Tenho certeza de que nunca seremos descobertos.

— Não fale tão alto, amigo — disse Sandokan. — Podemos ser ouvidos.

— Bah! Ainda devem estar longe.

— Nem tanto assim. Antes de entrar na estufa vi dois homens procurando nos arbustos a poucos passos de nós.

— Será que vêm olhar aqui também?

— Tenho certeza que sim.

— Diabos!... E se quiserem ver o forno também?

— Não vamos ser presos com tanta facilidade, Yanez. Temos as nossas armas e podemos sustentar um ataque.

— E nem sequer um biscoito, Sandokan. Espero que você não se satisfaça comendo fuligem.

E também as paredes da nossa fortaleza não me parecem muito sólidas. Um belo golpe de espada pode acabar com elas.

— Antes que as paredes caiam, nós nos lançaremos ao ataque, disse Sandokan, que tinha, como sempre, uma enorme confiança na própria audácia e na própria bravura.

— Mas temos que procurar algo para comer.

— Vamos achar, Yanez. Vi algumas bananeiras e uns *pombos* crescendo ao redor desta estufa, e nós podemos ir colher algumas frutas.

— Quando?

— Quietos!... Estou ouvindo vozes.

— Isso está me dando calafrios.

— Fique com a carabina pronta e não se preocupe. Escute!

Podiam ouvir pessoas falando e se aproximando do lado de fora. As folhas estalavam e os pedregulhos da trilha que levava à estufa produziam ruídos embaixo dos pés dos soldados.

Sandokan apagou o pavio, falou para Yanez não se mexer, abriu com cuidado a portinhola de ferro e olhou para fora.

A estufa ainda estava às escuras, mas ele viu pelos vidros alguns archotes brilhando no meio dos canteiros de bananeiras que cresciam ao longo da trilha.

Olhando com mais atenção, divisou cinco ou seis soldados precedidos por dois negros.

— Será que estão se preparando para entrar na estufa? — se perguntou com alguma ansiedade.

Fechou de novo a portinhola com cuidado e se aproximou de Yanez no exato momento em que um lampejo de luz iluminava o interior da pequena construção.

— Venha — disse ao companheiro que quase nem ousava respirar. — Temos que estar preparados para tudo, até para lutar contra esses curiosos. A sua carabina está montada?

— Já estou até com o dedo no gatilho.

— Ótimo: desembainhe o *kriss* também.

O grupo estava entrando na estufa, iluminando-a completamente. Sandokan, que se mantinha perto da portinhola, viu os soldados removendo os vasos e as cadeiras, olhando em todos os cantos do aposento. Apesar da imensa coragem, não conseguiu reprimir um tremor.

Se os ingleses estavam revistando tudo daquele jeito, era provável que o tamanho do forno não escapasse a seus olhos. Portanto, era de se esperar a sua visita indesejável de um momento para outro.

Sandokan se apressou a ir para perto de Yanez, que estava acorado no fundo, semi-imerso nas cinzas e na fuligem.

— Não se mexa — sussurrou Sandokan. — Talvez não nos encontrem.

— Quietos! — disse Yanez. — Escute!

Uma voz estava dizendo:

— Será que aquele pirata infernal levantou voo mesmo?

— Ou será que afundou na terra? — disse outro soldado.

— Oh! Aquele homem é capaz de tudo, meus amigos — disse um terceiro. — Posso afirmar que aquele canalha não é um homem como nós, mas sim um afilhado do Belzebu.

— Eu é que não aposto o contrário, Varrez — começou a primeira voz com certo tremor, indicando que o seu dono estava sentindo uma boa dose de medo. — Só vi uma única vez aquele homem terrível, e foi suficiente. Não era um homem, mas um tigre de verdade e, estou dizendo, teve a coragem de se atirar contra cinquenta homens sem que uma bala sequer

conseguisse atingi-lo.

— Você está me assustando, Bob — disse outro soldado.

— E quem não ficaria assustado? — recomeçou aquele que se chamava Bob. — Acho que nem sequer Lorde Guillonk teria coragem de enfrentar aquele filho dos infernos.

— Seja como for, vamos tentar pegá-lo; é impossível que consiga fugir. O parque está todo cercado e se ele quiser escalar a cerca vai acabar deixando os ossos.

Posso apostar dois meses do meu soldo contra dois centavos como vamos capturá-lo.

— Não se pode prender um espírito.

— Você é um idiota, Bob, se acredita que ele é um ser infernal. Por acaso os marinheiros do cruzador que derrotaram os dois *prahos* na foz do rio não meteram uma bala em seu peito? E Lorde Guillonk, que teve a infelicidade de curar a ferida, afirmou que o Tigre é um homem como nós e que saía sangue do seu corpo como sai do nosso. E você acha que os espíritos têm sangue?

— Não.

— Então aquele tratante não passa de um patife muito ousado, muito corajoso, mas ainda um sem-vergonha digno de um laço no pescoço.

— Canalha — murmurou Sandokan. — Se não estivesse aqui dentro eu o faria ver quem sou eu!

— Vamos lá! — retomou a primeira voz. — Vamos procurá-lo ou perdemos as mil libras que Lorde James nos prometeu.

— Aqui ele não está. Vamos procurar em outros locais.

— Calma, Bob. Estou vendo ali um forno monumental, capaz de servir de refúgio a muitas pessoas. Carabinas nas mãos, vamos olhar.

— Está brincando conosco, camarada? — disse um soldado. — Quem você acha que iria se esconder lá dentro? Nem os pigmeus do rei da Abissínia entrariam ali.

— Vamos examinar mesmo assim, estou dizendo.

Sandokan e Yanez se encolheram o máximo possível contra a extremidade oposta do forno e afundaram na cinza e na fuligem para se esconder melhor do olhar daqueles curiosos.

Um instante depois, a portinhola de ferro era aberta e uma faixa de luz se projetava no interior, insuficiente, contudo, para iluminar o forno inteiro. Um soldado enfiou a cabeça, mas logo a tirou, espirrando sonoramente. Com isso, jogou um punhado de fuligem no rosto de Sandokan, que o deixou mais escuro do que um limpa-chaminés e o cegou.

— Ao diabo quem teve a idéia de me fazer enfiar o nariz naquele buraco de negro-de-fumo!... — exclamou o inglês.

— Isso é ridículo — disse outro soldado. — Estamos perdendo um tempo precioso aqui, sem nenhum resultado. O Tigre da Malásia deve estar no parque e talvez, neste momento, esteja tentando saltar pela cerca.

— Vamos embora depressa — disseram todos. — Não vai ser aqui que ganharemos as mil libras esterlinas prometidas pelo Lorde.

Os soldados bateram precipitadamente em retirada, fechando com estardalhaço a porta da estufa. Por alguns instantes ainda se ouviram os seus passos e as suas vozes, depois, mais nada.

O português respirou fundo quando viu que estava tudo em silêncio de novo.

— Com cem mil raios!... — exclamou. — Parece que vivi cem anos no espaço de poucos minutos. Eu já não estava apostando um centavo nas nossas peles. Se o soldado se esticasse mais um pouco, iria nos descobrir. Temos que acender uma vela para Nossa Senhora do Pilar.

— Não nego que o momento tenha sido terrível — respondeu Sandokan. — Quando vi aquela cabeça a poucos passos de mim, comecei a enxergar vermelho e não sei o que me impediu de abrir fogo.

— Que belo negócio teria sido!...

— Mas agora não temos mais nada a temer. Eles vão continuar em sua busca e acabarão se convencendo de que nós não estamos mais aqui.

— E quando vamos embora?... Com certeza você não está com a intenção de ficar por aqui algumas semanas. Acha que os *prahos* já chegaram à foz do rio?

— Não estou pensando em ficar aqui, ainda mais que os víveres são bem escassos. Vamos esperar até que a vigilância dos ingleses diminua um pouco e você vai ver que levantamos voo. Eu também estou louco para saber se os nossos homens chegaram, pois sem a ajuda deles não será possível raptar a minha Marianna.

— Sandokan, meu amigo, vamos ver se encontramos alguma coisa para pôr no meio dos dentes ou para molhar a garganta.

— Certo, vamos sair daqui, Yanez.

O português, que sentia que ia sufocar dentro daquele forno fuliginoso, atirou a carabina à frente e rastejou até a portinhola, saltando rapidamente para cima de um vaso que estava perto para não deixar vestígios de fuligem no chão.

Sandokan imitou aquela manobra prudente e, saltando de vaso em vaso, chegaram à porta da estufa.

— Está vendo alguém? — perguntou.

— Está completamente escuro lá fora.

— Então vamos até as bananeiras.

Correram para os canteiros que cresciam ao longo da trilha e encontraram algumas bananas e *pombos*. Fizeram uma ampla provisão para acalmar as reclamações do estômago e os ardores da sede.

Estavam prestes a voltar para a estufa quando Sandokan se deteve e disse:

— Espere por mim aqui, Yanez. Quero ver onde estão os soldados.

— É uma imprudência isso que você pretende fazer — respondeu o português. — Deixe que procurem onde quiserem. O que temos a ver com isso agora?

— Estou com um plano na cabeça.

— Ao diabo com seus planos. Não podemos fazer nada esta noite.

— Quem sabe? — respondeu Sandokan. — Talvez a gente possa ir embora sem ter que esperar até amanhã. Por outro lado, a minha ausência vai ser breve.

Entregou a carabina a Yanez, agarrou o *kriss* e saiu em silêncio, se mantendo embaixo da sombra escura das matas.

Chegando rapidamente ao último grupo de bananeiras, avistou a uma grande distância alguns archotes que se dirigiam para a cerca.

— Parece que já estão longe — murmurou. — Vamos ver o que está acontecendo no palacete do Lorde James. Ah!... Se eu pudesse ver a minha adorada, nem que fosse por um instante... Iria embora daqui mais tranquilo.

Sufocou um suspiro e se dirigiu para a trilha, tentando se manter ao abrigo dos troncos das árvores e dos arbustos.

Quando pôde ver o palacete, parou embaixo de um canteiro de mangueiras e ficou olhando. O coração pulou ao ver a janela de Marianna iluminada.

— Ah! Se eu pudesse raptá-la — murmurou, fixando ardentemente a luz que brilhava através da grade.

Deu ainda três ou quatro passos, se mantendo colado ao chão para não ser descoberto por um possível soldado que estivesse de tocaia naquele local, e parou de novo.

Vira uma sombra passar na frente da luz e parecia ser a da jovem amada.

Estava prestes a se atirar para frente quando, baixando o olhar, viu uma forma humana parada diante da porta do palacete.

Tratava-se de uma sentinela e estava apoiada na carabina.

— Será que me descobriu? — se perguntou.

A sua hesitação durou apenas um instante. Vira de novo a sombra da juvenzinha passar atrás da grade.

Sem ligar para o perigo, se atirou em frente. Tinha dado apenas dez passos quando viu a sentinela apontar rapidamente a carabina.

— Quem vem lá? — gritou.

Sandokan se deteve.

A PARTIDA ESTAVA AGORA irremediavelmente perdida e ameaçava se tornar muito perigosa para o pirata e para o seu companheiro.

Não se podia presumir que a sentinela, devido à escuridão e à distância, tivesse conseguido distinguir precisamente o pirata que, mais do que depressa, se escondeu atrás de um arbusto, mas ela podia abandonar o posto e começar a procurar ou chamar outros companheiros.

Sandokan percebeu, de repente, que estava se expondo a um grande perigo, por isso, em vez de avançar, ficou imóvel atrás daquele abrigo.

A sentinela repetiu a intimação e, não recebendo nenhuma resposta, deu alguns passos à frente, se inclinando para a direita e para a esquerda para se certificar melhor do que se escondia atrás do arbusto; depois, acreditando talvez estar enganado, voltou para o palacete e ficou de guarda na entrada.

Sandokan, embora sentisse um enorme desejo de concluir sua temerária tarefa, começou a recuar lentamente com mil precauções, passando de um tronco para o outro e se refugiando atrás dos arbustos, sem tirar os olhos do soldado que mantinha o fuzil nas mãos, pronto para descarregá-lo.

Quando chegou aos canteiros, acelerou o passo e entrou na estufa, onde o português o esperava com a maior ansiedade.

— O que você viu? — perguntou Yanez. — Fiquei apavorado por sua causa.

— Não vi nada de bom para nós — respondeu Sandokan, com uma cólera surda. — O palacete está guardado por sentinelas e o parque está sendo vasculhado em todas as direções por muitos soldados. Esta noite não podemos tentar absolutamente nada.

— Vamos aproveitar para tirar um bom cochilo. Provavelmente não vão voltar aqui para nos perturbar.

— Quem pode ter certeza?

— Quer que eu fique doente, Sandokan?

— Algum outro grupo pode passar por esta vizinhança e fazer uma nova exploração.

— Parece que as coisas não vão bem para nós, irmãozinho. Se a sua menina pudesse sair dessa situação terrível!

— Pobre Marianna! Quem sabe como é a vigilância sobre ela!... E quem sabe o quanto deve estar sofrendo sem ter notícias nossas!... Daria cem gotas do meu sangue para dizer a ela que ainda estamos vivos.

— Ela está bem melhor do que nós, meu irmão. É melhor não pensar nela por ora. Não quer aproveitar este momento de descanso para dormir algumas horas? Um pouco de repouso vai fazer bem.

— Certo, mas com um olho aberto.

— Gostaria de dormir com os dois olhos abertos. Vamos nos esticar atrás desses vasos para tentar dormir.

O português e o seu companheiro, embora não estivessem completamente tranquilos, se acomodaram da melhor forma possível no meio das roseiras da China, tentando desfrutar de um pouco de repouso.

Apesar de toda a boa vontade, não conseguiram fechar os olhos. A possibilidade de verem aparecer de novo os soldados do Lorde James os mantinha acordados. Diversas vezes, para acalmar a crescente ansiedade, se levantaram e saíram da estufa para ver se o inimigo se aproximava.

Quando a aurora despontou, os ingleses ainda estavam revistando o parque com o maior cuidado, vasculhando as matas de bambu e de bananeiras, os arbustos e as moitas. Pareciam certos de que iriam encontrar, mais cedo ou mais tarde, os dois audaciosos piratas que tinham cometido a imprudência de saltar a cerca do parque.

Yanez e Sandokan, vendo que estavam longe, aproveitaram para saquear uma laranjeira que produzia frutas grandes como a cabeça de uma criança e muito suculentas, conhecidas pelos malaios pelo nome de *buà kadanga*, e voltaram a se esconder no forno, depois de terem tomado a precaução de apagar cuidadosamente os vestígios de fuligem deixados no chão.

Embora a estufa já tivesse sido revirada, os ingleses podiam retornar para ter mais certeza, à luz do dia, de que os dois ousados piratas não estavam escondidos lá.

Sandokan e Yanez, depois de devorar a magra refeição, acenderam os cigarros e se acomodaram no meio das cinzas e da fuligem, esperando que a noite voltasse a cair para tentar uma fuga.

Estavam ali há várias horas quando Yanez pensou ter ouvido passos do lado de fora. Ambos se levantaram empunhando o

kriss.

— Será que estão voltando? — se perguntou o português.

— Espero que você esteja enganado — disse Sandokan.

— Não; alguém passou pela trilha.

— Se tivéssemos certeza de que se trata de um único homem, eu poderia sair e prendê-lo.

— Você está louco, Sandokan.

— Poderíamos saber por ele onde se encontram os soldados e por que caminho poderíamos passar.

— Hum!... Tenho certeza de que ele iria nos enganar.

— Não ousaria fazer isso conosco, Yanez. Vamos lá ver?

— Não fique muito certo disso, Sandokan.

— Mas temos que tentar alguma coisa, meu amigo.

— Então, deixe que eu vou.

— E eu vou ficar aqui sem fazer nada?

— Se precisar de ajuda, eu chamo.

— Não está ouvindo mais nada?

— Não.

— Então vá, Yanez. Vou ficar preparado para sair rápido se for preciso.

Primeiro Yanez ficou ouvindo por alguns instantes e depois atravessou a estufa e saiu ao ar livre, olhando atentamente entre a mata de bananeiras.

Ocultando-se no meio de um arbusto, viu ainda alguns soldados dando uma batida desanimada nos canteiros e moitas do parque.

Os outros deviam ter ido para o lado de fora da cerca, depois de perder a esperança de encontrar os dois piratas nas proximidades da vila.

— Vamos esperar — disse Yanez. — Se entre hoje e amanhã não nos encontrarem, talvez se convençam de que conseguimos escapar apesar da vigilância toda.

Se tudo correr bem esta noite, poderemos sair do nosso esconderijo e ir para a floresta.

Estava prestes a voltar quando, ao voltar os olhos para o palacete, viu um soldado avançando pela trilha que conduzia à estufa.

— Será que ele me viu? — se perguntou ansioso.

Jogou-se no meio das bananeiras e, se mantendo oculto atrás daquelas folhas gigantescas, chegou rapidamente até onde estava Sandokan. Este, vendo-o com a expressão perturbada, logo imaginou que alguma coisa grave devia ter acontecido.

— Será que você foi seguido? — perguntou.

— Acredito que fui visto — respondeu Yanez. — Um soldado vem vindo para o nosso refúgio.

— Um soldado?

— É, sozinho.

— É o homem de que eu precisava.

— O que está querendo dizer?

— Os outros estão longe?

— Estão perto da cerca.

— Então vamos capturá-lo.

— Mas você vai pôr tudo a perder, Sandokan.

— Aquele homem é necessário. Rápido, siga-me.

Yanez queria protestar, mas Sandokan já se encontrava fora da estufa. De boa ou de má vontade, foi obrigado, portanto, a segui-lo para ao menos impedir que cometesse alguma imprudência muito grande.

O soldado que Yanez avistara não estava a mais de duzentos passos. Era um rapazola franzino, pálido, de cabelos ruivos e ainda imberbe, provavelmente um soldado novato.

Avançava sem muita segurança, sibilando entre os dentes e levando o fuzil a tiracolo. Com certeza nem tinha percebido a presença de Yanez, pois, do contrário, estaria com a arma em punhos e não estaria caminhando sem tomar algumas precauções ou sem chamar alguns camaradas em seu auxílio.

— Vai ser fácil capturá-lo — disse Sandokan, se inclinando para Yanez que já estava ao seu lado.

— Vamos ficar escondidos no meio desta mata de bananeiras e, assim que o rapaz tiver passado, nós nos jogamos em cima dele. Prepare um lenço para amordaçá-lo.

— Estou pronto — respondeu Yanez — mas peço que não cometa nenhuma loucura.

— Esse homem não pode oferecer muita resistência.

— E se der um grito?

— Não vai ter tempo para isso. Aí está ele!

O soldado já ultrapassara a mata sem se dar conta de nada. De comum acordo, Yanez e Sandokan pularam em cima dele com um único salto.

Enquanto o Tigre o agarrava pelo pescoço, o português amarrava o lenço na sua boca. Embora aquele ataque tivesse sido fulminante, o rapazola ainda tivera tempo de soltar um grito agudo.

— Depressa, Yanez — disse Sandokan.

O português pegou o prisioneiro entre os braços e o transportou rapidamente para o forno.

Depois de alguns instantes, Sandokan se juntou a eles. Estava muito inquieto, não tivera tempo de recolher a carabina do prisioneiro, pois avistara dois soldados correndo para a trilha.

— Nosso refúgio está ameaçado, Yanez — disse, entrando apressadamente no forno.

— Descobriram que raptamos o soldado? — perguntou Yanez empalidecendo.

— Devem ter ouvido o grito.

— Então estamos perdidos.

— Ainda não. Mas se encontrarem a carabina do seu companheiro no chão, com certeza vão querer procurar aqui.

— Não podemos perder tempo, irmãozinho. Vamos sair daqui e correr para a cerca.

— Vamos ser fuzilados antes de darmos cinquenta passos. Temos que ficar aqui no forno, esperando com calma os acontecimentos. Por outro lado, estamos armados e dispostos a tudo.

— Parece que estão chegando.

— Não se preocupe, Yanez.

O português não se enganara. Alguns soldados já tinham chegado perto da estufa e comentavam o misterioso desaparecimento do companheiro.

— Se ele deixou a arma é porque deve ter sido surpreendido e levado embora por alguém — dizia um soldado.

— Parece impossível que os piratas ainda estejam aqui e que tenham tido a audácia de praticar um golpe desses — dizia outro. — Será que o Barry quis brincar com a gente?

— Não me parece o melhor momento para brincadeiras.

— Mesmo assim, não me convenço de que tenha acontecido alguma desgraça com ele.

— E eu insisto que ele deve ter sido atacado pelos dois piratas — disse uma voz nasalada, com sotaque escocês. — Alguém viu aqueles dois homens passarem pela paliçada?

— E onde você acha que eles podem estar escondidos? Vasculhamos o parque inteiro sem encontrar nenhuma pista. Só se aqueles dois patifes forem realmente dois espíritos infernais, capazes de se esconder embaixo da terra ou dentro dos troncos das árvores.

— Ei!... Barry!... — Gritou uma voz trovejante. — Pare de brincar com os patifes ou você vai ser chicoteado como um marinheiro.

Naturalmente ninguém respondeu. Bem que o rapazola tivera vontade, mas amordaçado como estava e, além de tudo, ameaçado pelos *kriss* de Sandokan e de Yanez, não podia fazer absolutamente nada.

O silêncio confirmou mais ainda nos soldados a suspeita de que acontecera alguma desgraça ao seu camarada.

— E agora? O que vamos fazer? — disse o escocês.

— Vamos procurá-lo, amigo — disse outro.

— Já vasculhamos as matas.

— Então vamos entrar na estufa — disse um terceiro.

Ouvindo aquelas palavras, os dois piratas foram tomados por uma grande inquietação.

— O que vamos fazer? — perguntou Yanez.

— Primeiro de tudo, temos que matar o prisioneiro — disse Sandokan decididamente.

— O sangue nos trairia. Por outro lado, acho que este pobre rapaz já está meio morto de medo e não é capaz de nos incomodar.

— Então, que seja. Pode ficar vivo. Vá para perto da portinhola e quebre a cabeça do primeiro soldado que tentar entrar.

— E você?

— Vou preparar uma bela surpresa para os casacos vermelhos.

Yanez pegou a carabina, armou e se estendeu entre as cinzas. Sandokan se inclinou para o prisioneiro e disse:

— Cuidado, se você tentar dar um único grito, enfio o meu punhal na sua garganta, e fique sabendo que a ponta foi envenenada com o suco mortal da *upas*. Se quiser viver, não faça nem um gesto.

Dito isso, se levantou e bateu nas paredes do forno em diversos pontos.

— Será uma fantástica surpresa, disse. — Vamos esperar pelo momento oportuno para aparecer.

Enquanto isso, os soldados haviam entrado na estufa e estavam retirando os vasos com raiva, fazendo milhares de imprecações contra o Tigre da Malásia e também contra o seu camarada.

Ao ver que não encontravam nada, fixaram os olhos no forno.

— Com mil canhões! — exclamou o escocês. — Será que o nosso companheiro foi assassinado e depois jogado lá dentro?

— Vamos ver — disse outra voz.

— Coragem, companheiros — disse um terceiro. — O forno é bem grande para esconder mais de um homem.

Sandokan estava apoiado nas paredes, pronto para dar um urro tremendo.

— Yanez — disse. — Prepare-se para me seguir.

— Estou pronto.

Ao ouvir a portinhola ser aberta, se distanciou alguns passos e depois se arremessou. Ouviu-se um rangido surdo e a parede, atingida por aquele tranco poderoso, acabou cedendo.

— O Tigre — gritaram os soldados, se jogando à direita e à esquerda.

E no meio dos tijolos desabando, de repente apareceu Sandokan, com a carabina em punho e o *kriss* entre os dentes.

Disparou contra o primeiro soldado que viu à frente e se arremessou com um ímpeto irresistível para os outros, derrubando mais dois, e em seguida atravessou a estufa, seguido de Yanez.

O ESPANTO QUE OS SOLDADOS sentiram ao ver aparecer diante de si o pirata aterrorizante foi tão grande que nenhum deles pensou em fazer uso das próprias armas.

Quando se recuperaram da surpresa, tentaram retomar a ofensiva, mas já era tarde demais.

Os dois piratas, sem se importar com os toques

de trombeta que vinham da vila, nem com os tiros de fuzis dos soldados espalhados pelo parque, tiros esses disparados ao acaso, pois aqueles homens ainda nem sabiam do que se tratava, já estavam no meio das moitas e dos canteiros de arbustos.

Em dois minutos, Yanez e Sandokan trotando furiosamente, se encontravam entre as enormes árvores.

Recuperaram o fôlego e olharam ao redor.

Os soldados que haviam tentado cercá-los no forno já haviam corrido para fora da estufa, urrando a plenos pulmões e atirando para o meio das árvores.

Os que estavam na vila, compreendendo finalmente que se tratava de algo grave, e talvez suspeitando que seus companheiros tivessem desentocado o terrível Tigre da Malásia, atravessavam o parque correndo para chegar à paliçada.

— Tarde demais, meus caros — disse Yanez. — Nós vamos chegar primeiro.

— Vamos correndo — disse Sandokan. — Não podemos deixar que fechem a estrada.

— As minhas pernas estão preparadas.

Partiram de novo com novo fôlego, se ocultando entre as árvores e, chegando à cerca, a ultrapassaram com dois saltos e se deixaram cair do outro lado.

— Ninguém? — perguntou Sandokan.

— Não se vê uma viva alma.

— Vamos para o bosque. Assim vão perder a nossa pista.

A floresta estava a apenas dois passos. Os dois se embrenharam por ela, correndo sem parar.

A cada passo que davam, a corrida ficava mais difícil.

Por toda parte surgiam arbustos compactos, apertados, encravados entre as árvores imensas que lançavam seus troncos grandes e nodosos a alturas extraordinárias, e miríades de raízes se estendiam em todas as direções, se entrelaçando como jiboias gigantesas.

Os ramos de cálamô, de ratã e de gambeiros desciam do alto, para depois subir de novo, se agarrando aos troncos e aos galhos das grandes árvores, formando verdadeiras redes que resistiam tenazmente a todos os esforços, desafiando até mesmo as lâminas das facas, enquanto mais embaixo, as pimenteiras do reino, cujos grãos eram preciosos, formavam amontoados tais que tornavam inúteis todas as tentativas de abrir caminho.

À direita, à esquerda, à frente e atrás se lançavam para o alto duriões com troncos retos e luzidios, carregados de frutas quase maduras, projéteis excessivamente perigosos, revestidos de pontas duríssimas que pareciam feitas de ferro, ou grupos imensos de bananeiras com folhas gigantesas, ou de bételes, ou de arecas açucareiras com plumas elegantes, ou de laranjeiras carregadas de frutas grandes como a cabeça de uma criança.

Os dois piratas perdidos em meio àquela densa floresta, que poderia realmente ser chamada de virgem, logo se viram impossibilitados de continuar. Teria sido necessário um canhão para derrubar aquela muralha de troncos de árvores, de raízes e de cálamô.

— Aonde vamos, Sandokan? — perguntou Yanez. — Não sei mais por onde passar.

— Vamos imitar os macacos — disse o Tigre da Malásia. — É uma manobra que conhecemos bem.

— E bem conveniente, também, em um momento destes.

— Claro, assim vamos despistar os ingleses que ainda estão nos seguindo.

— Vamos conseguir nos orientar?

— Você sabe que nós, os borneanos, nunca perdemos a direção, mesmo sem uma bússola. O nosso instinto de homens das florestas é infalível.

— Será que os ingleses já entraram nesta floresta?

— Hum!... Duvido muito, Yanez — respondeu Sandokan. — Se ficamos cansados, nós que estamos acostumados a viver

nos bosques, provavelmente eles ainda não conseguiram dar nem dez passos. Mesmo assim, vamos nos afastar o mais rápido possível. Sei que o Lorde tem alguns cachorros grandes e aqueles animais danados poderiam chegar até nós.

— Podemos estripá-los com os nossos punhais, Sandokan.

— São mais perigosos que os homens. Vamos lá, Yanez. Força nos braços.

Agarrados aos ratões, aos cálamos e aos sarmentos das pimenteiras, os dois piratas começaram a escalar a muralha vegetal com uma agilidade de dar inveja até mesmo aos macacos.

Subiam, desciam, tornavam a subir passando pelas malhas daquela imensa rede verde e deslizavam pelas gigantescas folhas das fartas bananeiras ou dos troncos colossais das árvores.

Com a chegada inesperada deles, as esplêndidas pombas coroadas ou as chamadas *morobo* fugiam, fazendo enorme estardalhaço; os tucanos de bico enorme e corpo cintilante, com penas vermelhas e azuis, fugiam soltando notas estridentes, semelhantes ao rangido de uma carroça enferrujada; faisões de caudas longas e malhadas subiam como raios, e as belas *alude* de penas turquesa desapareciam dando o seu longo piado.

Até os macacos de nariz comprido, surpresos com aquelas aparições, se arremessavam precipitadamente para as árvores vizinhas, soltando gritos de espanto e depois corriam para se esconder nos buracos dos troncos.

Yanez e Sandokan, sem a menor preocupação, prosseguiram com a sua ousada manobra, passando de uma árvore para a outra sem nunca pisar em falso. Atiravam-se entre os cálamos com uma segurança extraordinária, se mantinham suspensos e, com um novo impulso, passavam sobre os ratões para depois se agarrarem aos ramos desta ou daquela árvore.

Depois de percorrerem quinhentos ou seiscentos metros, não sem correr várias vezes o risco de despencar daquela altura que chegava a dar vertigem, se detiveram entre os ramos de um *buà mamplam*, planta que produz uma fruta detestável para o paladar europeu — por ser impregnada de um forte aroma de resina — mas que é também bastante nutritiva e não é desagradável para os indígenas.

— Podemos descansar por algumas horas — disse Sandokan. — Com certeza ninguém vai vir nos perturbar no meio desta floresta. É como se estivéssemos em uma cidadela bem protegida.

— Sabe, irmãozinho, que tivemos muita sorte de fugir daqueles patifes?... Estar dentro de um forno com oito ou dez soldados em volta e ainda conseguir salvar a própria pele é um verdadeiro milagre. Eles devem ter muito medo de você.

— Parece que é isso mesmo — disse Sandokan sorrindo.

— Será que a sua jovem ficou sabendo que você conseguiu escapar?...

— Suponho que sim — respondeu Sandokan com um suspiro.

— Mas estou com medo de que essa nossa incursão faça o Lorde se decidir a buscar um refúgio mais seguro em Vitória.

— Você acha? — perguntou Sandokan, ficando com a expressão sombria.

— Não vai mais se sentir seguro, agora que sabe que estamos tão perto da vila.

— É verdade, Yanez. Temos que sair atrás dos nossos homens.

— Será que atacaram?...

— Vamos encontrá-los na foz do rio.

— Se não aconteceu nenhuma desgraça com eles.

— Não queira me deixar preocupado à toa, ainda mais que logo vamos saber.

— E vamos cair logo sobre a vila?

— Primeiro vamos ver o que é mais conveniente.

— Quer um conselho, Sandokan?...

— Fale, Yanez.

— Em vez de tentar invadir a vila, vamos esperar o Lorde sair. Você vai ver que ele não fica muito tempo por aqui.

— E você quer atacar o pelotão ao longo da estrada?...

— No meio dos bosques. Um ataque à vila pode durar muito tempo e custar sacrifícios enormes.

— O conselho é bom.

— Depois que a escolta for exterminada ou tiver escapado, raptaremos a jovem e voltaremos depressa a Mompracem.

— E o Lorde?...

— Ele que vá aonde quiser. O que nos importa o que será feito dele?... Tanto faz se for para Sarawak ou para a Inglaterra.

— Ele não vai nem para um lugar, nem para o outro, Yanez.

— O que está querendo dizer?

— Que ele não vai nos dar um minuto de trégua e que vai despejar toda a força de Labuan em cima de nós.

— E você fica preocupado com isso?...

— Eu?... Por acaso o Tigre da Malásia tem medo deles?... Vão chegar em grande número e poderosamente armados, decididos a destruir a minha ilha, mas vão encontrar um osso duro de roer.

Em Bornéu, há legiões de selvagens prontos a atender ao chamado e lutar sob a minha bandeira. Bastaria mandar

emissários às Romades e às costas da grande ilha para reunir dezenas de *prahos*.

— Sei disso, Sandokan.

— Como você vê, Yanez, se eu quisesse poderia desencadear a guerra até às margens de Bornéu e despejar hordas de selvagens ferozes nesta ilha aborrecida.

— Mas você não vai fazer isso, Sandokan.

— Por quê?...

— Depois que tiver raptado Marianna Guillonk, não vai mais se importar nem com Mompracem, nem com seus filhotes.

Não é verdade, irmãozinho?...

Sandokan não respondeu, mas de seus lábios saiu um suspiro tão forte que chegava a lembrar um rugido distante.

— A mocinha está cheia de energia, é uma daquelas mulheres que não se fariam de rogada para combater intrepidamente ao lado do homem amado, mas a senhorita Marianna nunca vai ser a rainha de Mompracem. Não é isso, Sandokan?...

Também desta vez o pirata ficou em silêncio. Apoiara a cabeça nas mãos e os seus olhos, animados por uma chama ameaçadora, olhavam para o vazio, talvez para uma distância muito longa, tentando adivinhar o futuro.

— Dias tristes esperam por Mompracem — continuou Yanez. — Aquela ilha fantástica em poucos meses, talvez até antes, em poucas semanas, terá perdido todo o seu prestígio e até mesmo seus terríveis tigres. Vamos lá, as coisas têm que ser assim. Temos tesouros imensos e podemos nos deleitar com uma vida tranquila em alguma cidade opulenta do Extremo Oriente.

— Quietos! — disse Sandokan com voz surda. — Fique quieto, Yanez. Você não pode saber qual é o destino dos tigres de Mompracem.

— Posso adivinhar.

— Mas pode estar errado.

— Qual é a sua ideia então?

— Ainda não posso contar. Vamos esperar os acontecimentos. Quer continuar agora?

— Ainda é um pouco cedo.

— Estou impaciente para ver os *prahos*.

— Os ingleses podem estar nos esperando na orla da floresta.

— Não estou mais preocupado com eles.

— Cuidado, Sandokan. Você corre o risco de se atirar em uma grande embrulhada. Uma bala de carabina bem alojada pode mandar você para o outro mundo.

— Vou tomar cuidado. Olhe, parece que a floresta é um pouco menos densa lá; vamos, Yanez, a febre está me devorando.

— Como quiser.

O português, embora tivesse medo de uma surpresa por parte dos ingleses, que poderiam ter entrado nos bosques rastejando como serpentes, também estava igualmente ansioso para saber se os *prahos* tinham escapado da tremenda borrasca que se abatera sobre as costas da ilha.

Mataram a sede com o suco de alguns *buà mamplam*, agarraram os ratões e os cálamos que se entrelaçavam em torno da árvore e escorregaram para o chão.

Mas sair da floresta não era uma tarefa fácil. Depois de um pequeno espaço um pouco mais aberto, as árvores ficavam mais compactas do que antes.

Até mesmo Sandokan estava um pouco desorientado e não sabia bem que direção seguir para chegar pelo menos próximo ao rio.

— Estamos em um belo impasse, Sandokan — disse Yanez, que não conseguia enxergar nem sequer o sol para se orientar. — Para que lado temos que ir?

— Confesso, Yanez, que não sei mais se vou para a direita ou para a esquerda — respondeu Sandokan. — Parece que estou vendo adiante uma pequena trilha. As plantas já cobriram uma boa parte, mas espero que ela nos leve para fora deste labirinto e...

— Um latido, não foi?

— Foi — respondeu o pirata, cuja expressão se obscurecera.

— Os cães descobriram o nosso rastro.

— É uma caçada qualquer. Escute.

A distância, no meio da densa floresta, se ouviu outro latido. Um cão havia entrado na imensa mata virgem e buscava os fugitivos.

— Será que está sozinho ou acompanhado pelos donos? — perguntou Yanez.

— Talvez por alguns negros. Um soldado não se arriscaria neste caos.

— O que quer fazer?

— Esperar com tranquilidade o animal e matá-lo.

— Com um tiro de fuzil?

— O disparo nos trairia, Yanez. Mantenha o seu *kriss* à mão e vamos esperar. Em caso de perigo, podemos escalar este pombo.

Os dois se esconderam atrás do grosso tronco da árvore, que era cercado por raízes e ratã, formando uma verdadeira rede, e esperaram a chegada daquele adversário de quatro patas.

O animal se aproximava depressa. Ouviam-se a pouca distância os estalidos dos galhos e das folhas, bem como os latidos surdos.

Provavelmente já descobrira o rastro dos dois piratas e se apressava para impedir que se afastassem.

Talvez atrás dele seguissem alguns indígenas.

— Aí está ele — disse Yanez de repente.

Um canzarrão preto, de pelo arrepiado e mandíbulas poderosamente armadas de dentes pontiagudos, aparecera no meio de um arbusto. Devia ser daquela raça feroz usada pelos agricultores das Antilhas e da América Meridional para caçar os escravos.

Vendo os dois piratas, ele parou por um momento, fixando os olhos ardentes, depois saltou por cima das raízes, com o impulso de um leopardo, se projetou incrivelmente à frente e soltou um rosnado pavoroso.

Sandokan já tinha se ajoelhado rapidamente, mantendo o *kriss* na horizontal, enquanto Yanez agarrara a carabina pelo cano para poder usá-la como um porrete.

Com um último impulso, o cão se precipitou para Sandokan, que estava mais perto, tentando abocanhá-lo pela garganta.

Se aquela besta era feroz, o Tigre da Malásia não ficava atrás.

A mão direita, rápida como um raio, foi arremessada à frente e a lâmina desapareceu quase completamente na goela do animal. Ao mesmo tempo, Yanez acertava o crânio com o porrete improvisado com tanta força que chegou a afundá-lo.

— Parece que já é suficiente — disse Sandokan se erguendo e empurrando com o pé o cachorro agonizante. — Se os ingleses não tiverem mais aliados para mandar atrás de nós, perderam seu tempo inutilmente.

— Cuidado. porque atrás do cão podem estar vindo os homens.

— A esta hora já teriam atirado em nós.

Vamos, Yanez. Depressa pela trilha.

Os dois piratas, sem terem mais com o que se preocupar, se embrenharam pelas árvores, tentando seguir a antiga trilha.

As plantas, as raízes e, principalmente, os ratãs e os cálamos haviam invadido tudo; pelo menos sobrara um vestígio bem visível e era possível segui-lo com menos desgaste.

A todo instante, porém, batiam a cabeça contra algumas teias tão grandes e tão fortes que eram capazes de aprisionar pequenas aves sem se partir, ou então tropeçavam nas raízes que serpenteavam entre as ervas, levando tombos freqüentes.

Diversos lagartos voadores, assustados com a presença dos dois piratas, fugiam desordenadamente em todas as direções e alguns répteis, perturbados em seu sono, se afastavam precipitadamente soltando um sibilo ameaçador.

Bem depressa, contudo, a trilha desapareceu e Yanez e Sandokan foram obrigados a recomençar suas manobras aéreas entre os ratãs, os gambeiros e os cálamos, provocando a fuga e irritando os bugios, macacos de pelo muito escuro, abundantes em Bornéu e nas ilhas vizinhas, que são dotados de uma agilidade inacreditável.

Aqueles quadrúpedes, ao verem suas propriedades aéreas invadidas, nem sempre davam passagem e muitas vezes recebiam os dois perturbadores da ordem com uma verdadeira chuva de frutas e galhos.

Continuaram assim por umas duas horas, ao acaso, sem que conseguissem observar a posição do sol para poderem se orientar. Depois, ao verem correr embaixo deles uma torrente de água escura, desceram para o solo.

— Será que não tem cobra d'água aí dentro? — perguntou Yanez a Sandokan.

— Só vamos encontrar sanguessugas — respondeu o pirata.

— Está querendo aproveitar este caminho?

— Prefiro este ao aéreo.

— Vamos ver se a água é profunda.

— Não deve ter mais de um pé, Yanez. Mesmo assim, é bom ter certeza.

O português arrancou um galho e o mergulhou naquela pequena corrente de água.

— Você estava certo, Sandokan — disse. — Vamos descer.

Escorregaram do galho em que permaneciam até aquele instante e entraram no pequeno curso de água.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Sandokan.

Yanez se inclinara, tentando distinguir o que quer que fosse através da arcada infinita de plantas que se curvava sobre o riacho.

— Parece que estou vendo um pouco de luz lá no fundo — disse.

— Será que a floresta vai ficar menos densa?

— É provável, Sandokan.

— Vamos ver.

Sustentando-se à custa de muito esforço, por causa do fundo lamacento do pequeno curso de água, foram adiante, agarrando de vez em quando os galhos que se prolongavam sobre o riacho.

Odores nauseabundos vinham daquelas águas escuras, exalações produzidas pela degradação das folhas e das frutas acumuladas no leito, e eles estavam correndo o risco de pegar uma febre alta.

Os dois piratas haviam percorrido cerca de duzentos e cinquenta metros quando Yanez se deteve bruscamente, se agarrando a um galho grosso que ia de um lado ao outro da corrente.

— O que houve, Yanez? — perguntou Sandokan, tirando o fuzil do ombro.

— Ouça!

O pirata se inclinou para frente escutando e, depois de alguns instantes, disse:

— Alguém está se aproximando.

No mesmíssimo instante, um mugido possante, que poderia ser atribuído a um touro assustado ou irritado, ressoou embaixo da arcada de plantas, fazendo calar de uma vez só a ladainha dos pássaros e os risos estridentes dos pequenos macacos.

— Em guarda, Yanez — disse Sandokan. — Tem um *maias* à nossa frente.

— E também um outro inimigo, talvez pior ainda.

— O que está querendo dizer?

— Olhe ali, naquele galho grosso que atravessa o riacho.

Sandokan se levantou nas pontas dos pés e lançou um rápido olhar diante de si.

— Ah! — murmurou sem manifestar a menor apreensão. — Um *maias* de um lado e um *hariman-bintang* do outro! Vamos ver se conseguem impedir a nossa passagem. Prepare o fuzil e fique pronto para tudo.

DOIS INIMIGOS ATERRORIZANTES estavam em frente aos piratas; um tão perigoso quanto o outro, mas parecia que, no momento, não tinham a menor intenção de se ocupar dos dois homens, pois, em vez de descer a corrente, se movimentaram rapidamente um ao encontro do outro, como se estivessem querendo medir força.

O animal que Sandokan chamara de *hariman-bintang* era uma pantera espetacular da Sonda; o outro, por sua vez, era um daqueles grandes símios, um orangotango, que ainda são bem numerosos em Bornéu e nas ilhas vizinhas, muito temidos pela força prodigiosa e também pela ferocidade.

A pantera, talvez esfaimada, vendo o homem dos bosques passar na margem oposta, se arremessou imediatamente para um galho grosso que se inclinava quase na horizontal sobre a corrente, formando uma espécie de ponte.

Como já foi dito, era uma fera belíssima e igualmente perigosa.

Tinha o tamanho e um pouco do aspecto de um tigre pequeno, mas a testa era mais redonda e menos desenvolvida, as pernas eram mais curtas e mais robustas e o pelo, amarelo escuro com manchas mais escuras.

Devia ter pelo menos um metro e meio de comprimento, portanto provavelmente era uma das maiores da família.

O adversário era um enorme símio, com cerca de um metro e quarenta de altura, mas com braços tão compridos que devia chegar a dois metros e meio no conjunto.

A cara larga e enrugada tinha um aspecto muito feroz, especialmente com aqueles olhinhos encovados e rápidos e aquele pelo avermelhado que a emoldurava.

O peito daquele quadrúmano era realmente desenvolvido, e os músculos dos braços formaram verdadeiras nodosidades, sinal de uma força prodigiosa.

Esses símios, que os indígenas chamam de *meias*, *miass* e também *maias*, habitam os bosques mais densos e preferem as regiões mais baixas e úmidas.

Constroem ninhos espaçosos no alto das árvores, utilizando galhos muito grossos que conseguem arrumar com habilidade em forma de cruz.

Têm um humor tristonho e não gostam de companhia. Normalmente evitam o homem e até mesmo os outros animais; mas quando se sentem ameaçados ou irritados, ficam assustadores e quase sempre sua força extraordinária triunfa sobre o adversário.

O *maias*, ouvindo o rugido rouco da pantera, se deteve de pronto. Ele se encontrava na margem oposta do pequeno curso de água, em frente a um gigantesco durião, que abria seu magnífico guarda-chuva de folhas a sessenta metros do chão.

Provavelmente fora surpreendido no momento em que se preparava para escalar a árvore, a fim de colher suas frutas abundantes.

Vendo aquela vizinha perigosa, primeiro se contentou em encará-la, mais com estupor do que com ira, depois, de repente deu dois ou três assobios guturais, indício de que uma explosão de cólera se aproximava.

— Acho que vamos assistir a uma luta terrível entre aqueles dois animais — disse Yanez, que estava evitando até se mexer.

— Até agora não é conosco — respondeu Sandokan. — Estava com medo de que quisessem nos atacar.

— Eu também, irmãozinho. Quer mudar a rota?

Sandokan olhou para as duas margens e viu que naquele ponto era impossível escalar e se esconder na floresta.

Duas verdadeiras muralhas de troncos, folhas, espinhos, raízes e cipós encerravam o curso de água. Para abrir passagem teriam que usar o *kriss* e trabalhar muito.

— Não podemos subir — disse. — No primeiro golpe de faca, o *maias* e a pantera se jogariam contra nós de comum acordo. Vamos ficar aqui e tentar não ser vistos. A luta não será muito longa.

— E depois vamos ter que enfrentar o vencedor.

— Provavelmente ele vai estar em condições tão ruins que não conseguirá impedir a nossa passagem.

— Cá estão!... A pantera está ficando impaciente.

— E o *maias* não se aguenta mais de vontade de quebrar as costelas da vizinha.

— Arme o fuzil, Sandokan. Não se pode saber o que vai acontecer. Vamos nos preparar para fuzilar um dos dois e...

Um uivo assustador, meio parecido com o mugido de um touro enfurecido, o interrompeu.

O orangotango atingira o cúmulo da raiva.

Vendo que a pantera não se decidia a abandonar o galho e descer para a margem, avançou ameaçadoramente soltando um segundo uivo e dando pancadas fortes no peito que ecoava como um tambor.

Aquele símio metia medo. O pelo avermelhado estava eriçado, sua cara assumira uma expressão de uma ferocidade inaudita e os longos dentes, sólidos a ponto de esmagar o cano de um fuzil como se fosse um simples pedaço de pau, estavam rangendo.

Ao vê-lo chegar, a pantera se encolhera sobre ela mesma. Parecia estar se preparando para um salto, mas não aparentava a menor pressa de abandonar o galho.

Com um pé, o orangotango se agarrou a uma grossa raiz que serpenteava no solo e, se esticando sobre o rio, pegou com as duas mãos o galho em que estava o adversário e o sacudiu com uma força hercúlea, fazendo-o estalar.

A sacudida foi tão forte que a pantera, embora tivesse cravado os artelhos agudos na madeira, não conseguiu se segurar e caiu no rio.

Foi como um raio. Mal tocou na água e já se arremessou de novo para o galho.

Deteve-se por um momento e em seguida se atirou com todas as forças sobre o símio gigante, enfiando as unhas nos ombros e nas coxas.

O quadrúmano deu um uivo de dor. O sangue começou a brotar imediatamente e escorria entre os pelos, pingando no riacho.

Satisfeita com o feliz resultado daquele ataque fulminante, a fera tentou se retirar para voltar ao galho antes que o adversário tentasse a revanche.

Com uma reviravolta magistral, girou sobre si mesma, aproveitando o peito largo do macaco como ponto de apoio e disparou de volta.

As duas patas se agarraram ao galho, com as unhas enfiadas na casca, mas não conseguiu dar o impulso que pretendia.

O orangotango, apesar das lacerações terríveis, esticara rapidamente os braços e agarrara a cauda da adversária.

Aquelas mãos, dotadas de uma força inacreditável, não soltariam mais aquele apêndice. Elas apertavam como duas morsas e arrancaram um gemido de dor da fera.

— Pobre pantera — disse Yanez, que acompanhava com vivo interesse as diversas fases daquela luta selvagem.

— Está perdida — disse Sandokan. — Se não conseguir livrar a cauda, coisa impossível, não escapará mais do aperto do *maias*.

O pirata não devia estar errado. O orangotango, sentindo a cauda entre as mãos, saltara à frente e subira no galho.

Reunindo as forças, levantou a fera e a girou no ar como se fosse um rato e depois a atirou com um ímpeto irresistível contra o enorme tronco do durião.

Ouviu-se um golpe seco, como uma caixa de osso se quebrando; e a pobre besta, abandonada por seu inimigo, rolou inanimada para o chão, deslizando em seguida para as águas escuras do riacho.

O crânio, rachado com a pancada, deixara no tronco da árvore uma grande nódoa sanguinolenta misturada a pedaços de matéria cerebral.

— Por Júpiter!... Que golpe de mestre!... — murmurou Yanez. — Eu não estava acreditando que aquele símio fosse conseguir se desvencilhar tão rápido da pantera.

— Ele vence todos os animais da floresta, até as cobras pítons — respondeu Sandokan.

— Há perigo de querer nos enfrentar também?...

— Está tão irritado que não vai nos poupar se nos vir.

— Mas me parece que ele está em condições lastimáveis. Brota sangue de todos os lados.

— No entanto, os *maias* são animais capazes de sobreviver mesmo depois de terem levado muitos tiros no corpo.

— Quer esperar até ele ir embora?

— Acho que a coisa ainda vai demorar muito.

— Ele não tem mais nada a fazer aqui.

— Acredito, ao contrário, que o ninho dele fica naquele durião. Parece que estou vendo uma massa escura no meio das folhas e travas colocadas na transversal entre os ramos.

— Então temos que voltar.

— Isso está fora de cogitação. Teríamos que dar uma volta enorme, Yanez.

— Se fuzilarmos aquele símio, podemos ir adiante, seguindo este riacho.

— Era isso o que eu queria propor — disse Sandokan. — Somos atiradores hábeis e sabemos trabalhar com o *kriss* melhor que os malaaios. Vamos avançar um pouco para não errar os disparos. Com tantos galhos, nossas balas podem ser desviadas com facilidade.

Enquanto se preparavam para atacar o orangotango, este se acocorara na margem do rio e, com as mãos, jogava água nas feridas.

A pantera fizera um estrago terrível. As unhas potentes haviam dilacerado os ombros do pobre símio, fazendo cortes tão profundos que deixavam à mostra a clavícula. As coxas também haviam sido atrozmente retalhadas e o sangue jorrava copiosamente, formando uma verdadeira poça no chão.

De vez em quando, saíam gemidos, que tinham alguma coisa de humano, da boca do ferido, seguidos de uivos ferozes. O animal ainda não se acalmara e, mesmo em meio aos espasmos, traía sua fúria selvagem.

Sandokan e Yanez se aproximaram da margem oposta para que pudessem se embrenhar rapidamente na floresta, caso errassem os tiros e o orangotango não caísse com o duplo disparo.

Haviam se detido atrás de um galho grosso que se inclinava sobre o riacho e apoiado nele os fuzis para mirar melhor, quando viram o orangotango saltar inesperadamente sobre os pés, dando pancadas furiosas no peito e rangendo os dentes.

— O que está acontecendo? — perguntou Yanez. — Será que já nos viu?

— Não — disse Sandokan. — Não é conosco que está prestes a brigar.

— Será que algum outro animal está tentando pegá-lo de surpresa?

— Fique quieto: estou vendo galhos e folhas se mexendo.

— Raios!... Será que são os ingleses?

— Cale-se, Yanez.

Sandokan se ergueu silenciosamente sobre o galho e, se mantendo oculto atrás de uma touceira de ratã que descia do alto, olhou para a margem oposta onde se encontrava o orangotango.

Algo estava se aproximando, movendo as folhas com precaução. Ignorando talvez o grave perigo que o aguardava, parecia estar se dirigindo precisamente para o lugar em que se erguia o durião colossal.

O gigantesco quadrúmano já o percebera e fora para trás do tronco da árvore, pronto para se jogar sobre aquele novo adversário e fazê-lo em pedaços.

Não gemia nem uivava mais; apenas uma respiração rouca podia traír ainda a sua presença.

— E então, o que está acontecendo?

— Alguma coisa vem se aproximando com a maior imprudência do *maias*.

— Homem ou animal?

— Ainda não consigo distinguir esse desavisado.

— E se for um pobre indígena?

— Nós estamos aqui e não vamos dar tempo para que o quadrúmano o massacre. Ei!... Bem que eu tinha imaginado.

Acabei de ver uma mão.

— Branca ou negra?

— Negra, Yanez. Mire o orangotango.

— Estou pronto.

Naquele instante viram o símio gigante se precipitar no meio de uma mata densa, soltando um uivo assustador.

Ramos e folhas caíram ao serem arrancadas por um golpe das mãos poderosas da fera e deixaram entrever um homem.

Ouviu-se um grito de terror seguido imediatamente por dois tiros de fuzil. Sandokan e Yanez haviam atirado.

O quadrúmano, atingido em pleno dorso, se voltou uivando e, ao ver os dois piratas, sem mais se ocupar com o incauto que se aproximara, deu um salto enorme e entrou no rio.

Sandokan abandonara o fuzil e empunhava o *kriss*, decidido a entrar em uma luta corpo a corpo. Yanez, ao contrário, saltara para o tronco e tentava recarregar às pressas sua arma.

O orangotango, embora novamente ferido, se arremessara para perto de Sandokan. Já estava prestes a estender as patas peludas quando se ouviu um grito na margem oposta:

— O capitão.

E um novo disparo.

O orangotango se detivera, levando as mãos à cabeça. Ficou ereto por um instante, dardejando sobre Sandokan um olhar repleto de raiva feroz e desabou na água, espirrando água para todos os lados.

No mesmo instante, o homem que por pouco não fora morto pelas mãos do símio, se jogou também na água, gritando:

— O capitão!... O senhor Yanez!... Estou bem feliz por ter conseguido enfiar uma bala no crânio daquele *maias*.

Yanez e Sandokan haviam saltado rapidamente para cima do tronco.

— Paranoa!... — exclamaram alegremente.

— Em carne e osso, meu capitão — respondeu o malaio.

— O que está fazendo nesta floresta? — perguntou Sandokan.

— Estava procurando os senhores, capitão.

— E como sabia que estávamos aqui?

— Vagando pela orla desta selva, ouvi ingleses rondando com muitos cães e imaginei que estariam procurando pelos senhores.

— E teve a coragem de entrar aqui sozinho? — perguntou Yanez.

— As feras não têm medo.

— Mas por pouco o orangotango não o fazia em pedacinhos.

— Ele ainda não tinha me pegado, senhor Yanez, e como viram, ainda meti uma bala na sua testa.

— E os *prahos*? Chegaram todos? — perguntou Sandokan.

— Quando saí para procurá-los, nenhum outro navio chegara, além do meu.

— Nenhum outro? — exclamou Sandokan ansioso.

— Não, meu capitão.

— E quando você saiu da foz do rio?

— Ontem de manhã.

— Será que aconteceu alguma desgraça com os outros barcos? — se perguntou Yanez, olhando para Sandokan com angústia.

— Talvez a tempestade os tenha transportado muito para o norte — respondeu o Tigre.

— Pode ter acontecido isso, meu capitão — disse Paranoa. — O vento sul soprava com uma força tremenda e não era possível resistir a ele de maneira nenhuma.

Tive a sorte de ir para uma baía pequena, mas bem abrigada, que fica a umas sessenta milhas daqui, por isso pude voltar depressa e chegar antes de todo mundo ao encontro.

Por outro lado, como eu disse, desembarquei ontem de manhã e, nesse meio-tempo, os outros navios podem ter chegado.

— Mesmo assim, estou muito preocupado, Paranoa — disse Sandokan. — Queria poder estar na foz do rio para me livrar dessa inquietação. Você não perdeu nenhum homem durante a borrasca?

— Nenhum sequer, meu capitão.

— E o navio sofreu alguma avaria?

— Pouquíssimas, mas já foram reparadas.

— Está escondido na baía?

— Preferi deixá-lo em alto-mar para evitar surpresas.

— Você desembarcou sozinho?

— Sozinho, meu capitão.

— Viu algum inglês rondando nas proximidades da baía?

— Não, mas como eu disse, vi alguns dando uma batida na orla desta floresta.

— Quando?

— Esta manhã.

— Em que lugar?

— A leste.

— Estão vindo do palacete do Lorde James — disse Sandokan, olhando para Yanez.

Depois, se voltando para Paranoa, perguntou:

— Estamos muito longe da baía?

— Podemos chegar lá ao pôr-do-sol.

— Como acabamos nos afastando! — exclamou Yanez. — Não são nem duas da tarde!... Temos uma bela distância para percorrer.

— Esta floresta é muito grande, senhor Yanez, e muito difícil de atravessar. Precisamos de pelo menos quatro horas para chegar às últimas matas.

— Vamos embora — disse Sandokan, que parecia tomado por uma viva agitação.

— Está com pressa para chegar à baía, não é verdade, irmãozinho?...

— Estou, Yanez. Estou com medo que tenha acontecido uma infelicidade, e acho que não estou enganado.

— Acha que os dois *prahos* estão perdidos?

— Talvez, Yanez. Se não estiverem na baía, não vamos mais revê-los.

— Por Júpiter!... Que desastre para nós!...

— Uma verdadeira ruína, Yanez — disse Sandokan com um suspiro. — Não sei, mas eu diria que a fatalidade começa a pesar sobre nós, como se estivesse ansiosa para dar o golpe mortal nos filhotes de tigre de Mompracem.

— E se a desgraça se confirmar?... O que vamos fazer, Sandokan?

— O que vamos fazer?... E você ainda pergunta, Yanez?... Você acha que o Tigre da Malásia é homem de se assustar ou de

vergar diante do destino?... Vamos continuar a luta, à lâmina do inimigo, vamos opor a lâmina, ao fogo, o fogo.

— Lembre-se de que há apenas quarenta homens a bordo do nosso *praho*.

— São quarenta tigres, Yanez. Conduzidos por nós podem fazer milagres, e ninguém vai conseguir segurá-los.

— Quer lutar contra a vila?

— Isso veremos. Mas eu juro que não vamos embora desta ilha sem levar Marianna Guillonk comigo, nem que eu precise lutar contra toda a guarnição de Vitória.

Quem sabe, talvez dependa daquela jovem a salvação ou a queda de Mompracem. A nossa estrela está prestes a expirar, pois a vejo cada vez mais pálida, mas ainda não perdi a esperança e talvez eu a veja resplandecer mais viva do que nunca.

Ah!... se aquela jovem quisesse!... O destino de Mompracem está nas mãos dela, Yanez.

— E nas suas — respondeu o português com um suspiro. — Vamos. É inútil falar nisso agora. Temos que tentar chegar ao rio para ver se os outros dois *prahos* voltaram.

— Isso, vamos — disse Sandokan. — Com um reforço desses me sinto capaz de tentar conquistar Labuan inteira.

Guiados por Paranoa, subiram de novo a margem do rio e tomaram uma velha trilha que o malaio descobrira algumas horas antes.

As plantas, e principalmente as raízes, haviam invadido a trilha, mas ainda restava espaço suficiente para permitir que os piratas se adiantassem sem muito esforço.

Avançaram pela grande floresta durante cinco horas contínuas, fazendo rápidas paradas de vez em quando para descansar e, ao pôr-do-sol, chegaram perto da margem do rio que desembocava na baía.

Não avistando nenhum inimigo, desceram para o oeste, atravessando um pequeno pântano que ia terminar no mar.

Quando chegaram à margem da pequena baía, as trevas já tinham baixado há algumas horas.

Paranoa e Sandokan se adiantaram até os últimos recifes e perscrutaram atentamente o horizonte escuro.

— Olhe, meu capitão — disse Paranoa, indicando ao Tigre um ponto luminoso que mal podia ser visto e que podia ser confundido com uma estrela.

— O farol do nosso *praho*? — perguntou Sandokan.

— É, meu capitão. Percebe que está deslizando para o sul?

— Que sinal temos que fazer para que o navio se aproxime?

— Acender duas fogueiras na praia — respondeu Paranoa.

— Vamos para a ponta extrema da pequena península — disse Yanez. — Vamos sinalizar a rota exata para o *praho*.

Embrenharam-se no meio de um verdadeiro caos de recifes salpicados de cacos de conchas, de sobras de crustáceos e de amontoados de algas e chegaram à ponta extrema de uma ilhota arborizada.

— Vamos acender as fogueiras aqui, assim o *praho* vai poder entrar na baía sem correr o perigo de encalhar.

— Mas vamos fazê-lo entrar no rio — disse Sandokan. — É urgente escondê-lo dos olhares dos ingleses.

— Eu me encarrego disso — respondeu Yanez. — Vamos escondê-lo no pântano, no meio das taquaras, e cobri-lo completamente com galhos e com folhas, depois de tirar os mastros e os massames. Ei, Paranoa, pode dar o sinal.

O malaio não perdeu tempo. Recolheu lenha seca na orla de um pequeno bosque, formou dois montes a certa distância um do outro e acendeu as fogueiras.

Após um instante, os três piratas viram o farol branco do *praho* desaparecer e brilhar um vermelho no seu lugar.

— Fomos vistos — disse Paranoa. — Podemos apagar as fogueiras.

— Não — disse Sandokan. — Elas vão servir para indicar a direção certa aos seus homens. Ninguém conhece a baía, não é verdade?

— É, capitão.

— Então vamos guiá-los.

Os três piratas se sentaram na praia, mantendo os olhos fixos no farol vermelho, que havia mudado de direção.

Dez minutos mais tarde, o *praho* já podia ser visto.

As velas imensas estavam içadas e se podia ouvir a água gorgolejando na frente da proa. Visto na escuridão, parecia um pássaro gigantesco deslizando no mar.

Com dois bordejoes chegou diante da baía e enveredou pelo canal, entrando na foz do pequeno rio.

Yanez, Sandokan e Paranoa haviam abandonado a ilhota e voltado rapidamente para as margens do pequeno curso de água.

Assim que viram o *praho* jogar a âncora perto dos canteiros densos de taquaras da margem, subiram a bordo.

Com um gesto, Sandokan intimou a tripulação a fazer silêncio, pois estavam prestes a saudar os dois capitães da pirataria com uma intempestiva explosão de alegria.

— Os inimigos podem estar por perto — disse ele. — Ordeno, por isso, que façam o mais absoluto silêncio para não sermos surpreendidos antes de terminarmos de realizar os meus planos.

Depois, se virando para um terceiro-sargento perguntou, com uma emoção tão viva que quase fez tremer a sua voz:

— Os outros dois *prahos* não chegaram?

— Não, Tigre da Malásia — respondeu o pirata. — Durante a ausência de Paranoa, vigiei todas as costas vizinhas, esticando quase até as de Bornéu, mas nenhum de nossos navios foi avistado em nenhuma direção.

— E você acha?...

O pirata não respondeu, hesitava.

— Fale — ordenou Sandokan.

— Eu acho, Tigre da Malásia, que os nossos dois navios devem ter sido destroçados na costa setentrional de Bornéu.

Sandokan deu um murro no peito, enquanto um suspiro sibilante irrompia dos lábios.

— Fatalidade!... Que fatalidade!... — murmurou com voz surda. — Será que a jovem de cabelos de ouro está trazendo a infelicidade aos tigres de Mompracem?

— Coragem, irmãozinho — disse Yanez, pousando uma mão sobre o seu ombro. — Não vamos nos desesperar ainda. Talvez os nossos *prahos* tenham sido impelidos para muito longe e danificados com tanta gravidade que não foi possível repará-los e voltar depressa para o mar.

Enquanto não encontrarmos os destroços, não devemos acreditar que tenham ido a pique.

— Mas não podemos esperar mais, Yanez. Quem sabe por quanto tempo ainda o Lorde vai ficar fechado na sua vila?...

— Também não pediria isso, amigo.

— O que está querendo dizer, Yanez?

— Que temos homens suficientes para atacá-lo e raptar sua graciosa sobrinha se ele quiser abandonar a vila.

— Você está pretendendo tentar um golpe desses?...

— E por que não?... Os nossos filhotes são muito corajosos e, mesmo que o Lorde esteja acompanhado do dobro de soldados, com certeza eles não hesitariam a entrar em uma luta. Estou amadurecendo um belo plano e espero conseguir uma vitória fantástica.

Deixe-me descansar esta noite e amanhã podemos começar a agir.

— Confio em você, Yanez.

— E não tenha mais dúvidas, Sandokan.

— Mas não podemos deixar o *praho* aqui. Ele pode ser descoberto por algum navio que venha para a baía ou por algum caçador que desça o rio e chegue até aqui em busca de aves aquáticas.

— Já pensei em tudo, Sandokan. Paranoa recebeu instruções para agir. Venha, Sandokan. Vamos fazer uma boquinha e depois nos jogamos na cama. Confesso que não estou aguentando mais.

Enquanto os piratas, sob a orientação de Paranoa, desmontavam todos os massames do navio, Yanez e Sandokan desceram para o pequeno quadrado da popa e atacaram o saco de provisões.

Depois de acalmarem a fome que os atormentava há horas, se jogaram nas camas, vestidos como estavam.

O português, que não se aguentava mais, rapidamente caiu em um sono profundo; Sandokan, ao contrário, demorou muito para pregar o olho.

Pensamentos lúgubres e preocupações sinistras o mantiveram acordado por muitas horas. Foi apenas quando o sol começava a nascer que conseguiu descansar um pouco, mas mesmo esse sono foi curtíssimo.

Quando subiu de novo para a coberta, os piratas estavam terminando os últimos preparativos para deixar o *praho* invisível aos cruzadores que passassem diante da baía ou aos olhos dos homens que descessem o rio. O navio fora levado para a beira do pântano e estava no centro de um canteiro muito denso de taquaras. Os mastros com massames fixos e correntes haviam sido baixados e, por cima de tudo, foram jogados montes de taquaras, de galhos e de folhas, dispostos com tal habilidade que cobriam o navio inteiro.

Um homem que passasse por aquelas paragens facilmente poderia confundi-lo com um enorme amontoado de plantas e de raízes encaalhado ali.

— O que acha, Sandokan? — perguntou Yanez, que já se encontrava na ponte, sob um pequeno telhado de taquaras erguido na popa.

— A ideia foi boa — respondeu Sandokan.

— Agora venha comigo.

— Aonde?...

— Em terra. Alguns homens já estão esperando por nós.

— O que pretende fazer, Yanez?

— Você vai ficar sabendo depois. Opa!... Ponham a chalupa na água e guardem direito o navio.

DEPOIS DE ATRAVESSAR o pequeno rio, Yanez conduziu Sandokan para o meio de uma mata espessa, onde estavam escondidos vinte homens totalmente armados e munidos com uma bolsa de víveres e um cobertor de lã.

Paranoa e seu terceiro-sargento, Ikaut, também estavam ali.

— Estão todos aí? — perguntou Yanez.

— Todos — responderam.

— Então escute com atenção, Ikaut — retomou o português. — Você vai voltar a bordo e, se acontecer alguma coisa, mande um homem aqui para encontrar um companheiro que ficará à espera das instruções.

Nós vamos transmitir a você os nossos comandos, que deverão ser seguidos imediatamente, sem o menor atraso.

Seja muito prudente, não se deixe surpreender pelos casacos vermelhos e não se esqueça de que nós, mesmo longe, em um instante podemos vir aqui para informar ou sermos informados do que está acontecendo.

— Conte comigo, senhor Yanez.

— Volte para bordo e vigie.

Enquanto o terceiro-sargento saltava para a chalupa, Yanez se colocou à frente da tropa e se pôs a caminho, subindo novamente o curso do pequeno rio.

— Aonde está me levando? — perguntou Sandokan, que não estava entendendo mais nada.

— Espere um pouco, irmãozinho. Diga, em primeiro lugar, a que distância do mar fica a vila do Lorde Guillonk?

— Aproximadamente três quilômetros em linha reta.

— Então temos homens mais que suficientes.

— Para fazer o quê?

— Mais um pouco de paciência, Sandokan.

Consultou a bússola que pegara a bordo do *praho* para se orientar e foi para baixo das grandes árvores, andando rapidamente.

Percorreu quatrocentos metros, parou perto de uma árvore de cânfora colossal que se erguia no meio de um grupo denso de arbustos, virou para um dos marinheiros e disse:

— Você vai providenciar um acampamento aqui, e não deve sair por motivo nenhum sem ordens nossas.

O rio não fica a mais de quatrocentos metros, por isso você pode se comunicar facilmente com o *praho*; à mesma distância, a leste, ficará um dos seus camaradas.

Qualquer ordem que chegue a você transmitida do *praho* deve ser comunicada ao companheiro mais próximo. Entendeu tudo?

— Entendi, senhor Yanez.

— Então vamos continuar.

Enquanto o malaio preparava um pequeno teto embaixo da enorme árvore, a tropa recomeçava a marcha, deixando outro homem na distância combinada.

— Está entendendo agora? — perguntou Yanez a Sandokan.

— Estou — respondeu este — e admiro a sua esperteza. Com essas sentinelas escalonadas na floresta, podemos nos comunicar com o *praho* em poucos minutos, mesmo se estivermos nos arredores da vila do Lorde James.

— Isso mesmo, Sandokan, e avisar Ikaut para armar imediatamente o *praho* e deixá-lo preparado para se pôr ao largo depressa ou para mandar reforços.

— E onde vamos acampar?

— Na trilha que leva a Vitória. De lá podemos ver quem chega ou sai da vila e em pouco tempo tomar as providências para impedir que o Lorde fuja à nossa revelia. Se ele quiser ir embora, primeiro vai ter que acertar as contas com os nossos filhotes e verá que, com certeza, nós não levaremos a pior.

— E se o Lorde não se decidir a ir embora?

— Por Júpiter!... Vamos atacar a vila ou encontrar outra maneira de raptar a jovem.

— Mas não vamos levar as coisas ao extremo, Yanez. Lorde James é capaz de matar a sobrinha para não vê-la cair em

minhas mãos.

— Com mil raios!...

— É um homem capaz de tudo, Yanez.

— Então vamos usar a astúcia.

— Tem algum projeto em mente?

— Vamos encontrar um, Sandokan. Nunca vou me perdoar se aquele patife puder impedir que o meu capitão rapte a sua jovem adorada.

— E eu? Isso significaria a morte do Tigre da Malásia também, pois não vou sobreviver sem a minha menina de cabelos de ouro.

— Sei muito bem disso — disse Yanez com um suspiro. — Aquela moça o enfeitiçou.

— Ou melhor, acabou comigo, Yanez. Quem diria que um dia eu, que nunca senti o coração bater; que nunca amei outra coisa que não o mar, as batalhas terríveis, os massacres, seria domado por uma menina, por uma filha daquela raça à qual jurei exterminar pela guerra?... Quando penso nisso, sinto o sangue ferver, sinto minhas forças se rebelarem e o meu coração tremer de fúria!... Ao mesmo tempo, não sou capaz de quebrar a corrente que me prende, Yanez; e nunca mais vou conseguir esquecer aqueles olhos azuis que me enfeitiçaram.

Vamos lá, temos que parar de falar nela e deixemos que se cumpra o meu destino.

— Um destino que será fatal à estrela de Mompracem, não é verdade, Sandokan? — disse Yanez.

— Talvez — respondeu o Tigre da Malásia com voz surda.

Haviam chegado agora à orla de uma floresta. Além dela se estendia uma pradaria salpicada de arbustos e de grupos de arecas e gambeiros, cortada no meio por uma trilha larga que parecia, contudo ter sido pouco utilizada, visto que o mato voltava a crescer.

— Será que essa trilha vai para Vitória? — perguntou Yanez a Sandokan.

— Vai — respondeu este.

— A vila do Lorde James não deve estar longe.

— Estou vendo a paliçada do parque atrás daquelas árvores.

— Ótimo — disse Yanez.

Voltou-se para Paranoa que o seguira com seis homens e disse:

— Pode armar uma tenda na orla do bosque, em um local protegido por um canteiro espesso.

O pirata não esperou que a ordem fosse repetida. Encontrou um lugar adequado, mandou armar a tenda, e fez uma proteção em volta com uma espécie de cerca construída com ramos e folhas de bananeira.

Arrumou embaixo dela os víveres que haviam transportado até lá e que se constituíam de conservas, carnes defumadas, biscoitos e algumas garrafas de vinho espanhol, e espalhou seus homens à direita e à esquerda para darem uma batida no bosque e se certificarem de que não havia nenhum espião escondido.

Sandokan e Yanez, depois de terem chegado a duzentos metros da paliçada do parque, haviam voltado para o bosque e se esticado sob a tenda.

— Está satisfeito com o plano, Sandokan? — perguntou o português.

— Estou, meu irmão — respondeu o Tigre da Malásia.

— Estamos a poucos passos do parque, no caminho que leva a Vitória. Se o Lorde quiser abandonar a vila, será obrigado a passar pelos nossos tiros de fuzil.

Em menos de meia hora podemos reunir vinte homens decididos a tudo e em uma hora ter conosco toda a tripulação do *praho*. Se ele se mover, caímos todos em cima.

— Isso mesmo, todos — disse Sandokan. — Estou pronto para tudo, até a arriscar meus homens contra um regimento inteiro.

— Então vamos comer, irmãozinho — disse Yanez rindo. — Esse passeio matinal aguçou o meu apetite de uma forma extraordinária.

Já haviam devorado a refeição e estavam fumando alguns cigarros acompanhados de uma garrafa de uísque, quando viram Paranoa chegar correndo.

O valente malaio estava com as feições alteradas e parecia tomado por uma viva agitação.

— O que há? — perguntou Sandokan, se levantando rapidamente e estendendo a mão para o fuzil.

— Está chegando alguém, meu capitão — disse ele. — Ouvi o galope de um cavalo.

— Será que é um inglês indo a Vitória?

— Não, Tigre da Malásia, ele deve estar vindo de Vitória.

— Ainda está longe? — perguntou Yanez.

— Acho que sim.

— Venha, Sandokan.

Pegaram a carabina e saíram da tenda, enquanto os homens da escolta se emboscavam no meio dos arbustos, armando rapidamente os fuzis.

Sandokan foi para perto da trilha e se ajoelhou, encostando uma orelha no chão. A superfície da terra transmitia claramente o galope apressado de um cavalo.

— Isso mesmo, há um cavaleiro chegando — disse ele, se erguendo com presteza.

— Eu o aconselho a deixar passar sem problemas — disse Yanez.

— Você acha que vou fazer isso? Nós vamos prendê-lo, meu caro.

— Com que objetivo?

— Pode estar levando alguma mensagem importante à vila.

— Se nós o atacarmos, ele pode tentar se defender e disparar o mosquete ou mesmo a pistola, e as detonações com certeza vão ser ouvidas pelos soldados da vila.

— Vamos fazer com que ele caia em nossas mãos sem deixar que tenha tempo de tocar em suas armas.

— Isso vai ser meio difícil, Sandokan.

— Muito mais fácil do que você pensa.

— Como?

— O cavalo está vindo a galope, sendo assim não vai conseguir evitar um obstáculo. O cavaleiro vai ser arremessado com o tranco, então nós saltamos em cima dele e o impedimos de reagir.

— E que obstáculo você pretende preparar?

— Venha cá, Paranoa. Vá buscar uma corda e volte rápido.

— Agora estou entendendo — disse Yanez. — Ah!... mas que ótima ideia!... Isso mesmo, Sandokan, vamos prendê-lo!...

Por Júpiter, como poderemos usá-lo!... Em não tinha pensado nisso!...

— Do que você está falando, Yanez?

— Você vai saber mais tarde. Ah!... Que bela partida!...

— Você está rindo?...

— Tenho motivos para rir. Você vai ver, Sandokan, que bela jogada vamos fazer com o Lorde!... Paranoa, ande logo!...

O malaio, ajudado por dois homens, estendera uma corda grossa através da trilha, mantendo-a, contudo, baixa o suficiente para poder ficar oculta pelo mato que crescia naquele local.

Quando acabou, foi se esconder atrás de um arbusto, com o *kriss* em punho, enquanto seus companheiros se dispersavam para impedir que o cavaleiro continuasse a corrida, caso conseguisse evitar a armadilha.

O galope se aproximava rapidamente. Mais alguns segundos e o cavaleiro deveria aparecer na curva da trilha.

— Aí está ele!... — murmurou Sandokan, que também estava de emboscada ao lado de Yanez.

Poucos instantes mais tarde, um cavalo ultrapassava um canteiro e se lançava pela trilha. Vinha montado por um lindo jovem de vinte e dois ou vinte e quatro anos, que trajava o uniforme dos sipais indianos. Parecia bastante inquieto, porque esporeava furiosamente o cavalo e lançava olhares suspeitos ao seu redor.

— Atenção, Yanez — murmurou Sandokan.

O cavalo, fortemente esporeado, se arremessou à frente, galopando depressa em direção à corda.

De repente, foi visto desabando pesadamente no chão, agitando as patas como um louco.

Os piratas já estavam ali. Antes que o sipais pudesse sair de baixo do cavalo, Sandokan já estava ao lado dele, arrancando o sabre, enquanto Juioko o imobilizava no chão e apontava o *kriss* para o seu peito.

— Não resista se dá valor à vida — disse Sandokan.

— Miseráveis — exclamou o soldado, se debatendo.

Juioko, ajudado por três outros piratas, o amarrou bem e o arrastou para uma árvore frondosa, enquanto Yanez ia ver o cavalo, com medo de que tivesse quebrado uma perna com a queda.

— Por Baco! — exclamou o bom português que parecia contentíssimo. — Vou fazer uma bela figura na vila. Yanez, sargento dos sipais! Este é um posto que, com certeza, eu não esperava.

Amarrou o animal a uma árvore e se juntou a Sandokan, que estava revistando o sargento.

— Nada? — perguntou.

— Nenhuma carta — respondeu Sandokan.

— Mas você, pelo menos, vai falar? — perguntou Yanez, cravando os olhos no sargento.

— Não — respondeu este.

— Cuidado! — disse Sandokan, com uma entonação de meter medo. — Aonde estava indo?

— Estava passeando.

— Fale!...

— Já falei — respondeu o sargento, exibindo uma tranquilidade que com certeza não estava sentindo.

— Então espere um pouco!

O Tigre da Malásia tirou o *kriss* da cintura e o apontou para a garganta do soldado, avisando-o para não duvidar da ameaça.

— Fale ou eu mato você!

— Não — respondeu o soldado.

— Fale — repetiu Sandokan, apertando a arma.

O inglês soltou um grito de dor; o *kriss* entrara na carne e saía sangue do local.

— Eu falo — balbuciou o prisioneiro, que ficara pálido como um cadáver.

— Aonde estava indo?

— À casa de Lorde James Guillonk.

— Fazer o quê?

O soldado hesitou, mas vendo o pirata aproximar novamente o *kriss*, respondeu:

— Entregar uma carta do baronete William Rosenthal.

Um raio de fúria brilhou nos olhos de Sandokan ao ouvir aquele nome.

— Quero essa carta! — exclamou com voz rouca.

— Está no meu capacete, escondida embaixo do forro.

Yanez apanhou o chapéu do sipai, arrancou o forro, balançou para fazer a carta aparecer e abriu-a.

— Bah! Coisas velhas — disse depois de ter lido.

— O que aquele cachorro do baronete escreveu? — perguntou Sandokan.

— Está avisando o Lorde do nosso desembarque iminente em Labuan. Disse que um cruzador viu um dos nossos navios rumando para estas costas e o aconselha a manter uma vigilância cuidadosa.

— Nada mais?

— Oh! Claro que sim. Puxa vida! Envia mil saudações respeitosas à sua cara Marianna, com um juramento de amor eterno.

— Maldito seja aquele cachorro danado! Ele que se cuide no dia em que eu o encontrar no meu caminho!

— Juioko — disse o português que parecia estar observando com profunda atenção a caligrafia da carta. — Envie um homem ao *praho* e mande-o trazer papel, uma pena e um tinteiro.

— O que quer fazer com essas coisas? — perguntou Sandokan atônito.

— São necessárias ao meu projeto.

— Mas de que projeto você está falando?

— Daquele que estou planejando há meia hora.

— Explique de uma vez.

— Se não pode ser de outro jeito! Estou indo para a vila do Lorde James.

— Você!...

— É, eu mesmo — respondeu Yanez perfeitamente calmo.

— Mas de que jeito?

— Disfarçado com as roupas daquele sipai. Por Júpiter! Você vai ver que belo soldado eu posso ser!

— Estou começando a entender. Você vai vestir as roupas dele, fingir que vem de Vitória e...

— Aconselho o Lorde a partir de uma vez para levá-lo a cair na armadilha que você vai preparar.

— Ah! Yanez! — exclamou Sandokan apertando-o junto ao peito.

— Devagar, irmãozinho, não vá machucar o meu braço.

— Vou ficar eternamente grato se você for bem-sucedido.

— Espero que eu seja.

— Mas você vai se expor a um perigo enorme.

— Bah! Vou me livrar do estorvo com honra e sem me ferir.

— Mas para que o tinteiro?

— Para escrever uma carta ao Lorde.

— Não o aconselho a fazer isso, Yanez. Ele é um homem desconfiado e se perceber que a letra não é a mesma, pode mandar fuzilar você.

— Tem razão, Sandokan. É melhor que eu fale o que queria escrever. Mas vamos lá, pegar a roupa do sipai.

A um aceno de Sandokan dois piratas desamarraram o soldado e tiraram o seu uniforme. O pobre diabo achou que estava perdido.

— Vai me matar? — perguntou a Sandokan.

— Não — respondeu este. — A sua morte não teria a menor utilidade para mim, por isso vou conservar você vivo; mas

vai continuar como prisioneiro no meu *praho* enquanto estivermos aqui.

— Obrigado, senhor.

Enquanto isso, Yanez trocava de roupa. A do sipai era um pouco justa, mas tanto insistiu que logo estava completamente vestido e equipado.

— Olhe só, irmãozinho, que belo soldado — disse, alisando o sabre. — Nem eu podia imaginar que faria uma figura tão fantástica.

— É verdade, você deu um belo sipai — respondeu Sandokan rindo. — Agora me passe suas últimas instruções.

— Ouça aqui — disse o português. — Você vai ficar de emboscada nesta trilha, com todos os homens disponíveis, e não vai se mexer. Enquanto isso, eu vou à casa do Lorde, direi que você foi atacado e dispersou, mas que foram vistos outros *prahos* e o aconselho a aproveitar o bom momento para se refugiar em Vitória.

— Ótimo!

— Quando estivermos passando, você ataca a escolta, eu pego Marianna e a levo para o *praho*. Estamos combinados?

— Estamos, vá, meu grande amigo, diga a Marianna que eu a amo cada vez mais e que ela tenha confiança em mim. Vá, e que Deus proteja você.

— Adeus, irmãozinho — respondeu Yanez abraçando-o.

Montou o cavalo do sipai com agilidade, recolheu as rédeas, embainhou o sabre e partiu a galope, assobiando alegremente uma antiga barcarola.

A MISSÃO DO PORTUGUÊS ERA, sem dúvida, uma das mais arriscadas, das mais ousadas que aquele valente homem já enfrentara na vida, porque bastaria uma única palavra, uma leve suspeita, para que o mandassem para cima de um patíbulo com uma corda bem forte em volta do pescoço.

Apesar de tudo, o pirata se preparava para jogar aquela cartada perigosíssima com grande coragem e muita calma, confiando no próprio sangue frio e, principalmente, na sua boa estrela, que nunca deixava de protegê-lo.

Endireitou o corpo orgulhosamente na sela, alisou o bigode para fazer uma bela figura, arrumou o cabelo, passando-o cuidadosamente por trás das orelhas e impeliu o cavalo a galopar, não poupando golpes de espora e de chicote.

Depois de duas horas daquela corrida furiosa, se encontrou inesperadamente diante de uma grade, atrás da qual se erguia a graciosa vila de Lorde James.

— Quem vem lá? — perguntou um soldado que estava de guarda na frente da grade, oculto atrás do tronco de uma árvore.

— Ei, rapazinho, abaixe o fuzil que eu não sou nem um tigre nem uma babirussa — disse o português, parando o cavalo.

— Por Júpiter! Não está vendo que sou um colega seu, além de ser um superior?

— Desculpe, mas tenho ordens de não deixar ninguém entrar sem saber por parte de quem está vindo e o que deseja.

— Animal! Estou vindo por ordem do baronete William Rosenthal e devo me reportar ao Lorde.

— Passe!

Abriu a grade, chamou alguns camaradas que rondavam pelo parque para avisar o que estava acontecendo e voltou para onde estava.

— Hum! — murmurou o português encolhendo os ombros e impelindo o cavalo à frente. — Quantas precauções e quanto medo por aqui.

Parou diante do palacete e saltou para o chão, no meio dos seis soldados que o rodeavam com os fuzis nas mãos.

— Onde está o Lorde? — perguntou ele.

— No seu escritório — respondeu o sargento, o comandante da tropa.

— Conduza-me imediatamente até ele, pois tenho urgência em transmitir uma notícia.

— Está vindo de Vitória?

— Exatamente.

— E não encontrou os piratas de Mompracem?

— Nem um sequer, camarada. Aqueles patifes têm muito que fazer no momento para vir rondar por aqui. Vamos, leve-me até o Lorde.

— Venha.

O português apelou a toda a sua audácia para enfrentar aquele homem perigoso e seguiu o comandante, fingindo a calma e a rigidez da raça anglo-saxã.

— Espere por mim aqui — disse o sargento, depois de fazê-lo entrar em um pequeno salão.

Ao ficar sozinho, o português se pôs a observar tudo atentamente para ver se era possível algum tipo de golpe, mas acabou convencido de que qualquer tentativa seria inútil, pois as janelas eram muito altas e as muralhas e as portas, muito grossas.

— Não importa — murmurou. — Daremos o golpe no bosque.

Naquele momento o sargento voltou.

— O Lorde está esperando — disse, mostrando a porta que ficara aberta.

O português sentiu um calafrio percorrer a espinha e empalideceu um pouco.

— Yanez, meu caro, seja prudente e firme — murmurou.

Passou a mão direita na cabeça e entrou em um gracioso escritório, mobiliado com muita elegância. Em um canto, sentado diante de uma escrivaninha estava o Lorde, simplesmente vestido de branco, com as feições tensas e o olhar desgostoso.

Ele olhou para Yanez em silêncio, fixando os olhos como se quisesse conhecer os pensamentos do recém-chegado, e disse com uma entonação seca:

— Está vindo de Vitória?

— Estou, milorde — respondeu Yanez com voz firme.

— Por parte do baronete?

— É, milorde.

— Ele mandou alguma carta para mim?

— Nenhuma.

— Mandou você me dizer alguma coisa?

— Mandou, milorde.

— Pode falar.

— Mandou que eu dissesse que o Tigre da Malásia está cercado pelas tropas dele em uma baía ao sul.

O Lorde ficou em pé de um salto com os olhos faiscantes e a expressão radiante.

— O Tigre está cercado pelos nossos soldados! — exclamou.

— Está, e parece que aquele canalha está acabado para sempre, pois não tem como escapar.

— Tem certeza do que está dizendo?

— Absoluta, milorde.

— E quem é o senhor?

— Um parente do baronete William — respondeu Yanez com ousadia.

— Mas há quanto tempo está em Labuan?

— Há quinze dias.

— Então já deve saber também que a minha sobrinha...

— Está noiva do meu primo William — disse Yanez sorrindo.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo, senhor — disse o Lorde, estendendo a mão. — Mas me diga uma coisa, quando é que Sandokan foi atacado?

— Hoje de manhã, logo que o sol nasceu, enquanto estava atravessando um bosque à frente de um grande bando de piratas.

— Mas então aquele homem é o demônio. Ontem à noite estava aqui! É possível que em sete ou oito horas tenha percorrido um caminho tão longo?

— Dizem que tinha cavalos.

— Agora estou entendendo. E onde está o meu amigo William?

— Está no comando da tropa.

— O senhor estava com ele?

— Estava, milorde.

— E os piratas estão muito longe?

— A cerca de uma dezena de milhas.

— Ele não lhe deu mais nenhuma tarefa?

— Pedi que eu o avisasse para abandonar depressa a vila e ir para Vitória sem demora.

— Por quê?

— O senhor sabe, milorde, de que raça é o Tigre da Malásia. Ele trouxe consigo oitenta homens e poderia vencer a nossa tropa, atravessar rapidamente os bosques e se atirar sobre sua vila.

O Lorde olhou para ele em silêncio, como se tivesse sido atingido por aquele raciocínio, e depois disse, como se estivesse falando consigo mesmo:

— De fato, isso bem poderia acontecer. Ao abrigo dos fortes e dos navios de Vitória vou ficar mais seguro do que aqui. Aquele caro William tem razão, ainda mais que o caminho agora está livre.

Ah! Minha senhora sobrinha, acabarei eu mesmo arrancando a paixão que sente por aquele herói da força! Nem que eu precise quebrá-la como uma taquara, vai me obedecer e se casar com o homem que destinei a você.

Yanez tocou involuntariamente o guarda-mão da espada, mas se conteve a tempo ao compreender que a morte daquele velho feroz não ajudaria em nada, com todos aqueles soldados espalhados pela vila.

— Milorde — disse, em vez disso. — O senhor me dá permissão para visitar a minha futura parente?

— Tem alguma coisa para dizer a ela por parte de William?

— Tenho, milorde.

— A acolhida não será das melhores.

— Não importa, milorde — respondeu Yanez sorrindo. — Vou dizer o que William me pediu e depois voltarei para cá.

O velho capitão apertou um botão e um servo entrou imediatamente.

— Leve este senhor até a milady — disse o Lorde.

— Obrigado — respondeu Yanez.

— Tente convencê-la a ouvir e depois se junte a mim para a ceia.

Yanez se inclinou e acompanhou o servo, que o introduziu em um salão com tapetes azuis e enfeitado com uma grande quantidade de plantas, espalhando um perfume delicioso no ambiente.

O português esperou que o servo saísse, andou lentamente, passou pelas plantas que transformavam aquele salão em uma verdadeira estufa, e avistou uma forma humana, vestida com roupas brancas.

Embora estivesse preparado para qualquer surpresa, ele não conseguiu reter um grito de admiração diante daquela jovem magnífica.

Ela estava reclinada em uma pose graciosa, num abandono repleto de melancolia, sobre uma otomana oriental de cujo estofado sedoso brotavam raios de ouro.

Com uma das mãos sustentava a pequena cabeça, da qual caíam como uma chuva dourada aqueles cabelos fantásticos que provocavam admiração a todos e, com a outra, arrancava nervosamente as flores do vaso que se encontrava ao seu lado.

Estava muito pálida e seus olhos azuis, normalmente tranqüilos, emitiam raios que traduziam uma cólera mal reprimida.

Vendo Yanez avançar, ela se agitou, passou a mão pela testa várias vezes, como se estivesse despertando de um sono, e fixou um olhar agudo sobre ele.

— Quem é você? — perguntou com voz trêmula. — Quem lhe deu a liberdade de entrar aqui?

— O Lorde, milady — respondeu Yanez que devorava com os olhos aquela criatura imensamente bela, mais ainda do que imaginara pelas descrições de Sandokan.

— E o que quer de mim?

— Uma pergunta em primeiro lugar — disse Yanez olhando em torno para se assegurar de que estavam realmente sozinhos.

— Fale.

— Acha que alguém pode nos ouvir?

Ela enrugou a testa e olhou fixo para ele, como se quisesse ler no seu coração e adivinhar o motivo daquela pergunta.

— Estamos sozinhos — respondeu depois.

— Muito bem, milady, eu venho de muito longe...

— De onde?

— De Mompracem!

Ela se pôs em pé de um salto, como se impelida por uma mola, e sua palidez desapareceu como que por encanto.

— De Mompracem! — exclamou enrubescendo. — O senhor... um branco... um inglês!...

— Está enganada, Lady Marianna, não sou inglês, sou o Yanez!

— Yanez, o amigo, o irmão de Sandokan! Ah, senhor, que ousadia entrar nesta vila! Diga-me, onde está Sandokan? O que está fazendo? Está bem ou foi ferido? Fale-me dele ou vou morrer de ansiedade.

— Abaixе a voz, milady; as paredes podem ter ouvidos.

— Fale-me dele, meu valoroso amigo, fale do meu Sandokan.

— Ele ainda está vivo, mais vivo do que antes, milady. Escapamos da perseguição dos soldados sem muito esforço e sem sermos feridos. Sandokan agora está em uma emboscada na trilha que vai para Vitória, pronto para raptá-la.

— Ah! Meu Deus, como agradeço por tê-lo protegido! — exclamou a juvenzinha com lágrimas nos olhos.

— Agora me escute, milady.

— Fale, meu bravo amigo.

— Vim aqui para convencer o Lorde a abandonar a vila e seguir para Vitória.

— Para Vitória! Mas como vão me raptar lá?

— Sandokan não vai esperar tanto tempo, milady — disse Yanez sorrindo. — Preparou uma emboscada com seus homens e vai atacar a escolta para raptá-la assim que saírem da vila.

— E o meu tio?

— Vamos poupá-lo, garanto.

— E vão me raptar?

— Vamos, milady.

— E para onde Sandokan vai me levar?

— Para a ilha dele.

Marianna inclinou a cabeça sobre o peito e se calou.

— Milady — disse Yanez com voz grave. — A senhorita não tem nada a temer, Sandokan é um homem terrível, cruel até, mas o amor o transformou e eu juro, milady, que nunca se arrependerá de ter se tornado a mulher do Tigre da Malásia.

— Acredito no senhor — respondeu Marianna. — O que importa se seu passado é horrível, se imolou centenas de vítimas, se praticou vinganças atrozes?

Ele me adora, vai fazer por mim tudo o que eu pedir, e eu vou fazer dele um novo homem. Vou abandonar a minha ilha e ele, a sua Mompracem, iremos para longe destes mares funestos, tão longe que não se ouvirá mais falar de nós.

Vamos viver juntos em um pedaço do mundo esquecido por todos, mas felizes, e ninguém jamais saberá que o marido da Pérola de Labuan é o antigo Tigre da Malásia, o homem que fez reinos tremarem e que verteu tanto sangue. E eu vou ser a sua esposa hoje, amanhã e sempre, e o amarei até morrer!

— Ah! Divina Lady — exclamou Yanez, caindo de joelhos. — Diga o que posso fazer pela senhorita, para libertá-la e levá-la para perto de Sandokan, do meu bom amigo, do meu irmão.

— O senhor já fez demais vindo até aqui, e serei reconhecida até a morte.

— Mas isso não basta; é preciso que o Lorde se decida a ir para Vitória, para dar a Sandokan a oportunidade de agir.

— Mas se eu disser qualquer coisa, meu tio, que anda extremamente desconfiado, ficará com medo de alguma traição e não sairá da vila.

— Tem razão, adorável milady. Mas acho que a esta hora ele já decidiu ir embora daqui e se refugiar em Vitória. Se ainda restar alguma dúvida, eu mesmo vou tentar resolvê-la.

— Mantenha-se em guarda, senhor Yanez, como eu já disse, ele é muito desconfiado e poderia suspeitar de alguma coisa. O senhor é um branco, é verdade, mas pode ser que aquele homem saiba que Sandokan tem um amigo da raça branca.

— Vou ser prudente.

— O Lorde está esperando pelo senhor?

— Está, milady, ele me convidou para a ceia.

— Ande logo, não podemos despertar suspeitas.

— E a senhorita virá também?

— Vou, vamos nos encontrar mais tarde.

— Adeus, milady — disse Yanez, beijando sua mão cavalheirescamente.

— Vá, coração nobre; nunca mais vou esquecê-lo.

O português saiu como que embriagado, deslumbrado por aquela esplêndida criatura.

— Por Júpiter! — exclamou, se dirigindo para o escritório do Lorde. — Nunca vi uma mulher tão bela e, na verdade, começo a ter inveja daquele maroto do Sandokan.

O Lorde o aguardava, andando para frente e para trás, com a testa enrugada e os braços cruzados com força.

— Muito bem, meu jovem, como foi a acolhida por parte da minha sobrinha? — perguntou com voz dura e irônica.

— Parece que ela não gosta muito de ouvir falar do meu primo William — respondeu Yanez. — Pouco faltou para que me expulsasse.

O Lorde deixou cair a cabeça e as rugas da testa ficaram mais profundas.

— É sempre assim! Sempre assim! — murmurou com os dentes cerrados.

Recomeçou a caminhar, recluso em um silêncio feroz, agitando os dedos nervosamente, depois parou diante de Yanez, que olhava para ele sem fazer um gesto, e disse:

— O que me aconselha a fazer?

— Eu já disse, milorde, que a melhor coisa a fazer é ir para Vitória.

— É verdade. Você acha que algum dia a minha sobrinha chegará a amar William? — perguntou.

— Espero que sim, milorde, mas primeiro é preciso que o Tigre da Malásia morra — respondeu Yanez.

— Será que vão conseguir matá-lo?

— O bando está cercado pelas nossas tropas, e William está no comando.

— É verdade. Irá matar Sandokan ou será morto por ele. Conheço bem aquele rapaz, ele é competente e corajoso.

Calou-se de novo e foi olhar pela janela, observando o sol que se punha lentamente. Voltou depois de alguns minutos, dizendo:

— Portanto, o senhor me aconselha a partir.

— Aconselho, milorde — respondeu Yanez. — Aproveite a boa ocasião para ir embora da vila e se refugiar em Vitória.

— E se Sandokan tiver deixado alguns homens de emboscada nos arredores do parque? Soube que trouxe com ele um homem branco chamado Yanez, um atrevido que talvez não fique atrás do Tigre da Malásia.

— Obrigado pelo cumprimento — murmurou Yanez para si mesmo, fazendo um esforço supremo para segurar a risada.

A seguir, olhou para o Lorde e disse:

— O senhor tem uma escolta suficiente para rechaçar um ataque.

— Antes era numerosa, agora, nem tanto. Tive que enviar muitos homens de volta ao governador, pois ele estava precisando com urgência. O senhor sabe que a guarnição da ilha é insuficiente.

— Isso é verdade, milorde.

O velho capitão recommençara a andar com certa agitação. Parecia estar atormentado por graves pensamentos e por uma profunda perplexidade.

De repente se aproximou bruscamente de Yanez e perguntou:

— Você não encontrou ninguém quando estava vindo para cá, não é verdade?

— Ninguém.

— Não viu nada suspeito?

— Não, milorde.

— Sendo assim, podemos tentar uma retirada?

— Acho que sim.

— Mesmo assim tenho minhas dúvidas.

— Quais, milorde?

— De que todos os piratas tenham ido embora.

— Milorde, não tenho medo daqueles patifes. Quer que eu dê um giro pelos arredores?

— Eu ficaria muito grato. Quer uma escolta?

— Não, milorde. Prefiro ir sozinho. Um único homem pode se esconder no meio do bosque sem chamar a atenção dos inimigos, ao passo que muitos dificilmente poderiam escapar de uma sentinela vigilante.

— Tem razão, meu rapaz. Quando pretende partir?

— Imediatamente. Em duas horas é possível percorrer muita coisa.

— O sol está prestes a se pôr.

— Melhor assim, milorde.

— Não tem medo?

— Quando estou armado, não tenho medo do que quer que seja.

— Bom sangue o dos Rosenthal — murmurou o Lorde. — Agora vá, meu rapaz. Vou esperar o senhor para a ceia.

— Mas milorde, sou apenas um soldado!...

— E quem poderia dizer que o senhor não é um *gentleman*? Além disso, em breve vamos ser parentes.

— Obrigado, milorde — disse Yanez. — Em poucas horas estarei de volta.

Fez uma saudação militar, pôs o sabre embaixo do braço, desceu a escada fleumaticamente e foi para o parque.

— Vamos procurar Sandokan — murmurou quando se encontrava mais afastado. — Diacho! Tenho que deixar o Lorde contente! Você verá, meu caro, que tipo de exploração vou fazer! Pode ter certeza que ao fim dela não terei encontrado nem o menor vestígio dos piratas.

Por Júpiter! Mas que ardil fantástico! Nem eu acreditava que pudesse ter tanto sucesso.

A coisa não vai ser assim tão fácil, mas aquele patife do meu irmão vai acabar se casando com a jovem de cabelos de ouro.

Por Baco! O gosto dele não é nada ruim! Nunca vi uma moça tão bela e tão graciosa.

Mas o que vai acontecer depois? Pobre Mompracem, estou vendo que você corre perigo. Mas não vamos pensar nisso agora. Se tudo tiver que acabar mal, vou terminar os meus dias em alguma cidade do Extremo Oriente, em Cantão ou em Macau, e darei adeus a estas ilhas.

Monologando assim, o valente português atravessara uma parte do vasto parque e se deteve diante de uma das porteiras.

Havia um soldado de sentinela.

— Abra, meu amigo — disse Yanez.

— Está indo embora, sargento?

— Não, vou explorar os arredores.

— E os piratas?

— Não foram mais vistos por estas paragens.

— Quer que eu o acompanhe, sargento?

— Não é preciso. Devo estar de volta em poucas horas.

Passou pela porteira e se dirigiu para a trilha que ia para Vitória. Enquanto estava visível para a sentinela, continuou devagar, mas assim que se viu protegido pelas plantas, apressou o passo e se embrenhou no meio das árvores.

Tinha percorrido cerca de mil passos apenas, quando viu um homem se atirar para fora de um arbusto e barrar a passagem. De repente estava na mira de um fuzil, enquanto uma voz ameaçadora gritava:

— Renda-se ou morre!

— Então você não me conhece mais? — disse Yanez levantando o chapéu. — A sua vista não é nada boa, meu caro Paranoa.

— O senhor Yanez! — exclamou o malaio.

— Em carne e osso, meu caro. O que está fazendo aqui, tão perto da vila do Lorde James Guillonk?

— Estava espionando a cerca.

— Onde está Sandokan?

— A uma milha daqui. Temos boas notícias, senhor Yanez?

— Não podiam ser melhores.

— O que devo fazer, senhor?

— Corra até Sandokan e diga que estou esperando aqui. Ao mesmo tempo, ordene a Juioko que prepare o *praho*.

— Vamos embora?

— Talvez esta noite mesmo.

— Vou correndo.

— Um momento: os outros dois *prahos* chegaram?

— Não, senhor Yanez, e todos começam a temer que estejam perdidos.

— Pelos trovões de Júpiter! Tivemos pouca sorte com as nossas expedições. Bah! Temos homens suficientes para desbaratar a escolta do Lorde. Vá, Paranoa, seja rápido.

— Sou capaz de desafiar um cavalo.

O pirata partiu com a velocidade de uma flecha. Yanez acendeu um cigarro e se estendeu embaixo de uma areca soberba, fumando tranquilamente.

Nem vinte minutos haviam transcorrido quando ele viu Sandokan chegando em ritmo acelerado. Estava acompanhado de Paranoa e de quatro outros piratas armados até os dentes.

— Yanez, meu amigo! — exclamou Sandokan, correndo ao encontro dele. — Como estava preocupado com você!... Conseguiu vê-la? Fale sobre ela, meu irmão!... Conte tudo!... Estou ardendo de curiosidade!

— Você corre com a rapidez de um cruzador — disse o português rindo. — Como pode ver, cumpri a minha missão de inglês de verdade, e ainda de parente de sangue daquele canalha do baronete. Que acolhida, meu caro!... Ninguém duvidou de mim nem por um instante.

— Nem mesmo o Lorde?

— Oh!... Ele menos que todos os outros! Imagine que ele está me esperando para a ceia.

— E Marianna?...

— Eu a vi e a achei tão bela que poderia ser capaz de me virar a cabeça. E quando a vi chorando...

— Você a viu chorando?... — gritou Sandokan com uma entonação dilacerada. — Diga o que a fez derramar lágrimas!... Diga, porque eu vou arrancar o coração desse maldito que fez aqueles belos olhos chorarem!...

— Você deve estar hidrófobo, Sandokan!... Ela estava chorando por você!

— Ah!... Que criatura admirável! — exclamou o pirata. — Conte tudo o que aconteceu, Yanez, por favor.

O português não se fez de rogado e narrou tudo o que acontecera, primeiro entre ele e o Lorde e depois o encontro com a jovem.

— O velho parece mais decidido do que nunca a partir — concluiu ele — por isso você pode ter certeza de que não vai voltar sozinho para Mompracem. Seja prudente, irmãozinho, pois não são poucos os soldados espalhados pelo parque e teremos que lutar bem para dominar a escolta. E também, não confio muito naquele velho. Acho que seria capaz de matar a sobrinha para não deixá-la ser raptada por você.

— Você vai vê-la de novo esta noite?

— Com certeza.

— Ah!... Se eu também conseguisse entrar na vila!...

— Que maluquice!...

— Quando é que o Lorde vai se pôr em marcha?

— Ainda não sei, mas esta noite ele deve tomar uma decisão.

— Será que vai partir esta noite mesmo?

— Acho que sim.

— E como podemos ter certeza?...

— Só há um jeito.

— Qual?...

— Mandar um dos nossos homens ao quiosque chinês ou à estufa para esperar ali as minhas instruções.

— Tem sentinelas espalhadas pelo parque?

— Só vi nas porteiras — respondeu Yanez.

— E se eu fosse para a estufa?...

— Não, Sandokan. Você não pode sair desta trilha. O Lorde poderia adiantar a partida e a sua presença é necessária para conduzir os nossos homens.

Você sabe muito bem que vale por dez.

— Vou mandar Paranoa então. Ele é ligeiro, cuidadoso e vai chegar à estufa sem ser visto. Assim que o sol se puser, ele

vai saltar por cima da cerca e esperar notícias suas.

Ficou em silêncio por alguns momentos e depois disse:

— E se o Lorde mudar de ideia e ficar na vila?...

— Diabos!... Que belo problema!...

— Será que você não poderia abrir a porta à noite e nos deixar entrar na vila?... E por que não?... Parece um plano viável.

— Mas, para mim, parece difícil Sandokan. A guarnição é muito numerosa, poderiam formar uma barricada nos quartos e opor resistência por um longo tempo.

E também, se vendo acuado, o Lorde poderia ser dominado pela ira e descarregar a pistola na rapariga. É um risco enorme confiar naquele homem, Sandokan.

— É verdade — disse o Tigre com um suspiro. Lorde James seria capaz de assassinar a menina para não permitir que eu a raptasse.

— Então vai esperar?...

— Vou, Yanez. Mas caso ele não se decida a ir embora logo, vou tentar um golpe desesperado. Não podemos ficar muito tempo aqui. Preciso raptar a jovem antes que fiquem sabendo em Vitória onde estamos e que há poucos homens em Mompracem.

Estou preocupado com a minha ilha. Se a perdermos, o que será de nós?... Todos os nossos tesouros estão lá.

— Vou tentar fazer com que o Lorde se decida a apressar a partida. Enquanto isso, mande preparar o *praho* e reunir toda a tripulação. É preciso romper a escolta com um golpe decisivo para impedir que o Lorde tenha tempo de tomar uma atitude desesperada.

— Tem muitos soldados na vila?

— Uns dez, e cerca de mais dez indígenas.

— Então a vitória é certa.

Yanez se erguera.

— Vai voltar? — perguntou Sandokan.

— Não se deve deixar esperando um capitão que convida o serviçal para a ceia — respondeu o português sorrindo.

— Como estou com inveja de você, Yanez.

— Mas não por causa da ceia, não é verdade Sandokan?... A jovem, você vai ver amanhã.

— Espero — respondeu o Tigre com um suspiro. — Adeus, meu amigo, vá e faça com que ele se decida.

— Encontro Paranoa daqui a duas ou três horas.

— Ele vai esperar até a meia-noite.

Apertaram as mãos e foram embora.

Enquanto Sandokan e seus homens se embrenhavam em meio as plantas, Yanez acendeu um cigarro e se dirigiu para o parque, andando num passo tranquilo, como se estivesse voltando de um passeio e não de uma inspeção.

Passou diante da sentinela e começou a passear pelo parque, pois ainda era muito cedo para se apresentar ao Lorde.

Na curva de uma trilha, encontrou Lady Marianna, que parecia estar procurando por ele.

— Ah! Milady, mas que sorte — exclamou o português se inclinando.

— Estava procurando o senhor — respondeu a juvenzinha, pegando a sua mão.

— Tem alguma coisa importante para me dizer?

— Tenho. Em cinco horas vamos embora para Vitória.

— O Lorde já disse isso?

— Disse.

— Sandokan está pronto, milady; os piratas foram avisados e aguardam a escolta.

— Meu Deus! — murmurou ela, cobrindo o rosto com as duas mãos.

— Milady, a senhora precisa ser forte e decidida neste momento.

— E o meu tio... vai me maldizer, me execrar depois disso.

— Mas Sandokan vai fazê-la feliz, a mais feliz das mulheres.

Duas lágrimas desciam lentamente pelas faces rosadas da jovem.

— Está chorando? — perguntou Yanez. — Ah! Não chore, Lady Marianna!

— Estou com medo, Yanez.

— Medo do Sandokan?

— Não, do futuro.

— O futuro será risonho, porque Sandokan vai fazer o que a senhorita quiser. Ele já está pronto para incendiar os próprios *prahos*, a dispersar seus bandos, a esquecer a sua vingança, a dar um adeus para sempre à sua ilha e a dismantelar o seu poderio. Basta apenas uma palavra sua para que ele tome a decisão.

— Então ele me ama muito?

— Até a loucura, milady.

— Mas quem é esse homem? Por que tanto sangue e tanta vingança? De onde ele veio?

— Escute, milady — disse Yanez, oferecendo o braço e levando-a para um atalho sombreado. — Todo mundo acha que

Sandokan não passa de um pirata vulgar, vindo das selvas de Bornéu, ávido por sangue e espólio, mas estão enganados: ele é de uma estirpe real e não é um pirata, mas um vingador.

Tinha vinte anos quando subiu ao trono de Marudu, um reino que fica perto da costa setentrional de Bornéu. Forte como um leão, orgulhoso como um herói da Antiguidade, ousado como um tigre, corajoso até a loucura, em muito pouco tempo derrotou todos os povos vizinhos, estendendo a própria fronteira até o reino de Varauni e o rio Koti.

Essas conquistas foram fatais. Ingleses e holandeses, com ciúmes daquela nova potência que parecia querer subjugar a ilha inteira, se aliaram ao sultão de Bornéu para derrotar o ousado guerreiro.

O ouro primeiro e as armas depois acabaram por dividir o novo reino. Traidores sublevaram os vários povos. Assassinos contratados assassinaram a mãe, os irmãos e as irmãs de Sandokan; bandos poderosos invadiram o reino por diversos locais, corrompendo os chefes, corrompendo as tropas, saqueando, trucidando, cometendo atrocidades jamais vistas.

Sandokan lutou em vão, com a fúria que nasce do desespero, derrotando uns, saqueando outros. A traição chegou ao seu próprio palácio, seus parentes caíram sob a lâmina dos assassinos pagos pelos homens brancos e ele, em uma noite de incêndios e de tragédias, mal conseguiu se salvar com uma pequena tropa de homens valentes.

Perambudou muitos anos pelas costas setentrionais de Bornéu, ora perseguido como uma fera selvagem, ora sem alimento nenhum, passando por misérias inenarráveis, esperando para reconquistar o trono perdido e vingar o assassinato da família, até que uma noite, já desesperado com tudo e com todos, embarcou em um *praho*, jurando uma guerra atroz contra toda a raça branca e contra o sultão de Varauni. Depois de atracar em Mompracem, alistou homens a soldo e se dedicou a piratear esses mares.

Estava forte, era orgulhoso, valente e tinha sede de vingança. Devastou as costas do sultanato, atacou navios holandeses e ingleses, sem dar descanso nem trégua ao inimigo. Tornou-se o terror dos mares, se tornou o Terrível Tigre da Malásia. E o resto, a senhorita conhece.

— Então ele é o vingador da sua família! — exclamou Marianna que não estava mais chorando.

— É, milady, um vingador que muitas vezes chora a mãe, os irmãos e as irmãs, caídos sob a lâmina dos assassinos, um vingador que nunca cometeu ações infames, que sempre respeitou os fracos e poupou as damas e as crianças, que saqueia o inimigo, não por sede de riquezas, mas para, um dia, poder levar um exército de bravos e reconquistar o reino perdido.

— Ah! Como essas palavras me fizeram bem, Yanez — disse a juvenzinha.

— Agora está decidida a seguir o Tigre da Malásia?

— Estou, sou sua mulher porque o amo a tal ponto que, sem ele, a vida seria um martírio para mim.

— Vamos voltar ao palacete, então, milady. Deus há de velar por nós.

Yanez conduziu a jovem ao palacete e subiram para a sala de jantar.

O Lorde já estava lá e andava para frente e para trás, com aquela rigidez peculiar de um verdadeiro inglês nascido às margens do Tamisa. Estava soturno como antes, com a cabeça inclinada sobre o peito.

Vendo Yanez, contudo, se deteve e disse:

— Está aqui? Fiquei com medo que acontecesse alguma desgraça quando o vi saindo do parque.

— Quis me assegurar com meus próprios olhos de que não há perigo, milorde — respondeu Yanez tranquilamente.

— Não viu nenhum daqueles cachorros de Mompracem?

— Nenhum, milorde; podemos ir para Vitória com toda a segurança.

O Lorde ficou quieto por alguns instantes e depois se virou para Marianna, que estava perto de uma janela.

— Você entendeu que estamos indo para Vitória? — disse.

— Entendi — respondeu ela secamente.

— Vem também?

— O senhor sabe muito bem que qualquer resistência de minha parte seria inútil.

— Achei que teria que levá-la à força.

— Senhor!

O português viu uma chama ameaçadora brilhando nos olhos da juvenzinha, mas ficou quieto, embora sentisse um impulso irresistível de assassinar aquele velho.

— Bah! — exclamou o Lorde com mais ironia. — Por acaso deixou de amar aquele herói da faca e por isso concorda em ir para Vitória? Receba as minhas congratulações, senhorita!

— Pare com isso! — exclamou a jovem com uma entonação que assustou o próprio Lorde.

Permaneceram alguns instantes em silêncio, olhando um para o outro como duas feras que se provocam antes de se

devorarem mutuamente.

— Ou você cede ou acabo com você — disse o Lorde com uma voz furiosa. — Antes que se torne a mulher daquele cachorro chamado Sandokan, eu mato você.

— Faça isso — disse ela, se aproximando dele com um ar ameaçador.

— Quer fazer uma cena? Seria inútil. Sabe bem que eu sou inflexível. Em vez disso, vá se preparar para a partida.

A jovem se deteve. Trocou um rápido olhar com Yanez e saiu da sala, fechando violentamente a porta.

— Você a viu — disse o Lorde se virando para Yanez. — Ela acha que pode me desafiar, mas está enganada. Por Deus, eu acabo com ela.

Em vez de responder, Yanez enxugou algumas gotas de suor frio que brotavam em sua testa e cruzou os braços para não ceder à tentação de levar a mão ao sabre. Teria dado a metade do seu sangue para acabar com aquele velho que, como acabara de comprovar, era capaz de tudo.

O Lorde caminhou pelo aposento durante alguns minutos e depois fez um aceno a Yanez para que sentasse à mesa.

A refeição foi feita em silêncio. O Lorde mal tocou na comida; o português, ao contrário, fez honra aos diversos pratos, como um homem que não sabe quando e nem onde poderia fazer outra ceia.

Assim que terminaram, entrou um caporal.

— Vossa Graça mandou me chamar? — perguntou ele.

— Diga aos soldados que estejam prontos para partir.

— A que horas?

— À meia-noite sairemos da vila.

— A cavalo?

— É, e recomende a todos que troquem as cargas dos fuzis.

— Vossa Graça será obedecido.

— Todos vão partir, milorde? — perguntou Yanez.

— Só deixaremos quatro homens aqui.

— A escolta é numerosa?

— Deve ser composta de doze soldados fidelíssimos e dez indígenas.

— Com uma força dessas, não teremos nada a temer.

— O senhor não conhece os piratas de Mompracem, meu jovem. Se por acaso os encontrarmos, não sei a quem caberá a vitória.

— Peço permissão para descer ao parque.

— O que vai fazer?

— Supervisionar os preparativos dos soldados.

— Vá, meu jovem.

O português saiu e desceu rapidamente as escadas, murmurando:

— Espero chegar a tempo de avisar Paranoa. Sandokan poderá preparar uma bela emboscada.

Passou diante dos soldados sem se deter e, se orientando melhor, entrou em uma trilha que devia conduzi-lo aos arredores da estufa.

Cinco minutos depois estava no meio da mata de bananeiras, exatamente onde capturara o soldado inglês.

Olhou em torno para garantir que não fora seguido e se aproximou da estufa, abrindo a porta.

De repente, avistou uma sombra negra se erguer à frente, enquanto uma mão apontava uma pistola para o seu peito.

— Sou eu, Paranoa — disse.

— Ah! O senhor, patrão Yanez.

— Parta imediatamente, não pare em lugar nenhum e avise Sandokan que em poucas horas deixaremos a vila.

— Onde devemos esperá-los?

— Na trilha que leva para Vitória.

— Serão muitos?

— Cerca de vinte.

— Já estou indo. Até mais, senhor Yanez.

O malaio se arremessou pela alameda e desapareceu na sombra escura das plantas.

Quando Yanez voltou ao palacete, o Lorde estava descendo as escadas. Estava com o sabre na cintura e levava uma carabina a tiracolo.

A escolta estava pronta. Compunha-se de vinte e dois homens, doze brancos e dez indígenas, e todos estavam armados até os dentes.

Um grupo de cavalos batia as patas perto da porteira do parque.

— Onde está a minha sobrinha? — perguntou o Lorde.

— Aí vem ela — respondeu o sargento que comandava a escolta.

De fato, Lady Marianna vinha descendo ao lado da cerca naquele momento.

Vestira um traje de amazona, com um casaquinho de veludo azul e uma longa veste do mesmo tecido e cor, que ressaltavam duplamente sua palidez e a beleza de seu rosto. Usava na cabeça um gracioso boné, enfeitado de plumas, inclinado sobre os cabelos dourados.

O português, que a observava atentamente, viu duas lágrimas tremerem sob as pálpebras e em seu rosto estava esculpida uma profunda ansiedade.

Não era mais a juvenzinha enérgica de poucas horas antes, que falara com tanto ardor e tanta veemência. A ideia de um rapto naquelas condições, a ideia de ter que abandonar para sempre o tio, seu único parente vivo, que não a amava, é verdade, mas que lhe dera muita atenção durante a juventude, de ter que deixar para sempre aqueles lugares e se atirar em um futuro obscuro, incerto, entre os braços de um homem chamado o Tigre da Malásia, tudo isso parecia aterrorizá-la.

Quando montou o cavalo, não conseguiu mais reter as lágrimas, que caíram abundantemente, enquanto alguns soluços sacudiram seu peito.

Yanez impeliu seu próprio cavalo para perto dela e disse:

— Coragem, milady; o futuro está sorrindo para a Pérola de Labuan.

A um comando do Lorde, a tropa se pôs em marcha, saindo do parque e tomando a trilha que conduzia à emboscada.

Seis soldados iam à frente, com as carabinas em punho e os olhos fixos nos dois lados da estrada, a fim de não serem surpreendidos; em seguida vinha o Lorde e depois Yanez e a jovem Lady, ladeados por mais quatro soldados e, por fim, os outros, formando um grupo fechado, com as armas colocadas diante da sela.

Apesar das notícias dadas por Yanez, todos estavam desconfiados e perscrutavam com profunda atenção a floresta circundante. O Lorde parecia não se ocupar disso, mas de vez em quando se voltava e lançava a Marianna um olhar no qual era possível perceber uma grave ameaça. Aquele homem, bem se via, estava pronto para matar a sobrinha à primeira tentativa por parte dos piratas e do Tigre.

Felizmente Yanez, que não o perdia de vista, percebera suas intenções sinistras e estava pronto para proteger a jovem adorável.

Depois de percorrer cerca de dois quilômetros no mais profundo silêncio, de repente se ouviu à direita da estrada um assobio rápido.

Yanez, que já estava esperando o ataque de um momento para outro, desembainhou o sabre e se colocou entre o Lorde e Lady Marianna.

— O que está fazendo? — perguntou o Lorde que se voltara bruscamente.

— Não ouviu? — perguntou Yanez.

— Um assobio?

— É.

— E daí?

— Isso quer dizer, milorde, que os meus amigos nos cercaram — disse Yanez friamente.

— Ah! traidor! — berrou o Lorde, tirando o sabre e se lançando contra o português.

— Tarde demais, senhor! — gritou este, se jogando à frente de Marianna.

De fato, no mesmo instante duas descargas letais partiram de ambos os lados da estrada, derrubando quatro homens e sete cavalos, e depois trinta tigres de Mompracem se precipitaram para fora dos bosques, soltando um urro indescritível e carregando furiosamente a bandeira.

Sandokan, que os conduzia, se atirou no meio dos cavalos, atrás dos quais haviam se reagrupado prontamente os homens da escolta, e abateu com um amplo golpe da cimitarra o primeiro homem que surgiu diante dele.

O Lorde soltou um verdadeiro rugido. Com uma pistola na mão esquerda e o sabre na direita, disparou em direção a Marianna, que se inclinara sobre a crina da sua égua. Mas Yanez já tinha desmontado. Agarrou a jovem e a levantou da sela. Prendendo-a fortemente com os braços contra o peito, tentou passar entre os soldados e os indígenas que defendiam com a fúria que só o desespero consegue infundir, entrincheirados atrás dos cavalos.

— Deixem-me passar! Abram caminho! — gritava o Lorde, tentando dominar o estrondo dos mosquetes e o embate furioso das armas com a voz.

Mas ninguém prestava atenção, o que o deixava cada vez mais furioso, enquanto se preparava para atacar Yanez. Para desgraça deste, ou talvez para sorte, a jovem desfaleceu entre os seus braços.

Conseguiu deitá-la atrás de um cavalo morto, exatamente no momento em que o Lorde, pálido de ódio, fazia fogo contra ele.

Com um salto, evitou a bala e depois, girando o sabre, gritou:

— Espere um pouco, seu velho lobo do mar, que vou assar você na ponta da minha lâmina.

— Traidor, vou matar você — respondeu o Lorde.

Atiraram-se um contra o outro, um decidido a se sacrificar para salvar a juvenzinha, o outro decidido a tudo para arrancá-la das mãos do Tigre da Malásia. Enquanto trocavam golpes tremendos, com uma ferocidade sem igual, ingleses e piratas combatiam com a mesma fúria, tentando se rechaçar mutuamente.

Os primeiros, reduzidos a um punhado de homens, mas fortemente entrincheirados atrás dos cavalos que haviam caído todos, se defendiam com ânimo, ajudados pelos indígenas que agitavam as mãos cegamente, confundindo seus gritos selvagens com os berros apavorantes dos filhotes de tigre. Golpeavam com a ponta e com a lateral das armas, giravam os fuzis, usando-os como se fossem porretes, recuavam e avançavam, mas se mantinham firmes.

Sandokan, com a cimitarra em punho, tentava, embora em vão, atravessar aquela muralha humana para levar ajuda ao português que ofegava para rechaçar os ataques frenéticos do lobo do mar. Rugia como uma fera, fendia cabeças e esquartejava peitos, se lançava como um louco entre as pontas das baionetas, arrastando consigo o bando terrível que agitava os machados ensanguentados e os pesados ganchos de abordagem.

Mas a resistência dos ingleses não devia durar muito tempo mais. O Tigre, arrastando mais uma vez seus homens para o ataque, finalmente conseguiu rechaçar os defensores, que recuaram confusamente uns atrás dos outros.

— Agente firme, Yanez! — trovejou Sandokan, golpeando com a cimitarra o inimigo que tentava barrar o caminho. — Agente firme que estou chegando.

Mas exatamente naquele momento, o sabre do português se quebrou ao meio. Ele se viu desarmado, com a jovem ainda desfalecida, e o Lorde à frente.

— Ajude-nos Sandokan! — gritou.

O Lorde se precipitou para cima dele, soltando um berro de triunfo, mas Yanez não se deixou perturbar. Afastou-se rapidamente para um lado, evitando o sabre, e em seguida derrubou o Lorde com uma cabeçada.

Caíram juntos e começaram a lutar, procurando se sufocar, rolando entre os mortos e feridos.

— John — disse o Lorde, vendo um soldado cair a poucos passos, com o rosto atingido por um golpe de machado. — Mate Lady Marianna! Isso é uma ordem!

O soldado, fazendo um esforço desesperado, se ergueu nos joelhos com a adaga na mão, pronto para obedecer, mas não teve tempo.

Os ingleses, em menor número, caíam um depois do outro sob os machados dos piratas, e o Tigre estava ali, a dois passos.

Com um ímpeto irresistível, derrubou os homens que ainda estavam de pé, saltou sobre o soldado que já levantara a arma e o matou com a cimitarra.

— Minha! Ela é minha! Minha! — exclamou o pirata, agarrando a jovem e apertando-a contra o peito.

Saltou para fora da escaramuça e escapou para a floresta vizinha, enquanto seus homens acabavam com os últimos ingleses.

O Lorde, impelido por Yanez contra o tronco de uma árvore, ficou sozinho e semimorto no meio dos cadáveres que cobriam a estrada.

A NOITE ESTAVA MARAVILHOSA. A LUA, o astro das noites serenas, brilhava em um céu sem nuvens, projetando sua luz pálida e azul transparente, de uma doçura infinita, sobre as águas murmurantes do pequeno rio e refletindo com uma vaga tremulação nas ondas do amplo mar da Malásia.

Uma brisa suave, carregada de exalações perfumadas das enormes plantas, agitava com um leve sussurro os ramos e descia pela orla tranqüila, morrendo nos horizontes longínquos do ocidente.

Tudo estava em silêncio, tudo era mistério e paz.

De vez em quando se ouvia a ressaca que rompia com um gorgolejar monótono nas areias desertas da praia, o gemido da brisa, que parecia um débil lamento, e um soluço que se erguia na ponte do *praho* corsário.

O rápido navio saíra da foz do rio e fugia em grande velocidade para o ocidente, deixando para trás uma Labuan que já se confundia entre as trevas.

Apenas três passageiros vigiavam da ponte: Yanez, triste, taciturno, calado, sentado na popa com a mão na barra do timão; Sandokan e a jovem de cabelos de ouro, sentados na proa, à sombra das grandes velas, acariciados pela brisa noturna.

O pirata apertava contra o peito a bela fugitiva e enxugava as lágrimas que brilhavam sob os seus cílios.

— Escute, meu amor — dizia ele. — Não chore, eu vou fazer você feliz, imensamente feliz, e vou ser seu, inteiramente seu. Vamos para bem longe destas ilhas, enterraremos o meu passado sanguinário e nunca mais ouviremos falar nem dos meus piratas, nem da minha selvagem Mompracem. A minha glória, a minha força, a minha vingança sanguinária e o meu nome tão temido, vou esquecer tudo isso por você, porque quero me transformar em um novo homem. Acredite em mim, minha jovem adorada, até hoje fui o temido pirata de Mompracem, até hoje fui assassino, cruel, feroz, aterrorizante, fui Tigre... porém não serei mais nada disso. Vou frear os ímpetos da minha natureza selvagem, vou sacrificar o meu poderio, abandonar este mar que um dia tive o orgulho de chamar de meu, e o bando terrível que contribuiu para a minha triste celebridade.

Não chore, Marianna, o futuro que nos espera não é tétrico, nem obscuro, ao contrário, é risonho e feito só de felicidade.

Vamos para muito longe, tanto que nunca mais ouviremos falar das ilhas que nos viram crescer, viver, amar e sofrer; vamos perder a pátria, amigos, parentes, mas o que isso importa? Vou dar a você uma nova ilha, mais alegre, mais risonha, onde não se ouvirá mais o rugido dos canhões, onde não se verá, à noite, esvoaçarem ao meu redor aquele cortejo das vítimas que imolei e que gritavam: assassino! Não, não verei mais nada disso e poderei repetir da manhã até a noite as palavras divinas que significam tudo para mim: amo você e sou seu marido! Ah! Repita você também essas doces palavras, que nunca ouvi ecoar em meus ouvidos durante esta minha vida tempestuosa.

A juvenzinha se abandonou entre os braços do pirata, repetindo entre os soluços:

— Amo você, Sandokan, amo como nenhuma outra mulher sobre a terra jamais amou!

Sandokan a apertou ainda mais contra o peito, enquanto os seus lábios beijavam os cabelos dourados e a testa alva da jovem.

— Agora que você é minha, pobre de quem tocar em você! — recomeçou o pirata. — Hoje estamos nestes mares, mas amanhã estaremos seguros no meu ninho inacessível, onde ninguém terá a ousadia de me atacar; depois, quando tiver acabado todo o perigo, vamos para onde você quiser, minha menina adorada.

— Está bem — murmurou Marianna — vamos para longe, tão longe que não ouviremos mais falar das nossas ilhas.

Deu um suspiro profundo que mais parecia um gemido e desfaleceu entre os braços de Sandokan. Quase no mesmo instante, escutaram uma voz:

— Irmão, estamos sendo seguidos pelo inimigo.

O pirata se voltou, apertando ao peito a noiva, e deparou com Yanez à sua frente, apontando para um ponto luminoso que deslizava no mar.

— É o inimigo? — perguntou Sandokan com as feições alteradas.

— Acabei de ver aquela luz: está vindo do oriente, talvez seja um navio seguindo a nossa pista, tentando reaver a presa que raptamos do Lorde.

— Mas nós vamos defendê-la, Yanez! — exclamou Sandokan. — Ai de quem tentar me barrar a passagem, pobre dele!

Sob o olhar de Marianna, sou capaz de lutar contra o mundo inteiro.

Olhou atentamente o farol avistado e puxou a cimitarra do lado.

Neste momento, Marianna voltou a si. Vendo o pirata com a arma em punho, deu um pequeno grito de terror.

— Por que está com essa arma ensanguentada, Sandokan? — perguntou ela, empalidecendo.

O pirata olhou para ela com uma ternura enorme e hesitou, mas em seguida a levou suavemente até a popa e mostrou o farol.

— É uma estrela? — perguntou Marianna.

— Não, meu amor, é um navio que está vindo atrás de nós, é um olho que perscruta avidamente o mar que nos rodeia.

— Deus meu! Então estamos sendo seguidos?

— É provável que sim, mas vão encontrar dez vezes mais balas e metralhas do que têm.

— Mas e se matarem você?

— Matar-me! — exclamou ele se endireitando, enquanto uma sombra de orgulho passava por seus olhos. — Ainda acho que sou invulnerável.

O cruzador, pois devia ser ele, não era mais uma simples sombra.

Os mastros já se destacavam nitidamente sobre o fundo claro do céu e se via elevar uma grossa coluna de fumaça, no meio da qual esvoaçavam miríades de fagulhas.

A proa cortava rapidamente as águas que cintilavam sob a claridade do astro noturno e o vento levava até o *praho* o fragor das rodas que mordiam as ondas.

— Venha, venha, seu amaldiçoado por Deus! — exclamou Sandokan, desafiando com a cimitarra, enquanto enlaçava a jovem com o outro braço. — Venha medir forças com o Tigre, diga aos seus canhões que comecem a rugir, lance os seus homens à abordagem; isso é um desafio!

Depois se voltou para Marianna, que olhava com ansiedade para o barco do inimigo avançando cada vez mais:

— Venha comigo, meu amor — disse a ela. — Vou levar você ao seu ninho, onde estará a salvo dos golpes daqueles homens, que até ontem eram os seus compatriotas e que hoje se tornaram inimigos.

Parou um instante, fixando um olhar sinistro no navio vapor que forçava as máquinas e, em seguida, conduziu Marianna até a cabine.

Era um quartinho arrumado com elegância, um verdadeiro ninho. As paredes haviam desaparecido sob um espesso tecido oriental e o piso estava coberto com macios tapetes indianos. Os móveis, valiosos, belíssimos, de mogno e de ébano, marchetados de madrepérola, ocupavam os cantos, enquanto do alto pendia um grande lustre dourado.

— Os golpes não vão alcançar você aqui, Marianna — disse Sandokan. — As placas de ferro que cobrem a popa do meu barco serão suficientes para mantê-los afastados.

— Mas e você, Sandokan?

— Eu vou subir de novo para a ponte para comandar os meus homens. A minha presença é necessária para conduzir a batalha se o cruzador nos atacar.

— E se você for atingido por uma bala?

— Não tenha medo que isso aconteça, Marianna. À primeira descarga, vou lançar entre as rodas do navio inimigo tantas granadas que ele vai ser obrigado a parar para sempre.

— Estou com medo por você.

— A morte tem medo do Tigre da Malásia — respondeu o pirata com um orgulho enorme.

— E se aqueles homens chegarem perto para nos abordar?...

— Não tenho medo deles, minha menina. Todos os meus homens são valentes, são verdadeiros tigres, prontos para morrer por seu capitão e por você. Por isso, que venham os seus compatriotas para a abordagem!... Vamos exterminá-los e enxotar todos eles destes mares.

— Acredito em você, meu valente campeão, mas tenho medo. Eles odeiam você, Sandokan, e, para prendê-lo, seriam capazes de tentar alguma loucura. Cuidado com eles, meu bravo amigo, pois juraram matar você.

— Matar-me!... — exclamou Sandokan, quase com desprezo. — Esses aí, mataram o Tigre da Malásia!... Eles que tentem fazer isso, eles que ousem.

Parece que agora eu fiquei tão forte seria capaz de segurar com as minhas mãos as balas atiradas por eles.

Não, não tema por mim, minha querida. Vou punir o insolente que veio me desafiar e volto para junto de você.

— Enquanto isso, vou rezar por você, meu valente Sandokan.

O pirata olhou para ela por alguns instantes, com profunda admiração, depois tomou sua cabeça entre as mãos e tocou com os lábios de leve nos cabelos.

— E agora — disse em seguida, se erguendo orgulhosamente — é entre nós dois, maldito navio, que vem perturbar a minha felicidade!...

— Meu Deus, protegei-o — murmurou a juvenzinha, caindo de joelhos.

A tripulação do *praho*, despertada pelo grito de alarme de Yanez e pela primeira canhonada, subira precipitadamente para a coberta, pronta para lutar.

Avistando o navio a uma distância tão pequena, os piratas se posicionaram corajosamente atrás dos canhões e das balistas, a fim de responder à provocação do cruzador.

Os atiradores já haviam acendido os rastilhos e estavam preparados para disparar as peças de artilharia quando Sandokan apareceu.

Ao vê-lo surgir na ponte, um urro se levantou entre os filhotes.

— Viva o Tigre!...

— Abram espaço — gritou Sandokan, afastando os atiradores. — Sozinho, eu sou suficiente para punir aquele insolente! O maldito não vai voltar a Labuan para contar que as suas balas de canhão atingiram a bandeira de Mompracem!

Dito isso, foi se colocar na popa, apoiando um pé na culatra de um dos dois canhões.

Aquele homem parecia ter voltado a ser o terrível Tigre da Malásia dos velhos tempos... Os olhos brilhavam como brasas e as feições adquiriram uma expressão de enorme ferocidade.

Percebia-se que uma raiva medonha incendiava seu peito.

— Você me desafiou — disse. — Venha mais perto e poderá ver a minha mulher!... Ela está sob a minha proteção, defendida pela minha cimitarra e pelos meus canhões. Venha tirá-la de mim, se for capaz. Os tigres de Mompracem estão esperando!

Virou-se para Paranoa que estava perto dele, segurando a barra do timão, e disse:

— Mande dez homens para a estiva e peça para trazerem à coberta aquele morteiro que eu mandei embarcar.

Um instante depois, dez piratas içavam com esforço um grande morteiro para a ponte e o amarravam com alguns cabos perto do mastro principal.

Um atirador o carregou com uma bomba de oito polegadas e vinte e um quilos que, ao explodir, devia lançar bem umas três dezenas de estilhaços de ferro.

— Agora vamos esperar o amanhecer — disse Sandokan. — Quero que você veja a minha bandeira e a minha mulher, seu navio maldito.

Subiu para o costado de popa e se sentou, com os braços cruzados no peito e os olhos fixos no cruzador.

— Mas o que você está pretendendo fazer? — perguntou Yanez. — O vapor daqui a pouco vai estar em condições de atirar e com certeza vai abrir fogo contra nós.

— Pior para ele.

— Então vamos esperar, já que você quer assim.

O português não estava enganado. Dez minutos depois, embora o *praho* devorasse a distância diante dele, o cruzador estava a apenas dois mil metros. De repente, um raio branco brilhou na proa do navio e uma forte detonação sacudiu os ares, mas não se ouviu o assobio agudo da bala.

— Ah! — exclamou Sandokan, zombando. — Está me convidando a parar e pedindo a minha bandeira? Yanez, hasteie a bandeira da pirataria. A lua está fantástica e eles vão conseguir vê-la com os binóculos.

O português obedeceu.

O navio a vapor, que parecia estar apenas esperando um sinal, de repente dobrou a velocidade e quando estava a mil metros, disparou uma canhonada, mas sem intenção de atingir alguma coisa, pois o projétil passou silvando sobre o *praho*.

Sandokan não se mexeu nem abanou um cílio. Seus homens se colocaram nos postos de combate, mas não responderam nem à intimação, nem à ameaça.

A embarcação continuou vindo para perto, mas com lentidão e maior prudência. Aquele silêncio devia estar deixando o comandante preocupado, e muito, pois todo o mundo sabia que os navios corsários estavam sempre bem armados e contavam com tripulações decididas.

A oitocentos metros, lançou um segundo projétil que, mal dirigido, ricocheteou no mar depois de passar rente à couraça do pequeno barco.

Uma terceira bala logo depois transpassava a coberta do *praho*, furando as duas velas do mastro principal e do traquete, enquanto uma quarta se espatifava contra um dos dois canhões de popa, lançando um fragmento até o costado em que Sandokan estava sentado.

Ele se reergueu com um gesto grandioso e, estendendo a mão direita para o navio inimigo, gritou com uma voz ameaçadora:

— Atire, atire, barco maldito! Não tenho medo de você! Quando puder me ver, vou fazer suas rodas em pedaços e vou impedir o seu voo.

Mais dois relâmpagos faiscaram na proa do navio a vapor, seguidos de duas detonações agudas.

Uma bala atingiu parte do costado de popa, a dois passos apenas de Sandokan, enquanto a outra levava embora com precisão a cabeça de um homem que estava prendendo a escota no pequeno castelo de proa.

Um grito de fúria se levantou entre a tripulação.

— Tigre da Malásia! Vingança!

Sandokan se voltou para os seus homens, dardejando sobre eles um olhar melindrado.

— Silêncio! — trovejou. — Aqui quem comanda sou eu.

— O navio não vai nos poupar, Sandokan — disse Yanez.

— Deixe que atirem.

— O que você está esperando?

— O amanhecer.

— É uma loucura, Sandokan. E se uma bala atingir você?

— Eu sou invulnerável! — gritou o Tigre da Malásia. — Olhe para isto: eu desafio o fogo daquele navio!

Com um salto subiu ao costado da proa e, em seguida, se agarrou ao mastro da bandeira.

Yanez teve um sobressalto.

A lua se erguera no horizonte e da ponte do navio inimigo, com uma boa luneta, era possível distinguir aquele homem temerário que se expunha aos tiros dos canhões.

— Desça, Sandokan! — gritou Yanez. — Você vai acabar sendo morto.

Um sorriso de desprezo foi a resposta daquele homem terrível.

— Pense em Marianna! — completou Yanez.

— Ela sabe que eu não tenho medo. Silêncio; a seus postos!

Teria sido mais fácil parar o vapor na sua corrida do que convencer Sandokan a abandonar aquela posição.

Yanez, que conhecia a teimosia do seu companheiro, renunciou a uma segunda tentativa e se retirou para trás de um dos dois canhões.

O cruzador, depois de algumas canhonadas quase infrutíferas, suspendera o fogo. O capitão provavelmente estava querendo se aproximar mais um pouco para não desperdiçar munição.

Por mais um quarto de hora os dois navios continuaram em sua corrida e, mais tarde, quando ficaram a uma distância de quinhentos metros, os disparos de canhão foram retomados com uma fúria magnífica.

As balas caíam aos montes em torno do pequeno veleiro e nem todas eram perdidas. Alguns projéteis atravessavam sibilando as velas, rompendo algumas cordas ou quebrando as extremidades das vergas, e alguns outros acabavam ricocheteando ou cascadeavam contra as placas metálicas.

Uma bala atravessou a ponte, no sentido do comprimento, passando rente ao mastro principal.

Se tivesse passado poucos centímetros mais à direita, o veleiro teria sido interrompido em sua corrida.

Sandokan, apesar daquela perigosa saraivada de balas, não se movia. Olhava friamente para a nave inimiga que forçava a máquina para ganhar caminho e sorria ironicamente todas as vezes que uma bala sibilava em seus ouvidos.

Houve um momento, no entanto, em que Yanez viu que ele ficou em pé de um salto e se curvou como se estivesse prestes a se lançar contra o morteiro, mas depois retomou quase imediatamente o seu posto, murmurando:

— Ainda não! Quero que você veja a minha mulher!

Durante mais dez minutos, o navio a vapor bombardeou o pequeno veleiro, que não fazia nenhuma manobra para escapar daquela saraivada de ferro e depois, aos poucos, as detonações foram ficando cada vez mais raras até cessarem de uma vez.

Olhando atentamente para a mastreação do navio inimigo, Sandokan viu que hasteavam uma grande bandeira branca.

— Ah! — exclamou aquele homem ameaçador. — Você está querendo que eu me renda!... Yanez!

— O que quer, meu irmão?

— Desdobre a minha bandeira.

— Está louco? Aqueles velhacos vão recomeçar com os tiros de canhão. Já que se cansaram, deixe que fiquem tranquilos.

— Quero que saibam que quem comanda este *praho* é o Tigre da Malásia.

— E vão saudar você com uma chuva de granadas.

— O vento está começando a ficar mais fresco, Yanez. Em dez minutos estaremos fora do alcance dos tiros.

— Então, que seja.

Com um aceno para um pirata, pegou a bandeira na adriça de popa e a içou até a ponta do mastro principal.

Um golpe de vento a desfraldou e, à límpida luz da lua, mostrou sua cor sanguínea.

— Atire agora! Atire! — gritou Sandokan, estendendo o punho para o navio inimigo. — Faça trovejar os seus canhões, arme os seus homens, encha de carvão as suas caldeiras, estou esperando! Quero mostrar a você a minha conquista ao clarão da minha artilharia!

Dois tiros de canhão foram a resposta. A tripulação do cruzador já avistara a bandeira dos tigres de Mompracem e

retomava, com mais vigor, a canhonada.

O cruzador aumentava a marcha para tentar encostar no veleiro e, caso conseguisse, dar início à abordagem.

A chaminé soltava fumaça como um vulcão e as rodas mordiam ruidosamente as águas. Quando as detonações cessavam, se ouvia até mesmo os mugidos surdos da máquina.

Mas logo a tripulação inimiga deve ter se convencido que não seria uma coisa fácil competir com um veleiro bem aparelhado como um *praho*. Tendo aumentado o vento, a pequena embarcação, que até então não pudera atingir os dez nós, adquirira um ritmo mais rápido. As imensas velas, infladas como dois balões, exerciam no barco um esforço extraordinário.

Ele não corria mais: voava sobre as águas tranquilas do mar, tocando-as de leve apenas. Havia também alguns momentos em que parecia até mesmo que ele decolava e que o casco nem sequer tocava a água.

O cruzador atirava furiosamente, mas então todas as suas balas caíam na esteira do *praho*.

Sandokan não se movera. Sentado embaixo da sua bandeira vermelha, observava atentamente o céu. Parecia nem sequer estar preocupado com o navio que o perseguia de forma tão acirrada.

O português, que não sabia quais eram as intenções de Sandokan, chegou perto dele e disse:

— O que você quer fazer agora, irmãozinho? Daqui a uma hora vamos estar muito longe daquele navio, se este vento não diminuir.

— Espere mais um pouco ainda, Yanez — respondeu Sandokan. — Olhe lá, no oriente: as estrelas já estão começando a desaparecer e os primeiros clarões do amanhecer já estão se difundindo no céu.

— Você quer arrastar aquele cruzador até Mompracem para depois abordar?

— Não é essa a minha intenção.

— Não consigo entender você.

— Assim que o amanhecer permitir que a tripulação daquele navio me veja, vou punir a insolência deles.

— Você é hábil demais com a artilharia para ter que esperar a luz do sol. O morteiro está pronto.

— Quero que vejam quem vai atirar.

— Talvez já saibam.

— É verdade, talvez já suspeitem, mas isso não é suficiente. Quero mostrar também a eles a mulher do Tigre da Malásia.

— A Marianna?...

— Isso mesmo, Yanez.

— Que loucura!...

— Assim ficarão sabendo em Labuan que o Tigre da Malásia ousou violar as costas da ilha e afrontar os soldados que defendiam o Lorde Guillonk.

— Com certeza, em Vitória, todos já sabem sobre a expedição audaciosa que você empreendeu.

— Mas isso é muito pouco. O morteiro está pronto?

— Já está carregado, Sandokan.

— Em poucos minutos vamos punir aqueles curiosos. Vou esmigalhar uma daquelas rodas, você vai ver, Yanez.

No momento em que estavam conversando, no oriente uma luz pálida, mas que se tingia rapidamente de reflexos rosados, continuava se difundindo no céu.

A lua estava caindo no mar, enquanto os outros astros começavam a ficar cada vez mais claros. Mais alguns minutos e o sol devia aparecer.

O navio de guerra agora já estava a uma distância de cerca de mil e quinhentos metros. Continuava forçando a máquina, mas a distância aumentava a cada minuto.

O rápido *praho* avançava rapidamente, conforme o vento aumentava com o despontar da aurora.

— Irmãozinho — disse Yanez de repente. — Foi um grande golpe para o cruzador.

— Mande amarrar os lados de enriçar das velas do traquete e do mastro principal — disse Sandokan. — Quando estiverem a quinhentos metros, vou atirar com o morteiro.

Yanez deu rapidamente o comando. Dez piratas escalaram as enfrechaduras, baixaram as duas velas e executaram rapidamente a manobra.

Reduzido o velame, o *praho* começou a diminuir a velocidade da corrida.

O cruzador, ao se dar conta disso, recomeçou os tiros de canhão, embora ainda estivesse muito distante para acreditar que seria bem-sucedido.

Passou-se mais uma boa meia hora até que ele atingisse a distância desejada por Sandokan.

As balas já começavam a cair na ponte do *praho* quando o Tigre, se arremessando bruscamente do costado, foi para trás do morteiro.

Um raio de sol caíra do mar, iluminando as velas do *praho*.

— Agora é a minha vez!... — gritou Sandokan, com um sorriso estranho. — Yanez, ponha o navio de través no vento!...

Um instante mais tarde, o pequeno veleiro se punha de través no vento, ficando quase à capa.

Sandokan pediu uma mecha, que Paranoa já acendera, e se curvou sobre a peça, calculando a distância com o olhar.

O navio de guerra, vendo o veleiro parado, aproveitava para tentar alcançá-lo. Avançava a uma velocidade cada vez maior, soltando fumaça e resfolegando, alternando tiros de granada e projéteis maciços. Os estilhaços de ferro faiscavam pela coberta, furando as velas e rompendo as cordas, deslizando nas escorvas, maltratando e fazendo chiar as cavernas. Ai se aquela chuva durasse apenas dois minutos.

Sandokan, sempre impassível, continuava a mirar.

— Fogo! — gritou de repente, dando um salto para trás.

Curvou-se sobre a peça fumegante, prendendo a respiração, com os lábios contraídos e os olhos fixos diante de si, como se quisesse seguir a trajetória invisível do projétil.

Poucos instantes depois, uma segunda detonação explodia ao largo.

A bomba explodira entre os raios do tambor de bombordo, fazendo saltar, com uma violência inesperada, as ferragens da roda e as pás.

O navio a vapor, gravemente atingido, se inclinou sobre o flanco dilacerado, depois começou a virar sobre ele mesmo sob as batidas da outra roda que ainda mordía as águas.

— Viva o Tigre! — urraram os piratas, se jogando sobre os canhões.

— Marianna! Marianna! — exclamou Sandokan, enquanto o vapor inclinado sobre o flanco despedaçado fazia toneladas de água.

A juvenzinha compareceu à ponte ao ouvir aquele chamado. Sandokan a tomou entre os braços, a ergueu até o costado e mostrou à tripulação do navio inimigo, trovejando:

— Aqui está a minha mulher!

Em seguida, enquanto os piratas despejavam sobre a embarcação uma tempestade de metralha, o *praho* virava de bordo e se distanciava rapidamente em direção ao ocidente.

DEPOIS DE PUNIR O NAVIO INIMIGO, que deve ter sido obrigado a parar a fim de consertar os danos gravíssimos causados pela bomba lançada com tanta habilidade por Sandokan, o *praho*, coberto com suas imensas velas, se distanciou rapidamente, com aquela velocidade que é própria desse tipo de embarcação, capaz de desafiar os mais ligeiros navios

da marinha dos dois mundos.

Marianna, esgotada por tantas emoções, se retirara novamente para a graciosa cabine e também boa parte da tripulação deixara a coberta, pois o navio não estava ameaçado por nenhum perigo, ao menos no momento.

Yanez e Sandokan, contudo, não haviam deixado a ponte. Sentados na grinalda da popa, conversavam e de vez em quando olhavam para o ocidente, onde se avistava ainda uma leve coluna de fumaça.

— Aquele vapor vai ter muito que fazer para conseguir se arrastar até Vitória — dizia Yanez. — A bomba o afetou com tanta gravidade que não deixou a menor possibilidade de perseguição.

Você acha que foi o Lorde Guillonk que o mandou atrás de nós?

— Não, Yanez — respondeu Sandokan. — O Lorde não teria tido tempo de correr para Vitória e avisar o governador sobre o que aconteceu.

Provavelmente aquele navio estava nos procurando há alguns dias. Já deviam estar sabendo que tínhamos desembarcado na ilha.

— Você acha que o Lorde vai nos deixar tranquilos?...

— Duvido muito, Yanez. Eu conheço aquele homem e sei o quanto ele é teimoso e vingativo. Temos que estar preparados para um ataque descomunal, e em muito pouco tempo.

— Acha que ele vem nos atacar na nossa ilha?...

— Tenho certeza que sim, Yanez. Lorde James goza de muita influência e, além disso, eu sei que é riquíssimo. Vai ser muito fácil para ele fretar todos os navios disponíveis, contratar os marinheiros e conseguir a ajuda do governador. Logo, logo vamos ver uma pequena frota chegando a Mompracem, pode esperar.

— E o que vamos fazer?

— Empreenderemos nossa última batalha.

— A última?... Por que você está falando assim, Sandokan?

— Porque depois Mompracem vai perder os seus chefes — disse o Tigre das Malásia com um suspiro. — A minha carreira está acabando, Yanez. Este mar, que foi teatro das minhas ações, não vai ver mais os *prahos* do Tigre sulcando suas ondas.

— Ah! Sandokan...

— Não tem outro jeito, Yanez: está escrito assim. O amor da jovem de cabelos de ouro deveria extinguir o pirata de Mompracem.

É triste, imensamente triste, meu bom Yanez, ter que dar adeus, e para sempre, a estes lugares e saber que vou perder a minha fama e o meu poder, mesmo assim, tenho que me resignar.

O fim das batalhas, não ouvir mais o trovejar da artilharia, não ver mais as carcaças fumegantes afundando nos abismos desses mares, não ordenar mais aquelas abordagens tremendas!...

Ah!... sinto o meu coração sangrar, Yanez, quando penso que o Tigre vai morrer para sempre e que este mar e a minha ilha vão pertencer a outra gente.

— E os nossos homens?

— Eles vão seguir o exemplo do seu chefe, se quisermos, e também vão dar adeus a Mompracem — disse Sandokan com voz triste.

— E a nossa ilha, depois de ter conhecido tanto esplendor, vai ter que ficar deserta como era antes de você chegar?

— Vai.

— Pobre Mompracem!... — exclamou Yanez com um desgosto profundo. — E pobre de mim, que já a amava como se fosse a minha pátria, a minha terra natal!...

— E eu? Você acha que não a amo?... Você acha que não fico com o coração apertado quando penso que não vou mais revê-la e que talvez nunca mais navegue com os meus *prahos* por este mar que considerava como meu?... Se eu pudesse chorar, você veria quantas lágrimas escorreriam pelo meu rosto. Ânimo, o destino quis assim. Vamos tentar nos resignar, Yanez, e não pensemos mais no passado.

— Mas eu não consigo me conformar, Sandokan. Ter que assistir ao desaparecimento, de uma só vez, do nosso poderio, que custou sacrifícios imensos, batalhas tremendas e rios de sangue!...

— Foi a fatalidade que quis assim — disse Sandokan com voz surda. — Sem aquela mulher, o rugido do Tigre da Malásia ainda chegaria com força até Labuan e faria aqueles ingleses e o sultão tremerem por muitos anos mais.

— É verdade, meu amigo — disse Sandokan. — Foi a juvenzinha que deu o golpe mortal em Mompracem. Se eu não a tivesse visto, quem sabe por quantos anos ainda a nossa bandeira triunfante correria por esse mar, mas agora é tarde demais para romper a corrente que se fechou sobre mim.

Se fosse qualquer outra mulher, e ao imaginar a possível ruína do nosso poderio, eu a teria evitado ou levado de volta a Labuan... mas sinto que iria despedaçar para sempre a minha existência se não pudesse vê-la nunca mais.

A paixão que arde no meu peito é grande demais para poder ser sufocada.

Ah!... Se ela quisesse!... Se não tivesse horror à nossa atividade e se não tivesse medo de sangue e do ribombar da artilharia!... Como eu faria brilhar a estrela de Mompracem ao lado dela!... Poderia lhe dar um trono, aqui ou nas costas de Bornéu, mas, em vez disso... Coragem, que se cumpra o nosso destino.

Vamos proporcionar a Mompracem a última batalha e depois abandonamos a ilha e desdobramos as velas...

— Para onde, Sandokan?

— Ainda não sei, Yanez. Vamos para onde ela quiser, para muito longe destes mares e destas terras, longe o suficiente para não ouvirmos ninguém mais falar sobre esse lugar. Se ficasse por perto, eu não conseguiria resistir por muito tempo à tentação de voltar a Mompracem.

— Então que seja; vamos começar o nosso último combate e depois partir para longe — disse Yanez, com um tom resignado. — Mas a batalha vai ser terrível, Sandokan. O Lorde vai fazer um ataque desesperado.

— E vai encontrar a toca inexpugnável do Tigre. Até agora, ninguém teve a ousadia de violar as costas da minha ilha, e ele também não vai encostar nelas. Espere até chegarmos e vai ver como teremos trabalho para não sermos esmagados pela esquadrilha que ele vai mandar contra nós.

Vamos deixar a vila tão forte que ela vai poder resistir aos mais terríveis bombardeios.

O Tigre ainda não foi domado, ainda vai rugir forte e devastar as fileiras inimigas.

— E se formos superados em número? Você sabe, Sandokan, que os holandeses são aliados dos ingleses na repressão à pirataria. As duas frotas poderiam se unir para dar um golpe mortal em Mompracem.

— Se eu tiver certeza de que seremos vencidos, acenderei a pólvora e queimaremos tudo, junto com a nossa vila e com os nossos *prahos*.

Eu não conseguiria me conformar com a perda dessa jovem. Prefiro a minha morte, e a dela, do que ser privado da sua presença.

— Vamos torcer para que isso não aconteça, Sandokan.

O Tigre da Malásia inclinou a cabeça sobre o peito e suspirou. A seguir, depois de alguns instantes de silêncio, disse:

— No entanto, tenho um triste pressentimento.

— Qual? — perguntou Yanez com ansiedade.

Sandokan não respondeu logo. Saiu de perto do português e se apoiou no costado da proa, expondo o rosto ardente à brisa noturna.

Estava inquieto: rugas profundas sulcavam a sua fronte e, de vez em quando, saíam suspiros dos seus lábios.

— É uma fatalidade!... E tudo por aquela criatura celestial — murmurou. — Por ela, tenho que perder tudo, tudo, até mesmo este mar que eu chamava de meu e considerava como sangue das minhas veias! Tudo acabará sendo deles; daqueles homens que combate há doze anos sem cessar, sem trégua, daqueles homens que me jogaram dos degraus de um trono para a lama, que mataram a minha mãe, os meus irmãos e irmãs!...

Ah!... você se lamenta — continuou, com o olhar fixo no mar que murmurava diante da proa do navio veloz. — O mar geme, não quer ser propriedade daqueles homens, não quer mais a tranquilidade que tinha antes de eu chegar até aqui. Mas não estou sofrendo também? Se eu fosse capaz de chorar, não seriam poucas as lágrimas que estariam correndo destes olhos.

Vamos lá, não há do que se lamentar agora. Essa mocinha divina vai me compensar por tantas perdas.

Levou as mãos à testa, como se quisesse arrancar os pensamentos que tumultuavam o seu cérebro ardente, depois se endireitou e desceu para a cabine a passos lentos.

Parou ao ouvir Marianna falando.

— Não, não — dizia a juvenzinha com voz aflita. — Deixe-me, não pertenço mais ao senhor... Sou do Tigre da Malásia...

Por que o senhor quer me separar dele?... Mande aquele William embora, eu o odeio, mande... mande embora!...

— Está sonhando — disse Sandokan para si mesmo. — Durma tranquila, menina querida, pois aqui você não corre nenhum perigo. Vela por você e vão ter que passar por cima do meu cadáver se quiserem tirar você de mim.

Abriu a porta da cabine e olhou. Marianna estava dormindo, com respiração arquejante, e agitava os braços como se quisesse afastar uma visão.

O pirata a contemplou por alguns instantes, com uma doçura infinita, e depois foi embora sem fazer barulho e entrou na sua cabine.

No dia seguinte, o *praho*, que navegara durante a noite toda a uma velocidade impressionante, se encontrava a apenas sessenta milhas de Mompracem.

Todos já se consideravam a salvo quando o português, que observava com grande atenção, avistou uma fina coluna de fumaça que parecia estar em direção ao leste.

— Opa! — exclamou ele. — Será que temos outro cruzador em vista? Que eu saiba, não existem vulcões neste trecho de mar.

Armou-se com um binóculo e escalou até o topo do mastro principal, perscrutando com profunda atenção aquela fumaça que agora tinha se aproximado consideravelmente. Quando desceu de novo, sua expressão estava anuviada.

— O que você tem, Yanez? — perguntou Sandokan, que voltara à coberta.

— Descobri uma canhoneira, irmãozinho.

— Tanto melhor.

— Sei bem que não vai se arriscar a nos atacar, já que esses navios normalmente estão armados com um canhão apenas, mas estou preocupado com outra coisa.

— Com o quê?

— Que o navio esteja vindo do leste e, talvez, de Mompracem.

— Oh!...

— Não gostaria que durante a nossa ausência uma frota inimiga tivesse bombardeado o nosso ninho.

— Mompracem bombardeada? — perguntou uma voz cristalina atrás deles.

Sandokan se voltou rapidamente e viu Marianna diante de si.

— Ah! É você, minha amiga! — exclamou ele. — Achei que você ainda estava dormindo.

— Acabei de me levantar, mas sobre o que vocês estavam falando? Algum outro perigo está nos ameaçando?

— Não, Marianna — respondeu Sandokan. — Mas ficamos preocupados quando vimos uma canhoneira vindo do ocidente, ou seja, de onde fica Mompracem.

— Acha que ela bombardeou a sua vila?

— Acho, mas não devia estar sozinha; uma carga dos nossos canhões seria suficiente para afundá-la.

— Hum! — exclamou Yanez, dando dois passos à frente.

— O que você quer?

— A canhoneira nos avistou e virou de bordo, está vindo em nossa direção.

— Querem nos espionar — disse Sandokan.

De fato, o pirata não se enganara. A canhoneira, uma das menores que havia, pesando talvez cerca de cem toneladas e armada com apenas um canhão situado na plataforma da popa, se aproximou até mil metros de distância, depois virou de bordo, mas não se distanciou completamente, pois ainda se podia ver a coluna de fumaça a cerca de dez milhas a leste.

Os piratas não estavam preocupados com isso, sabendo muito bem que aquele pequeno barco não teria o atrevimento de se jogar contra o *praho*, cujos atiradores eram tão numerosos que seriam obrigados a enfrentar quatro inimigos contra um.

Por volta do meio-dia, um pirata que subira até a verga do traquete para acomodar uma corda avistou Mompracem, o temido covil do Tigre da Malásia.

Yanez e Sandokan respiraram aliviados, já se sentindo seguros, e se precipitaram para a proa, seguidos por Marianna.

Lá, onde o céu se confundia com o mar, era possível ver uma longa faixa de cor ainda indefinida, mas que aos poucos ficava verdejante.

— Rápido, rápido! — exclamou Sandokan, tomado por uma forte ansiedade.

— Por que você está preocupado? — perguntou Marianna.

— Não sei, mas o meu coração está dizendo que aconteceu alguma coisa por lá. A canhoneira ainda está nos seguindo?

— Está, ainda dá para ver a coluna de fumaça a leste — disse Yanez.

— Mau sinal.

— Também acho, Sandokan.

— Você ainda não consegue ver nada?

Yanez apontou uma luneta e olhou com grande atenção por alguns minutos.

— Estou vendo os *prahos* ancorados na baía.

Sandokan respirou e um lampejo de alegria passou em seus olhos.

— Vamos torcer — murmurou.

O *praho*, empurrado por um bom vento, ao cabo de uma hora chegou a poucas milhas da ilha e se dirigiu para a baía que se abria diante da vila.

Logo depois chegou tão perto que era possível discernir completamente as fortificações, os depósitos e as cabanas.

Sobre o grande penhasco, acima da vasta edificação que servia de morada para o Tigre, se via tremular a grande bandeira da pirataria, mas a vila não estava mais tão próspera como quando a haviam deixado e os *prahos* também já não eram tão numerosos.

Diversos baluartes pareciam gravemente danificados, muitas cabanas estavam queimadas e faltavam vários navios.

— Ah! — exclamou Sandokan, comprimindo o peito. — Aconteceu o que estávamos suspeitando: o inimigo atacou o meu covil.

— É verdade — murmurou Yanez com tristeza.

— Pobre amigo — disse Marianna atingida pela dor que se refletia no rosto de Sandokan. — Os meus compatriotas se aproveitaram da sua ausência.

— Foi isso mesmo — respondeu Sandokan sacudindo tristemente a cabeça. — A minha ilha, antes temida e inacessível, foi violada e a minha fama se obscureceu para sempre!

MOMPRACEM, A ILHA considerada tão aterrorizante que assustava até mesmo os mais corajosos só ao vê-la, não fora apenas violada, mas por pouco não caíra nas mãos dos inimigos.

Os ingleses, provavelmente informados da partida de Sandokan e certos de encontrarem uma defesa enfraquecida, caíram repentinamente

sobre a ilha, bombardeando as fortificações, pondo a pique diversos barcos e incendiando parte da vila. Excederam-se em sua audácia a ponto de desembarcar tropas para tentar se apoderar da ilha, mas a bravura de Giro-Batol e dos filhotes de tigre finalmente havia triunfado e os inimigos foram forçados a se retirar, com medo de serem surpreendidos e cercados pelos *prahos* de Sandokan, que não estavam muito longe.

Fora uma vitória, sem dúvida, mas por pouco a ilha não passara para as mãos do inimigo.

Quando Sandokan e seus homens desembarcaram, os piratas de Mompracem, reduzidos à metade, se precipitaram ao encontro dele, com gritos de vivas e clamando por vingança contra os inimigos.

— Vamos para Labuan, Tigre da Malásia — berravam. — Temos que devolver as balas que arremessaram contra nós!

— Capitão — disse Giro-Batol se adiantando. — Fizemos o possível para abordar a esquadra que nos atacou, mas não conseguimos. Se o senhor nos conduzir a Labuan, vamos destruir aquela ilha até a última árvore, até o último arbusto.

Em vez de responder, Sandokan puxou Marianna para frente da horda:

— Trata-se da pátria desta dama — disse — a pátria da minha mulher!

Ao ver a juvenzinha que até então ficara atrás de Yanez, os piratas deram um grito de surpresa e de admiração.

— A Pérola de Labuan! Viva a Pérola!... — exclamaram, caindo de joelhos diante dela.

— A pátria dela é sagrada para mim — disse Sandokan, mas em pouco tempo vocês vão ter oportunidade de devolver aos nossos inimigos as balas que foram atiradas nestas costas.

— Estamos prestes a ser atacados? — perguntaram todos.

— O inimigo não está longe, meus bravos; vocês podem avistar a vanguarda deles naquela canhoneira que está circundando perto de nossas costas com enorme audácia. Os ingleses têm fortes motivos para me atacar: querem vingar os homens que matamos nas florestas de Labuan e tirar esta jovem de mim. Estejam preparados, que o momento não deve estar longe.

— Tigre da Malásia — disse um dos chefes avançando. — Enquanto houver um de nós vivo, ninguém vai conseguir raptar a Pérola de Labuan, agora que ela está protegida pela bandeira da pirataria. Dê a ordem: estamos prontos para dar todo o nosso sangue por ela!

Profundamente comovido, Sandokan olhou para aqueles bravos homens que aclamavam as palavras do chefe e que, depois de terem perdido tantos companheiros, ainda ofereciam a vida para salvar aquela que era a causa principal do sofrimento deles.

— Obrigado, amigos — disse com voz sufocada.

Mais uma vez passou a mão na testa, deu um suspiro profundo, pousou o braço na jovem, que também estava comovida, e se distanciou com a cabeça inclinada sobre o peito.

— Acabou — murmurou Yanez, com voz triste.

Sandokan e sua companheira subiram a estrada estreita que levava ao penhasco, seguidos pelos olhares de todos os piratas, que os observavam com um misto de admiração e de pesar, e se detiveram em frente da grande cabana.

— Aqui está a sua moradia — disse ele entrando. — Era a minha casa; é um ninho feio, onde até agora se desenvolveram muitos dramas obscuros... É indigna de hospedar a Pérola de Labuan, mas é segura e inacessível ao inimigo, que não conseguirá jamais chegar até aqui.

Se você quisesse ser a Rainha de Mompracem, eu teria embelezado tudo, teria tornado este local digno de uma rainha... Mas vamos lá, por que falar de coisas impossíveis? Tudo está morto ou prestes a morrer por aqui.

Sandokan levou a mão ao coração e suas feições se alteraram dolorosamente. Marianna jogou os braços em torno do pescoço dele.

— Sandokan, você está sofrendo tanto, não esconda de mim a sua dor.

— Não, minha alma, estou emocionado, mas nada mais do que isso. Não poderia ser diferente. Encontrar a minha ilha violada, o meu bando dizimado, e pensar que em pouco tempo vou perder o que restou...

— Sandokan, você lamenta o seu antigo poder e está sofrendo com a idéia de ter que perder a sua ilha. Ouça, meu herói, você quer que eu fique nesta ilha, entre os seus filhotes, que empunhe, eu também, a cimitarra e combata ao seu lado? Quer?

— Você! Você! — exclamou ele. — Não, não quero que você se torne uma mulher assim. Seria uma monstruosidade obrigar você a ficar aqui, ensurdecida pelo ribombar da artilharia e com os urros dos combatentes, exposta a um perigo contínuo. Seria demais pedir duas felicidades, e não desejo isso.

— Então você me ama mais do que à sua ilha, seus homens, sua fama?

— Muito mais, minha menina extraordinária. Esta noite vou reunir as minhas tropas para dizer que, depois de lutar esta última batalha, vamos recolher para sempre a nossa bandeira e ir embora de Mompracem.

— E o que os seus filhotes vão dizer diante de uma proposta dessas? Vão me odiar ao saber que fui a causa da ruína de Mompracem.

— Ninguém vai se atrever a levantar a voz contra você. Ainda sou o Tigre da Malásia, o Tigre que sempre os fez tremer com um único gesto.

E, além disso, eles me amam demais para não me obedecer. Vamos, temos que deixar que se cumpra o nosso destino.

Sufocou um suspiro e disse com um pesar amargo.

— O seu amor vai me fazer esquecer o passado e, talvez, até mesmo Mompracem.

Deu um beijo nos cabelos louros da jovem, chamou os dois malásios encarregados da moradia e disse, indicando a jovem:

— Esta é a sua patroa. Obedeçam a ela como se fosse a mim.

Dito isso, trocou um olhar prolongado com Marianna, saiu a passos rápidos e desceu para a praia.

A canhoneira continuava soltando fumaça à vista da ilha, se dirigindo ora para o norte e ora para o sul. Parecia tentar localizar alguma coisa, provavelmente alguma outra canhoneira ou um cruzador proveniente de Labuan.

Enquanto isso, já prevendo um ataque prolongado, os piratas trabalhavam febrilmente sob as ordens de Yanez, reforçando os baluartes, escavando fossas e reerguendo rampas e paliçadas.

Sandokan se aproximou do português que estava retirando as armas dos *prahos* para guarnecer uma torre poderosa, construída bem no centro da vila.

— Não apareceu mais nenhum barco? — perguntou.

— Não — respondeu Yanez — mas a canhoneira não vai embora das nossas águas, e isso é um péssimo sinal. Se o vento estivesse suficientemente forte para superar a máquina, eu a atacaria com o maior prazer.

— É preciso tomar providências para abrigar as nossas riquezas e, em caso de derrota, para uma retirada.

— Está com medo de não conseguir enfrentar os atacantes?

— Estou com pressentimentos sinistros, Yanez; sinto que estou prestes a perder esta ilha.

— Bah! Hoje ou daqui a um mês é a mesma coisa, já que você está decidido a abandoná-la. Os nossos piratas já estão sabendo?

— Não, mas esta noite vou levar os bandos até a minha cabana e lá saberão da minha decisão.

— Vai ser um golpe terrível para eles, irmão.

— Sei disso, mas se quiserem continuar na pirataria por conta própria, não vou impedir.

— Nem pense nisso, Sandokan! Ninguém vai abandonar o Tigre da Malásia e todos vão seguir você para onde quiser.

— Sei bem que esses bravos homens me amam demais. Ao trabalho, Yanez, vamos deixar a nossa fortaleza, se não inexpugnável, pelo menos assustadora.

Uniram-se aos homens, que trabalhavam com um afínco sem igual: erguiam novas plataformas e novas trincheiras, plantavam paliçadas enormes para proteger as balistas, acumulavam imensas pirâmides de balas e de granadas, protegiam as artilharias com barricadas de troncos de árvores, pedras e placas de ferro arrancadas dos navios saqueados durante suas diversas incursões.

À noite, a rocha apresentava um aspecto imponente e podia ser considerada inexpugnável.

Aqueles cento e cinquenta homens, pois haviam sido reduzidos a esse pequeno número depois do ataque da esquadra e da perda das duas tripulações que tinham ido com Sandokan a Labuan e das quais ainda não se recebera nenhuma notícia, haviam trabalhado por quinhentos.

Na calada da noite, Sandokan mandou que suas riquezas fossem embarcadas em um grande *praho* e o enviou junto com mais dois à costa ocidental, para se fazerem ao largo rapidamente caso a fuga acabasse por ser necessária.

À meia-noite Yanez e os chefes de todos os bandos subiram para a grande cabana, onde Sandokan os esperava.

Uma sala, grande o suficiente para caberem mais de duzentas pessoas, fora arrumada com um luxo insólito. Grandes lâmpadas douradas derramavam torrentes de luz fazendo cintilar o ouro e a prata das tapeçarias nas paredes e dos tapetes no chão, bem como a madreperla que adornava o rico mobiliário de estilo indiano.

Sandokan vestira sua roupa de gala de cetim vermelho e o turbante verde enfeitado com um penacho repleto de brilhantes. Levava os dois *kriss* na cintura, a insígnia de um grande chefe, e uma fantástica cimitarra com a bainha de prata e o punho de ouro.

Marianna, por sua vez, usava um vestido de veludo preto com bordados de prata, fruto sabe-se lá de que saque, e que deixava descobertos os braços e os ombros sobre os quais os seus magníficos cabelos louros caíam como uma chuva de ouro. Ricas pulseiras enfeitadas com pérolas de valor inestimável e um diadema que emitia clarões de luz a deixavam ainda mais bela e mais fascinante.

Ao vê-la, os piratas não conseguiram reter um grito de admiração diante daquela criatura maravilhosa que já consideravam como uma divindade.

— Amigos, meus filhotes fiéis — disse Sandokan, chamando à sua volta o bando aterrorizante. — Eu chamei vocês até aqui para decidir o destino da minha Mompracem.

Vocês me viram lutar durante muitos anos sem pausa e sem piedade contra aquela raça execrável que assassinou a minha família, que me roubou a pátria, que, à traição, me jogou dos degraus de um trono para a pobreza e que, neste instante, pretende destruir a raça malaia; vocês me viram lutar como um tigre, repelir sempre os invasores que ameaçavam a nossa ilha selvagem, mas agora chega. O destino quer que eu pare, e que assim seja.

Neste momento, sinto que a minha missão vingadora chegou ao fim; sinto que não consigo mais rugir nem combater como antigamente, sinto que preciso de descanso.

Ainda vou lutar uma última batalha com o inimigo, que provavelmente chega amanhã para nos atacar, e depois darei adeus a Mompracem e irei para longe, onde devo viver com esta dama que amo e que se tornará minha mulher.

Se quiserem continuar a tarefa do Tigre, deixo a vocês os meus navios e os meus canhões. Se preferirem me seguir até a minha nova pátria, sempre vou considerar vocês como meus filhos.

Os piratas, que ficaram aterrados com aquela revelação inesperada, não conseguiam responder, mas aqueles rostos enegrecidos pela pólvora dos canhões e pelos ventos dos mares estavam banhados em lágrimas.

— Mas vocês estão chorando! — exclamou Sandokan com a voz alterada pela comoção. — Ah! A verdade é que eu entendo bem o que estão sentindo, meus bravos, mas vocês acham que eu não sofro com a ideia de não ver, nunca mais talvez, a minha ilha, o meu mar, de perder todo este poderio, de voltar à obscuridade depois de ter brilhado tanto, de ter conquistado tanta fama, mesmo que fosse terrível e sinistra? É a fatalidade que quer assim, eu curvo a minha cabeça para ela e agora pertencço unicamente à Pérola de Labuan.

— Capitão, meu capitão! — exclamou Giro-Batol que chorava como uma criancinha. — Continue entre nós, não abandone a nossa ilha. Vamos defendê-la contra todos, podemos levantar mais homens. Se quiser, nós podemos destruir Labuan, Varauni e Sarawak para que ninguém mais ouse ameaçar a felicidade da Pérola de Labuan.

— Milady — exclamou Juioko. — Fique também, nós vamos defender a senhora contra todos, vamos fazer um escudo com os nossos corpos para conter os golpes do inimigo e, se quiser, podemos conquistar um reino para lhe dar um trono.

Houve uma explosão de verdadeiro delírio entre os piratas. Os mais jovens suplicavam, os mais velhos choravam.

— Fique, milady! Fique em Mompracem! — gritavam todos e se apinhavam diante da jovem. De repente, ela avançou em direção ao bando e pediu silêncio com um gesto.

— Sandokan — disse com uma voz sem tremor. — Se eu dissesse a você para renunciar à sua vingança e à pirataria, e se eu rompesse para sempre o fraco vínculo que me une aos meus compatriotas e adotasse esta ilha como pátria, você aceitaria?

— Você, Marianna, ficar na minha ilha?

— Você quer?

— Quero e juro a você que não pegarei mais em armas a não ser para defender a minha terra.

— Então que Mompracem seja a minha pátria e que eu fique aqui!

Cem armas foram erguidas e cruzadas sobre a jovem que se abrigara entre os braços de Sandokan, enquanto os piratas gritavam ao mesmo tempo:

— Viva a Rainha de Mompracem! Ai daquele que tocar nela!...

N O DIA SEGUINTE PARECIA QUE O delírio tinha se apoderado dos piratas de Mompracem. Não eram homens, e sim titãs, que trabalhavam com energia sobre-humana para fortificar a ilha, que não seria mais abandonada, pois a Pérola de Labuan jurara permanecer nela.

Atarefavam-se em torno das baterias, erguiam trincheiras novas, golpeavam furiosamente as rochas para arrancar pedaços de pedra que iriam reforçar as torres, enchiam os cestões que eram dispostos diante dos canhões, derrubavam árvores para levantar novas paliçadas, construíam novos baluartes que muniam com a artilharia retirada dos *prahos*, escavavam armadilhas, preparavam minas, enchiam os valões com espinheiros e plantavam no fundo pontas de ferro envenenadas com o suco das *upas*; fundiam balas, reforçavam os paióis de pólvora, afiavam as armas.

A Rainha de Mompracem, bela, fascinante, cintilando com ouro e pérolas, estava sempre por perto e os encorajava com sua voz e seu sorriso.

Sandokan estava à frente de todos e trabalhava com uma atividade tão febril que mais parecia uma verdadeira loucura. Corria para onde fosse necessária sua intervenção, ajudava os homens a pôr a artilharia nas baterias, golpeava rochas para extrair material, dirigia as obras de defesa em todos os locais, valorosamente ajudado por Yanez, que parecia ter perdido sua sólida calma.

A canhoneira, que continuava navegando à vista da ilha, espionando os trabalhos, era suficiente para estimular os piratas, já convencidos de que logo deveria chegar uma esquadra poderosa para bombardear a fortaleza do Tigre.

Por volta do meio-dia chegaram à vila diversos piratas que haviam partido na noite anterior com três *prahos*, e as notícias que traziam não eram muito inquietantes. Uma canhoneira, que parecia espanhola, aparecera de manhã, se dirigindo para o leste, mas não aparecera nenhum inimigo nas costas ocidentais.

— Acho que haverá um grande ataque — disse Sandokan a Yanez. — Os ingleses não atacarão sozinhos, você vai ver.

— Acha que se uniram aos espanhóis e aos holandeses?

— Acho, Yanez, e o meu coração me diz que não estou enganado.

— Vão encontrar muito osso para roer. A nossa vila está praticamente impenetrável.

— Talvez, Yanez, mas não podemos nos desesperar. De qualquer maneira, no caso de uma derrota, os *prahos* estão prontos para se fazer ao largo.

Voltaram a trabalhar, enquanto alguns piratas invadiam as aldeias indígenas espalhadas pelo interior da ilha para recrutar os homens em melhores condições.

À noite, a vila estava pronta para sustentar a luta e apresentava uma cerca de fortificações realmente impressionante.

Três linhas de baluartes, uma mais robusta que a outra, cobriam inteiramente a vila, se estendendo em forma de semicírculo.

Paliçadas e valões cheios tornavam a escalada daqueles fortins quase impossível.

Quarenta e seis canhões de calibre doze e dezoito e alguns de vinte e quatro, colocados na grande torre central, uma meia dúzia de morteiros e sessenta balistas defendiam a praça, prontos para lançar balas, granadas e metralha sobre as embarcações inimigas.

Durante a noite, Sandokan mandou retirar os mastros e esvaziar completamente os *prahos*, depois os afundou na baía para que o inimigo não se apoderasse deles ou os destruíssem e enviou vários botes para alto-mar, a fim de observar os movimentos da canhoneira, mas esta não se moveu.

Ao amanhecer, Sandokan, Marianna e Yanez, que dormiam há algumas horas na grande cabana, foram bruscamente despertados por gritos estridentes.

— O inimigo! O inimigo! — gritavam na vila.

Precipitaram-se para fora da cabana e correram para a margem do gigantesco penhasco.

O inimigo estava lá, a seis ou sete milhas da ilha, e avançava lentamente em posição de batalha. Ao vê-lo, uma ruga profunda sulcou a fronte de Sandokan, enquanto o rosto de Yanez se obscurecia.

— Mas é uma verdadeira frota — murmurou o último. — Aonde aqueles cães ingleses foram buscar tantas forças?

— É uma liga que o pessoal de Labuan está enviando contra nós — disse Sandokan. — Olhe, há barcos ingleses, holandeses, espanhóis e até mesmo *prahos* daquela canalha do sultão de Varauni, pirata quando lhe convém, que tem ciúmes da minha força.

E era mesmo verdade. A esquadra atacante era composta de três cruzadores de grande tonelagem, portando bandeiras inglesas, duas corvetas holandesas poderosamente armadas, quatro canhoneiras e um cúter espanhol e oito *prahos* do sultão de Varauni. Podiam dispor, em conjunto, de cento e cinquenta ou cento e sessenta canhões e de mil e quinhentos homens.

— São muitos, por Júpiter! — exclamou Yanez. — Mas somos corajosos e a nossa fortaleza é robusta.

— Você vai vencer, Sandokan? — perguntou Marianna com voz trêmula.

— Tomara que sim, meu amor — respondeu o pirata. — Os meus homens são destemidos.

— Estou com medo, Sandokan.

— Do quê?

— De que uma bala mate você.

— O meu gênio bom, que me protege há tantos anos, não vai me abandonar justo agora, quando estou lutando por você. Venha, Marianna, que os minutos são preciosos.

Desceram a escada e chegaram à vila, onde os piratas já haviam tomado posição atrás dos canhões, prontos para dar início à luta titânica com grande coragem. Duzentos indígenas, homens que, se não sabiam resistir a um embate, pelo menos eram capazes de puxar arcabuzeiros e canhoneiros, manobras que haviam aprendido facilmente com seus mestres, já tinham chegado e estavam dispostos nos pontos designados pelos chefes da pirataria.

— Bom — disse Yanez. — Seremos trezentos e cinquenta para resistir ao assalto.

Sandokan chamou seis dos homens mais valorosos e lhes confiou Marianna, pedindo que a levassem para os bosques, evitando assim que ficasse exposta aos perigos.

— Vá, minha querida — disse ele, estreitando a jovem contra o coração. — Se eu vencer, você vai continuar sendo a Rainha de Mompracem, e se a fatalidade me levar à derrota, levantaremos voo e iremos procurar a felicidade em outro lugar.

— Ah, Sandokan, estou com medo! — exclamou a mocinha, chorando.

— Voltarei para você, não tenha medo, minha querida. As balas vão poupar o Tigre da Malásia também desta vez.

Beijou-a na testa e correu para os baluartes, trovejando:

— Vamos, filhotes, que o Tigre está com vocês! O inimigo é forte, mas nós ainda somos os tigres da selvagem Mompracem.

Um grito único respondeu:

— Viva Sandokan! Viva a nossa Rainha!...

A frota inimiga se detivera a seis milhas da ilha e diversas embarcações se destacavam das naves, conduzindo numerosos oficiais para cá e para lá. Com certeza estavam realizando um conselho no cruzador que desfraldara a insígnia de comando.

Às dez, as naves e os *prahos*, sempre dispostos em posição de batalha, se dirigiram para a baía.

— Tigres de Mompracem! — gritou Sandokan, que estava de pé na grande torre central, atrás de um canhão de calibre vinte e quatro. — Lembrem-se de que estão defendendo a Pérola de Labuan e de que aqueles homens que vêm nos atacar são os mesmos que assassinaram os seus companheiros nas costas de Labuan!

— Vingança! Sangue! — berraram os piratas.

Um tiro de canhão partiu naquele instante da canhoneira que há dois dias espionava a ilha e, por um estranho acaso, a bala abateu a bandeira da pirataria que esvoaçava no baluarte central.

Sandokan teve um sobressalto e uma viva dor se delineou em seu rosto.

— Vou vencer a frota inimiga! — exclamou com voz triste. — O coração me diz isso.

A frota se aproximava cada vez mais, se mantendo sobre uma linha, cujo centro era ocupado pelos cruzadores e as laterais, pelos *prahos* do sultão de Varauni.

Sandokan deixou que se aproximassem até estarem a mil passos e depois, erguendo a cimitarra, trovejou:

— Às suas armas, filhotes! Não os detenho mais: varram do mar esses prepotentes. Fogo!...

Ao comando do Tigre da Malásia, as torres, os baluartes e as plataformas se incandesceram em toda a linha, formando uma detonação única, capaz de ser ouvida até nas Romades. Parecia que a vila inteira saltara para o ar e que a terra tremia até o mar. Densas nuvens de fumaça envolveram a bateria, se agigantando a cada novo golpe que se sucedia furiosamente, se estendendo para a direita e para a esquerda, de onde as balistas atiravam.

A esquadra, embora bastante maltratada por aquela assustadora descarga, não demorou muito para responder.

Os cruzadores, as corvetas, as canhoneiras e os *prahos* se cobriram de fumaça, desencadeando as manobras de defesa com balas e granadas, enquanto um grande número de atiradores de elite abria fogo com os mosquetes que, se acabavam mostrando ineficazes contra os baluartes, importunavam bastante os atiradores de Mompracem.

Não havia tiros perdidos, nem de uma parte nem de outra; rapidez e precisão eram disputadas encarniçadamente, com

ambos os lados resolvidos a exterminar o outro, primeiro de longe e, depois, de perto.

A frota tinha a supremacia de bocas de fogo e de homens, além de contar com a vantagem de poder se deslocar e se afastar, dividindo os tiros do inimigo, mas mesmo assim não ficava em vantagem.

Era impressionante ver aquela vila defendida por um punhado de homens valentes, que atiravam de todos os lados, respondendo tiro com tiro, expelindo torrentes de balas, granadas e tempestades de metralhas, despedaçando os flancos dos navios, destroçando os massames e varrendo tripulações.

As armas dos piratas rugiam mais forte que todos os canhões da frota, castigavam os bravateiros que vinham desafiá-los a poucas centenas de metros da costa, faziam recuar os atacantes mais audaciosos que tentavam desembarcar os soldados e faziam saltar as águas do mar a uma distância de até três milhas.

Sandokan, em meio aos seus valentes bandos, com os olhos inflamados, em pé atrás de um grande canhão calibre vinte e quatro que expelia projéteis enormes de sua garganta fumegante, não parava de trovejar:

— Fogo, meus bravos! Varram os mares, estripem essas naves que vieram raptar a nossa Rainha!

Suas palavras não eram inúteis. Os piratas, mantendo um admirável sangue frio em meio àquela densa chuva de balas que despedaçava as paliçadas, furava as plataformas e destruía os baluartes, apontavam intrepidamente a artilharia e se encorajavam com clamores tremendos.

Um *praho* do sultão foi incendiado e mandado pelos ares enquanto tentava, com um estratagema insolente, aportar ao pé do grande penhasco. Os destroços chegaram até a primeira paliçada da vila e os sete ou oito homens que escaparam da explosão foram fulminados por uma nuvem de metralha.

Uma canhoneira espanhola, que tentava se aproximar para desembarcar os seus homens, perdeu todos os mastros e acabou encalhando diante da vila depois que sua máquina explodiu. Nenhum de seus homens se salvou.

— Venham desembarcar! — trovejou Sandokan. — Venham medir forças com os tigres de Mompracem, se tiverem coragem. Vocês não passam de crianças, e nós somos gigantes!

Era evidente que nenhuma nave conseguiria se aproximar das praias daquela ilha terrível, enquanto os baluartes pudessem aguentar e a pólvora não faltasse.

Para a desgraça dos piratas, por volta das seis horas da tarde, quando a frota horivelmente destroçada estava prestes a se retirar, chegou à costa da ilha um socorro inesperado, que foi acolhido com urras estrepitosos por parte das tripulações.

Tratava-se de mais dois cruzadores ingleses e uma grande corveta holandesa, seguidos de perto por um bragantim a vela, mas munido de uma artilharia numerosa.

Sandokan e Yanez empalideceram ao ver aqueles novos inimigos. Compreenderam então que a queda da fortaleza era uma questão de horas, mas não perderam o ânimo e dirigiram parte dos canhões contra aqueles novos navios.

Com os reforços, a esquadra adquiriu novo ânimo e se aproximou da praça, destruindo furiosamente as obras de defesa já bastante danificadas.

As granadas caíam às centenas nas plataformas, nos baluartes, nas torres e sobre a vila, provocando violentas explosões, que demoliam as construções, espatifavam as paliçadas e se introduziam pelas fendas.

Ao cabo de uma hora, a primeira linha de baluartes não passava de um monte de ruínas.

Dezesseis canhões estavam imprestáveis e uma dúzia de balistas jazia entre os escombros e uma pilha de cadáveres.

Sandokan tentou um último golpe. Dirigiu o fogo dos seus canhões para a nave comandante, deixando que as balistas respondessem ao fogo das outras naves.

Durante vinte minutos, o cruzador resistiu àquela chuva de projéteis que o atravessava de um lado a outro, destruía os massames e matava a tripulação, mas uma granada de vinte e um quilos lançada por Giro-Batol com um morteiro, abriu um enorme rombo na proa.

O navio se inclinou sobre um flanco e afundou rapidamente. A atenção dos outros navios se voltou para a tentativa de salvar os naufragos e diversas embarcações sulcaram as ondas, mas bem poucas escaparam das metralhas dos piratas.

Em três minutos, o cruzador, afundou arrastando consigo os homens que ainda se encontravam na coberta.

Por alguns minutos, a esquadra suspendeu o fogo, mas depois voltou a atacar com fúria redobrada e avançou até chegar a apenas quatrocentos metros da ilha.

As baterias da direita e da esquerda, oprimidas pelo ataque, foram reduzidas ao silêncio no final de uma hora e os piratas, obrigados a se retirar para trás da segunda linha de baluartes, e depois da terceira, que já estava meio destruída. De pé e ainda em bom estado só restava a grande torre central, a mais bem armada e mais robusta.

Sandokan não cansava de encorajar os seus homens, mas já previa que o momento da retirada não estava muito longe.

Meia hora depois, um paiol de pólvora explodia com uma violência terrível, sacudindo as trincheiras em ruínas e enterrando doze piratas e vinte indígenas entre os escombros.

Mais um esforço foi tentado para interromper a marcha do inimigo, concentrando o fogo sobre outro cruzador, mas os canhões eram poucos depois de vários terem sido atingidos ou desmantelados.

Às sete e dez, até a grande torre desmoronava, sepultando muitos homens e a artilharia mais pesada.

— Sandokan — gritou Yanez, se precipitando na direção do pirata, que fazia mira com o canhão. — Perdemos a posição.

— É verdade — respondeu o Tigre com voz sufocada.

— Dê o comando de retirada ou será tarde demais.

Sandokan lançou um olhar desesperado para as ruínas, em meio às quais apenas dezesseis canhões e vinte balistas ainda ecoavam, e um outro para a esquadra que estava baixando ao mar as embarcações com os homens de terra. Um *praho* já jogara a âncora aos pés do grande penhasco e seus homens se preparavam para assumir posição.

A partida estava irremediavelmente perdida. Em poucos minutos os atacantes, trinta ou quarenta vezes mais numerosos, deveriam desembarcar para atacar com baionetas as trincheiras já enfraquecidas e dizimar os últimos defensores.

Um atraso de alguns minutos poderia ser fatal e comprometer a fuga para as costas ocidentais.

Sandokan reuniu toda sua força para pronunciar aquela palavra que jamais saíra de seus lábios e deu o comando para a retirada.

No instante em que os piratas da perdida Mompracem, com lágrimas nos olhos e o coração despedaçado, corriam para os bosques e os indígenas fugiam em todas as direções, o inimigo desembarcava, irrompendo furiosamente, com as baionetas caladas, contra as trincheiras atrás das quais achavam que o inimigo ainda se encontrava.

A estrela de Mompracem se extinguiu para sempre.

OS PIRATAS, REDUZIDOS A apenas setenta homens, muitos deles feridos, mas ainda sedentos de sangue e prontos para retomar a luta e obter a vingança, iniciaram a retirada sob o comando de seus valentes chefes, do Tigre da Malásia e de Yanez que, miraculosamente, haviam escapado das armas e do chumbo inimigo.

Sandokan, embora já tivesse perdido para sempre o poderio, a sua ilha e o seu mar, conservava naquela retirada uma calma realmente admirável. Sem dúvida ele, que previra o fim iminente da pirataria e que já tinha se acostumado com a idéia de deixar aqueles mares, se consolava ao pensar que, no meio de tantos desastres, ainda lhe restava sua adorada Pérola de Labuan.

Não era para menos que em suas feições se distinguiam os vestígios de uma forte comoção, que em vão ele tentava esconder.

Apressando o passo, os piratas chegaram rapidamente às margens de uma torrente seca, onde encontraram Marianna e os seis homens designados para guardá-la.

A juvenzinha se precipitou para os braços de Sandokan que a estreitou com ternura contra o peito.

— Deus seja louvado — disse ela. — Você voltou vivo para mim.

— Vivo, sim, mas derrotado — respondeu ele com voz triste.

— Assim quis o destino, meu bravo.

— Vamos partir, Marianna, pois o inimigo não está longe. Vamos, filhotes, não podemos ser alcançados pelos vencedores.

Talvez ainda tenhamos lutas terríveis pela frente.

A distância se ouviam os gritos dos vencedores e surgia uma luz intensa, sinal evidente de que a vila fora incendiada.

Sandokan fez Marianna montar um cavalo, que fora levado até lá na véspera, e a pequena tropa se pôs rapidamente a caminho para chegar à costa ocidental antes que o inimigo tivesse tempo de barrar a retirada.

Às onze da noite, chegaram a uma pequena vila da costa, diante da qual estavam ancorados os três *prahos*.

— Depressa, vamos embarcar — disse Sandokan. — Todos os minutos são preciosos.

— Vamos ser atacados? — perguntou Marianna.

— Talvez, mas a minha cimitarra vai proteger você e o meu peito será um escudo contra os golpes daqueles malditos, que só me venceram por serem mais numerosos.

Ele se arremessou para a praia e observou o mar, que parecia negro como se fosse de nanquim.

— Não estou vendo nenhum farol — disse para Marianna. — Talvez possamos abandonar a minha pobre ilha sem sermos perturbados.

Deu um suspiro profundo e enxugou a fronte encharcada de suor.

— Vamos embarcar — disse em seguida.

Os piratas embarcaram com lágrimas nos olhos; trinta homens tomaram suas posições no *praho* menor e os outros se dividiram entre o de Sandokan e aquele comandado por Yanez, que transportava os imensos tesouros do chefe.

No momento de recolher as âncoras viram Sandokan levar as mãos ao coração, como se tivessem destroçado alguma coisa em seu peito.

— Meu amigo — disse Marianna ao abraçá-lo.

— Ah! — exclamou ele com uma dor terrível. — Parece que o meu coração se despedaçou.

— Você está chorando pelo poderio perdido, Sandokan, e pela perda da sua ilha.

— É verdade, meu amor.

— Talvez um dia você possa reconquistá-la e então voltaremos para cá.

— Não, tudo está acabado para o Tigre da Malásia. E também, sinto que já não sou o mesmo homem de antes.

Inclinou a cabeça sobre o peito, emitindo um som triste que lembrava um soluço, mas em seguida a ergueu com energia e trovejou:

— Ao largo!...

Os três navios soltaram os cabos e se distanciaram da ilha, levando consigo os últimos sobreviventes daquele bando assustador que durante doze anos espalhou tanto terror nos mares da Malásia.

Já haviam percorrido seis milhas quando um grito de fúria ecoou a bordo das embarcações.

Em meio às trevas, apareceram inesperadamente dois pontos luminosos, que corriam junto à flotilha com um fragor ameaçador.

— Os cruzadores!... — gritou uma voz. — Cuidado, amigos!

Sandokan, que estava sentado na popa com os olhos fixos na ilha que desaparecia lentamente entre as trevas, se levantou, soltando um verdadeiro rugido.

— O inimigo de novo! — exclamou ele com um tom intraduzível e estreitando junto ao peito a juvenzinha que se encontrava ao seu lado. — Até no mar vocês vêm me perseguir? Filhotes, aí estão os leões, vindo para cima de nós! Mantenham as armas em punho!

Não era preciso mais nada para animar os piratas, que ardiam de vontade de se vingar e que já se iludiam com a possibilidade de reconquistar a ilha perdida em um combate desesperado. Todos eles brandiram as armas, prontos para dar início à abordagem ao comando de seu chefe.

— Marianna — disse Sandokan, se voltando para a jovem que olhava aterrorizada aqueles dois pontos luminosos cintilando no meio da escuridão. — Vá para a sua cabine, minha querida!

— Deus todo poderoso, estamos perdidos! — murmurou ela.

— Ainda não; os tigres de Mompracem estão com sede de sangue.

— Podem ser dois cruzadores poderosos, Sandokan?

— Mesmo que estejam com mil homens embarcados, vamos abordar.

— Não entre em um novo combate, meu bravo amigo. Talvez aqueles dois navios não tenham nos avistado até agora e ainda possa ser possível enganá-los.

— É verdade, Lady Marianna — disse um dos chefes malaaios. — Estão nos procurando, disso eu tenho certeza, mas duvido muito que já tenham nos visto.

A noite está escura e não acendemos nenhum farol a bordo, por isso é impossível que já tenham descoberto a nossa presença.

Seja prudente, Tigre da Malásia. Se pudermos evitar uma nova luta, todos nós teremos a ganhar.

— Que seja — respondeu Sandokan após alguns minutos de reflexão. - Vou dominar por um momento a raiva que queima no meu coração para tentar escapar da abordagem, mas aí deles se quiserem me seguir na nova rota!... Estamos decididos a tudo, até a atacá-los.

— Mas não vamos comprometer inutilmente o último avanço dos tigres de Mompracem — disse o chefe malásio. — Sejam prudentes por ora.

A escuridão favorecia a retirada.

A um comando de Sandokan, o *praho* virou de bordo, apontando para a costa meridional da ilha, onde existia uma baía bastante profunda para abrigar uma pequena flotilha. Os outros dois barcos se apressaram a imitar a manobra, ao perceber qual era o plano do Tigre da Malásia.

O vento estava fresco e favorável, soprando de nordeste, assim havia uma possibilidade de os *prahos* atingirem a baía antes do nascer do sol.

— As duas naves mudaram a rota? — perguntou Marianna, que perscrutava o mar com grande ansiedade.

— É impossível saber por enquanto — respondeu Sandokan, que subira ao costado de popa para observar melhor os dois pontos luminosos.

— Parece que continuam ao largo, é isso mesmo, Sandokan? Talvez eu esteja enganada.

— Está enganada, sim, Marianna — respondeu o pirata depois de alguns instantes. — Aqueles dois pontos luminosos também viraram de bordo.

— E estão vindo em nossa direção?

— Parece que sim.

— E não vamos conseguir fugir deles? — perguntou a jovem com angústia.

— E como lutar com a máquina deles? O vento ainda está muito fraco para dar aos nossos navios uma velocidade suficiente para competir com o vapor. Mas quem sabe o amanhecer esteja próximo; quando o sol se aproxima, o vento sempre aumenta nestas regiões.

— Sandokan!

— Marianna...

— Estou com um pressentimento muito triste!

— Não precisa ter medo, minha querida. Os tigres de Mompracem estão prontos a morrer por você.

— Sei disso, Sandokan, mas temo por você também.

— Por mim! — exclamou o pirata com veemência. — Não tenho medo daqueles dois leopardos que estão nos perseguindo

para uma nova batalha. O Tigre foi vencido, sem dúvida, mas ainda não está domado.

— E se uma bala o atingir? Meu bom Deus! Que pensamento terrível, meu valente Sandokan!

— A noite está escura e não há nenhuma luz acesa a bordo de nossos navios e... — uma voz vinda do segundo *praho* interrompeu o que ele estava dizendo:

— Ei, irmão!

— O que você quer, Yanez? — perguntou Sandokan que reconhecera a voz do português.

— Parece que aqueles dois navios estão se preparando para barrar a passagem. Os faróis que estavam projetando uma luz vermelha, primeiro, agora ficaram verdes, e isso significa que aqueles barcos mudaram a rota.

— Então os ingleses já perceberam a nossa presença.

— Acho que sim, Sandokan.

— O que me aconselha a fazer?

— Movimentar-se ousadamente ao largo e tentar passar no meio do inimigo. Olhe: estão se distanciando um do outro para nos prender no meio.

O português não se enganara.

Os dois navios inimigos, que por algum tempo pareciam estar executando uma manobra misteriosa, haviam se distanciando bruscamente.

Enquanto um se dirigia para a costa setentrional de Mompracem, o outro se movia rapidamente para a meridional.

Já não era mais possível duvidar da intenção deles. Queriam se interpor entre os veleiros e a costa para impedi-los de procurar refúgio em algum lugar ou em alguma baía e obrigá-los a se pôr ao largo para depois atacar em pleno mar.

Sandokan, ao perceber isso, deu um grito de raiva.

— Ah! — gritou. — Estão querendo lutar comigo? Muito bem, vocês pediram!

— Ainda não, irmãozinho — gritou Yanez que subira para a proa do seu navio. — Vamos nos movimentar ao largo, tentando passar entre aqueles dois adversários.

— Vão nos alcançar, Yanez. O vento ainda está muito fraco.

— Temos que tentar, Sandokan. Ei! Vocês! Para a escota, vamos virar para oeste! Canhoneiros, a seus postos!

Um pouco depois, os três veleiros mudavam a rota e se dirigiam resolutamente para oeste.

Os dois navios, como se tivessem percebido aquela manobra audaciosa, de repente também mudaram de direção e se puseram ao largo.

Com certeza queriam prender os três *prahos* entre eles, antes que conseguissem aportar em alguma outra ilha.

Acreditando, contudo, que haviam se movido naquela direção por puro acaso, Sandokan e Yanez não mudaram a rota, ao contrário, ordenaram às tripulações que desdobrassem alguns estais para tentar avançar mais depressa.

Durante vinte minutos os três veleiros continuaram avançando, tentando escapar do afunilamento realizado pelas duas naves de guerra, que estavam tentando se unir.

Nenhum pirata tirava os olhos dos faróis, tentando adivinhar a manobra dos inimigos e, ao mesmo tempo, já se preparavam para fazer os canhões e os fuzis ecoarem ao primeiro comando dos chefes. Com alguns bordejos, já tinham se posto bastante ao largo quando viram os faróis mudando novamente de bordo.

Um momento depois ouviram Yanez gritar:

— Ei! Não perceberam que estão nos perseguindo?

— Ah! Canalhas! — urrou Sandokan, com um tom indescritível. — Até no mar vocês vêm me atacar! Muito bem, temos armas e chumbo para todos!

— Estamos perdidos, não é verdade, Sandokan? — disse Marianna, abraçando o pirata.

— Ainda não, minha menina — respondeu o Tigre. — Rápido, volte para a sua cabine. Em poucos minutos vai haver uma saraivada de balas na ponte do meu *praho*.

— Quero ficar ao seu lado, meu bravo amigo. Se você morrer, quero cair ao seu lado.

— Não, Marianna. Se eu a vir ao meu lado, ficarei com muito medo e talvez até perca a coragem. Preciso ficar livre para voltar a ser o Tigre da Malásia.

— Pelo menos espere até que aqueles navios estejam aqui. Talvez ainda não tenham nos visto.

— Estão vindo para cima de nós a todo vapor, minha querida. Já consigo vê-los.

— São navios poderosos?

— Uma corveta e uma canhoneira.

— Vocês não vão conseguir vencê-las.

— Somos corajosos e vamos atacar a maior delas. Vamos lá, volte para a sua cabine.

— Estou com medo, Sandokan! — exclamou a jovem soluçando.

— Não tenha medo. Os tigres de Mompracem vão lutar com uma coragem desesperada.

Naquele instante, um tiro de canhão ecoou ao largo. Uma bala passou com um ronco cavernoso por cima do *praho*, atravessando duas velas.

— Você ouviu? — perguntou Sandokan. — Já nos descobriram e estão se preparando para nos combater. Olhe para eles! Os dois estão se movimentando ao mesmo tempo, vindo para cima de nós para nos abalroar!

De fato, os dois navios inimigos avançavam a todo vapor, como se tivessem a intenção de passar por cima dos três pequenos veleiros.

A corveta forçava ao máximo as máquinas, expelindo grandes nuvens de fumaça avermelhada e escórias, rumando para o *praho* de Sandokan, enquanto a canhoneira tentava se jogar contra o que era comandado por Yanez.

— Para a sua cabine! — gritou Sandokan, no momento em que uma segunda canhonada era disparada da corveta. — Aqui só há morte.

Agarrou a juvenzinha entre os braços vigorosos e a levou para a cabine.

Naquele instante uma nuvem de metralhas varria a coberta do barco, cascadeando no casco e nos mastros.

Marianna se agarrou a Sandokan desesperadamente.

— Não me deixe, meu bravo amigo — disse com voz sufocada de angústia. — Não saia do meu lado! Estou com medo, Sandokan!

O pirata a afastou com força, mas também com doçura.

— Não tema por mim — disse. — Deixe-me lutar a última batalha, e que eu ouça ainda o ribombar da artilharia. Deixe-me conduzir mais uma vez os tigres de Mompracem à vitória.

— Estou com pressentimentos sinistros, Sandokan. Deixe-me ficar perto de você. Posso defender você contra as armas dos meus compatriotas.

— Um de nós já é suficiente para a perseguição dos inimigos no mar.

Naquele momento, o canhão ecoava furiosamente no mar. Na ponte se ouviam os gritos selvagens dos tigres de Mompracem e os gemidos dos primeiros feridos.

Sandokan, desvencilhado dos braços da jovem, se precipitou escada acima, gritando:

— Avante, meus bravos! O Tigre da Malásia está com vocês!

A batalha se acirrava de ambos os lados. A canhoneira atacara o *praho* do português, tentando abordar, mas de repente levava a pior.

Os atiradores de Yanez já a haviam maltratado bastante, esmigalhando as rodas, despedaçando os costados e finalmente amputando o mastro.

A vitória daquele lado não podia ser duvidosa, mas ainda havia a corveta, uma nave poderosa, armada com muitos canhões e com uma tripulação bastante numerosa.

Ela se arremessara para cima dos dois *prahos* de Sandokan, cobrindo de ferro e massacrando piratas.

A chegada do Tigre da Malásia deu novo ânimo aos combatentes, que começavam a se sentir impotentes diante de tantas perdas.

Aquele homem aterrorizante se lançou para um dos dois canhões, urrando com ferocidade assustadora:

— Avante, meus bravos! O Tigre da Malásia está com sede de sangue. Vamos varrer os mares e perseguir na água aqueles cães imundos que vieram nos desafiar!...

Mas a sua presença não foi suficiente para mudar a sorte daquela luta tremenda.

Embora não errasse nenhum golpe e tivesse despedaçado os costados da corveta com nuvens de metralha, as balas e as granadas choviam sem parar sobre o seu navio, destruindo os mastros e rasgando o ventre de seus homens.

Era impossível resistir a tanta fúria. Mais alguns minutos e os dois pobres *prahos* estariam reduzidos a duas chatas rasgadas.

Apenas o português lutava com vantagem, vencendo a canhoneira e a forçando a bordejos desastrosos.

Sandokan percebeu a gravidade da situação com um único olhar.

Ao ver o outro *praho* já sem mastros e quase afundando, abordou e fez com que os sobreviventes embarcassem em seu próprio barco. Depois, brandindo a cimitarra, berrou:

— Vamos, filhotes!... Abordar!...

O desespero multiplicava por cem a força dos piratas.

Dispararam em um único golpe os dois canhões e as balistas para varrer os fuzileiros que ocupavam o costado e, a seguir, trinta valentes piratas lançaram os arpéus de abordagem.

— Não tenha medo, Marianna! — gritou Sandokan uma última vez, ao ouvir a jovem chamar por ele. Em seguida, enquanto Yanez, com muito mais sorte que todos, mandava a canhoneira pelos ares, depois de atirar uma granada no depósito de munições, subiu para a abordagem à frente de seus homens e se lançou para a ponte do inimigo como um touro ferido.

— Abram caminho! — trovejou, brandindo sua terrível cimitarra. — Sou o Tigre!...

Seguido por seus homens, começou a lutar contra os marinheiros que acorriam com os machados erguidos e os rechaçou até a popa, mas da proa irrompia outra multidão de homens guiados por um oficial que Sandokan reconheceu de repente.

— Ah! É você, baronete! — exclamou o Tigre, se precipitando contra ele.

— Onde está Marianna? — perguntou o oficial com a voz sufocada pela fúria.

— Está aqui — respondeu Sandokan. — Tente capturá-la.

Derrubou-o com um golpe de cimitarra, depois se jogou para cima dele e plantou o *kriss* no seu coração. Mas quase no mesmo instante se estatelou na ponte do barco, atingido no crânio pelo dorso de um machado...

QUANDO VOLTOU A SI, AINDA MEIO atordoado por causa do forte golpe que recebera no crânio, não se encontrava mais livre na ponte do seu próprio navio, e sim acorrentado no porão da corveta.

Primeiro achou que estava tendo um sonho terrível, mas a dor que ainda lhe martelava o cérebro, a carne rasgada em vários locais pela ponta das

baionetas e, principalmente, as correntes que lhe prendiam os pulsos o trouxeram de volta à realidade.

Ergueu-se sacudindo furiosamente os ferros e lançou ao redor um olhar desnortado, como se ainda não tivesse certeza de estar ou não em seu veleiro. Em seguida, um grito irrompeu dos seus lábios, o grito de uma fera ferida.

— Prisioneiro!... — exclamou arreganhando os dentes e tentando torcer as correntes. — Mas o que aconteceu, afinal?... Fomos vencidos mais uma vez pelos ingleses?... Morte e danação!... Que despertar medonho! E Marianna?... O que aconteceu com aquela pobre menina? Talvez esteja morta!...

Um terrível espasmo apertou seu coração àquele pensamento.

— Marianna! — berrou, continuando a torcer as correntes. — Minha pequena adorada, onde está você?... Yanez!... Juioko!... Filhotes!... Ninguém responde!... Todos vocês estão mortos, então?... Mas não, é impossível, estou sonhando ou enlouqueci!

Aquele homem, que até então não conhecera o medo, naquele momento o sentiu. Percebeu que estava prestes a perder a razão e olhou em torno com espanto.

— Mortos!... Estão todos mortos!... — exclamou com angústia. — Só eu sobrevivi ao massacre, quem sabe para ser arrastado a Labuan!...

Marianna!... Yanez, meu bom amigo!... Juioko!... Até você, meu bravo homem, caiu sob as armas ou o chumbo dos chacinadores!...

Teria sido melhor que eu também estivesse morto e arrastado para o fundo do mar junto com o meu navio.

Deus, que catástrofe!...

Em seguida, tomado por um ímpeto de desespero ou de loucura, se arremessou através do porão, sacudindo furiosamente as correntes e gritando:

— Venham me matar!... Venham me matar!... O Tigre da Malásia não pode mais viver!...

De repente se deteve ao ouvir uma voz gritar:

— O Tigre da Malásia!... O capitão ainda está vivo?

Sandokan olhou em volta.

Uma lanterna suspensa a uma extremidade iluminava escassamente o porão, mas aquela luz era suficiente para que pudesse distinguir uma pessoa.

No início Sandokan só viu as botas, mas depois, olhando melhor, distinguiu uma forma humana acorçada junto à carlinga do mastro principal.

— Quem é você? — gritou.

— Quem é que está falando no Tigre da Malásia? — perguntou, por sua vez, a primeira voz.

Sandokan estremeceu e um lampejo de alegria brilhou em seus olhos. Aquele sotaque não lhe era estranho.

— Há algum dos meus homens aqui? — perguntou. — Juioko, talvez.

— Juioko?... Mas então me conhece? Então não estou morto!...

O homem se ergueu, sacudindo sinistramente as correntes e se adiantou.

— Juioko?... — exclamou Sandokan.

— O capitão! — exclamou o outro.

Depois, se jogando à frente, caiu aos pés do Tigre da Malásia, repetindo:

— O capitão!... O meu capitão!... E eu que estava lamentando a sua morte!...

Aquele novo prisioneiro era o comandante do terceiro *praho*, um valoroso *dayaco* que gozava de uma fama enorme entre os bandos de Mompracem por sua coragem e por sua habilidade como marinheiro.

Era um homem de estatura alta, bem proporcionado, como são em geral os borneanos do interior, com olhos grandes e

inteligentes e pele amarelo-ouro.

Como seus compatriotas, usava cabelos longos e enfeitava braços e pernas com um grande número de anéis de ramos e de latão.

Ao se ver diante do Tigre da Malásia, o bravo homem chorava e ria ao mesmo tempo.

— Vivo!... Ainda está vivo!... — exclamava. — Mas que felicidade!... Ao menos o senhor escapou do massacre.

— Do massacre?... — gritou Sandokan. — Então estão todos mortos, todos os bravos que eu estava levando para a abordagem desta nave?...

— Ai de mim!... Estão. Todos — respondeu o *dayaco* com voz entrecortada.

— E Marianna? Desapareceu junto com o *praho*? Responda, Juioko, responda!

— Não, ainda está viva.

— Viva!... A minha menina está viva!... — berrou Sandokan fora de si de tanta alegria. — Você tem certeza do que está dizendo?

— Tenho, meu capitão. O senhor tinha caído, mas eu e mais quatro companheiros ainda estávamos resistindo e vimos quando a jovem dos cabelos de ouro foi levada para a ponte da nave.

— Por quem?

— Pelos ingleses, capitão. A jovem, assustada com a água que invadia a cabine, subiu para a cobertura chamando o senhor em altos brados.

Alguns marinheiros, ao vê-la, se prontificaram a jogar uma chalupa ao mar e recolhê-la. Se tivessem demorado mais alguns minutos, a jovem teria desaparecido no turbilhão aberto pelo *praho*.

— E ainda estava viva?...

— Estava, capitão. Ela ainda chamava pelo senhor enquanto a levavam para a ponte.

— Maldição!... Eu não pude correr para ajudá-la.

— Mas nós tentamos, capitão. Éramos apenas quatro e estávamos cercados por mais de cinquenta homens que nos intimavam a capitular. Mesmo assim, nós nos atiramos contra os marinheiros que estavam levando a rainha de Mompracem. Mas éramos muito poucos para manter uma luta. Eu fui derrubado, pisoteado, depois carregado e arrastado para cá.

— E os outros?

— Acabaram sendo mortos depois de terem massacrado aqueles que os cercavam.

— Então Marianna está a bordo desta nave?

— Está, Tigre da Malásia.

— Tem certeza de que não foi levada para a canhoneira?

— Acho que a canhoneira já está navegando embaixo da água — disse Juioko.

— O que quer dizer com isso?

— Que foi afundada.

— Por Yanez?

— Por ele mesmo, capitão.

— Então Yanez ainda está vivo.

— Um pouco antes de me arrastarem para cá, vi o *praho* dele a uma grande distância, fugindo a todo pano.

Durante a nossa luta, puseram fora de combate a canhoneira, esmigalhando as rodas e depois atearam fogo. Vi as chamas se erguendo do mar e ouvi, um pouco depois, um estrondo a distância. Devia ser o depósito de munições explodindo.

— E nenhum dos nossos conseguiu fugir?

— Nenhum, capitão — disse Juioko com um suspiro.

— Todos mortos! — murmurou Sandokan com uma dor aguda, segurando a cabeça com as mãos. — E você viu Singal cair, o mais corajoso e o mais velho campeão da pirataria?

— Estatelado ao meu lado, com uma bala de balista no peito.

— E Sangan, o leão das Romades?

— Vi quando ele caiu no mar com a cabeça despedaçada por um fragmento de metralha.

— Que massacre!... Pobres companheiros!...

Ah! Que triste fatalidade pesava sobre os últimos tigres de Mom-pracem!

Sandokan se calou, imerso em pensamentos dolorosos. Embora sempre tivesse se julgado forte, finalmente se sentia acabrunhado por aquele desastre que lhe custara a perda da sua ilha, a morte de quase todos os bravos homens que até então o seguiram em mais de cem batalhas e, por último, a perda da jovem amada.

Em um homem desses, contudo, o desânimo não podia durar muito tempo. Ainda não haviam transcorrido dez minutos quando Juioko viu que ele se erguia de um salto, com o olhar faiscante.

— Diga uma coisa — falou, então, se voltando para o *dayaco*. — Acha que Yanez está nos seguindo?

— Tenho certeza que sim, meu capitão. O senhor Yanez não nos abandonaria em uma hora dessas.

— É o que eu espero também — disse Sandokan. — Um outro homem, no lugar dele, teria se aproveitado da minha desventura para fugir com as imensas riquezas que estão no *praho*, mas ele não. Ele é uma pessoa leal demais para me trair.

— E a que conclusão o senhor chegou, capitão?

— Que nós vamos fugir.

O *dayaco* olhou para ele com estupor, perguntando a si mesmo se o Tigre da Malásia tinha perdido o juízo.

— Vamos fugir!... — exclamou. — E como? Nem ao menos temos uma arma e, além de tudo, estamos acorrentados.

— Tenho os meios para fazer com que me joguem ao mar.

— Não estou entendendo, capitão. Quem vai jogar o senhor na água?

— Quando um homem morre a bordo de uma nave, o que se faz com ele?

— É colocado em uma rede, junto com uma bala de canhão, e enviado para fazer companhia aos peixes.

— Pois é isso o que vão fazer conosco — disse Sandokan.

— O senhor quer se suicidar?

— Quero, mas de um jeito que me permita voltar a viver depois.

— Hum!... Tenho as minhas dúvidas, Tigre da Malásia.

— Pois eu insisto que vamos despertar vivos e livres no mar.

— Se o senhor diz, tenho que acreditar.

— Tudo depende de Yanez.

— Ele deve estar longe.

— Mas se está seguindo a corveta, cedo ou tarde vai nos recolher.

— E depois?

— Depois voltaremos a Mompracem ou a Labuan para libertar Marianna.

— Acho que estou sonhando.

— Duvida do que estou dizendo?

— Um pouco, confesso, meu capitão. Principalmente quando penso que não temos nem sequer um *kriss*.

— Não vamos precisar.

— E que estamos acorrentados.

— Acorrentados! — exclamou Sandokan. — O Tigre da Malásia pode despedaçar os ferros que o mantêm prisioneiro.

Que me voltem as forças!... Olhe!...

Torceu os elos com fúria e em seguida, com um puxão irreprimível, abriu-os e jogou a corrente para longe.

— Agora o Tigre está livre!... — gritou.

Quase no mesmo instante, a escotilha de popa foi aberta e a escada rangeu sob os passos de alguns homens.

— Chegaram!... — exclamou o *dayaco*.

— Agora acabo com todos!... — berrou Sandokan, tomado por um tremendo acesso de fúria.

Pegou uma manivela quebrada que estava no chão e fez menção de se arremessar para a escada. O *dayaco* rapidamente o deteve.

— Está querendo que eles matem o senhor, capitão? — disse. — Não se esqueça de que há mais duzentos homens na ponte, e de que estão armados.

— É verdade — respondeu Sandokan, jogando para longe a manivela. — O Tigre está domado!...

Três homens avançaram na direção deles. Um era capitão-tenente, provavelmente o comandante da corveta, e os outros dois eram marinheiros.

A um gesto de seu chefe, os dois últimos encaixaram a baioneta e apontaram as carabinas para os dois piratas.

Um sorriso de desdém surgiu nos lábios do Tigre da Malásia.

— O senhor está com medo, talvez? — perguntou ele. — Ou desceu para me emprestar esses dois homens armados, senhor tenente?... Vou avisando que os fuzis não me assustam, por isso o senhor não precisava se expor a um espetáculo tão grotesco.

— Sei que o Tigre da Malásia não tem medo — respondeu o tenente. — Apenas tomei precauções.

— No entanto, eu estou desarmado, senhor.

— Mas não está mais acorrentado, me parece.

— Não sou homem de aguentar muito tempo as correntes no pulso.

— Uma bela força, pelo que vejo, senhor.

— Deixe de conversa fiada, senhor, e diga o que quer.

— Fui enviado aqui para ver se precisa de algum cuidado.

— Não estou ferido, senhor.

— Mas levou uma pancada no crânio.

— Que o meu turbante foi suficiente para apapar.
— Mas que homem! — exclamou o tenente, com admiração sincera.
— Já acabou?
— Ainda não, Tigre da Malásia.
— Então vamos, o que quer?
— Uma dama me enviou aqui.
— Marianna? — gritou Sandokan.
— Ela mesma, Lady Guillonk — respondeu o tenente.
— Então é mesmo verdade que está viva? — perguntou Sandokan, enquanto uma onda de sangue subia para o seu rosto.
— Está, Tigre da Malásia. Eu a salvei no momento em que o seu *praho* estava prestes a afundar.
— Oh!... Fale um pouco dela, eu imploro!...
— E para quê? Eu aconselharia o senhor a esquecê-la.
— Esquecê-la! — exclamou Sandokan. — Oh!... Isso nunca!...
— Lady Guillonk está perdida para o senhor. Que esperança pode ter ainda?...
— É verdade — murmurou Sandokan com um suspiro. — Sou um homem condenado à morte, não é verdade?
O tenente não respondeu, mas aquele silêncio valia tanto quanto uma afirmação.
— Assim estava escrito — respondeu Sandokan depois de alguns segundos. — As minhas vitórias devem me proporcionar uma morte ignominiosa. Para onde vão me levar?

— Para Labuan.

— Vão me enforcar?

Mais uma vez o tenente ficou em silêncio.

— Pode me dizer com franqueza — disse Sandokan. — O Tigre da Malásia nunca tremeu diante da morte.

— Sei disso. O senhor a desafiou em mais de cem abordagens e todo mundo sabe que é o homem mais corajoso de Bornéu.

— Então diga tudo o que sabe.

— O senhor não se enganou, vai ser enforcado.

— Preferiria a morte dos soldados.

— O fuzilamento, não é verdade?

— É — respondeu Sandokan.

— Se fosse eu, pouparia a sua vida e lhe daria um comando no exército da Índia — disse o tenente. — Homens audaciosos e corajosos como o senhor são raros nos dias de hoje.

— Obrigado por suas boas intenções, mas elas não vão me salvar da morte.

— Com certeza, senhor. Mas o que queria? Os meus compatriotas, mesmo admirando a sua coragem extraordinária, ainda têm medo do senhor e não vão conseguir viver tranquilos enquanto não estiver longe daqui.

— No entanto, tenente, quando vocês me atacaram, eu estava dando adeus à minha vida de pirata e a Mompracem.

Estava indo para longe destes mares, não porque tivesse medo dos seus compatriotas, pois, se quisesse, poderia reunir na minha ilha milhares de piratas e armar centenas de *prahos*, mas apenas porque, acorrentado por Marianna, depois de tantos anos de lutas sangüinárias, desejava uma vida tranquila ao lado da mulher que eu amo. O destino não quis que eu conseguisse realizar esse sonho tão caro. Que seja. Mas queria que o senhor me matasse: prefiro morrer na mão de um homem forte.

— Então não ama mais Lady Guillonk?

— Se a amo! — exclamou Sandokan com uma entonação quase dilacerante. — O senhor não pode fazer ideia da paixão que aquela jovem despertou no meu coração.

Escute, ponha aqui Mompracem e Marianna lá, e eu abandonarei a primeira por causa da segunda. Dê-me a liberdade com a condição de nunca mais rever aquela jovem e vai me ver recusar.

O que quer mais?

Olhe! Estou desarmado, praticamente sozinho, no entanto, se eu tivesse a menor esperança de poder salvar Marianna, me sentiria capaz de qualquer esforço, até de abrir os flancos deste barco para mandar todos vocês para o fundo do mar!

— Somos mais numerosos do que o senhor imagina — disse o tenente com um sorriso de incredulidade. — Sabemos o quanto vale e do que é capaz, por isso tomamos as nossas precauções para deixá-lo impotente.

Sendo assim, não faça nenhuma tentativa: seria inútil. Uma bala de fuzil pode matar o homem mais corajoso do mundo.

— Prefiro isso à morte que me espera em Labuan — disse Sandokan com desespero soturno.

— Acredito, Tigre da Malásia.

— Mas ainda não estamos em Labuan, e poderia acontecer alguma coisa antes de chegarmos.

— O que está querendo dizer? — perguntou o tenente, olhando para ele com certa apreensão. — Está pensando em suicídio?

— O que isso importa ao senhor? Se eu morrer de um jeito ou de outro, o resultado seria o mesmo.

— Talvez eu não impeça o senhor, disse o tenente. — Confesso que me incomoda demais vê-lo ser enforcado.

Sandokan ficou silencioso por um momento, olhando fixamente para o tenente, como se duvidasse daquelas palavras, e depois perguntou:

— Não se oporia ao meu suicídio?

— Não — respondeu o tenente. — Não negaria um favor a um homem de valor como o senhor.

— Então me considere um homem morto.

— Mas não vou oferecer os meios de acabar com a sua vida.

— Tenho o necessário comigo.

— Talvez algum veneno?

— Fulminante. Mas antes de ir para o outro mundo, gostaria de pedir um favor ao senhor.

— Não se pode recusar nada um homem que está prestes a morrer.

— Quero ver Marianna pela última vez.

O tenente ficou mudo.

— Eu imploro — insistiu Sandokan.

— Recebi a ordem de mantê-los separados no caso de ter a sorte de capturá-los.

E, além disso, acho que seria melhor, para o senhor e para Lady Marianna, não se verem mais. Para que fazê-la chorar?

— O senhor está me negando isso por um refinamento de crueldade? Eu não acreditava que um bravo marinheiro pudesse se transformar em um tirano.

O tenente empalideceu.

— Eu juro que recebi essa ordem — disse depois. — Sinto muito que duvide da minha palavra.

— Perdoe-me — disse Sandokan.

— Não sou de guardar rancor e, para demonstrar que não tenho mais ódio algum contra um homem valente como o senhor, prometo trazer Lady Guillonk até aqui.

Mas vai causar uma grande dor a ela, o senhor vai ver.

— Não vou falar sobre o suicídio.

— Mas então, o que vai dizer?

— Deixei imensos tesouros em um lugar escondido, e ninguém sabe disso.

— E quer que sejam dela?

— Quero, para que use como melhor lhe aprouver. Tenente, quando posso vê-la?

— Antes que a noite caia.

— Obrigado, senhor.

— Mas prometa que não vai falar no suicídio.

— Tem a minha palavra. Mesmo assim, acredite, é terrível ter que morrer, quando já pensava gozar a felicidade ao lado daquela jovem que amo tanto.

— Acredito.

— Teria sido melhor afundar o meu *praho* em alto-mar. Pelo menos eu teria descido aos abismos marinhos abraçado à minha noiva.

— E para onde ia quando os nossos navios atacaram os seus?

— Para longe, muito longe, talvez para a Índia ou para alguma ilha do grande oceano. Paciência. Acabou. Que se cumpra o meu destino.

— Adeus, Tigre da Malásia — disse o tenente.

— O senhor me prometeu.

— Em poucas horas vai rever Lady Marianna.

O tenente chamou os soldados que haviam libertado Juioko das correntes e subiu devagar para a coberta. Sandokan ficou ali, olhando, com os braços cruzados e um sorriso estranho nos lábios.

— Ele trouxe boas notícias? — perguntou Juioko se aproximando.

— Esta noite estaremos livres — respondeu Sandokan.

— Mas e se a fuga não funcionar?

— Então vamos abrir os flancos desta nave e morreremos todos; nós, mas eles também. No entanto, vamos esperar. Marianna vai nos ajudar.

DEPOIS QUE O TENENTE FOI embora, Sandokan se sentou no último degrau da escada, com a cabeça entre as mãos, imerso em profundos pensamentos.

Uma imensa dor transparecia em suas feições. Se fosse capaz de chorar, muitas lágrimas teriam corrido por suas faces.

Juioko estava de cócoras, a uma pequena distância, olhando para o chefe com muita ansiedade.

Vendo que ele se encontrava absorto em seus pensamentos, não ousava interrogá-lo sobre os planos futuros.

Haviam transcorrido cerca de quinze ou vinte minutos, quando a escotilha voltou a ser erguida.

Ao ver entrar um jorro de luz, Sandokan se ergueu precipitadamente e olhou para a escada.

Uma dama vinha descendo depressa os degraus. Era a jovem de cabelos de ouro, pálida, ou melhor, lívida, e em lágrimas.

O tenente a acompanhava, mantendo, contudo, a mão direita na coronha da pistola que colocara na cintura.

Sandokan deu um salto sobre os pés e um grito, e depois se arremessou para a noiva e a apertou com força contra o peito.

— Meu amor — exclamou e a levou para o lado oposto do porão, enquanto o comandante se sentava no meio da escada, com os braços cruzados e a fronte obscura. — Finalmente consigo rever você!

— Sandokan — murmurou ela, explodindo em soluços. — Achei que nunca mais o veria!...

— Coragem, Marianna, não chore, isso é cruel. Enxugue essas lágrimas que estão me torturando.

— Meu coração está em pedaços, meu pobre amigo. Ah! Não quero que morra, não quero que separem você de mim! Vou defender você contra todos, vou conseguir a sua liberdade, quero que seja meu para sempre.

— Seu!... — exclamou ele dando um suspiro profundo. — Está bem, vou ser seu, mas quando?

— Por que quando?

— Mas você ainda não sabe, minha pobre menina, que estão me levando para Labuan para me matar?

— Mas eu vou salvar você.

— Você pode fazer isso, sim, se me ajudar.

— Então já existe um plano! — exclamou ela radiante de alegria.

— Já, e que Deus me proteja. Escute, meu amor.

Deu um olhar desconfiado para o tenente, que não tinha se movido do lugar, e depois, levando a jovem o mais longe possível, disse:

— Estou planejando uma fuga e tenho esperança de conseguir executá-la, mas você não pode vir comigo.

— Por que, Sandokan? Duvida que eu seja capaz de seguir você? Está com medo de que talvez me falte a coragem para enfrentar os perigos? Sou decidida e não tenho mais medo de nada; se quiser, posso apunhalar as sentinelas e mandar este navio pelos ares, com todos os homens dentro se for preciso.

— É impossível, Marianna. Daria metade do meu sangue para levar você comigo, mas não posso. Preciso da sua ajuda para fugir, ou tudo terá sido em vão, mas juro que você não vai ficar muito tempo entre os seus compatriotas, nem que eu tenha que levantar um exército com as minhas enormes riquezas para comandá-lo contra Labuan.

Marianna escondeu o belo rosto entre as mãos enquanto grandes lágrimas o inundavam.

— Ficar aqui, sem você — murmurou com voz dilacerada.

— É preciso, minha pobre menina. Escute-me agora.

Puxou do peito uma caixinha microscópica, abriu e mostrou a Marianna algumas pílulas de cor avermelhada, que exalavam um cheiro muito penetrante.

— Está vendo estas pílulas? — perguntou. — Elas contêm um veneno poderoso, mas não mortal, que tem a capacidade de suspender a vida de um homem forte durante seis horas. É um sono que se assemelha perfeitamente com a morte e que engana até mesmo o médico mais esperto.

— E que você vai fazer?

— Eu e o Juioko vamos tomar uma cada um; vão pensar que morremos e vão nos jogar no mar. Mas depois nós ressuscitamos completamente livres na água.

— Mas vocês não vão se afogar?

— Não, pois estou contando com você para isso.

— O que tenho que fazer? Fale, comande, Sandokan, estou preparada para qualquer coisa para ver você livre.

— São seis horas — disse o pirata retirando o seu cronômetro. — Dentro de uma hora, eu e o meu companheiro vamos tomar as pílulas e dar um grito agudo. Você vai marcar no seu relógio o minuto exato em que dermos esse grito, vai contar seis horas e, dois segundos antes de completá-las, fará com que nos joguem ao mar. Tente conseguir que nos deixem sem a rede e sem a bala nos pés, e procure jogar algumas boias no mar para nos ajudar e, quem sabe, esconder uma arma embaixo das nossas roupas. Entendeu tudo?

— Guardei tudo na memória, Sandokan. Mas para onde vai depois?

— Tenho certeza de que Yanez está nos seguindo e ele vai nos recolher. Mais tarde, vou reunir armas e piratas e venho libertar você, nem que tenha que passar Labuan a ferro e fogo e exterminar todos os habitantes.

Interrompeu-se e enfiou as unhas na carne.

— Maldito seja o dia em que me chamaram de Tigre da Malásia, maldito seja o dia em que me tornei vingador e pirata, atraindo o ódio do povo que se interpõe, como um espectro horrível, entre mim e esta jovem divina!... Se nunca tivesse me transformado neste homem sanguinário, pelo menos não teria sido acorrentado a bordo deste navio, nem arrastado para o patíbulo, nem jamais afastado desta mulher que amo tão intensamente!

— Sandokan!... Não fale assim.

— Está certo, você tem razão, Pérola de Labuan. Deixe-me olhar para você uma última vez — disse, ao ver o tenente se levantar e se aproximar.

Ergueu a cabeça loura de Marianna e a beijou no rosto como um insano.

— Mas como eu amo você, criatura sublime!... — exclamou ele fora de si. — E pensar que temos que nos separar!...

Sufocou um gemido e enxugou rapidamente uma lágrima que rolava em seu rosto moreno.

— Vá embora, Marianna, vá embora — disse bruscamente. — Se você ficar, vou chorar como uma criança.

— Sandokan!... Sandokan!...

O pirata escondeu o rosto nas mãos e deu dois passos para trás.

— Ah! Sandokan! — exclamou Marianna com uma voz dilacerada.

Quis se jogar para ele, mas lhe faltaram forças e ela caiu nos braços do tenente que se aproximara.

— Vão embora! — gritou o Tigre da Malásia, indo para longe e escondendo o rosto.

Quando olhou para trás, a escotilha já fora baixada.

— Acabou-se! — exclamou com voz triste. Só me resta adormecer nas ondas do mar malásio. Que eu possa um dia rever, feliz, a mulher que eu amo tanto!...

Deixou-se cair aos pés da escada com o rosto entre as mãos e ficou assim por quase uma hora. Juioko o arrancou daquele mutismo desesperado.

— Capitão — disse. — Coragem, não podemos perder a esperança.

Sandokan ficou de pé com um gesto enérgico.

— Vamos fugir.

— Não peço nada mais do que isso.

Puxou a caixinha e retirou duas pílulas, entregando uma ao *dayaco*.

— Você tem que tomar ao meu sinal — disse.

— Estou pronto.

Retirou o relógio e olhou.

— Faltam dois minutos para as sete — recomeçou Sandokan. — Daqui a seis horas voltaremos à vida, livres no mar.

Fechou os olhos e engoliu a pílula, enquanto Juioko fazia o mesmo. Imediatamente aqueles dois homens começaram a se contorcer, dominados por um violento e inesperado espasmo, em seguida despencaram no chão, emitindo gritos agudos...

Aqueles gritos, apesar do resfolegar da máquina e do ruído das ondas levantadas pelas rodas poderosas, foram ouvidos por todos na coberta e também por Marianna que já estava esperando por isso tomada por uma viva angústia.

O tenente desceu precipitadamente para o porão, seguido por alguns oficiais e pelo médico de bordo. Ao pé da escada esbarrou nos dois pseudocadáveres.

— Estão mortos — disse. — Aconteceu o que estávamos temendo.

O médico os examinou, mas aquele bravo homem não podia fazer nada mais do que constatar a morte dos dois prisioneiros.

Enquanto os marinheiros os erguiam, o tenente subiu para a coberta e se aproximou de Marianna, que estava apoiada sobre o costado de bombordo, fazendo um esforço sobre-humano para sufocar a dor que a oprimia.

— Milady — disse ele. — Aconteceu uma desgraça com o Tigre e com o seu companheiro.

— Posso adivinhar... Estão mortos.

— É verdade, milady.

— Senhor — disse ela com voz rouca, mas enérgica. — Vivos, eles pertenciam ao senhor, mortos, pertencem a mim.

— Eu a deixo livre para fazer o que mais lhe agradar, mas gostaria de lhe dar um conselho.

— Qual?

— Mande que os joguem no mar antes que o cruzador chegue a Labuan. Seu tio pode fazer com que enforcem Sandokan, mesmo morto.

— Aceito o seu conselho; mande trazerem os dois cadáveres para a popa e me deixe sozinha com eles.

O tenente se inclinou e deu as ordens necessárias para que fosse cumprida a vontade da jovem Lady.

Um instante depois, os dois piratas eram colocados sobre duas mesas e levados para a popa, prontos para serem jogados no mar.

Marianna se ajoelhou ao lado de Sandokan, já enrijecido, e contemplou silenciosamente aquele rosto descomposto pela ação poderosa do narcótico, mas que ainda conservava aquela máscara de orgulho, capaz de incutir temor e respeito.

Esperou até que ninguém estivesse observando e que as trevas tivessem caído, retirou dois punhais do corpete e os escondeu embaixo da roupa dos dois piratas.

— Pelo menos vocês poderão se defender, meus bravos — murmurou ela com profunda emoção.

Depois, sentada aos pés deles, começou a contar as horas no relógio, minuto a minuto, segundo a segundo, com uma paciência inacreditável.

Quando faltavam vinte para uma se levantou, pálida, mas decidida. Aproximou-se das paredes de bombordo e, sem ser vista, retirou dois salva-vidas e jogou no mar. Em seguida caminhou até a proa e se deteve diante do tenente que parecia estar esperando por ela.

— Senhor — disse — que se cumpra a última vontade do Tigre da Malásia.

A uma ordem do tenente, quatro marinheiros foram para a popa e levaram as duas mesas sobre as quais estavam os cadáveres até a extremidade lateral.

— Ainda não — disse Marianna, rompendo em prantos.

Aproximou-se de Sandokan e pousou os lábios nos dele. Com aquele contato, sentiu uma leve tepidez e uma espécie de tremor. Teve um momento de hesitação e disse com voz sufocada:

— Podem levá-los!

Os marinheiros levantaram as duas mesas e os dois piratas deslizaram para o mar, afundando nas ondas negras, enquanto o barco se distanciava rapidamente, levando a jovem desventurada para as costas da ilha maldita.

A SUSPENSÃO DA VIDA, como dissera Sandokan, deveria durar seis horas, nem um segundo a mais, nem um segundo a menos, e assim deveria ser na realidade pois, no instante em que mergulharam, os dois piratas voltaram a viver, sem que sentissem a menor alteração em suas forças.

Voltando à tona com um vigoroso golpe dos calcanhares, giraram rapidamente os olhos ao redor. Avistaram o cruzador a uma pequena distância, rumando para o oriente a uma velocidade baixa.

A primeira reação de Sandokan foi a de segui-lo, enquanto Juioko, ainda bastante aturdido com aquela estranha, e para ele inexplicável, ressurreição, se punha prudentemente ao largo.

No entanto, o Tigre dominou o ímpeto quase imediatamente e se deixou embalar pelas ondas, mantendo, contudo, os olhos fixos naquele navio que lhe raptava a jovem infeliz. Um grito sufocado irrompeu de seu peito e se extinguiu nos lábios encrespados.

— Perdida! — exclamou com voz fraca de dor.

Foi tomado por um rompante de loucura e, por algum tempo, se pôs a seguir o vapor, se debatendo furiosamente na água, depois se deteve e ficou olhando para o navio que aos poucos desaparecia nas trevas.

— Está fugindo, nave maldita, levando a metade do meu coração, mas, por mais amplo que seja o oceano, um dia eu vou alcançá-lo e rasgar os seus flancos!

Começou a nadar com raiva e alcançou Juioko, que o esperava ansiosamente.

— Vamos — disse com voz estrangulada. — Está tudo acabado.

— Coragem, capitão, vamos salvá-la e, talvez, mais cedo do que o senhor imagina.

— Cale-se!... Não abra de novo a ferida que ainda está sangrando.

— Vamos procurar o senhor Yanez, capitão.

— Está certo, vamos procurá-lo, pois só ele pode nos salvar.

O vasto mar da Malásia se estendia diante deles, enterrado em uma escuridão compacta, sem nenhuma ilhota em que pudessem ficar, sem uma vela ou uma luz que assinalasse a presença de uma nave amiga ou inimiga.

Para qualquer lado que olhassem só viam ondas espumantes se chocando umas contra as outras com enorme estrondo, atiradas pelo vento noturno.

Os dois nadadores, para conservar as forças cada vez mais preciosas naquela terrível situação, nadavam lentamente a uma pequena distância um do outro, procurando avidamente uma vela na superfície.

De vez em quando, Sandokan se detinha e voltava a olhar em direção ao oriente, como se ainda tentasse avistar os faróis do navio a vapor, e depois prosseguia no seu caminho, dando suspiros profundos.

Já haviam percorrido cerca de uma milha e começavam a se desembaraçar das roupas para ter mais liberdade de movimentos, quando Juioko colidiu contra um objeto que se afastou.

— Um peixe-cão! — exclamou ele com um calafrio e erguendo o punhal.

— Onde? — perguntou Sandokan.

— Mas... não, não é um tubarão! — recomeçou o *dayaco*. — Parece uma boia.

— É um dos salva-vidas que Marianna jogou! — exclamou Sandokan. — Ah! Minha menina extraordinária!...

— Tomara que não seja o único.

— Vamos procurar, meu amigo.

Começaram a nadar em círculos, procurando em toda parte, e depois de alguns minutos conseguiram encontrar o outro, não muito distante do primeiro.

— Eu não esperava tamanha sorte — disse Juioko com um tom alegre. — Aonde vamos agora?

— A corveta estava vindo de noroeste, então acho que vai ser nessa direção que vamos encontrar Yanez.

— Vamos mesmo encontrar com ele?

— Espero que sim — respondeu Sandokan.

— Mas talvez isso só aconteça daqui a muitas horas. O vento está fraco e o *praho* do senhor Yanez não deve vir muito

rápido.

— O que importa? Vou encontrá-lo nem que precise ficar na água por mais vinte e quatro horas — disse Sandokan.

— E não está esquecendo os peixes-cães, capitão? — O senhor sabe que esses tubarões ferozes são muito abundantes nestes mares.

Involuntariamente Sandokan estremeceu e deu uma olhada inquieta ao redor.

— Até este instante não vi aparecer nenhuma cauda nem barbatana — disse a seguir. — Vamos torcer para que os tubarões nos deixem tranquilos.

E agora a caminho, vamos para noroeste. Se não encontrarmos Yanez, continuando nesta direção chegamos a Mompracem ou aos recifes que se estendem para o sul.

Aproximaram-se mais um do outro, para que pudessem proteger um ao outro em caso de perigo, e começaram a nadar para a direção escolhida, tentando, contudo, poupar forças, pois sabiam que a terra estava muito longe.

Embora ambos estivessem decididos a tudo, o medo de serem surpreendidos a qualquer momento por algum peixe-cão tomava conta dos seus corações.

Principalmente o *dayaco* se sentia invadido por um verdadeiro terror. De vez em quando, se detinha para olhar sobre os ombros, achando que estava ouvindo golpes de uma cauda e uma respiração rouca atrás de si e, instintivamente, encolhia as pernas com medo de sentir a mordida dos dentes assustadores daqueles tigres do mar.

— Eu nunca tinha tido medo até hoje — dizia ele. — Participei de mais de cinquenta abordagens, matei muitos inimigos com as minhas próprias mãos e lutei até mesmo com os grandes macacos de Bornéu e com os tigres das selvas, e agora estou tremendo de medo como se estivesse com febre.

A ideia de me ver, de um instante para o outro, diante de um daqueles tubarões tão ferozes me gela o sangue. Capitão, não está vendo nada?

— Não — respondia invariavelmente Sandokan com voz tranquila.

— Parece que eu ouvi uma respiração rouca atrás de mim agora há pouco.

— Consequência do medo. Eu não ouvi nada.

— E esse barulho de um baque?

— Foi dos meus pés.

— Meus dentes estão batendo.

— Fique calmo, Juioko. Estamos armados com ótimos punhais.

— E se os tubarões chegarem por baixo da água?

— Nós vamos mergulhar e enfrentá-los decididamente.

— E o senhor Yanez que não aparece!...

— Ainda deve estar muito longe.

— Acha que vamos encontrar com eles, capitão?

— Tenho a esperança que sim... Yanez me ama demais para me abandonar a um destino tão triste. Meu coração está dizendo que ele vem atrás da corveta.

— Mas ele não aparece.

— Paciência, Juioko. O vento está aumentando aos poucos e vai acelerar o *praho*.

— E com o vento vamos ter ondas também.

— Não adianta ficar apavorado.

Continuaram a nadar, um perto do outro, por mais uma hora, observando sempre o horizonte com atenção e olhando ao redor, com medo de verem surgir os temidos tubarões. Finalmente pararam, olhando um para o outro.

— Você ouviu? — perguntou Sandokan.

— Ouvi — respondeu o *dayaco*.

— Era o assobio de uma nave a vapor, não era?

— Era, capitão.

— Não se mexa!...

Apoiou-se no ombro do *dayaco* e com um arremesso saiu com mais da metade do corpo da água. Olhando para o norte, viu dois pontos luminosos sulcando o mar a uma distância de duas ou três milhas.

— Uma nave vem vindo para cima de nós — disse com voz agitada.

— Então podem nos recolher — disse Juioko.

— Não sabemos a que nação pertence, nem se é mercante ou de guerra.

— De onde está vindo?

— Do norte.

— Rota perigosa, meu capitão.

— Também acho. Pode ser alguma embarcação que participou do bombardeio a Mompracem e que está à procura do *praho* de Yanez

— E vamos deixar que ela passe sem nos recolher?

— A liberdade é cara demais para nos arriscarmos a perdê-la novamente, Juioko. Se fôssemos presos de novo, ninguém mais iria nos salvar e eu teria que renunciar para sempre à esperança de rever Marianna.

— Mas pode ser uma nave mercantil.

— Não estamos na rota desses navios. Vamos ver se conseguimos distinguir mais alguma coisa.

Voltou a se apoiar no ombro de Juioko e olhou atentamente diante de si. Como a noite não estava muito escura, conseguiu distinguir claramente o navio que se movia ao seu encontro.

— Nem um pio, Juioko! — exclamou, caindo de novo na água. — É um navio de guerra, tenho certeza absoluta.

— Grande?

— Parece que é um cruzador.

— Será que é inglês?

— Não tenho a menor dúvida da nacionalidade dele.

— Vamos deixar que ele passe?

— Não podemos fazer absolutamente nada. Prepare-se para mergulhar, pois aquela nave vai passar a uma pequena distância de nós. Rápido, vamos largar os salva-vidas e ficar preparados.

O cruzador, pelo menos era o que pensava Sandokan, e talvez com razão, avançava rapidamente, erguendo verdadeiros vagalhões nos seus flancos por causa das rodas.

Continuava mantendo a direção sul, por isso deveria passar a uma distância mínima dos dois piratas.

Sandokan e Juioko o viram a cento e cinquenta metros, mergulharam e começaram a nadar embaixo da água.

No momento em que subiram à superfície para respirar, ouviram uma voz gritando:

— Eu poderia jurar que vi duas cabeças a bombordo. Se não tivesse a certeza de que temos um tubarão-martelo na popa, mandaria baixar uma chalupa na água.

Ouvindo aquelas palavras, Sandokan e Juioko imediatamente mergulharam de novo, mas esta imersão não durou muito.

Felizmente para eles, quando voltaram a emergir, viram o barco se distanciando rapidamente para o sul.

Agora estavam no meio da esteira ainda esbranquiçada pela espuma. As ondas levantadas pelas rodas os empurravam para a direita e para a esquerda, ora erguendo-os para cima delas, ora precipitando-os nas depressões.

— Capitão, em guarda — gritou o *dayaco*. — Tem um tubarão-martelo nestas águas. O senhor ouviu o marinheiro?

— Ouvi — respondeu Sandokan. — Prepare o punhal.

— Vamos ser atacados?

— Temo que sim, meu pobre Juioko. Esses monstros enxergam pouco, mas têm um olfato inacreditável. O maldito não vai seguir a nave, garanto.

— Estou apavorado, capitão — disse o *dayaco*, que se agitava entre as ondas como o diabo na pia de água benta.

— Fique calmo. Até agora ele não apareceu.

— Ele pode chegar por baixo da água.

— Talvez possamos ouvir a sua chegada.

— E os salva-vidas?

— Estão à nossa frente. Duas braçadas e os alcançamos.

— Não tenho coragem de me mexer, capitão.

O pobre homem estava tão aterrorizado, que os membros se recusavam a obedecer.

— Juioko, não perca a cabeça — disse Sandokan. — Se quiser salvar as pernas, não pode ficar aí, praticamente bestificado. Agarre o seu salva-vidas e pegue o punhal.

O *dayaco* se recuperou um pouco, obedeceu e foi até a sua boia, que flutuava no meio da espuma da esteira.

— Agora vamos ver se esse tubarão-martelo aparece — disse Sandokan. — Talvez possamos espantá-lo.

Pela terceira vez, apoiado em Juioko, se jogou para fora da água, dando um rápido olhar ao redor.

Lá, no meio da inocente espuma, avistou uma espécie de martelo gigantesco surgir inesperadamente da água.

— Esteja preparado — disse a Juioko. — Está a uma distância de apenas cinquenta ou sessenta metros de nós.

— Não continuou seguindo a nave? — perguntou o *dayaco*, batendo os dentes.

— Ele farejou o odor de carne humana — respondeu Sandokan.

— Acha que vem para cá?

— Daqui a pouco vamos ver. Não se mexa e não largue o punhal.

Aproximaram-se um do outro e ficaram imóveis, esperando com ansiedade o fim daquela perigosa aventura.

O tubarão-martelo, também chamado de *zygaena* e de *balance-fish*, ou seja, peixe-balança, são adversários

perigosíssimos. Pertencem à espécie dos peixes-cães, mas têm uma forma muito diferente, com uma cabeça que parece um martelo.

A boca, contudo, não deixa nada a desejar para a de seus congêneres, seja pela amplitude, seja pela potência dos dentes.

Esses peixes são de uma audácia incrível, têm enorme paixão pela carne humana e, quando percebem a presença de um nadador, não demoram a atacar e a cortá-lo em dois.

É verdade que é um pouco difícil para eles agarrar a presa, pois a boca fica quase no início do ventre, de forma que precisam girar em torno de si para poder morder.

Sandokan e o *dayaco* ficaram imóveis por alguns minutos, escutando atentamente e depois, não ouvindo nada, começaram a se esforçar para fazer uma retirada prudente.

Já haviam percorrido cinquenta ou sessenta metros quando viram aparecer, de repente, a uma pequena distância, a cabeça repulsiva do tubarão-martelo.

O monstro dardejou um olhar terrível, com reflexos dourados, para os dois nadadores, e depois soltou uma respiração rouca que parecia um trovão muito distante.

Ficou imóvel por alguns instantes, se deixando levar pelas ondas e em seguida se lançou para frente, fustigando poderosamente as águas.

— Capitão!... — exclamou Juioko.

O Tigre da Malásia, que começava a perder a paciência, em vez de continuar a retirada, largou bruscamente o salva-vidas, pôs o punhal entre os dentes e se dirigiu para o tubarão sem hesitar.

— Até você vem nos perseguir!... — gritou. — Vamos ver se o tigre do mar é mais forte que o Tigre da Malásia!...

— Deixe que ele vá embora, capitão — suplicou Juioko.

— Quero acabar com isso —, respondeu Sandokan irado. — Venha, seu tubarão danado!...

O peixe, assustado com os gritos e com a atitude decidida de Sandokan, talvez, em vez de continuar a corrida, se deteve, provocando duas enormes ondas à direita e à esquerda, e depois mergulhou.

— Ele vem por baixo da água, capitão — gritou o *dayaco*.

Mas ele estava enganado. Um instante depois, o tubarão-martelo voltava à tona e, contrariando seus instintos ferozes, não tentou um novo ataque, mas se lançou ao largo, brincando na esteira da nave.

Sandokan e Juioko ficaram alguns minutos parados, acompanhando com o olhar o tubarão, e depois, ao ver que este não estava mais dando atenção a eles, pelo menos por enquanto, retomaram a retirada e se dirigiram para o noroeste.

Mas o perigo não acabara de vez, pois o peixe, embora continuasse a brincar, não os perdia de vista. Com um golpe da cauda, arremessava várias vezes mais da metade do corpo para fora da água e verificava a direção deles; depois, com algumas guinadas, recuperava a distância perdida, se mantendo sempre a cinquenta ou sessenta metros. Provavelmente estava querendo esperar o momento certo para tentar atacar novamente.

De fato, um pouco depois, Juioko, que se encontrava um pouco para trás, viu o tubarão-martelo avançando ruidosamente, sacudindo a cabeça e dando vigorosas chicotadas com a cauda.

Ele descreveu um grande círculo em volta dos dois nadadores e começou a dar voltas, ora embaixo da água, ora na superfície, diminuindo cada vez mais o tamanho dos seus giros.

— Cuidado, capitão! — gritou Juioko.

— Estou pronto para recebê-lo — disse Sandokan.

— E eu, para ajudar o senhor.

— Passou o seu medo?

— Estou começando a achar que sim.

— Não largue o seu salva-vidas até eu dar o sinal. Enquanto isso vamos tentar forçar o cerco.

Com a mão esquerda abraçando o salva-vidas e a direita armada com o punhal, os dois piratas começaram a bater em retirada, mantendo sempre o olhar voltado para o tubarão-martelo.

Este, por sua vez, não ia embora; ao contrário, chegava cada vez mais perto, elevando, com sua cauda potente, verdadeiros vagalhões e mostrando os dentes agudos que cintilavam sinistramente na escuridão.

De repente, ele deu um salto gigantesco, saindo quase completa-mente da água, e avançou para cima de Sandokan, que era o mais próximo.

O Tigre da Malásia largou o salva-vidas e se preparou para mergulhar, enquanto Juioko, que recuperara a audácia em vista do perigo iminente, se atirava para frente com o punhal erguido.

Ao ver que Sandokan desaparecera embaixo da água, o tubarão-martelo escapou do ataque de Juioko com um golpe da cauda e, por sua vez, também mergulhou.

Sandokan estava esperando. Assim que o viu por perto, partiu para cima dele, agarrou uma das barbatanas e com um golpe tremendo do punhal, esquartejou o seu ventre.

O enorme peixe, ferido talvez mortalmente, com uma contorção brusca se livrou do adversário que estava prestes a dar um novo golpe e voltou à tona.

Vendo o *dayaco* a dois passos, girou sobre si para cortá-lo em dois, mas Sandokan também emergira.

O punhal que já o ferira antes desta vez atingiu o meio do crânio e com tamanha força, que a lâmina ficou presa.

— E tome mais esta, e esta — berrou o *dayaco*, dando uma punhalada atrás da outra.

Após esse ataque, o tubarão-martelo afundou para não voltar mais, deixando na superfície uma grande mancha de sangue que aumentava rapidamente.

— Acho que este não volta mais à tona — disse Sandokan. — O que você acha, Juioko?

O *dayaco* não respondeu. Apoiado ao salva-vidas, tentava se erguer para conseguir ver mais longe.

— O que você está procurando? — perguntou Sandokan.

— Lá... olhe... a noroeste! — berrou Juioko. — Por Alá!... Estou vendo uma grande sombra... um veleiro!

— Yanez, talvez? — perguntou Sandokan com grande emoção.

— A escuridão está muito profunda para poder distinguir direito, mas sinto que o meu coração está batendo mais forte, capitão.

— Deixe-me subir em seus ombros.

O *dayaco* se aproximou para sustentar Sandokan, que mais uma vez saiu com a metade do corpo para fora das ondas.

— O que está vendo, capitão?

— É um *praho*!... Que bom se fosse ele!... Maldição!...

— Por que está praguejando?

— São três, três navios que estão se aproximando.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Será que o senhor Yanez conseguiu reforço?

— Impossível.

— Mas o que vamos fazer, então? Estamos nadando há três horas e confesso que estou começando a ficar cansado.

— Posso entender: amigo ou inimigo, vamos deixar que nos recolham. Peça socorro.

Juioko reuniu todas as suas forças e gritou com uma voz estrondosa:

— Ei!... Ó de bordo!... Socorro!

Um instante depois se ouviu ao largo um tiro de fuzil e uma voz gritando:

— Quem está chamando?...

— Náufragos.

— Esperem.

Viram os três navios virarem de bordo e se aproximarem rapidamente, visto que o vento estava bem mais forte.

— De onde são vocês? — perguntou a mesma voz de antes.

— Aproxime-se — respondeu Sandokan.

Seguiu-se um breve silêncio e depois uma outra voz exclamou:

— Por Júpiter!... Ou eu muito me engano, ou é ele!... Está vivo!

Com mais um arremesso, Sandokan ergueu quase metade do corpo acima das ondas, gritando:

— Yanez!... Yanez!... Sou eu, o Tigre da Malásia!...

A bordo dos três navios partiu um único grito:

— Viva o capitão!... Viva o Tigre!...

O primeiro *praho* já estava próximo. Os dois nadadores agarraram um cabo que fora lançado para eles e se içaram para a ponte com a rapidez de verdadeiros quadrúmanos.

Um homem se jogou contra Sandokan e o abraçou freneticamente:

— Ah! meu pobre irmão!... — exclamou. — Estava começando a achar que nunca mais ia ver você!...

Sandokan abraçou o bravo português enquanto a tripulação não parava de gritar:

— Viva o Tigre!...

— Venha para a minha cabine — disse Yanez. — Você precisa me contar muita coisa que estou ardendo de curiosidade para saber.

Sandokan o seguiu sem falar e desceram para a cabine, enquanto os navios prosseguiram em seu curso a todo pano.

O português abriu uma garrafa de gim e a levou para Sandokan, que entornou vários copos, um depois do outro.

— Agora vamos, conte, como é que eu o recolhi do mar, quando pensava que você estivesse prisioneiro ou morto a bordo do vapor que siga acirradamente há mais de vinte horas?

— Ah! Você estava seguindo o cruzador? Bem que eu suspeitava.

— Por Júpiter! Disponho de três navios e de cento e vinte homens. Você acha que eu não iria segui-lo?

— Mas de onde veio o reforço?

— Sabe quem está no comando dos dois navios que me acompanham?

— Claro que não.

— Paranoa e Maratua.

— Então eles não naufragaram durante a tempestade que nos apanhou perto de Labuan?

— Não, como você está vendo. Maratua foi empurrado para a ilha de Pulo Gaya e Paranoa se refugiou na baía da Ambong.

Ficaram vários dias por lá, para reparar as sérias avarias sofridas, e depois foram a Labuan, onde se encontraram. Quando viram que não estávamos mais na pequena baía, voltaram a Mompracem: eu os encontrei ontem à noite, enquanto tentavam seguir para a Índia, achando que tínhamos ido para lá.

— E eles desembarcaram em Mompracem? Quem está ocupando a minha ilha agora?

— Ninguém, pois os ingleses foram embora depois de incendiarem a nossa vila e de explodirem os últimos baluartes.

— Melhor assim — murmurou Sandokan com um suspiro.

— E agora? O que aconteceu com você? Eu vi que estavam abordando o navio enquanto eu acabava com a canhoneira com tiros de canhão, e depois ouvi os urras de vitória dos ingleses e mais nada. Tive que fugir para salvar pelo menos os tesouros que estava transportando, mas depois comecei a seguir a pista do cruzador, com a esperança de alcançá-lo e abordar.

— Fui derrubado na ponte do barco inimigo, meio morto pelo golpe de um porrete, e depois fui feito prisioneiro junto com Juioko. As pílulas que, como você sabe, eu sempre carrego comigo, acabaram me salvando.

— Entendo — disse Yanez soltando uma risada. — Jogaram vocês no mar achando que estavam mortos. Mas o que aconteceu com Marianna?

— Está presa no cruzador — respondeu Sandokan com voz surda.

— Quem estava no comando do barco?

— O baronete, mas eu o matei na briga.

— Era o que eu pensava. Por Baco! Que fim terrível teve aquele pobre rival! O que está pensando em fazer agora?

— O que você faria?

— Seguiria o vapor e o abordaria.

— É o que eu queria propor a você.

— Sabe para onde se dirigia o barco?

— Não tenho a menor ideia, mas me parece que estava navegando para as Três Ilhas quando o deixei.

— O que será que ele vai fazer por lá? Aí tem dente de coelho, meu irmãozinho. Estava muito rápido?

— Navegava a oito nós por hora.

— Qual a vantagem que pode ter sobre nós?

— Talvez trinta milhas.

— Então poderemos pegá-lo, caso o vento se mantenha bom. Mas... — Ele parou ao ouvir um movimento insólito e um vozerio agudo na ponte.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Será que avistaram o cruzador?

— Vamos subir, irmãozinho.

Saíram precipitadamente da cabine e subiram para a cobertura. Naquele exato instante, alguns homens estavam retirando da água uma pequena caixa de metal que um pirata descobrira a algumas dúzias de metros a boreste, à primeira luz do amanhecer.

— Oh!... oh!... — exclamou Yanez. — O que quer dizer isso? Será que contém documentos preciosos? Não me parece uma caixinha comum.

— Ainda estamos seguindo a pista do navio a vapor, não é verdade? — perguntou Sandokan que, sem saber por que, estava muito agitado.

— Ainda — respondeu o português.

— Ah! se fosse...

— Se fosse o quê?

Em vez de responder, Sandokan tirou o *kriss* e, com um golpe rápido, abriu a caixa. Imediatamente viu no interior uma carta ligeiramente úmida, mas sobre a qual se revelavam nitidamente algumas linhas de uma caligrafia fina e elegante.

— Yanez!... Yanez!... — balbuciou Sandokan com voz trêmula.

— Leia, irmãozinho, leia!

— Acho que eu fiquei cego...

O português tirou a carta das mãos dele e leu:

Socorro! Estão me levando para as Três Ilhas, aonde o meu tio deve ir me buscar para me levar a Sarawak.
Marianna.

Ao ouvir aquelas palavras, Sandokan deu um urro de fera ferida. Levantou o braço, enfiando as mãos nos cabelos, que puxou com verdadeira fúria, e cambaleou como se tivesse sido atingido por uma bala.

— Perdida!... Perdida!... O Lorde!... — exclamou.

Yanez e os outros piratas o rodearam e olhavam para ele com ansiedade e com uma emoção profunda. Parecia que estavam sofrendo a mesma dor que dilacerava o coração daquele infeliz.

— Sandokan — exclamou o português. — Nós vamos salvá-la, eu juro, mesmo que seja preciso abordar o navio do Lorde ou atacar Sarawak e o seu governador, James Brook...

O Tigre, tão abatido um pouco antes por causa daquela dor feroz, se endireitou com um sobressalto, o rosto perturbado e os olhos em chamas.

— Tigres de Mompracem! — trovejou ele. — Temos que exterminar os inimigos e salvar a nossa rainha. Todos para as Três Ilhas.

— Vingança!... — berraram os piratas. — Morte aos ingleses e viva a nossa rainha!...

DEPOIS DE MUDAR A ROTA, os piratas se puseram a trabalhar febrilmente, a fim de se preparar para a batalha que, sem dúvida, seria medonha e talvez a última que empenhariam contra o inimigo detestado.

Carregavam os canhões, montavam as balistas, abriam os barris de pólvora, amontoavam enormes quantidades de balas e de granadas na popa e na proa, retiravam os massames inúteis e reforçavam os mais necessários, improvisavam as barricadas e preparavam os arpéus de abordagem. Até os recipientes de bebida alcoólica foram levados para a coberta, para serem esvaziados na ponte do navio inimigo antes de atearem fogo nele.

Sandokan estimulava seus homens com gestos e com a voz, prometendo a todos que iriam pôr a pique aquela embarcação que o mantivera acorrentado, destruíra os mais valentes campeões da pirataria e raptara a sua noiva.

— Vamos destruir aquele maldito, vamos incendiá-lo! — exclamava ele. — Deus, faça com que eu chegue a tempo de impedir que o Lorde a leve para longe de mim.

— Vamos atacar o Lorde também, se for preciso — disse Yanez. — Quem poderá resistir ao ataque de cento e vinte tigres de Mompracem?

— Mas e se chegarmos tarde demais e o Lorde já tiver partido para Sarawak a bordo de um navio rápido?

— Vamos encontrar com ele na cidade de James Brooke. O que me incomoda, na realidade, é o modo de nos apossarmos do cruzador que, a esta hora, já deve estar ancorado nas Três Ilhas. Seria preciso pegá-lo de surpresa e... ah!... mas como somos esquecidos!...

— O que está querendo dizer?

— Sandokan, você se lembra do que o Lorde James tentou fazer quando o atacamos na estrada para Vitória?

— Lembro — murmurou Sandokan que sentiu os cabelos se arrepiarem. — Bom Deus!... E você acha que o comandante?...

— Pode ter recebido a ordem de matar Marianna para não deixar que ela caia de novo nas nossas mãos.

— Não é possível!... Não é possível!...

— Mas eu continuo dizendo que estou preocupado com a sua noiva.

— E então? — perguntou Sandokan com um fiapo de voz.

Yanez não respondeu; parecia estar absorto em pensamentos profundos.

De repente ele bateu na testa com força, exclamando:

— Mas é isso!...

— Fale, explique logo, irmão. Se você tem um plano, ponha para fora!

— Para evitar que aconteça uma catástrofe, preciso que um de nós esteja perto de Marianna, para defendê-la no momento do ataque.

— É verdade, mas como vamos fazer isso?

— Eis o plano. Você sabe que havia alguns *prahos* do sultão de Bornéu no meio da esquadra que atacou Mompracem, não sabe?

— Ainda não esqueci isso.

— Eu me camufo de oficial do sultão, hasteio a bandeira de Varauni e abordo o cruzador, fingindo que fui mandado pelo Lorde James.

— Ótima ideia!

— Digo ao comandante que preciso entregar uma carta a Lady Marianna e, assim que chegar à sua cabine, faço uma barricada. Quando eu assobiar, você salta para o navio e dá início à luta.

— Ah! Yanez! — exclamou Sandokan e o apertou junto ao peito. — Vou ser seu eterno devedor se você conseguir.

— Vou conseguir, Sandokan, desde que a gente chegue antes do Lorde.

Naquele instante, se ouviu um grito na ponte:

— As Três Ilhas!...

Sandokan e Yanez se apressaram a subir para a coberta.

As ilhas assinaladas apareciam a sete ou oito milhas. Os olhos de todos os piratas sondavam aquele amontoado de rochas, procurando avidamente o cruzador.

— Lá está ele — exclamou um *dayaco*. — Estou vendo fumaça ali.

— É isso mesmo — confirmou Sandokan, cujos olhos pareceram pegar fogo. — Lá está uma coluna de fumaça negra se erguendo atrás daquele rochedo. O cruzador está lá!...

— Vamos nos organizar e nos preparar para o ataque — disse Yanez. — Paranoa, mande quarenta homens embarcarem no nosso *praho*.

O transbordo ocorreu rapidamente e a tripulação, agora com setenta homens, se reuniu em torno de Sandokan, que avisou que queria falar.

— Filhotes de Mompracem — disse ele, com aquele tom de voz que fascinava e infundia uma coragem sobre-humana naqueles homens. — A partida que estamos prestes a jogar será terrível, pois teremos que enfrentar uma tripulação mais numerosa que a nossa e muito destemida, mas não se esqueçam de que será a última batalha que lutarão sob o comando do Tigre da Malásia e a última vez em que se encontrarão diante dos homens responsáveis pela destruição do nosso poderio e pela violação da nossa ilha, a nossa pátria adotiva.

Quando eu der o sinal, vocês vão irromper na ponte do navio inimigo com o antigo valor dos Tigres de Mompracem: eu quero que seja assim!

— Vamos exterminar todos eles — exclamaram os piratas, agitando freneticamente as armas. — Dê as ordens, Tigre.

— Lá, no navio maldito que estamos prestes a atacar, está a Rainha de Mompracem. Quero que ela volte a ser minha, que volte livre!

— Vamos salvá-la ou morreremos todos.

— Obrigado, amigos; aos seus postos de combate agora, e desfraldem nos mastros a bandeira do sultão.

Depois que os pavilhões foram hasteados, os três *prahos* se dirigiram para a primeira ilha e, mais precisamente, para uma pequena baía, no fundo da qual se via confusamente um volume negro soltando uma coluna de fumaça.

— Yanez — disse Sandokan — esteja preparado, porque em uma hora estaremos na baía.

— É para já — respondeu o português, que desapareceu sob a ponte.

Os *prahos* continuavam avançando enquanto isso, com as velas rizadas e a grande bandeira do sultão de Varauni em cima do mastro principal.

Os canhões estavam preparados, como também as balistas, e os piratas mantinham as armas à mão, prontos para se lançarem à abordagem.

Na proa, Sandokan observava atentamente o cruzador, que ficava mais visível de minuto a minuto e que parecia estar ancorado, embora ainda mantivesse a máquina acesa. Seria até possível dizer que o terrível pirata tentava descobrir sua adorada Marianna apenas com a força de seus olhos.

Suspiros profundos irrompiam do seu peito largo de tempos em tempos, sua fronte se anuviava e suas mãos atormentavam impacientemente a empunhadura da cimitarra.

Depois, o seu olhar, que brilhava com um fogo vivo, percorria o mar que circundava as Três Ilhas, como se estivesse tentando descobrir alguma coisa. Sem dúvida estava preocupado em ser surpreendido pelo Lorde no furor da batalha e encurralado por trás. O cronômetro de bordo assinalava meio-dia quando os três *prahos* chegaram à embocadura da baía.

O cruzador estava ancorado bem no meio. No alto da vela de carangueja, a bandeira inglesa esvoaçava e, acima da mestra, a grande faixa dos navios de guerra. Na ponte, podiam ver vários homens caminhando.

Ao verem a embarcação ao alcance dos canhões, os piratas se precipitaram como um único homem para as peças de artilharia, mas Sandokan os deteve com um gesto.

— Ainda não — disse. — Yanez!...

O português vinha subindo, camuflado como oficial do sultão de Varauni, com uma casaca verde, calças largas e um grande turbante na cabeça. Estava com uma carta na mão.

— O que tem nessa carta? — perguntou Sandokan.

— É a carta que vou entregar à Lady Marianna.

— E o que escreveu nela?

— Que estamos prontos, e espero que ela não se traia.

— Mas você tem que entregar pessoalmente, se quiser ficar embarricado com ela na cabine.

— Não vou entregar a mais ninguém, fique tranquilo irmãozinho.

— E se o comandante quiser acompanhar você até o quarto da Lady?

— Se eu vir que a situação está se complicando, eu o mato — respondeu Yanez friamente.

— Está jogando uma cartada muito perigosa, Yanez.

— Jogando a minha pele, você quer dizer, mas pretendo conservá-la intacta ainda. Vamos lá! Esconda-se e deixe que eu comande os navios por alguns minutos. E vocês, filhotes, componham esses focinhos de um jeito mais cristão e tratem de se comportar como se fôssemos súditos fiéis daquele grande canalha que se denomina o sultão de Bornéu.

Apertou a mão de Sandokan, ajeitou melhor o turbante e gritou:

— Para a baía!...

O navio entrou descaradamente no pequeno local e se aproximou do cruzador, seguido de perto pelos outros dois.

— Quem vive? — perguntou uma sentinela.

— Bornéu e Varauni — respondeu Yanez. — Trago notícias importantes de Vitória. Ei, Paranoa, solte a ancoret e largue a corrente, e vocês outros, para fora e aos bordos! Atenção aos tambores!...

Antes que a sentinela abrisse a boca para impedir que o *praho* encostasse, a manobra já fora executada. O navio começou a se chocar contra o cruzador embaixo da âncora de boreste e ficou ali, como se estivesse grudado.

— Onde está o comandante? — perguntou Yanez à sentinela.

— Afaste o navio — disse um soldado.

— Os regulamentos que vão para o diabo — respondeu Yanez. — Por Júpiter! Você está com medo de que os meus navios afundem o seu? Ande logo, chame o comandante, pois eu trouxe ordens importantes para comunicar a ele.

O tenente já estava subindo para a ponte com os seus oficiais. Ele se aproximou do costado de popa e, ao ver Yanez, que estava mostrando uma carta, mandou baixar a escada.

— Coragem — murmurou Yanez, e se voltou para os piratas que fitavam o navio a vapor com olhos ameaçadores.

Em seguida, se virou para a popa e seus olhos se encontraram com os olhos em chamas de Sandokan, oculto sob uma tela jogada sobre a escotilha.

Imediatamente o valente português se encontrou na ponte do vapor. Sentiu que era invadido por um grande temor, mas seu rosto não traiu a perturbação da alma.

— Capitão — disse, se inclinando com desenvoltura diante do tenente. — Trouxe uma carta para ser entregue a Lady Marianna Guillonk.

— De onde está vindo?

— De Labuan.

— E o Lorde?

— Estava armando um navio para vir encontrar com o senhor.

— Não mandou nenhuma carta para mim?

— Não, comandante.

— Estranho. Dê-me a carta que eu entrego a Lady Marianna.

— Desculpe, comandante, mas devo entregar pessoalmente, respondeu Yanez com atrevimento.

— Então venha.

Yanez sentiu o sangue gelar nas veias.

— Se Marianna fizer um gesto, estou perdido — murmurou.

Deu uma olhada na popa e viu dez ou doze piratas trepados nas vergas do *praho* e outro tanto amontoados na escada.

Parecia que estavam ali para se atirar sobre os marinheiros ingleses que os observavam com a maior curiosidade.

Acompanhou o capitão e desceram juntos a escada que levava à popa. O pobre português sentiu os cabelos se arrepiarem quando ouviu o capitão bater a uma porta e Lady Marianna responder:

— Entre.

— Uma mensagem do seu tio, Lorde James Guillonk — disse o capitão ao entrar.

Marianna estava de pé no meio da cabine, pálida, mas orgulhosa. Ao ver Yanez, não conseguiu reter um sobressalto, mas não disse uma palavra. Já entendera tudo.

Ela recebeu a carta, que abriu maquinalmente e leu com uma calma admirável.

De repente, Yanez, que empalidecera como um cadáver, se aproximou da janela de boreste e exclamou:

— Capitão, estou vendo um navio a vapor vindo nesta direção.

O comandante correu até a pequena janela para poder ver com os próprios olhos. Rápido como um raio, Yanez ficou atrás dele e golpeou furiosamente o seu crânio com a empunhadura do *kriss*.

O capitão caiu estatelado no chão, meio morto, sem dar um suspiro.

Lady Marianna não pôde conter um grito de horror.

— Silêncio, irmãzinha — disse Yanez, que amordaçava e amarrava o pobre comandante. — Se eu o matei, Deus vai me perdoar.

— E onde está Sandokan?

— Pronto para dar início à luta. Ajude-me a preparar uma barricada, irmãzinha.

Pegou um armário pesado e o empurrou para a porta, amontoando depois caixas, estantes e mesas atrás dele.

— Mas o que vai acontecer? — perguntou Marianna.

— Logo vai ficar sabendo, irmãzinha — respondeu Yanez, puxando a cimitarra e as pistolas.

Mostrou o rosto na janela e deu um assobio agudo.

— Cuidado, irmãzinha — disse, depois, e se colocou atrás da porta com as pistolas em punho.

Naquele instante, gritos terríveis explodiram na ponte.

— Sangue!... Sangue!... Viva o Tigre da Malásia!...

Seguiram-se tiros de fuzil e de pistola, depois berros indescritíveis, blasfêmias, invocações, gemidos, lamentos, um choque furioso de ferros, um tropel, uma corrida e um ruído surdo de corpos caindo.

— Yanez! — gritou Marianna que estava pálida como um cadáver.

— Coragem, pelos trovões de Deus! — gritou o português. — Viva o Tigre da Malásia!...

Ouviram passos descendo rapidamente pela escada e algumas vozes chamando:

— Capitão!... Capitão!...

Yanez se apoiou na barricada, enquanto Marianna fazia o mesmo.

— Por mil escotilhas!... Abra, capitão! — gritou uma voz.

— Viva o Tigre da Malásia!... — trovejou Yanez.

Escutaram imprecações e gritos de fúria vindos do lado de fora e, a seguir, um golpe violento sacudiu a porta.

— Yanez! — exclamou a jovem.

— Não tenha medo — respondeu o português.

Mais três golpes arrebentaram a porta e uma fissura larga foi aberta com um golpe de machado. Introduziram ali o cano de um fuzil, mas Yanez, rápido como um raio, o levantou e descarregou uma pistola através da porta.

Ouviu-se o som de um corpo tombando pesadamente no chão, enquanto os outros subiam correndo pela escada, gritando:

— Traição!... Traição!...

A luta continuava a se desenrolar na ponte do navio e os gritos ecoavam mais fortes do que nunca, misturados aos tiros dos fuzis e das pistolas. De tempos em tempos, em meio a toda aquela balbúrdia, se ouvia a voz trovejante do Tigre da Malásia, estimulando seus bandos a atacar.

Marianna caíra de joelhos e Yanez, impaciente para saber como estavam as coisas lá fora, retirava apressadamente os móveis de trás da porta.

De repente, ouviram algumas vozes gritando:

— Fogo!... Salve-se quem puder!...

O português empalideceu.

— Pelos trovões de Deus! — exclamou.

Com um esforço desesperado derrubou a barricada, cortou as cordas que amarravam o pobre comandante com um golpe da cimitarra, agarrou Marianna nos braços e saiu correndo.

Densas nuvens de fumaça já haviam invadido o corredor e no fundo as chamas irrompiam dos camarins dos oficiais.

Yanez subiu para a cobertura com a cimitarra entre os dentes,

A batalha estava quase no fim. O Tigre da Malásia estava atacando furiosamente o castelo de proa, no qual se haviam entrincheirado trinta ou quarenta ingleses.

— Fogo! — gritou Yanez.

Ao ouvir aquele grito, os ingleses que já se consideravam perdidos, saltaram para o mar numa grande confusão. Sandokan se voltou para Yanez, derrubando com um ímpeto irresistível os homens que o cercavam.

— Marianna! — exclamou, prendendo a juvenzinha entre os braços. — Você é minha!... Minha, finalmente!...

— Sou, e desta vez para sempre!

Naquele instante, se ouviu um tiro de canhão ribombar em alto-mar.

Sandokan deu um verdadeiro rugido:

— O Lorde!... Todos a bordo dos *prahos*!...

Sandokan, Marianna, Yanez e os piratas que escaparam da batalha abandonaram o navio, que já queimava como um feixe de madeira seca, e embarcaram nos três barcos, levando os feridos.

Em pouco tempo as velas foram desdobradas, os piratas pegaram os remos e os três *prahos* saíram rapidamente da baía e se dirigiram para o alto-mar.

Sandokan levou Marianna para a proa e, com a ponta da cimitarra, mostrou um pequeno bragantim que navegava a uma distância de setecentos passos e se dirigia para a baía.

Na proa, apoiado no gurupés, havia um homem.

— Está vendo, Marianna? — perguntou Sandokan.

A juvenzinha deu um grito e cobriu o rosto com as mãos.

— O meu tio!... — balbuciou.

— Olhe para ele pela última vez!...

— Ah! Sandokan!...

— Pelos trovões de Deus!... É ele!... — exclamou Yanez.

Arrancou a carabina de um malásio e apontou para o Lorde, mas Sandokan derrubou a arma das suas mãos.

— Ele é sagrado para mim — disse com um ar sombrio.

O bragantim avançava a grande velocidade, tentando barrar a retirada dos três *prahos*, mas era tarde demais. O vento já empurrava com força aquelas embarcações ligeiras para o leste.

— Atirem naqueles miseráveis! — ouviram o Lorde gritar.

Um tiro de canhão partiu e a bala abateu a bandeira da pirataria que Yanez mandara hastear.

Sandokan levou a mão direita ao coração e a sua expressão ficou ainda mais sombria.

— Adeus, pirataria, adeus, Tigre da Malásia! — murmurou dolorosamente.

Abandonou Marianna com brusquidão e se abaixou para o canhão de popa, mirando a distância. O bragantim agora trovejava furiosamente, lançando nos três barcos balas e chuvas de metralha. Sandokan, imóvel, continuava mirando.

De repente se ergueu e acendeu o pavio. O canhão se inflamou, rugindo e, um instante depois, o mastro de traquete do bragantim, atingido na base, despencava no mar espatifando o costado.

— Olhe!... Olhe!... — exclamou Sandokan. — Venha me perseguir agora.

O bragantim se detivera subitamente e virara de bordo, mas continuava atirando com os canhões.

Sandokan segurou Marianna e a levou até a popa para mostrar ao Lorde que berrava como um louco na proa do próprio barco:

— Veja aqui a minha mulher! — disse.

Em seguida voltou a passos lentos, com a expressão anuviada, os olhos turvos, os lábios cerrados e os punhos fechados, murmurando:

— Yanez, dirija a proa para Java!...

Deu duas voltas sobre si mesmo e depois caiu entre os braços de sua adorada Marianna. Aquele homem que jamais chorara em sua vida, deixou escapar um soluço e murmurou:

— O Tigre morreu para sempre!...